

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ-UFPI  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA**

**BRENNO FIDALGO DE PAIVA GOMES**

**PERFORMANCE RITUAL NA UMBANDA: Corpos dançantes  
saudando os ancestrais no terreiro Cantinho de Luz, em Altos-PI.**

**TERESINA-PI, 2019**

**BRENNO FIDALGO DE PAIVA GOMES**

**PERFORMANCE RITUAL NA UMBANDA: Corpos dançantes  
saudando os ancestrais no terreiro Cantinho de Luz, em Altos-PI.**

Texto de dissertação apresentado ao Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal do Piauí como requisito para obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Lídia Medeiros de Noronha Pessoa

**TERESINA-PI, 2019**

FICHA CATALOGRÁFICA  
Universidade Federal do Piauí  
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco  
Serviço de Processamento Técnico

G633p      Gomes, Brenno Fidalgo de Paiva.  
Performance ritual na umbanda : corpos dançantes saudando os ancestrais no terreiro Cantinho de Luz, em Altos-PI / Brenno Fidalgo de Paiva Gomes. – 2019.  
222 f.

Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2019.  
“Orientadora: Profa. Dra. Maria Lídia Medeiros de Noronha Pessoa”.

1. Dança. 2. Ritual. 3. Performance. 4. Umbanda.  
5. Entidades. I. Título.

CDD 793

**BRENNO FIDALGO DE PAIVA GOMES**

**PERFORMANCE RITUAL NA UMBANDA: Corpos dançantes saudando os ancestrais  
no terreiro Cantinho de Luz, em Altos-PI.**

Texto de dissertação apresentado ao Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal do Piauí como requisito para obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Maria Lídia Medeiros de Noronha Pessoa  
(UFPI-PPGANT-Presidente)

---

Prof. Dr. Celso de Brito  
(UFPI-PPGANT-Membro Interno)

---

Prof. Dr. Greilson José de Lima  
(UEMA- PGCSPA-Membro Externo)

---

Profa. Dr. Raimundo Nonato Ferreira do Nascimento  
(UFPI-PPGANT- Membro Suplente)

## AGRADECIMENTOS

De antemão devo imensa gratidão a Jesus, Pai Oxalá, por ter me proporcionado realizar o sonho de desenvolver essa pesquisa. Agradeço o amor mais firme, simples e benfazejo que tenho de minha mãe Nazaré, que sempre me apoia em tudo que faço. Tudo em minha vida é por você, mãe! Nada teria sentido sem sua presença.

Muito grato pelo carinho de meu pai Raimundo, minha irmã Beatriz e do meu sobrinho lindo José Matheus. Agradeço à minha companheira Nayana, por todas as orações e noites de conversa sobre meus desafios no terreiro.

Agradeço a minha grande amiga de todas as horas, Jacqueline, por todos os conselhos e sorrisos trocados. Muito obrigado pelos seus ensinamentos. À Lílian Gabriella, colega de mestrado e amiga, pelas conversas de madrugada, por me escutar carinhosamente sobre minhas visitas ao Cantinho de Luz.

Agradeço a dedicação dos professores Alejandro Labale, Mônica, Francisca Verônica, Raimundo Nonato, em suas aulas ministradas, as quais proporcionaram grande contribuição nesse trabalho. Uma atenção especial dedicada a minha professora Carmen Lúcia, pelo cuidado em me ouvir em suas aulas, meu muito obrigado. Meu coração transbordando de alegria pela professora Lídia, por ter me ajudado ao longo do processo de escrita, sempre muito solícita. Não poderia deixar de destacar meu carinho e gratidão à professora Márcia Leila, me ajudando a sanar minhas inseguranças com seu incentivo, desde o período da graduação em Ciências Sociais.

Não posso deixar de agradecer a solicitude de Natanael, secretário da coordenação do PPGAnt, meu muito obrigado por toda atenção e auxílio ao longo desses anos. Pela educação e atenção exemplar que esse garoto tem.

Ao professor Celso de Brito por ter aceitado participar de minha banca de qualificação e defesa, com suas ideias e sugestões que trouxeram novos rumos a essa pesquisa. Ao professor Greilson por todo o apoio com a pesquisa, pela recepção em São Luís do Maranhão, onde participei de um curso ministrado por ele, além das grandes contribuições direcionadas durante a qualificação. Meu muito obrigado!

Aos professores do curso de Artes, Pollyanna Jericó, Zozilena Froz e Odailton Aragão pelo apoio e carinho imenso.

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), pelo apoio através da bolsa durante os dois anos de curso.

Por fim, ao povo de santo do Cantinho de Luz, meu respeito e admiração. Obrigado pela receptividade. Carregarei o Cantinho de Luz para sempre!

## RESUMO

Na cidade de Altos, o Centro Espírita Umbandista Cantinho de Luz é um espaço de culto para as entidades espirituais transmitirem seus ensinamentos aos filhos de santo, médiuns e cambones. Uma das formas desses religiosos estabelecerem uma relação com suas divindades é realizando o movimento tradicional circular da dança ritual, como elemento performático nas práticas rituais do terreiro. A presente pesquisa busca na dança ritual, entender a simbologia que esta apresenta em sua performance, realizada pelo contato entre pai de santo, filhos de santo, tambozeiro e pelos visitantes desse espaço religioso. Essa dança é analisada a partir do processo de possessão do filho de santo com o seu guia espiritual, observando sua expressão gestual e o que ela transmite sobre a mitologia desses espíritos ancestrais. Essa dança é acompanhada dos instrumentos simbólicos canto e música, sendo uma construção integrativa imprescindível nos rituais da Umbanda local. Refletir sobre sua manifestação expressiva é entender que a dança não é um elemento secundário no contexto ritual, mas possui protagonismo na experiência corporal dos filhos de santo, saudando as entidades espirituais, a partir do movimento de seus corpos em comunhão coletiva, além de trazer o benefício da cura espiritual.

**PALAVRAS-CHAVES:** Dança. Ritual. Performance. Umbanda. Entidades.

## **ABSTRACT**

In the city of Altos, the Centro Espírita Umbandista Cantinho de Luz is a space of worship for the entidades espirituais to transmit their teachings to the filhos de santo, médiuns and cambones. One of the ways these religious establish a relationship with their divindades is by performing the traditional circular movement of ritual dance as a performance element in the ritual practices of the ground. The present research seeks in the ritual dance, to understand the symbolism that this presents in its performance, realized by the contact between pai de santo, filhos de santo, tambozeiro and by the visitors of this religious space. This dance is analyzed from the process of possession of the filho de santo with his guia espiritual, observing his gestural expression and what it conveys about the mythology of these ancestral spirits. The symbolic instruments singing and music, being an integrative construction essential in the rituals of the local Umbanda, accompany this dance. To reflect on its expressive manifestation is to understand that dance is not a secondary element in the ritual context, but it has a leading role in the bodily experience of the filhos de santo, saluting the entidades espirituais, from the movement of their bodies in collective communion, benefit of spiritual healing.

**KEY WORDS:** Dance. Ritual. Performance. Umbanda. Entity.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 01.</b> Interior do Centro Espírita Umbandista Cantinho de Luz .....	38
<b>Figura 02.</b> Altar com santos católicos e entidades umbandistas .....	40
<b>Figura 03.</b> Banhos, velas, incensos e cachaça.....	41
<b>Figura 04.</b> Pai Joaquim acendendo vela no banheiro.....	45
<b>Figura 05.</b> Pontos firmados para caboclos e Povo D'água.....	48
<b>Figura 06.</b> Ponto firmado para pretos velhos.....	49
<b>Figura 07.</b> Croqui da roupa de santo feminina e masculina no Cantinho.....	52
<b>Figura 08.</b> Faixa e colares de conta .....	53
<b>Figura 09.</b> Croqui representando os caboclos indígenas.....	67
<b>Figura 10.</b> Croqui representando as pomba giras.....	70
<b>Figura 11.</b> Croqui representando seu Zé Pelintra .....	74
<b>Figura 12.</b> Croqui representando seu Manoel Légua.....	76
<b>Figura 13.</b> Croqui da dança ritual.....	82
<b>Figura 14.</b> Croqui com a gestualidade da cabocla Jacira .....	101
<b>Figura 15.</b> Croqui com a gestualidade do caboclo Tapindaré.....	106
<b>Figura 16.</b> Croqui representando a gestualidade da Pomba gira Cigana.....	129
<b>Figura 17.</b> Croqui representando a entidade Mãe D'água.....	139
<b>Figura 18.</b> Croqui representando a gestualidade da Mãe D'água.....	141
<b>Figura 19.</b> Momento de desenvolvimento mediúnico no terreiro .....	150
<b>Figura 20.</b> Filha de santo fazendo sinal da cruz com a vela.....	151
<b>Figura 21.</b> Filha de santo é levantada para fazer tratamento de cura .....	155
<b>Figura 22.</b> Ligamento de crôa do pai de santo para o filho de santo.....	165
<b>Figura 23.</b> Seu Manoel Légua realizando passe de cura .....	171
<b>Figura 24.</b> Filha de santo recebendo tratamento de cura.....	176
<b>Figura 25.</b> Interior da Tenda São João Batista.....	189
<b>Figura 26.</b> Imagem de São Sebastião no congá da Tenda São João Batista.....	189
<b>Figura 27.</b> Congá da Tenda São João Batista .....	194



## GLOSSÁRIO

**Bebida alcóolica-** mais especificamente a cachaça, ingerida nos rituais para limpeza espiritual.

**Cambone-** filho de santo responsável por cuidar dos filhos de santo médiuns, quando estes se encontram incorporados com alguma entidade espiritual.

**Cavalo-** termo utilizado para se referir ao filho de santo incorporado pela entidade, mais usado pela linha de esquerda.

**Colares de conta-** conjunto de insígnias que se dividem segundo as sete linhas de entidades umbandistas, cada uma possuindo uma cor respectiva a uma dessas linhas.

**Congá-** altar onde ficam dispostas as esculturas dos santos e entidades umbandistas.

**Contra chefe-** indivíduo que possui cargo ocupado no terreiro ao lado do pai de santo, sendo responsável por ajudar os filhos de santo no momento da incorporação das entidades espirituais.

**Crôa-** parte central da cabeça do filho de santo na qual a entidade costuma incorporar.

**Deboche-** pontos cantados de Exus e Pomba giras; forma como os esses espíritos se expressam no terreiro.

**Encantado-** espírito de uma entidade umbandista.

**Encruzo-** colar de proteção espiritual.

**Espada do médium/faixa do médium-** elemento que compõe a vestimenta do filho de santo, utilizada para realizar passe de cura, assim como para proteção contra espíritos obsessores.

**Espírito obsessor-** espírito funesto, de carga energética negativa, que tem como princípio prejudicar o desenvolvimento espiritual do filho de santo, e conseqüentemente os rituais.

**Filho de santo-** indivíduo que foi batizado na religião umbandista, tendo obrigação de frequentar os rituais e desenvolver suas funções no terreiro.

**Guia de frente-** entidade responsável por proteger o filho de santo.

**Guia espiritual-** espírito protetor.

**Incenso-** material utilizado como defumador no terreiro, servindo também para limpeza espiritual dos filhos de santo.

**Incorporação 100 por cento-** quando o filho de santo está completamente inconsciente, não sabe nada do que acontece, já que a entidade incorporada possui todos os seus sentidos.

**Instrumentos musicais**- utilizados nos rituais, são o tambor, triângulo e chocalho, responsáveis por dar ritmo aos pontos cantados

**Irradiado**- quando o filho de santo sente a energia da entidade próxima.

**Linha de direita**- espíritos de pretos velhos, caboclos indígenas, povo d'água, erês e família de Léguas.

**Linha de esquerda**- espíritos de exus e pomba giras.

**Madrinha do terreiro**- filha de santo encarregada de rezar as preces voltadas para proteção do terreiro e de todos os filhos de santo.

**Orixá**- entidade espiritual que lidera uma linha de espíritos.

**Pai Oxalá**- entidade espiritual suprema.

**Pinga**-bebida alcoólica.

**Ponto cantado**- cânticos entoados nos rituais do terreiro.

**Ponto firmado de oração**- uso de velas, incenso, bebida alcoólica, cigarro oferecidos para uma entidade específica.

**Povo de rua**- termo que se refere a exus e pomba giras.

**Povo de santo**- conjunto dos filhos de santo que compõem o terreiro.

**Segredo**- mistério que pai de santo guarda a respeito dos rituais e da formação de seu terreiro.

**Suspender a entidade**- é quando um filho de santo cambone, o pai de santo ou o contra chefe usam técnicas para retirar a entidade do corpo do filho de santo.

**Tambozeiro**- indivíduo responsável por dar ritmo aos rituais por meio do toque dos tambores.  
**Terço-guia**- terço utilizado na vestimenta do filho de santo para proteção espiritual durante os rituais.

**Terço-rápido**- reza realizada com os filhos de santo, na qual entremeiam as orações, sendo recitadas de maneira rápida.

**Umbandista**- indivíduo adepto da religião umbandista.

**Visitante**- indivíduo que costuma frequentar os rituais do terreiro sem possuir qualquer vínculo com a religião.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2 O RITUAL NA UMBANDA: símbolos, filhos de santo e entidades.....</b>	<b>18</b>
2.1 A formação do terreiro Cantinho de Luz.....	18
2.2 Sonhando com os guias: a influência onírica na constituição do terreiro.....	26
2.3 Espacialidades do terreiro: o contato dos filhos de santo com os espaços e símbolos sagrados.....	31
2.4 O “paramento do médium”: “roupa de santo” e adereços simbólicos.....	51
2.5 Filhos de santo e suas funções no fazer ritual.....	55
2.6 Os “guias espirituais”.....	60
2.6.1 Pretos velhos: afeto e amor.....	62
2.6.2 Caboclos indígenas: coragem e bravura.....	66
2.6.3 Exus e pombas giras: alegria e irreverência.....	69
2.6.4 Família de Léguas: os boiadeiros.....	74
<b>3 “BAIANDO NA GIRA”: a performance ritual no terreiro.....</b>	<b>80</b>
3.1 “Povo de santo” dançando na “gira”.....	87
3.2. A “gira” de caboclos indígenas.....	95
3.3 A “gira” para a família de Léguas.....	112
3.4 “Arreda homem, que chegou mulher”: “gira” para o “Povo de rua”.....	119
3.5 A “gira” de pretos velhos.....	132
3.6 “Quem anda no mar é Sereia”: “gira” para o Povo D’água.....	134
3.7 Desenvolvendo a mediunidade: a “incorporação” das entidades.....	142
3.8 A cura no ritual: os tratamentos espirituais para os filhos de santo.....	153
<b>4 PERFORMANCE RITUAL INTER-TERREIROS: alianças e conflitos nas “festas de santo”.....</b>	<b>184</b>
4.1 Terreiros em aliança: a relação do Cantinho de Luz com outros espaços de culto umbandista.....	185
4.2 Festa de São Sebastião, na Tenda de São João Baptista.....	191
4.3 Festa de Mãe Oxum das Cachoeiras, na Tenda Umbandista de São José, em Pau D’arco do Piauí.....	204
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>214</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>219</b>



## 1 INTRODUÇÃO

### *Aproximação com o terreiro Cantinho de Luz*

A experiência da dança, independentemente de seu contexto, gera uma expressão corporal de prazer, diversão, envolvimento, comunhão e quase sempre é realizada em um coletivo. Seja a dança no contexto escolar ou no religioso, ela proporciona a unidade a partir da interatividade entre os membros que a compõe. No caso da dança religiosa nos terreiros umbandistas, ela aproxima o contato espiritual entre os fiéis, idealizadores da religião e suas divindades cultuadas no seio do culto religioso. Com essa representação, a dança aproxima e une filhos de santo e divindades, assim como reúne no mesmo valor religioso filhos e filhas de santo, formando um grupo que partilha e congrega os valores da religião.

Depois de realizar projetos sobre a cultura afro-religiosa brasileira nas escolas onde ministro aulas na disciplina de Arte, nas quais convidei os filhos de santo do Centro Espírita Umbandista Cantinho de Luz para participarem das atividades sobre o Dia Nacional da Consciência Negra, fui convidado a conhecer o terreiro de pai Joaquim, líder religioso do referido terreiro, localizado na cidade de Altos, estado do Piauí. Diante de seu convite, desloquei-me ao seu terreiro num dia de terça-feira, no mês de março do ano de 2016. Como já tinha interesse em desenvolver uma pesquisa na área antropológica para a Universidade Federal do Piauí relacionada à cultura religiosa de terreiro, perguntei ao pai de santo Joaquim se ele me concederia seu espaço para realizar um estudo.

Naquele dia, estavam presentes pai Joaquim, uma filha de santo de seu terreiro e o marido dela. Conversamos sobre os rituais do terreiro, que se realizavam nos dias de sábado, quando pai Joaquim me informou que o horário dos rituais se iniciava à noite, a partir das 19 horas. No sábado subsequente a esse contato inicial, dirigi-me até o terreiro. Na entrada, deparei-me com um espaço físico circundado por cadeiras brancas de plástico, o qual os filhos de santo costumavam sentar-se durante as primeiras rezas e orações.

Com o tempo, passei a frequentar aquelas noites de ritual, chamando-me atenção às “giras” que envolvia o uso simultâneo e coordenado de danças, cânticos e o uso de instrumentos musicais. Além disso, pai Joaquim me apontou algumas instruções importantes para quem frequentasse seu terreiro, sendo importante não usar roupas curtas, como bermudas e evitar tonalidades escuras, como o preto, indicando-me sempre ir com vestimentas brancas,

como forma de se adequar aos demais presentes no terreiro. No meu primeiro ano de pesquisa no terreiro, pouco abordava os filhos de santo. Sentia que ainda precisava me “enturmar” mais para conquistar a confiança deles. Nesse período ainda não tirava fotografias, ficava um pouco distante, observando de longe, sem esboçar qualquer indagação relacionada ao que realizavam, principalmente no que se referia às “giras”.

Enquanto pesquisador sobre a religião umbandista, aprofundi-me no objeto de pesquisa relacionada à performance do ritual da “gira”. Nesse ritual, inúmeras vezes vi a expressão corporal das entidades das “linhas” de pretos-velhos, família de Léguas, erês, povo d’água, caboclos, exus e pombas ‘giras. Os filhos de santo dançavam inicialmente na gira, para, em seguida, darem espaço para as entidades se manifestarem por meio da incorporação. Aquilo me prendia muito a atenção e foi nessa manifestação simbólica da gira que resolvi dedicar esforço no desenvolvimento da pesquisa.

Depois da mudança para o novo endereço, com pai Joaquim construindo um espaço sagrado exclusivo para seus rituais, passei a visitá-lo, já, depois do mestrado em Antropologia na Universidade Federal do Piauí, quando em maio do ano de 2017 restabeleci meu contato com os membros do terreiro. No decorrer do tempo, fui aprimorando o contato com os filhos de santo mais antigos da casa, assim como me aproximando dos mais novos integrantes.

Na minha chegada ao novo endereço, pai Joaquim me encaminha a conhecer seu novo terreiro, mostrando cada compartimento. Primeiro me levou para dentro do espaço de culto, local onde acontecem os rituais. Mostrou as esculturas de seus santos, os tambores e seu certificado de filiação à UCABEPI<sup>1</sup>, estampado na parede central. Logo depois, dirigimo-nos até o local onde fica o altar com os santos e entidades umbandistas. Ao lado, uma pequena sala, onde ficam reservados os materiais simbólicos para os rituais, como velas, incensos e banhos de ervas. Percebi de imediato que o pai de santo dedicou grande esforço para deixar seu novo terreiro organizado para a realização de seus rituais.

Assim, a importância da performance no ritual da “gira” está atrelada ao uso simultâneo e interativo dos elementos música, dança e canto entre filhos de santo, pai de santo e tambozeiro. Essa performance congrega os valores da tradição religiosa umbandista, ao mesmo tempo que oportuniza a dinamicidade de sempre reinventarem os modos de fazerem o ritual no terreiro. Os pontos cantados apreendidos, as variadas expressões dos corpos dançantes na gira, além dos ritmos envolventes dos tambores, triângulos e chocalhos. Entendi que a organização desses elementos no fazer ritual proporcionam o sentido e o valor que os

---

<sup>1</sup> União dos Cultos Afro-brasileiros do Estado do Piauí.

filhos de santo entendem sobre seus rituais. A religião umbandista para os filhos de santo do Cantinho de Luz norteia suas vidas, dá ânimo durante as reuniões para os rituais nas noites de sábado.

E assim, o interesse nesse objeto para desenvolvimento da pesquisa surgiu a partir dos projetos sobre a cultura afro-brasileira que desenvolvi nas escolas dos municípios de Altos, Campo Maior e Beneditinos, no estado do Piauí, quando permeado pelas danças, músicas e exposição de pinturas que representasse a temática afro-religiosa brasileira, veio-me a oportunidade de conhecer o pai de santo do Cantinho de Luz, o qual deu uma palestra na Unidade Escolar Altina Pestana, no ano de 2014. Quando do desenvolvimento do projeto *Arte e Consciência Negra- contribuições das comunidades de terreiro umbandista na cidade de Altos*, logo tomei conhecimento por intermédio de alunos que ali próximo da escola havia um terreiro de umbanda. Achei interessante a abordagem da temática do projeto, buscando associá-la com os próprios fazedores da religião na cidade de Altos.

Por isso, o terreiro escolhido para pesquisa está localizado na cidade de Altos, local onde resido, quando minha entrada no campo se deu a partir do início do ano de 2016. O Cantinho de Luz inicialmente localizava-se no bairro Batalhão, posteriormente sendo deslocado para o novo terreno do pai de santo, no bairro Bacurizeiro, zona rural do município. A escolha pelo terreiro referido se deu pela facilidade de deslocamento, tendo em vista se localizar na cidade em que resido. No entanto, apesar da facilidade que o pai de santo me disponibilizou em assistir aos rituais, senti certa resistência por parte de alguns filhos de santo na construção de um diálogo.

Como a princípio, na minha chegada ao campo de pesquisa, pretendendo averiguar os rituais, conhecer como funcionavam os preceitos religiosos na Umbanda, propus a frequentar assiduamente às noites de sábado, dia exclusivo para realização dos rituais. Observando as danças e os “pontos cantados” entoados entre os participantes dos rituais, ative-me a esses elementos simbólicos como um elemento interessante para entender como se constituía a religião. Compreendo a performance da “gira” como um elemento que une a expressão da dança, canto e música como uma forma de louvar, uma espécie de “oração cantada/dançada/ritmada”, na qual se “convidam” as entidades para participarem do ritual.

E o filho de santo ao dançar e cantar para as entidades vivencia no próprio corpo a experiência religiosa de se conectar com seus “guias espirituais”. Apesar de no início o filho de santo operar a experiência, em um dado momento quem regula o ritual é a própria entidade, “incorporada” no filho de santo, apresentando sua mítica pela gestualidade ancestral.

Com o passar do tempo, em minha permanente visitação aos rituais, pude entender que aquelas reuniões dos filhos de santo expressavam a fé nas entidades, como também o modo como à influência desses espíritos conduzia o comportamento, o modo de vida desses devotos, os filhos de santo do Cantinho de Luz. Entendi que a performance do ritual de “gira” não era somente estabelecida pelo contato espiritual com as entidades, mas existia um elo firmado entre os próprios filhos de santo, quando compartilhavam de suas crenças no momento dos rituais. O dançar e cantar para as entidades proporcionavam a saudação como também a comunhão.

Já, nos momentos reservados para conversas com as entidades espirituais revelavam a forma respeitosa com que os filhos de santo se voltavam para elas. Esses instantes de conversas, gargalhadas e gestos de pedido de bênção do filho de santo para com a entidade, representavam a familiaridade e companheirismo no contato espiritual presidido nas noites de ritual do Cantinho de Luz. Conseguia ver ao redor, os filhos de santo se sentirem pertencentes àquele local, buscando auxílio em seus problemas pessoais e restaurados depois das conversas que mantinham com as entidades espirituais.

Nesse aspecto o objetivo pretendido na pesquisa em tela foi analisar a performance ritual na “gira”, buscando entender a relação que se estabelece na interação entre filhos de santo e entidades espirituais. Para isso a análise focou na gestualidade presente na dança e no uso dos cânticos e ritmos instrumentais que juntos refletem a expressão das entidades espirituais, quando “incorporadas” nos filhos de santo do terreiro Cantinho de Luz.

Essa pesquisa potencializa a valorização da performance ritual na Umbanda, a partir dos estudos de performance e ritual, usando como referencial teórico: Richard Schechner (2011) para o conceito de performance e Victor Turner (1974); (2005), com ritual. Além desse referencial que dá embasamento à análise de performance ritual, uso teoria de Mauss (2003) sobre o poder da oração e técnicas corporais, Geertz (1989) para entender a cultura no seio umbandista, Concone (2011) sobre as entidades espirituais umbandistas e sua importância nos rituais religiosos; Csordas (2008) sobre a questão da cura no processo de tratamento espiritual; e outros autores que ajudam a pensar a questão religiosa presente na Umbanda.

Para a composição da pesquisa utilizei o caderno de campo, como esclarece Geertz (1989), pensando nesse instrumento como imprescindível para escrita etnográfica, entendendo que minhas descrições sobre as danças, cânticos e outras expressões simbólicas passaram a ser anotadas com riqueza de detalhes.

Visto que, estou focado na perspectiva da realização do campo estabeleci o método



etnográfico, no qual pude exercer aquilo que Magnani (2002) adota como “modo acercamento”, iniciando pelo mergulho na teoria, através das leituras buscava informações de conhecimento acerca do assunto; na segunda etapa, realizei o trabalho de campo constituído pelos atos cognitivos preliminares: olhar e ouvir, abordado por Roberto Cardoso (2006) como essenciais para a compreensão dos fenômenos sociais e para construção do saber. Retornando ao conceito de Magnani (2002), na terceira etapa, consiste na escrita, e novamente apresento Cardoso (2006), que associa este momento ao ato de pensar, mais do que isso, juntos, formam o mesmo ato cognitivo, primordial para a formação do produto final.

Para essa pesquisa foi utilizada a observação participante nos momentos de realização da performance ritual no terreiro, além da coleta de informações com os sujeitos religiosos do Cantinho de Luz, buscando a partir disso uma descrição minuciosa de toda a composição da “gira”. Como também parte da proposta dessa pesquisa, fotografei elementos simbólicos e espaços do terreiro, os quais são instrumentos importantes no delineamento do ritual. Essa pesquisa conta com croquis que retratam os movimentos corporais presentes na performance dos filhos de santo e principalmente das entidades espirituais, análise dos “pontos cantados” a partir das características míticas que representam esses espíritos. Malinowski, (1978) é bem categórico quando assume que:

A minha relação com o terreiro, atentando para os sujeitos que ali se encontram em suas relações sociais, está associado com “o modo e o tipo de comportamento observado na representação de um ato é de máxima importância. O comportamento é um fato, um fato relevante, e como tal, pode ser registrado” (MALINOWSKI, 1978, p.33).

Dessa forma, a pesquisa contém três capítulos, cada um contendo tópicos específicos sobre a descrição e análise de dados concernentes ao campo de pesquisa.

O primeiro capítulo intitulado “O ritual na Umbanda: símbolos, filhos de santo e entidades” levanta uma contextualização do espaço do terreiro, indo desde a análise de sua fundação, por influência das entidades espirituais, até a socialização de seus espaços simbólicos e as relações construídas a partir do contato espiritual entre filhos de santos e as entidades espirituais. No tópico “A formação do terreiro Cantinho de Luz”, juntamente com o subtópico “Sonhando com os guias: a influência onírica na constituição do terreiro”, faço uma descrição sobre a formação do terreiro e a influência das entidades na relação com o pai de santo Joaquim. Em seguida, o “Espacialidades do terreiro: o contato dos filhos de santo com os espaços e símbolos sagrados” faz uma análise sobre cada compartimento do terreiro e que tipos de rituais são realizados nesses ambientes. No “O ‘Paramento do médium’: roupa de

santo e adereços simbólicos” trago as características e significados de cada elemento que compõe a vestimenta dos filhos de santo. No quarto tópico, “Filhos de santo e suas funções no fazer ritual” faço uma discussão sobre a função que os filhos de santo médiuns, “cambones” e “tambozeiro” realizam no terreiro, além do contra chefe e madrinha do terreiro. E, por fim, o tópico “Os “guias espirituais”, faço uma análise pormenorizada das linhas de entidades do Cantinho de Luz, incluindo pretos velhos, caboclos, exus e pomba giras, e a famosa Família de Léguas.

No capítulo 02, “Baiando na gira”: a performance ritual no terreiro, foca na expressão rítmica e musical da dança na “gira”, atentando para todas as etapas do ritual, analisando os “pontos cantados” para cada “linha” de entidades e observando como a dança se relaciona com cada um desses espíritos cultuados. No tópico “Povo de santo dançando na gira” faço uma análise sobre o contato dos filhos de santo com o ritual no espaço de culto, a partir da prática coletiva entre filhos de santo, pai de santo e “tambozeiro”. Em seguida, os tópicos discutem a performance das entidades da linha de pretos velhos, família de Léguas, Povo de Rua, pretos velhos e do Povo D’água; próximo tópico intitulado “Desenvolvendo a mediunidade: a incorporação das entidades” fala sobre como os filhos de santo lidam com o processo de “incorporação” de seus “guias espirituais”, entendendo que nessa relação o filho de santo se torna um umbandista praticante. Por fim, o tópico final do capítulo, “A cura no ritual: os tratamentos espirituais dos filhos de santo” analisa os tratamentos espirituais realizados com filhos de santo do terreiro, sendo esses métodos terapêuticos uma forma de manter o equilíbrio físico e emocional dos pacientes.

No capítulo 03 denominado “Performance ritual inter-terreiros: alianças e conflitos nas “festas de santo” faz uma descrição sobre as visitas do Cantinho de Luz em dias de festa em outros terreiros. O primeiro tópico, “Terreiros em aliança: a relação do Cantinho de Luz com outros espaços de culto umbandista”, faz uma descrição sobre as relações estabelecidas entre o terreiro pesquisado com outros terreiros, entendendo nesse contato que se associam os pais e mães de santo, a fim de praticarem em comum suas crenças umbandistas. O tópico “Festa de São Sebastião, na Tenda de São João Batista” descreve o contato do Cantinho de Luz no dia da festa ao santo São Sebastião, buscando entender que tipos de relações são construídas a partir dessas visitas; e finalizando com o tópico “Festa de Mãe Oxum das Cachoeiras, na Tenda Umbandista de São Jorge, em Pau D’arco”, analisando a influência dos “espíritos obsessores” nos rituais do terreiro visitado.

Logo, no decorrer dos capítulos vão sendo descritos todos os momentos que ajudaram na criação e elaboração dos rituais do Cantinho de Luz, abordando na fala dos próprios filhos

de santo desse espaço de culto aquilo que eles almejam quando realizados seus rituais. Além disso, produzi croquis fazendo referência às vestimentas dos filhos de santo e da expressão da dança no terreiro, assim como da posição de cada integrante no espaço ritual. Como também parte desses croquis, produzi alguns fazendo menção a algumas entidades espirituais, conforme essas vinham se descrevendo para mim ao longo da realização das entrevistas. E por fim, nas considerações finais apresento uma síntese conclusiva das elaborações analíticas construídas nesta pesquisa.

## 2 O RITUAL NA UMBANDA: símbolos, filhos de santo e entidades

*Aqui é meu pedaço de chão sagrado. Tudo aqui não é meu, mas do Seu Manoel. Cada tijolo, cada telha e cada filho de santo. Todos reunidos no Cantinho de Luz. Cantinho de Luz é por que o meu terreiro só traz coisa boa para todos nós. Tudo aqui é raio de luz (Entrevista realizada com o pai de santo em 15 de fevereiro de 2018).*

Esse capítulo busca em especial fazer uma análise sobre os rituais sagrados religiosos presentes no Centro Espírita Umbandista Cantinho de Luz, incluindo em sua composição os “pontos de firmamento de oração”, as rezas, as funções realizadas pelos membros do terreiro e nos elementos simbólicos que são utilizados na estrutura desses rituais, sendo todos esses instrumentos direcionados para o contato espiritual com as entidades umbandistas cultuadas. No Cantinho de Luz os rituais realizados fazem parte de uma elaborada composição ligada aos preceitos religiosos repassados pelo pai de santo, aproximando os filhos de santo daquilo que designam como sagrado, onde promovem esses rituais para conectarem-se com o plano astral superior das entidades umbandistas.

Portanto, a descrição aqui presente busca abordar o terreiro umbandista investigado, a partir de seus aspectos religiosos, descrevendo as entidades espirituais presentes no culto religioso e a relação construída com os filhos de santo, assim como analisar as rezas e orações, e o acervo simbólico presente no seu fazer religioso, os quais passam pela influência dos sonhos que os filhos de santo têm com as entidades que guiam e orientam a vida do povo de santo dessa comunidade, localizada na cidade de Altos, estado do Piauí. Para isso, faz-se necessário contar a trajetória desse povo de santo, desde o início da formação do terreiro até os dias de hoje, mantendo a tradição religiosa com o culto às entidades espirituais.

### 2.1 A formação do terreiro Cantinho de Luz

Em várias conversas estabelecidas com pai Joaquim, ele me dizia incessantemente sobre o valor que seu terreiro tinha para seu desenvolvimento espiritual na religião umbandista. Com orgulho apontava em direção à construção que deu nome ao “Cantinho de Luz”, sempre deixando claro a contribuição de seus filhos de santo quando o terreiro foi erguido. Sendo assim, falar sobre o Centro Espírita Cantinho de Luz é ir de encontro com o caminho traçado pelo eu líder religioso dentro da religião umbandista local. Pai Joaquim nasceu na década de 70, na cidade de Altos, estado do Piauí. É filho do cearense Francisco

Assis Santos e da piauiense Rosalina Ferreira Santos. Possui nove irmãos, sendo que desses, três frequentam seu terreiro, participando como espectadores durante os trabalhos rituais. Sua trajetória mediúnica se iniciou ainda na infância, quando por influência de seus avós e tios, que eram umbandistas, passou a frequentar desde cedo terreiros de umbanda. O seu terreiro é filiado à UCABEPI, o qual demonstra com orgulho sua filiação, apontando sempre a seus filhos de santo as obrigações que estes devem seguir. Ou seja, antes de existir o terreiro, normas e regras já foram instituídas e devem ser seguidas de acordo com os interesses do pai de santo e da forma como ele prioriza as regras mais importantes a serem seguidas em seu terreiro.

Desse modo, o Centro Espírita Umbandista Cantinho de Luz congrega a relação primorosa entre seus filhos de santo com as entidades espirituais, sendo estas cultuadas impreterivelmente nos dias de sábado, nos encontros que realizam os rituais que permeiam o terreiro com muito estímulo, mediante o uso de seu acervo simbólico, usando de cantorias, danças e toques de instrumentos musicais como forma de manter o contato com o sagrado. Costumeiramente o horário de 19h30m às 21h30m é aquele que preside os rituais no terreiro, sendo um ritual público, aberto aos visitantes. A faixa etária das pessoas que visitam o terreiro varia de 02 a 75 anos de idade. Com essa variabilidade de gerações partilhando do mesmo contato na religião umbandista, entendo que as crianças vão se inserido nesses espaços de culto, como um terreiro de umbanda, desde cedo já convivendo e respeitando, assim como os mais velhos vão ensinando sobre os aprendizados construídos no terreiro.

Além disso, o calendário de rituais do Cantinho de Luz se divide nos sábados, com a “gira”<sup>2</sup> de desenvolvimento espiritual dos filhos de santo e as festas que são realizadas em dias específicos do ano, em homenagem às “linhas” de entidades. Antes, pai Joaquim realizava um atendimento mediúnico, com estudos com os filhos de santo nos dias de quarta-feira, no entanto ele desistiu dessas reuniões, ficando somente agendado aos sábados seus rituais. O foco dessa pesquisa concentra-se nas reuniões semanais do sábado, já que são frequentes e tive maior acompanhamento nesses rituais do que nos é apresentado durante as festas do terreiro.

Nesse dia de sábado vários rituais acontecem: ritual de “limpeza espiritual”, ritual de “gira”, ritual de purificação. As atividades rituais concernentes aos dias de sábado são realizadas comumente pelos filhos de santo, com o uso dos elementos simbólicos para dar

---

<sup>2</sup> A gira presente no terreiro é o ritual que utiliza das danças, pontos cantados e uso dos instrumentos musicais (tambores, chocalhos e triângulos) para saudar as entidades espirituais das linhas de caboclos, pretos velhos, erês, povo d'água, exus e pomba giras.

acesso ao desenvolvimento da espiritualidade dos filhos de santo. Já no caso das “festas de santo”, o terreiro abre espaço para a visita de outros terreiros, contando com os comes e bebes, muitas vezes a realização de leilões, o compartilhamento de “pontos cantados” e das danças entre os terreiros, a fim de comungar a mesma fé nas entidades umbandistas<sup>3</sup>.

Por isso, a “gira” é o principal ritual realizado pelo povo de santo do Cantinho de Luz. É nela que acontece a conjunção dos elementos simbólicos dança, canto e instrumentos musicais, aliando em sua execução o culto às entidades do terreiro. As entidades que são homenageadas nesse ritual se dividem em forma de linhagem, sendo elas a linha de pretos velhos, caboclos, erês, povo d’água e exus e pomba giras. Mas não só a “gira” é definida como um ritual, estando presentes inúmeros outros que condizem com preparação de “limpeza espiritual”, de batismo, de purificação etc. Pensando nisso, defino os rituais presentes no terreiro a partir do que Schechner (2012), fala sobre o conceito de ritual estar ligado às práticas religiosas, quando no fazer religioso, “rituais dão forma ao sagrado, comunicam doutrina e moldam indivíduos dentro de comunidades” (SCHECHNER, 2012, p.50). De acordo com o autor, um ritual sagrado está atrelado à representação e disseminação de crenças religiosas, onde seus fiéis costumam invocar forças ligadas ao mundo sobrenatural de divindades (SCHECHNER, 2012).

Dessa forma, penso nos rituais realizados no terreiro como uma performance, de acordo com o que Richard Schechner (2011), pensa a partir de uma reunião de “energias quase como se o tempo e o ritmo fossem coisas concretas, físicas, flexíveis” (SCHECHNER, 2011, p.218). A performance trata, segundo o autor, de modelar intervalos entre som e silêncio, de modo que o evento realizado sinalize um tempo, um espaço e uma emoção coletivizados.

Como um exemplo claro dessa coletivização do espaço, do tempo e das emoções entre os filhos de santo no terreiro é na realização da “gira”, quando o movimento da dança une os corpos que dançam em círculo, “puxando” a “corrente mediúnica”, concentrando os filhos de santo na mesma sintonia espiritual das entidades cultuadas, e quando cantam juntos os “pontos”, pois dessa forma, entremeiam as vozes que evocam os espíritos para participarem e comungarem do evento no terreiro. Quando dançando e cantando em meio ao ritual, os filhos de santo acionam vibrações espirituais das entidades que passam a se manifestar naquela onda energética transmitida no canto e na dança.

Assim, essas ações ritualísticas coadunam com o significado religioso presente na

---

<sup>3</sup> Sobre “festas de santo”, consultar capítulo 03 dessa dissertação.

umbanda, no que concerne em estabelecer contato com o que definem como sagrado em suas vidas religiosas, ou seja, as entidades espirituais cultuadas, comunicando a tradição do culto, por meio das danças, “pontos cantados”, “benzimentos”, “banho de ervas”, uso de velas e vestimentas rituais, assim como congrega os filhos de santo dentro de uma comunidade umbandista no terreiro. Esses rituais envolvem uma gama vasta de ações que se associam ao culto às entidades espirituais que compõem o acervo mitológico sacralizado da Umbanda.

Conforme descreve Magnani (2002), essas entidades espirituais são fruto da referência à ancestralidade africana e indígena, onde pretos velhos e caboclos assumem o principal panteão de espíritos cultuados na cultura umbandista. Esses espíritos, segundo o autor, descrevem a idealização do índio cheio de altivez e orgulho, dono da mata, e do negro escravizado, detentor de sabedoria e segredos próprios para tratamentos de cura dos homens, servindo então de modelo de culto, justamente por ampararem seus súditos nos momentos de aflição (MAGNANI, 2002).

Desde a minha primeira visita ao terreiro, ainda no ano de 2016, sempre fui recebido com carinho e atenção pelos filhos de santo da casa, os quais me deixavam à vontade em todos os momentos dos rituais. Tive livre acesso para transitar os espaços do terreiro, conversar com os filhos de santo e observá-los durante a realização de seus trabalhos rituais.

Esse terreiro localiza-se no bairro Bacurizeiro, zona rural da cidade de Altos, 42 km da capital do Piauí, Teresina. Como um espaço de culto umbandista, seu líder religioso, o pai de santo Joaquim, costuma usar da influência espiritual das entidades umbandistas para desenvolver a espiritualidade de suas filhas e filhos de santo. Esse terreiro umbandista com frequência recebe visitantes, que se dividem entre parentes dos próprios filhos de santo e os vizinhos mais próximos, que se sensibilizam com as orações praticadas, os tratamentos de cura realizados, como também pela efervescência causada pelo batuque dos tambores, os cânticos entoados e as danças cheias de energia e entusiasmo que despertam reações em todos os presentes.

Além disso, o que encontrei com frequência no Cantinho de Luz foi um povo de santo alegre, envolvido por completo com suas atividades religiosas, sempre muito atentos ao que é repassado pelo pai de santo, assim como abertos às dúvidas e questões concernentes ao terreiro, sendo sanadas pelas conversas a que o pai de santo dirige-se inicialmente nos encontros das noites de sábado. O Centro Espírita Umbandista Cantinho de Luz envolve uma parceria entre seus membros, que ao longo dos anos foram se unindo aos preceitos transmitidos pelas entidades espirituais, assim como pela intermediação do pai de santo Joaquim nesse contato espiritual.

Por isso, Pai Joaquim é o líder espiritual desse espaço de culto umbandista, carregando uma história de mais de trinta anos na Umbanda, e doze anos com o seu próprio terreiro. Ao longo do percurso de pai Joaquim na religião umbandista, este me relatou que sua iniciação se deu ainda na infância, quando aos sete anos foi batizado na Tenda de Santa Bárbara, no povoado Lagoa dos Martins, zona rural do município de Altos, estado do Piauí. O diretor espiritual dessa tenda era seu Luís Badé, na época muito conhecido na cidade, e a diretora material dona Antônia Portela. Esse mesmo local que foi batizado, era onde residia com seus pais, sendo uma localidade pacata, sem energia e água encanada, onde as casas eram feitas de taipa e cobertas de palha de coco.

Como Pai Joaquim é formado em pedagogia, pela Universidade Estadual do Piauí, já trabalhou no hospital municipal da cidade de Altos-PI, atualmente trabalha como vigia em uma creche escolar no bairro Bacurizeiro e trabalha com processos de agilização da aposentadoria de idosos. Ele se considera um homem multifacetado e diz dever tudo que hoje tem, graças as suas entidades, que o protege e o presentifica com muitas bênçãos.

E a história de pai Joaquim na Umbanda perpassa por anos de dedicação a curar pessoas, praticar orações e manter contato com as entidades que os acompanha há muitos anos. Pai Joaquim me informou que bem no começo de sua trajetória se reunia com apenas três pessoas que hoje fazem parte de seu terreiro: a filha de santo Antônia Maria Bonfim da Silva, o visitante Jorge Ferreira de Sousa e seu “contra chefe”, Antônio Pereira da Silva Filho. Eram esses seus companheiros de orações e preces às entidades umbandistas, ainda quando não tinha seu próprio espaço de culto, costumando realizar reuniões em suas casas. Foi quando chegou o momento de pai Joaquim ter seu próprio espaço de culto, um terreiro de umbanda.

Em uma roda de conversa com os quatro, o pai de santo, os dois filhos de santo e o visitante, perguntei sobre a importância dessa união que já atravessavam décadas, onde se encontravam sempre unidos, celebrando a mesma fé, agora contando com seu próprio espaço de culto. Notei na fala dos filhos de santo um certo saudosismo no que se refere aos momentos em que se reuniam no passado para praticar suas orações e entoar os pontos cantados que aprendiam, por intermédio da influência das entidades espirituais. E nos dias de hoje estão reunidos em seu terreiro, partilhando suas histórias nesse espaço de culto.

Com isso, o ano de 2006 é o ano de fundação do Cantinho de Luz, quando ainda na antiga residência do pai de santo, localizada no bairro Batalhão, cidade de Altos, Seu Joaquim se apropriava da garagem de sua casa para realizar suas práticas rituais nos dias de sábado. Reunindo seus poucos filhos de santo, pai Joaquim inicialmente contava com poucos recursos



para suas atividades religiosas, incluindo as rezas do terço, alguns pontos cantados que eram entoados, e sem contar ainda com os instrumentos musicais e a dança ritual, já que ainda não possuía “tambozeiro” e a quantidade ínfima de membros não integrava uma roda de dança, chamada por eles de “gira”. Todas essas atividades eram conduzidas com os envolvidos acomodados em cadeiras de plástico branca, na garagem da casa do pai de santo.

Nesse pressuposto, ao lado do espaço da garagem existia uma salinha pequena, particular para os encontros durante a semana daquilo que o próprio pai de santo designava como local de “atendimento aos clientes”<sup>4</sup>. Estes vinham com o intuito de resolver conflitos que se ligavam ao âmbito amoroso, financeiro, familiar, e social, a qual o pai de santo trabalhava com o jogo de cartas, como também passava tratamentos de cura como ervas medicinais e trabalhos que demandam recurso como o uso de velas, incensos e oferendas das mais variadas para as entidades espirituais. Esses produtos eram pedidos pelo pai de santo para seus clientes, os quais retornavam ao terreiro com todo o material ritual para execução dos trabalhos.

E ao longo de doze anos, o terreiro realizou suas práticas rituais nesse espaço da garagem, ainda no bairro Batalhão. Entretanto, no início do ano de 2017, pai Joaquim se muda para o bairro Bacurizeiro, vizinho do bairro anterior, construindo um espaço exclusivamente para suas atividades rituais sagradas, o que seria segundo ele o verdadeiro “Cantinho de Luz”, no qual os filhos de santo mais antigos acompanham-no há muito tempo. Dentre eles, se encontram a atual madrinha do terreiro dona Luzia Ferreira de Sousa, 57 anos<sup>5</sup>, a filha de santo Sebastiana Alves da Silva e o visitante Jorge Ferreira de Sousa, estando esses há trinta anos acompanhando o pai de santo, desde o período em que se reuniam unicamente para fazer suas preces e orações, sem ainda passar pela cabeça que um dia pai Joaquim teria um terreiro. No entanto, desde 2006 com a fundação do terreiro e o número de adeptos seguidores do terreiro de pai Joaquim ter aumentado, juntos estavam o “contra chefe”<sup>6</sup> Antônio Pereira da Silva Filho, os filhos de santo Everardo, Índia, Neném e Seu José dos Santos Amorim. Alguns dos filhos de santo desenvolvem sua espiritualidade para incorporarem suas entidades

---

<sup>4</sup> Esse pequeno espaço possuía um altar com as imagens de pinturas e esculturas de entidades umbandistas e santos católicos, além de guardar uma caixa de som, microfones e cartas de tarô. Era comum o pai de santo fazer o atendimento de clientes nesse local.

<sup>5</sup> Segundo me informou o pai de santo, assim como Dona Luzia, esta como madrinha do terreiro, tem como principal responsabilidade fazer orações diárias para todos os filhos de santo, assim como durante as giras de desenvolvimento mediúnico serve para amparar os filhos de santo médiuns quando incorporam, assim como para suspender a entidade incorporada.

<sup>6</sup> Contra chefe, segundo pai de santo, é aquele responsável pela vistoria dos médiuns durante a dança, para caso aconteça algum problema na ordem dos trabalhos, eles intervirem a favor, suspendendo os espíritos funestos que porventura queiram atrapalhar.

espirituais, enquanto os demais compõem a assistência, a qual serve para cuidar de outras atividades rituais<sup>7</sup>.

Localizado no bairro Bacurizeiro<sup>8</sup>, zona rural do município de Altos, este bairro possui em boa parte de sua população, pessoas de baixa renda, contando em seus arredores com casas populares financiadas, bares onde acontecem com frequência serestas e uma capela católica, em que subsidiam anualmente festejos, os quais os próprios filhos de santo costumam se envolver nessas atividades fora do seu ambiente religioso do terreiro. As casas que cercam a vizinhança da rua são simples, algumas ainda construídas de taipa, possuindo um terreno que abriga um campo de futebol, estrada de piçarra e a rua sem saída que desemboca no seu final no terreiro de pai Joaquim.

Esse espaço de culto é tratado como terreiro, segundo pai Joaquim, por expressar o significado da religião umbandista, a qual prega a caridade pelo próximo e o desenvolvimento da espiritualidade dos filhos de santo com o plano astral superior, onde vivem as entidades espirituais cultuadas. Esses espíritos são a peça-chave na elaboração do fazer ritual, pois com as constantes reuniões realizadas no terreiro, com a incorporação das entidade por meio do processo de possessão, filhos de santo vivenciam nesses rituais a consumação de sua espiritualidade, no contato com esses seres transcendentais.

De acordo com Patrícia Birman (1983), a qual faz uma análise sobre a possessão espiritual no Brasil, explica que a influência dos espíritos na vida do povo de santo é grande, pois as orientações e conselhos direcionam a vida dessa comunidade, tendo nessa relação uma espécie de moralização das entidades para com o povo de santo (BIRMAN, 1983). “Os umbandistas são, portanto, súditos de vários senhores e dividem o seu tempo, o seu corpo e sua pessoa trabalhando para todos, tentando conciliarem essas vontades diversas entre si e consigo mesmos” (BIRMAN, 1983, p.25), provando que a Umbanda abre espaço para o cultivo da relação com o outro, seja o “irmão de fé”, necessitando de amparo, ou as próprias entidades espirituais, estando estas próximas a todo instante, protegendo seus fiéis.

Visto que a autora explica que não se pode pensar na cultura brasileira, desligando-se dos cultos religiosos que envolve possessão, independente se é pelo viés espírita kardecista, pentecostal, umbandista ou mesmo candomblecista. O culto que envolve a possessão de

---

<sup>7</sup> Os filhos de santo que fazem parte da assistência são responsáveis por diversas atividades, como a prática de aquecer os tambores na fogueira montada nos fundos do terreno; levar a cada filho de santo o banho de ervas para ser passado por entre as mãos; levar o incenso para purificação de todo o interior do terreiro.

<sup>8</sup> O bairro Bacurizeiro é um dos mais populosos da cidade de Altos, contando com cerca de 2.041 habitantes, num município que conta com 39.864 habitantes, segundo dados do IBGE. Esse bairro tem como referência religiosa afro-brasileira o Centro Espírita Umbandista Cantinho de Luz, de pai Joaquim.

espíritos faz parte do fenômeno religioso brasileiro (BIRMAN, 1983)<sup>9</sup>.

E assim, no Cantinho de Luz, as entidades espirituais cultuadas perfazem sua trajetória espiritual por intermédio de seus “cavalos”<sup>10</sup>, em que pai e filhos de santo, localizados no espaço ritual se recobrem de uma série de ritos para recebimento dos espíritos pelo processo de “incorporação”. Essas entidades saudadas no terreiro compõem a representação da cultura brasileira, conforme me explicou o pai de santo, onde seus pretos velhos, caboclos e erês apresentam de alguma forma aqueles que ajudaram a construir esse país multicultural. Em uma conversa informal com o pai de santo ele me explicava sobre o porquê de prestigiar a presença honrosa desses espíritos em seu terreiro:

*“Aqui a gente celebra a vinda desses espíritos. E as entidades gostam que o terreiro esteja limpo, que os filhos de santo estejam vestidos adequadamente pra poder participar dos rituais. A gente traz o tambor, coloca o povo pra cantar e dançar, por que é assim que a gente comemora as bênçãos das entidades”* (Entrevista realizada com pai Joaquim em 18 de maio de 2017).

Conforme nos esclarece Carneiro (2014), as religiões afro-brasileiras abriram-se para múltiplas formas de expressão que abraçassem em sua representação as várias classes sociais e etnias presentes no país, além de exprimir em seu panteão sagrado as entidades espirituais que condissessem com as três categorias culturais de nosso país, sendo elas a negra, com os pretos velhos, a europeia, com as crianças e a indígena, com a presença dos caboclos. Além dessas representações espirituais, outras compuseram o rol de divindades, estando afirmada no sentido regional, com a presença de boiadeiros, marinheiros, ciganos, baianos<sup>11</sup>.

Portanto, o Cantinho de Luz é o terreiro de pai Joaquim, que reúne seus filhos de santo para partilharem das mesmas crenças religiosas, estando constantemente em contato com a espiritualidade provinda das entidades cultuadas em seus rituais. A “gira” é o principal ritual realizado nesse terreiro, unindo dança, canto e música para aclamar os espíritos das entidades cultuadas nesse espaço religioso.

Dessa forma, o Cantinho de Luz foi construído no intuito de reunir os filhos de santo pertencentes a esse espaço de culto, sendo local de encontro para realização de seus rituais. Esses filhos de santo se dividem entre aqueles que já têm muitos anos de experiência na religião, acompanhando pai Joaquim desde a formação do terreiro, até os mais novos integrantes, os quais aprendem juntamente com os mais velhos nesse grupo religioso.

---

<sup>9</sup> Mais detalhes sobre a possessão espiritual na Umbanda, ver o capítulo 02 dessa dissertação.

<sup>10</sup> Esse é o termo nativo encontrado no terreiro pesquisado, para se referir aos filhos de santo que incorporam as entidades espirituais.

<sup>11</sup> Esse outro rol de entidades também participam dos rituais umbandistas no terreiro pesquisado, principalmente com a presença dos boiadeiros da família de Légua, originários da cidade de Codó, estado do Maranhão.

## 2.2 Sonhando com os guias: a influência onírica na constituição do terreiro

Já que tudo inicia por intermédio de uma revelação onírica. A atenção que se dá aos sonhos nas religiões afro-brasileiras é muito grande, pois eles ajudam a entender a cosmologia desses grupos, suas crenças e valores, revelados pelo contato enquanto se dorme e se mantém com as divindades. O “povo de santo” do Centro Espírita Umbandista Cantinho de Luz possui uma cosmovisão atrelada ao campo imagético dos sonhos. Por meio de viagens oníricas, desejos são construídos, conversas com espíritos são estabelecidas, conselhos são firmados durante o sono, pelas entidades espirituais que regem suas vidas, como também muito dos pontos cantados<sup>12</sup> presentes nos rituais são enviados durante o sono dos filhos de santo, que me informaram durante as visitas no terreiro que as entidades passeiam em seus sonhos e os presenteiam com novos “pontos cantados”<sup>13</sup>. Assim também faz parte o sonho na constituição do terreiro pesquisado, quando o pai de santo me informou que o seu Cantinho de Luz é obra viva de um sonho que teve com uma entidade umbandista.

Para isso, Glowczewski (2015) faz uma importante investigação sobre a constituição dos sonhos entre os *Walpiri*, uma comunidade localizada no deserto central da Austrália. Segundo a autora, o espaço dos sonhos *Walpiri* se constitui pelo regresso ao mito como origem da sociedade aborígine australiana. Esses sonhos revelam desejos e constantemente impulsionam os indivíduos para a aproximação com a ancestralidade.

No caso do Cantinho de Luz, o sonho se constitui como um elemento que comunga com a interação entre o tempo e o espaço do terreiro. O sonho que Vó Candinha se manifestou ao pai de santo foi em um tempo passado, mas que o influencia até os dias de hoje na interação com o espaço do terreiro. Com o que eu observei no relato dos filhos de santo do terreiro, o sonho se configura como um meio de criar vínculo com a entidade e extrair desse contato meios de aprender novos modelos de expressão simbólica para os rituais realizados. Os filhos de santo que entrevistei apontaram para essa ligação espiritual com as entidades, manifestada através dos sonhos, onde conselhos e previsões do futuro são ditas pelas entidades para que os filhos de santo fiquem em alerta. Na concepção de Glowczewski (2015), pode-se aferir acerca do sonho a partir da seguinte ideia:

---

<sup>12</sup> Pontos cantados são os cânticos que os filhos de santo expressam durante o ritual de gira para as linhas de entidades espirituais cultuadas. Parte desses cânticos são apreendidos durante os sonhos que os filhos de santo têm com as entidades espirituais.

<sup>13</sup> Sobre os pontos cantados, ver o capítulo 02 dessa dissertação, quando faço uma análise sobre os vários cânticos encontrados no terreiro e que homenageiam as mais diversas entidades.

O sonhar é o presente, mas também o “muito tempo atrás”. Para mim, este tempo que é tanto o presente quanto o “muito tempo atrás” não é um tempo histórico, mas um tempo de metamorfoses. É um tempo dinâmico, porém um tempo de transformação. É uma dinâmica da transformação, contundo todos os papéis, todas as formas de metamorfose existem ao mesmo tempo no presente; apenas se muda de forma quando se muda de lugar nesse último tempo do presente. É extremamente dinâmico, porque de fato só se fala disso: só se fala da transformação (GLOWCZEWSKI, 2015, p.51).

Com o exposto acima, pode-se concluir que o sonho configura-se a partir de um tempo de mudanças, como a autora fala, pensando em uma experiência associada à dinamicidade produzida. Existe então uma aliança entre o presente, o experienciado no dia a dia, e a conexão com o tempo passado, criando e possibilitando uma dinâmica de interatividade. Para entender esse contato que os filhos de santo mantêm com suas entidades por intermédio dos sonhos, faço um relato sobre minhas experiências no campo, estando “afetado”, no sentido que Fravet-Saada (2005) se refere, por aquilo que vi, ouvi e vivenciei no terreiro, a partir das histórias com que me deparei, sobre essa relação entre os filhos de santo e suas divindades.

Segundo, Fravet-Saada (2005), faz uma pesquisa sobre feitiçaria no Bocage francês, onde a questão do “afetar-se” que a autora cita, quando pensa em sua relação com os nativos, é o mesmo que vi desdobrar no meu contato com os umbandistas no terreiro, campo dessa pesquisa. Segundo a autora, essa questão do afetar-se diz mais sobre a forma como se pode ocupar um espaço no interior do grupo estudado, abrindo possibilidades a partir disso de se estabelecer um tipo de comunicação específica com os sujeitos de pesquisa, onde há algo despretenso nos diálogos mantidos. Assim como a autora, estive nessa mesma posição com os filhos de santo, sendo “afetado”, criando laços com essa comunidade, passando a me comunicar de maneira verbalizada e também somente por gestos (FRAVET-SAADA, 2005).

Em uma ida ao terreiro, num sábado do mês de maio de 2017, alguns filhos de santo já se encontravam aos arredores do terreiro, cada um deles carregando em um compartimento sua vestimenta sagrada e interagindo uns com os outros. Alguns chegaram de bicicleta, outros, como moram em povoados mais distantes, vêm de motocicleta, ou mesmo, como um grupo de Teresina que se desloca de carro, indo de encontro aos rituais realizados no dia de sábado<sup>14</sup>. Até que um deles veio em minha direção. Era o “contra chefe” Antônio Pereira da Silva Filho que se aproximava, indicando-me uma cadeira para assento. Logo me dei conta de que queria conversar e me predispus de imediato a ouvi-lo. O “contra chefe” me disse que na noite anterior à vinda ao terreiro teve um sonho com a entidade espiritual Caboclo Roxo.

---

<sup>14</sup> No terreiro pesquisado, as atividades rituais são realizadas apenas nos dias de sábado semanal, sendo de interesse do pai de santo mudar para encontros quinzenais.

Informou-me que a entidade se manifestou em sonho, ensinando um ponto cantado que ele teria a incumbência de levar e compartilhar com os demais filhos de santo durante a realização de seus rituais, ao mesmo tempo em que lhe aconselhava sobre o seu futuro.

Por isso, percebi pelo relato do filho de santo, que o “ponto cantado”, apreendido durante o sonho que teve, condiz com um elemento importante na promulgação da crença umbandista, ao mesmo tempo em que se constitui na elaboração do ritual. Além disso, o filho de santo me informou que durante seu sonho estava em uma mata verde e que essa entidade se aproximou para falar sobre coisas que aconteceria em um futuro próximo e que ele deveria tomar precaução, para se proteger.

Em sua pesquisa sobre performance de mitos e sonhos entre o povo indígena Xavante, Laura Graham (2018), atenta para o conjunto de elementos que envolve essas performances, incluindo as narrativas míticas, os cantos e danças. A autora analisa a importância da constituição do sonho no processo de transformação social desse povo. Graham (2018) faz um relato sobre *Warodi*, um personagem da comunidade. *Warodi* conta que teve um sonho com os espíritos ancestrais, os quais lhe transmitiram canções, sendo essas dádivas para posteriormente serem transmitidas aos vivos. *Warodi* transmite aquilo que aprendeu no sonho para os demais de sua comunidade, expressando as canções apreendidas, convergindo para uma simbiose entre o tempo presente com as pessoas ao seu redor e aquele tempo dos criadores ancestrais.

Nesse pressuposto, os mais velhos reproduzem em uma performance tudo que foi relatado por *Warodi* em sua fala expressando o manifesto onírico. Na performance entre os Xavante propõe-se reunir todos da comunidade para que *Warodi* faça um ensaio reproduzindo os cânticos que foram expressos em seu sonho. Essa performance resgata “as vozes e imagens corporificadas dos imortais, dos criadores, ao mundo dos vivos” (GRAHAM, 2018, p.36). Os participantes dessa performance integram em sua expressão o uso simultâneo e interdependente das danças, cantos, narrações e ornamentações corporais, levando a um momento em que se tornam os próprios imortais do sonho de *Warodi*. Segundo a autora,

Ali, em plena performance, os participantes tornam-se então os imortais do sonho. A performance cristaliza as transformações desabrochadas das várias práticas expressivas que se ensaiaram durante o longo dia. O passado funde-se com o presente. Mediante as ações dos vivos, vivem os imortais: os vivos, com seu canto e sua dança, trazem os imortais ao presente, ao seu mundo (GRAHAM, 2018, p. 37).

Logo, no Cantinho de Luz, o filho de santo Paulo Afonso da Silva<sup>15</sup>, 33 anos, e o “contra chefe” Antônio Pereira da Silva Filho, 34 anos, me relataram algumas vezes a proximidade que se estabelece nos sonhos com as entidades espirituais. O filho de santo Everardo me informou que um dia sonhou com seu guia espiritual, o Caboclo Flecheiro, o qual lhe transmitiu um “ponto cantado”. Segundo me explicou o filho de santo, a entidade se manifestou em sonho no quintal de sua casa, um lugar calmo, arborizado, com um lago próximo e pássaros cantarolando o tempo todo.

Consoante o Caboclo Flecheiro lhe ensinou o “ponto” e, quando acordou do sonho, o filho de santo disse ter se sentido feliz, por que sabia que logo mais iria transmitir aquele cântico para os demais filhos de santo de seu terreiro, e que quando fosse entoado por ele, para que pai Joaquim cantasse no “pé do tambor” todos dançariam juntos aquele novo “ponto cantado”. O “ponto cantado” ensinado por esse espírito ancestral ao filho de santo é narrado em canto durante o ritual, onde os outros filhos de santo dançam, o “tambozeiro” dá o ritmo com o toque do tambor e invoca por meio desse cântico o Caboclo Flecheiro para que incorpore no filho de santo. Nesse caso, a performance que atrela o sonho ao ritual se relaciona a “processos de mudança e adaptação criativa” (GRAHAM, 2018, p. 42).

Enquanto conversava com o filho de santo sobre seu sonho, o pai de santo do terreiro, Seu Joaquim, veio em nossa direção explicando que todos em seu terreiro possuíam sonhos com as entidades, que se tornam guias espirituais de cada um dos seus filhos de santo, intermediando contato. Nas palavras de Pai Joaquim, o terreiro com o nome Cantinho de Luz surgiu pela revelação de um sonho que teve com a entidade espiritual Vó Candinha<sup>16</sup>. Segundo ele,

*Eu tive um sonho com a preta-velha Vó Candinha. Essa mulher já viveu na terra, foi parteira, já teve várias vidas, sempre trabalha com ervas e pó de fumo, com essências naturais. Vó Candinha é uma velha sábia e curandeira e eu tive um sonho com ela, deixe eu lhe falar. No sonho ela me revelava que eu iria ter meu próprio centro, com meus filhos de santo e que o nome seria Cantinho de Luz. Acordei transbordando de alegria, por que era isso que eu queria. Ter meu próprio terreiro, daí então quando consegui construí-lo com ajuda de cada filho de santo meu, coloquei o nome que minha curandeira me ordenou em sonho (Entrevista realizada com pai de santo Joaquim, em maio de 2017).*

Como o pai de santo durante a conversa me informara que o sonho materializou seu espaço de culto e que isso se deve às influências ligadas à ancestralidade dos espíritos que

<sup>15</sup> O nome do filho de santo é fictício, a pedido dele para preservar sua identidade.

<sup>16</sup> Essa entidade espiritual é uma preta-velha muito sábia que sempre incorpora no pai de santo trazendo lições de moral para que os filhos de santo sigam fortemente com o sentido pregado pela Umbanda.

hoje são cultuados em seu terreiro, e que o ritual que ele presta a esses espíritos é uma forma de agradecimento. No caso específico do sonho relatado, vó Candinha, uma mulher, negra, idosa, muito sábia, que presenteia os filhos de santo com sua proteção, foi a responsável pela constituição do terreiro, pois com sua influência no sonho do pai de santo, aconselhou-o a construir seu próprio terreiro, atraindo seus próprios filhos de santo para esse ambiente religioso.

Para isso, a história de pai Joaquim na Umbanda se entrelaça com a influência espiritual dessa preta velha. Ele me explicou que quando participava da Federação Umbandista do Piauí costumava atender as pessoas, passando tratamentos e recitando orações. O local que ele recebia as pessoas era num espaço pequeno, um “cantinho”, como ele mesmo se refere. E fazendo menção a esse espaço pequeno, ele explicou que no sonho vó Candinha disse que ele teria seu próprio “cantinho” para atender as pessoas e seus filhos de santo. Nos dias de hoje, a preta velha vó Candinha ajuda a conduzir os trabalhos rituais do Cantinho de Luz, ajudando o pai de santo no que for necessário. Porém, ela apenas se manifesta de modo invisível, estando sempre próximo do terreiro, mas dificilmente incorporando no pai de santo. Com esses diálogos estabelecidos no referido terreiro, sentia o quanto de influência que as entidades espirituais tinham na vida desses sujeitos que congregam sua fé e seu tempo em cultuá-las.

Por isso que vó Candinha é a preta-velha guia fundadora do terreiro, onde de todas as minhas idas ao Cantinho de Luz vi sua presença no terreiro apenas duas vezes. Na primeira ocasião em que estive no terreiro e a preta velha se manifestou aconteceu quando após o término da “gira”, os filhos de santo sentaram-se no chão, formando um círculo, próximo ao pai de santo. Em um dado momento, pai Joaquim incorporou a preta velha. Eu perguntei a um filho de santo do lado quem era e ele pediu apenas para eu esperar, que a entidade já se identificaria por meio de seu “ponto cantado”:

*Eu vi Vovó de pai Angola  
Vem salvando os seus filhos de dendê Ê vovó iê, ê pisa no Gongá  
E leve a mão na pomba, e não deixe a pomba voar  
(Ponto cantado encontrado no campo de pesquisa em maio de 2017).*

Depois de entoar seu “ponto cantado”, Vó Candinha perguntou como estavam seus filhos, falou que estava de passagem para abençoar o terreiro e olhou fixamente para mim dizendo que sabia o que eu estava fazendo lá e que abençoava minha pesquisa. Perguntou-me se eu tinha algo a falar. Dirigi-me a ela, cumprimentando-a, pedindo a bênção e perguntando



como ela se sentia vendo os filhos de santo naquele terreiro, o qual ela foi a responsável pela fundação. A entidade respondeu com uma voz baixa, com um leve sorriso no rosto:

*Meu fio, eu me sinto feliz, por que eu sonhava em fazer o Cantinho de Luz existir há muito tempo. O Joaquim ainda era médium no outro terreiro que eu ajudava ele em sua missão de tratar as pessoas, mas eu disse pra ele que um dia ele ia ter o próprio lugar de oração dele. Olha aí, vocês estão aqui e isso foi obra de Deus, eu conduzi o Joaquim e tá todo mundo reunido aqui agora em nome de Deus (Entrevista realizada com a preta velha Vó Candinha, em 17 de março de 2018).*

Logo em seguida, a entidade disse que precisava voltar para o plano astral superior das entidades, mas que estaria cuidando dos seus filhos. Depois dessa aparição, a vi novamente apenas em uma ocasião em que ela desceu na “crôa” de pai Joaquim para realizar um passe de cura numa filha de santo no terreiro. Observei que era ela, pois entoou o mesmo “ponto cantado” que a identifica, fazendo o “benzimento” com a faixa na filha de santo e sendo suspendida imediatamente depois.

E a partir dessa interação, os filhos de santo se constituem como um grupo que compartilha suas vivências quer sejam presenciais ou em sonho, onde a aliança não é só do plano terreno, mas que atravessa fronteiras de encontro ao “plano astral superior” das entidades espirituais. O Cantinho de Luz se torna esse ambiente acolhedor que estreita os laços entre os devotos, filhos de santo, e as entidades umbandistas cultuadas. No caso da preta-velha, essa entidade se manifestou desde o início na trajetória mediúnica do pai de santo, ajudando-o espiritualmente na construção de seu terreiro.

Portanto, o terreiro Cantinho de Luz foi construído por seus membros integrantes, sob a influência espiritual de Vó Candinha que se manifestou no sonho e no contato espiritual com pai Joaquim, prenunciando a construção de seu antigo desejo de ter seu próprio terreiro. O sonho então pode ser visto como um elemento de influência na composição do terreiro e nas relações entre seus participantes, sendo por meio das coordenadas que a entidade preta velha transmitiu ao pai de santo ou por meio dos “pontos cantados” ensinados também em sonho e transmitidos em seguida por um filho de santo no momento em que os rituais se delineiam no Cantinho de Luz.

### **2.3 Espacialidades do terreiro: o contato dos filhos de santo com os espaços e símbolos sagrados**

No espaço sagrado do Cantinho de Luz possui um significado mítico e simbólico para seus frequentadores. Os espaços construídos no terreiro dialogam entre si, conjugam o vai e

vem dos filhos de santo entre esses lugares, realizando tarefas e princípios básicos de contato, regidos pela norma da relação com o sagrado. Nesse tópico parto da análise desses espaços constituído como sagrados dentro do significado dos rituais realizados, a partir do ponto de vista dos filhos de santo e do próprio pai de santo do Cantinho de Luz. Traço uma proximidade entre as espacialidades do terreiro e os rituais que fomentam o desenvolvimento da espiritualidade dos filhos de santo.

Por isso, entendo pelo relato deles que esses espaços e os símbolos utilizados durante esse contato são revestidos de sacralidade, como exemplo dos pontos cantados entoados e os pontos firmados de oração, como também o uso de elementos simbólicos materiais utilizados durante os rituais, incluindo aquilo que Turner (2005) definiu como “objetos, atividades, relações, eventos, gestos e unidades espaciais em uma situação ritual” (TURNER, 2005, p.49). Todos esses elementos, responsáveis pela elaboração dos rituais, integra um campo vasto de referências simbólicas. Ou seja, o ritual existe por meio de um conjunto de símbolos que se entrelaçam gerando a ação desse ritual. Assim, entendo por ritual e elemento simbólico a concepção de Turner (2005), quando o autor fala que:

Por ritual entendo o comportamento formal prescrito para ocasiões não devotadas à rotina tecnológica, tendo como referência a crença em seres ou poderes místicos. O símbolo é a menor unidade do ritual que ainda mantém as propriedades específicas do comportamento ritual; é a unidade última de estrutura específica em um contexto ritual (TURNER, 2005, p.49).

Para o autor, o estudo desses símbolos só possui lógica, a partir de sua ligação com um processo de construção da prática ritual em que eles estão inseridos em um tempo específico, sendo tomados como “um fator de ação social, em uma força positiva num campo de atividade” (TURNER, 2005, p.49), não podendo analisar o símbolo separado de sua função no ritual. Os símbolos do ritual de “gira” vão desde a música dos tambores, chocalhos e triângulos, os cânticos e danças, até o paramento dos médiuns, incensos e banho de ervas, tendo cada um uma parte de contribuição na totalidade da expressão ritual.

Em se tratando da forma como esses símbolos podem ser pensados dentro de um contexto que engloba uma prática ritual específica, Turner (2005), pontua que o ritual em si nada mais é que uma configuração de elementos simbólicos. O autor aponta que um determinado símbolo tem em sua função a relação e o contato com outros símbolos que compõem um todo no fazer ritual. Para o autor, não apenas o símbolo deve ser observado, mas procurar, localizar a estrutura do grupo que o manuseia, procurando, observar a forma como tal grupo se manifesta expressivamente a partir do uso desse símbolo em seus atos

rituais. De acordo com Turner (2005), o símbolo pode ser visto da seguinte forma:

O mesmo símbolo pode ser reconhecido como tendo significados diferentes em fases distintas da performance ritual, ou melhor, diferentes significados vêm a ser dominantes em distintos períodos. O que determina qual significado deve se tornar o mais importante é o propósito ostensivo da fase do ritual na qual ele aparece. Assim como um foguete espacial, um ritual tem fases, e cada fase é direcionada a um objetivo limitado que se torna ele próprio um meio de se atingir o objetivo definitivo da performance total.

Dessa forma, os símbolos que compõem os rituais, no terreiro Cantinho de Luz, têm a capacidade de acionar mecanismos que regulam um modo específico de realizar os rituais. Ao utilizar dos cânticos no terreiro, pai Joaquim invoca as forças espirituais das entidades, onde através do canto elas são desenvolvidas durante a realização do ritual. Através da entonação desses pontos o ritmo dos instrumentos musicais se adequam à forma como o toque deve ser executado, dando inclusive o passo e movimento corporal certo na hora da dança presente na gira.

Dessa forma, cada um desses símbolos tem sua importância e valor na execução ritual. Assim como na gira, os outros rituais, seja de limpeza corporal, de purificação, de saudação ou de entrada e saída do terreiro, todos convergem para a experiência e o contato dos filhos de santo com o uso desses símbolos considerados sagrados dentro do contexto ritual.

De acordo com Geertz (1989), os símbolos considerados sagrados possuem valores e significados que se condensam em seus objetos. Esses símbolos são reverenciados e associados à crença e fé de um povo, estando eles no rol de elementos que conduzem o modo de vida religioso que se deve seguir, esperando de seus devotos uma certa obrigatoriedade no cumprimento de seus atos. Segundo o autor,

Em todos os povos as formas, os veículos e os objetos de culto são rodeados por uma aura de profunda seriedade moral. Em todo lugar, o sagrado contém em si mesmo um sentido de obrigação intrínseca: ele não apenas encoraja a devoção como a exige; não apenas induz a aceitação intelectual como reforça o compromisso emocional (GEERTZ, 1989, p.92).

Logo, o “povo de santo” no uso de seus elementos simbólicos, desde o uso da “roupa de santo”, os adereços simbólicos que a compõe, o toque dos instrumentos musicais, o “banho de ervas” para “purificação do corpo”, são formas dos fiéis se relacionarem com aquilo que creem atribuídos de valores condizentes àquilo que possibilita a aproximação com o que designam como sagrado, no caso, suas entidades, seus guias espirituais. O autor acrescenta,

Tais símbolos religiosos, dramatizados em rituais e relatados em mitos, parecem resumir de alguma maneira, pelo menos para aqueles que vibram com eles tudo que

se conhece sobre a forma como é o mundo, a qualidade de vida emocional que ele suporta e a maneira como deve comportar-se quem está nele (GEERTZ, 1989, p.92).

Como os elementos simbólicos são utilizados durante os rituais religiosos do terreiro. A forma como se usa o “banho de ervas”, a purificação do espaço com o “incenso”, o jeito certo de tocar o tambor, de dançar na “gira”, de cantar para as entidades espirituais. Tudo isso revela as emoções dos filhos de santo no contato com os espaços que subsidiam seus rituais.

Para isso, é importante atentar para o relato dos próprios filhos de santo, buscando entender em suas falas, como estes se relacionam com os espaços em que realizam seus rituais e como organizam o uso dos elementos simbólicos para concretizar seus feitos rituais na relação com os ambientes do terreiro. Sendo assim, procuro interpretar o significado dos símbolos contidos nesses espaços, saber dos filhos de santo como se relaciona com esses ambientes do terreiro, o valor e a importância deles para a realização dos rituais e que tipo de ritos é acionado de modo que se possa adentrar a esses espaços sagrados.

Segundo explica Da Matta (1979), existem determinados espaços construídos em nossa sociedade propensos a determinadas atividades que são específicas de cada um desses locais. O autor cita espaços designados para atividades corriqueiras, comuns ao cotidiano prático da vida, e aqueles que revelam a ordem do religioso, como construto propício à reverência aos deuses e entidades espirituais. Dentre esses espaços, cita o autor, encontram-se os terreiros onde são reverenciadas as entidades espirituais e existem modelos de comportamento propícios para entrar em contato com esses espíritos. “A reza, a festividade religiosa e o canto propiciatório coletivo são meios de se chegar até essas regiões superiores, ligando o aqui e agora com o além e o infinito” (DA MATTA, 1979, p. 73).

De acordo com o autor, o elemento da cantoria entre os fiéis ajuda na comunicação com os seres divinos, considerando que essa prática ritual ajuda nos pedidos voltados para que sejam concedidos aos fiéis que buscam nessa relação ao alcance de suas súplicas (DA MATTA, 1979). O autor ainda cita que na manutenção desse contato entre o homem e a entidade, existem meios que enaltecem um pedido, já que o uso de certos elementos facilita a comunicação com o mundo espiritual. Segundo o autor,

Tudo indica que o santo atende melhor e reconhece mais claramente o esforço dos mortais quando o pedido se faz de modo solene e respeitoso, com algum formalismo. As rezas e os pedidos, assim, “sobem” melhor quando há um sinal visível de comunicação com o alto; algo que cristalize essa ligação, como a fumaça do incenso ou as luzes das velas queimando... (DA MATTA, 1979, p. 74).

Dessa forma, a partir do uso da reza, das velas e incensos, dos ritos de purificação com o banho de ervas, todos realizados no espaço sagrado do terreiro, o filho de santo médium está

apto a entrar em contato com a espiritualidade que é intermediada com os espíritos ancestrais das entidades umbandistas.

Em se tratando da Umbanda presente, no Cantinho de Luz, enquanto religião não pode deixar de associá-la segundo a conceituação que Geertz (1989) faz quanto aos símbolos sagrados presentes em qualquer religião. Segundo o autor, esses símbolos servem para exprimir o *ethos* de um povo, seu tom e caráter, o estilo e a disposição moral e estética do grupo sendo expressos. Sendo assim, me refiro à umbanda, enquanto religião, a partir do conceito dado pelo autor, quando ele se refere à religião como:

Um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas (GEERTZ, 1989, p.67).

Além disso, nas minhas idas iniciais ao novo terreiro, observava atentamente a construção dos espaços que subsidiariam as atividades rituais, sendo construídos pelos próprios membros, no caso os filhos de santo e alguns parentes destes. Trabalhando dia e noite, sob sol e chuva, todos empreendidos em construir o tão almejado Cantinho de Luz, próximo das matas para absorção da energia da natureza, onde os orixás e as entidades umbandistas são localizados com maior facilidade. Localizado no bairro Bacurizeiro, zona rural do município de Altos, nesse novo espaço são realizados os rituais sem qualquer interferência do campo familiar, em que se localizaria apenas as atividades do âmbito sagrado<sup>17</sup>.

Para essa mudança de local se deve ao pai de santo não ter tido antes um espaço exclusivo que subsidiasse apenas suas práticas religiosas, e tendo comprado esse terreno, o certo seria construir um local unicamente para seus rituais, o que em sua antiga residência não acontecia, já que seu local de culto era uma extensão de sua residência familiar. O terreno atual que abriga o Cantinho de Luz, segundo relato dos próprios filhos de santo, é o local apropriado para a interconexão com as entidades cultuadas, tendo em vista que ao redor a mata preenche seu cenário, facilitando nesse contato com a natureza a proximidade dos espíritos ancestrais.

---

<sup>17</sup> Pai Joaquim me informou que suas práticas rituais, realizadas em sua antiga residência, acabavam sofrendo interferências pessoais, por ser uma extensão de sua casa. Agora, com uma construção arquitetônica para o terreiro, separado de sua casa familiar, ele explicou que os trabalhos rituais se tornam mais efetivos por não haver a mistura dessas relações.

Enquanto que a construção desse novo terreiro esteve associada à ordem de seu chefe espiritual, seu Manoel Légua de Bugi Buá da Trindade<sup>18</sup>, que almejava seu “cavalo” ter um terreiro exclusivo para as práticas rituais umbandistas. Segundo me informou o pai de santo, Seu Manoel Légua é o dono de cada tijolo implantado para construção não só do terreiro, como também de sua nova residência. Essa entidade espiritual, por meio de trabalhos rituais realizados, enquanto “incorporado” em seu “cavalo”, o pai de santo Joaquim, conseguiu arrecadar um valor em dinheiro significativo para a compra do terreno e construção do terreiro<sup>19</sup>. Esse pedido do “guia chefe” do terreiro, seu Manoel Légua, era antigo, conforme me explicou o pai de santo, pois existia o desejo dela, como também das demais entidades, de trabalharem em um recinto sagrado exclusivo para os rituais.

Sendo assim, o espaço físico do terreiro foi construído durante o ano de 2016 se estendendo até o início de 2017, quando pai Joaquim se mudou para esse novo endereço, passando a subsidiar seus rituais. Durante todo o empenho dos filhos de santo e parentes que o ajudariam na construção do terreiro, notava-se o contentamento com o dia de inauguração, onde agora teriam um espaço sagrado para realização de suas missões como filhos de santo. Aquele local seria o ponto de encontro entre eles e seus guias espirituais, sendo o local apropriado para a produção e disseminação do conhecimento umbandista.

Em se tratando do construto do terreiro nesse novo local, em uma conversa informal, o “contra chefe do terreiro”, Antônio Pereira da Silva Filho, 34 anos me falava sobre como se dá a permissão para a criação de um terreiro subsidiar seus rituais. Ele me informou que o terreiro, para antes do início de seus rituais, deveria passar por alguns ritos que vão de encontro a sua consagração. Esses ritos são práticas que tornam o terreiro permissível a revelar e interagir com as forças espirituais que o farão se desenvolver como um espaço sagrado. A primeira dessas etapas é o “encruzamento”. Segundo me informou o “contra chefe”, o “encruzamento” de um terreiro consiste em benzer cada uma das extremidades do terreiro, e isso é realizado com orações recitadas e o uso do “incenso” para defumar o espaço. Essa etapa deve ser realizada pelo pai de santo, com os filhos de santo presentes.

Depois desse primeiro momento de purificação do espaço do terreiro, chega o momento tão esperado do batismo do terreiro. Assim como os filhos de santo devem passar pelo ritual de batismo para conhecerem seus guias espirituais e serem iniciados na religião

---

<sup>18</sup> O pai de santo do terreiro foi batizado em sua crôa com a entidade seu Estêvão Légua. Entretanto, seu Manoel Légua de Bugi Buá da Trindade, que é o patriarca da família Légua é quem se responsabiliza pelos principais trabalhos rituais do Cantinho de Luz, estando o pai de santo trabalhando concomitantemente com as duas entidades espirituais.

<sup>19</sup> Segundo o pai de santo, muitos são os clientes que recorrem a essa entidade para resolução de problemas.

umbandista, o espaço do terreiro também deve ser batizado, só assim, explicou o contra chefe, o terreiro pode realizar suas tarefas rituais. Esse batismo é realizado a partir do uso de pontos firmados, orações e água benta que é devidamente jogada em todos os cantos do espaço de culto para livrar aquele ambiente das más energias.

Para afastar completamente essas más energias, o contra chefe me falou que todo pai de santo possui um “segredo”. Essa etapa somente o pai de santo e o contra chefe sabem, já que esse tal segredo é que assegura a boa execução dos rituais, protegem os filhos de santo de qualquer agrave em suas vidas, assim como serve de defesa contra os inimigos. No espaço do Cantinho de Luz, todas essas etapas funcionam em conjunto, não podendo se desfazer de nenhuma, já que, como me informou o “contra chefe”, somente assim é que os espaços do terreiro podem evoluir em seus rituais.

Com isso, passo agora a descrever detalhadamente os espaços que compõem o terreiro pesquisado. No que tange à estrutura do terreiro, este possui formato quadricular, e sua faixa também é quadrada, mas não possui nenhuma inscrição identitária de um terreiro de umbanda. O pai de santo me informou que a estrutura quadricular carrega a simbologia dos quatro elementos da natureza: terra, fogo, água e ar. Cada um desses elementos se encontra em uma extremidade do terreiro. Esses elementos ajudam nas práticas rituais do terreiro, pois, como ele informou, a terra é o sustento do terreiro, o espaço onde giram na dança sagrada, o chão que pisam descalço para sentirem melhor as energias e vibrações das entidades e dos orixás; o fogo, este está presente nas preces e orações do “povo de santo”, materializados nas velas que são acendidas, como “pontos de firmação” com os pedidos dos filhos de santo; a água está presente como alimento durante as práticas rituais, quando os filhos de santo exaustos, se deslocam até o exterior do espaço de culto para beber e molhar sua “crôa”; e, por fim, o ar, este em toda a atmosfera ritual, na respiração dos médiuns, na absorção do aroma do “banho de ervas” e a presença invisível das entidades, antes que se apossam dos corpos dos filhos de santo.



Figura 01- Interior do Centro Espírita Umbandista Cantinho de Luz.  
Fonte: acervo do autor.

Por isso, no Centro Espírita Umbandista Cantinho de Luz, o interior do terreiro é dividido em três compartimentos. O primeiro deles é o espaço de culto, onde se realizam os rituais nos dias de sábado, sendo um espaço razoavelmente pequeno e de uma simplicidade encantadora. Nas quatro extremidades das paredes, próximo ao teto, suspenso em prateleiras, encontram-se as esculturas de santos católicos: Nossa Senhora de Fátima, Nossa Senhora da Conceição, São Francisco de Assis e São Jorge. Ao redor desses santos, alguns arranjos florais davam maior encantamento para quem passava, olhava as imagens e se benzia. Como vi algumas pessoas fazendo isso, me dirigi às imagens sacras da mesma forma.

E remetendo a essas imagens de gesso esculpidas e se tornando parte do cenário do Cantinho de Luz, atrelando arte e religião, Vagner Gonçalves da Silva (2008) em sua análise sobre a arte religiosa afro-brasileira presente no candomblé e na umbanda ressalta que,

Na arte religiosa dos terreiros o continuum é mais amplo, pois os objetos litúrgicos (presentes, por exemplo, em altares como os pejis dos candomblés ou os congás da umbanda) podem derivar de uma influência da herança africana (como as esculturas em madeira de orixás, peças de barro, ferramentas de ferro forjado, vestimentas litúrgicas, etc., tal como encontramos sobretudo no modelo do candomblé) ou da tradição católica (imagens de santos, crucifixos etc. ao lado de imagens de orixás, tal como encontramos sobretudo na umbanda) (SILVA, 2008, p.98).



E na parede de frente para a entrada do terreiro, uma pequena coluna de cimento foi colocada no centro como uma espécie de altar onde são colocados alguns símbolos rituais como um sino e alguns pontos firmados. Ao lado desse pequeno altar, outro altar com uma pequena mesa de madeira com uma linda toalha de renda branca é colocada com as esculturas de Vó Candinha e seu Zé Pelintra e um arranjo de flores. Acima do altar, encontra-se um crucifixo com a imagem de Cristo, uma estrela do mar, fazendo referência às entidades do povo d'água e o certificado de que o terreiro é integrante do UCABEPI<sup>20</sup>.

Já, no disposto nas laterais se encontram as cadeiras de plásticos branca, servindo de assento para os filhos de santo e visitantes, as quais são retiradas assim que se dá início à gira. Nesse primeiro ambiente também se encontram os instrumentos musicais que se dividem em três tambores de madeira- um de porte grande e outros dois médios-, chocalhos e o triângulo. Quando adentrei nesse local, me chamou bastante atenção o teto, onde bandeirinhas de TNT de diversas cores enfeitavam esse espaço, deixando-o mais colorido e encantador. As tonalidade das paredes e do chão se dividem entre as cores branco, bege e verde. O verde pintado na parede central faz menção à cor que simboliza os caboclos indígenas cultuados nos rituais do terreiro.

Para o segundo compartimento se localiza na parte dos fundos do terreiro, que uma porta de alumínio dá acesso ao local, o qual os filhos de santo chamam de “Cantinho do seu Manoel”. Constantemente os filhos de santo costumam ir a esse local para rezar, acender uma vela, se curvar de joelhos diante as imagens dos santos e entidades, assim como pedir a bênção ao próprio Manoel Légua, quando esse incorpora no pai de santo.

E nesse espaço possui os “pontos de firmamento de oração” acendidos 24 horas por dia, sendo este local propício para buscar forças, fazer orações, como também é reservado para os atendimentos aos clientes de pai de santo, que o procuram para consultas durante a semana. Nesse segundo compartimento, um altar, mais amplo que o do primeiro compartimento, está montado em seu interior. O filho de santo, Moacir Odásio Carvalho, 31 anos me explicou que esse altar vem ainda do antigo espaço de culto de pai Joaquim, quando ele ainda morava em sua outra casa, no bairro Batalhão. O filho de santo me informou que quando o pai de santo muda de endereço, as entidades gostam que leve junto tudo aquilo que já compunha seu terreiro, para não perder a essência. Quando adentrei ao local, as paredes pintadas de amarelo, um terço de madeira tamanho grande, suspenso na parede, dividia

---

<sup>20</sup> União dos Cultos Afro-brasileiros do Estado do Piauí.

espaço com a escultura de uma estrela cadente de barro e um suporte contendo “colares de conta”<sup>21</sup>.



Figura 02- Altar com santos católicos e entidades umbandistas no segundo compartimento.  
Fonte: Acervo do autor

E do lado esquerdo para quem adentra a esse espaço, o altar montado possui uma infinidade de esculturas que se mesclam entre entidades e santos, em uma mesa de madeira, coberta com um pano branco. Dentre essas esculturas, de pequeno e médio porte, encontram-se Padre Cícero, São Sebastião, Nossa Senhora de Fátima, Miguel Arcanjo, São Jorge, pretos velhos, Iemanjá, família de Légua, caboclos e erês. Acima do altar, uma escultura do orixá Oxalá estende os braços como que dando boas vindas e proteção àqueles que ali se encontram. O filho de santo, Moacir Odásio, explicou-me que essa escultura fica acima do altar, devido ser Oxalá o criador de tudo, sendo superior aos santos e entidades que se encontram na mesa, protegendo a todos e dando permissão para que aqueles que se encontram abaixo dele possam exercer o dom da cura quando evocados pelos filhos de santo.

---

<sup>21</sup> Os colares de conta são usados com símbolos e cores que representam cada uma das sete linhas de entidades umbandistas.



Figura 03- Banhos, velas, incensos e cachaça.  
Fonte: acervo do autor.

No terceiro compartimento, ao lado do altar das esculturas, separados por uma portinha de madeira, uma salinha pequena guarda os elementos simbólicos que são utilizados nos rituais, como velas, das mais variadas cores- cada uma para uma atividade ritual específica-, incensos e “banho de ervas”, todos organizados em prateleiras de mármore, na parte superior. Na parte inferior, numa prateleira próxima ao chão, alguns objetos me chamaram atenção quando adentrei esse pequeno local com o pai de santo. Esses objetos se dividiam entre bonecos de brinquedo, bolas de plástico, cachimbos e sacos de fumo. Esse local é restrito de acesso, somente o pai de santo durante a realização dos rituais entregando a chave e pedindo para algum filho de santo da casa pegar algum material que por ventura tenha esquecido de pegar.

Na parte externa do Centro Cantinho de Luz, existe uma área arborizada, bem na entrada do terreiro, com algumas cadeiras estrategicamente colocadas para recepcionar os filhos de santo e visitantes antes de dar início aos rituais. Conversando com a filha de santo, Antônia Maria Bonfim da Silva, sobre o espaço do terreiro ela me convidou a me aproximar do pequeno altar que se localiza no primeiro compartimento, sendo esse o local usado para realização dos rituais. A filha de santo me descreveu aquele elemento simbólico da seguinte forma:

*Aqui é nosso altar, mas pai Joaquim vai aumenta-lo para colocar todas as imagens das entidades. Aqui não temos guma, por que o espaço é muito pequeno pra girar, mas a gente tem nosso altazinho. É nele que rezamos, fazemos nossas preces, e nos curvamos. Eu peço por mim e pela minha família aqui. Quando eu entro aqui e venho me benzer no altar eu já sinto a diferença, já sinto a energia renovada, entendeu? (Entrevista realizada com a filha de santo Antônia Maria Bonfim da Silva, em maio de 2017).*

Com essa fala, notei como o altar é revestido de respeitabilidade pela filha de santo e por todos os demais. O altar se localiza na parte interior do primeiro espaço de culto, e é sempre reverenciado pelos filhos de santo, alguns se curvando de joelhos, outros se benzendo e encostando uma das mãos nas imagens das entidades espirituais.

Sendo assim, todos os sábados, antes do início dos rituais, quem abre a porta de entrada do terreiro é o “contra chefe” de pai Joaquim, Antônio Pereira da Silva Filho, para que, em seguida, o pai de santo, em frente à porta, faça uma pequena oração pedindo permissão às entidades para dar execução aos rituais da noite. Pai Joaquim nessa ocasião estende seus braços em frente à porta, se ajoelha e se benze. Nessa primeira etapa de iniciação aos rituais, notei que essa expressão realizada é um ritual de entrada, onde são feitos os “benzimentos”, orações e a norma de adentrarem ao recinto enfileirados e descalços.

Essa saudação é feita pelo pai de santo e observada em silêncio por todos os filhos de santo, de modo que seja essa a maneira de todos se concentrarem, purificando mente e corpo para em seguida adentrarem ao espaço interior do terreiro. Cada um dos presentes reproduz o mesmo gesto do pai de santo, se curvando e se benzendo em frente à porta. A conexão com o espaço sagrado do terreiro só se efetiva quando o médium está concentrado, permitindo-se elevar o pensamento da mente em prol de realizar com destreza os rituais da noite. A preparação que se dá nesse compartimento é fundamentada nos preceitos religiosos repassados pelo pai de santo. Quando já localizados no interior, cada um dos filhos de santo se aproxima do pequeno altar, curva-se e se benze novamente, para em seguida se dirigir ao pai de santo, lhe pedindo a bênção, sendo essa uma forma de respeito pelo responsável pela condução dos rituais da noite.

Quando questionado sobre os ritos de purificação do espaço, pai Joaquim denomina um de seus filhos de santo “cambone” para se deslocar até o espaço exterior, pegar a comporta que carrega o incenso e entrega-lo em suas mãos. Pai Joaquim já com o objeto em mãos, me explicou que transita nos quatro extremos do terreiro, fazendo um movimento de cima para baixo liberando a fumaça do incenso, perpassando todo o ambiente para fazer a purificação do local que subsidiará os rituais logo mais. Depois disso, o pai de santo se dirige

a cada um dos presentes, filhos de santo e visitantes do terreiro, para fazer um ritual de purificação em cada um. Com o mesmo incenso, ele inicia com os homens para em seguida se deslocar até as mulheres. O ritual consiste em passar a fumaça do incenso ao redor do corpo, iniciando abaixo dos braços, depois entre as pernas, costas e finalizando acima da “crôa”, fazendo um movimento circular. A fumaça emanada, segundo me explicou o filho de santo Elismar Bezerra da Silva, de 31 anos, serve para purificar o corpo e a mente dos médiuns para realizar os rituais com força de vontade, sem receber qualquer influência negativa.

Em seguida, com todos os filhos de santo alocados em seus assentos, é dada a primeira parte dos trabalhos rituais, com o que eles denominam de “terço-rápido”. Nessa reza do terço, o espaço do terreiro é dividido entre homens e mulheres, dispostos de modo que os homens fiquem do lado direito e mulheres, no esquerdo. Nesse momento, as orações entoadas são o “Vinde Espírito Santo”, “Credo”, “Pai Nosso”, “Ave Maria” e “Salve Rainha”. Nesse momento do ritual, denominado de ritual de cerimônia, consigo ver o sentido de parceria e comunhão entre os membros do terreiro.

Como naquele momento estávamos todos no interior do primeiro e principal espaço do terreiro, o qual subsidia os rituais, logo fui questionando os filhos de santo sobre como entendiam aquele local, o que costumavam realizar naquele recinto, que tipo de comportamento e atitudes devem ser praticadas nesse contato com o ambiente religioso. Na fala da filha de santo, Ana Beatriz Viana, 26 anos, aquele era um espaço sagrado, pois

*Se você parar para ver, todos nós entramos descalços. A gente entra assim, por respeito aos orixás e às entidades, por que a gente pode ter maior contato com a energia deles. Nossa energia aumenta, as vibrações são positivas, por que aqui dentro é diferente da energia lá de fora. Aqui a gente tá protegido, por isso entramos descalços, para a gente puxar a energia do chão e sentir as vibrações aumentarem (Entrevista realizada com a filha de santo Ana Beatriz Viana, em 22 de setembro de 2018).*

Portanto, entendi com essa descrição do ato de adentrar ao recinto com pés descalços que essa é uma prática de respeito pelas entidades espirituais que, segundo os filhos de santo, encontram-se permanentemente no interior do espaço de culto, ao mesmo tempo que proporciona a cada um dos que entram nesse espaço, a experiência de sentir corporalmente uma vibração emanada do chão, onde os orixás e entidades se conectam e transmitem boas energias. O andar descalço no interior do terreiro tem a pretensão de conectar o filho de santo com as forças da terra. Os pés descalços também simbolizam a desvinculação com as energias que ficam impregnadas na sola dos calçados, de modo que se entre no terreiro isento de

energias negativas. Além disso, a filha de santo mencionou o respeito a esse espaço com outro ato que realizam comumente:

*Nós também saímos daqui de dentro virado de frente para o altar, isso é respeito ao sagrado. Assim como na Igreja Católica eu me benzo de frente para o altar quando já estou de saída, do mesmo jeito é no terreiro. Eu só saio de dentro do terreiro com o corpo virado de frente pro altar, esse é o meu adeus para as entidades (Entrevista realizada com a filha de santo Ana Beatriz Viana, em 22 de setembro de 2018).*

Essas primeiras impressões dos relatos da filha de santo, juntamente com esses atos rituais que acompanhei em todas as vezes que estive no terreiro, assim que os filhos de santo adentravam ou saíam do espaço de culto, notei que se trata de uma espécie de aliança com aquilo que eles mesmos definiam como uma relação de respeito e devoção ao sagrado. E o sagrado para eles se manifesta através das entidades espirituais que resguardam o espaço em que realizam suas rezas e rituais. Esses indícios confirmam a gratidão e o respeito que os filhos de santo têm com o espaço do terreiro: o entrar descalço e o sair de frente para o altar refletem a causa maior da devoção dos filhos de santo com seu espaço de culto.

Então, conversando com o pai de santo, ele me explicou que a posição de cada objeto no interior do espaço de culto do terreiro possui também um significado envolvendo energias espirituais que facilitam na hora da realização dos rituais. Em outro momento, estive com o “tambozeiro” do terreiro, Daniel Alves do Nascimento, 30 anos. Este me falava também sobre o posicionamento dos tambores na ala esquerda do espaço de culto. Nas palavras dele,

*A posição dos tambores está na esquerda, por que as correntes são puxadas da esquerda para direita. Gosto desse cantinho do segredo do terreiro, pois é aqui que tem o compromisso dos cantos para as entidades. É nesse lado aqui onde o sol se põe, onde o tambor toca durante a noite toda (Entrevista realizada com o tambozeiro Daniel Alves do Nascimento, em 22 de setembro de 2018).*

Dessa forma, a partir dessa fala do filho de santo e observando a composição do elemento simbólico do tambor, o qual possui grande influência na execução dos rituais no terreiro, pude perceber que esse elemento ritual modifica a relação de espacialidade que os filhos de santo têm com o ambiente do terreiro, pois com seu uso na ação ritual, o local é tomado por uma energia arrebatadora que estimula os corpos dos filhos de santo a interagirem, dançando ao som emanado por esse instrumento musical. Ou seja, pude entender que o elemento simbólico do tambor altera a ordem comportamental dos filhos de santo que, nos primeiros passos de rezas e orações mantêm um tipo de comportamento, e quando do início do toque do tambor, altera a fisionomia espacial do terreiro, observando os corpos dos

filhos de santo circularem pelo centro do espaço do terreiro. O “tambozeiro” Daniel Alves do Nascimento me explicou que para cada “ponto cantado”, existe um jeito de expressar o toque do tambor, e isso reflete diretamente na espacialidade do terreiro, devido à forma como os filhos de santo vão expressando jeitos diferentes de dançar. Além do “ponto cantado”, o “ponto de oração” é outro princípio de valor simbólico no contexto ritual.

Além disso, os “pontos de oração” firmados abaixo do altar do terreiro confirmam o significado simbólico que esse espaço carrega para os filhos de santo. Segundo o filho de santo, Moacir Odásio Carvalho, a energia de dentro do terreiro é uma, completamente diferente da energia do lado de fora. Ele me explicou que existe uma energia purificada dentro do terreiro, e essa energia é alimentada pelos “pontos firmados”, com o uso das velas, para as entidades espirituais. O “ponto firmado”, conforme explicitado na fala do filho de santo, é um elemento simbólico que expressa a devoção e ajuda na concentração do filho de santo na execução dos rituais e de seus pedidos direcionados às entidades. No Cantinho de Luz um ponto firmado é o acendimento de uma vela para uma entidade específica, sendo acendido pelo próprio filho de santo, o qual realiza o pedido no mesmo momento em que acende. As velas acendidas deixam os espaços e as pessoas que neles habitam protegidas de qualquer energia negativa.



Figura 04- Pai Joaquim acendendo vela no terreiro.  
Fonte: acervo do autor.

Portanto, a vela se configura como um elemento material e simbólico imprescindível para a manutenção dos rituais no terreiro, assim como de garantir que as preces sejam elevadas até às entidades, para que estas concedam as graças pedidas por seus devotos. Em outra ocasião, no sábado do dia 23 de dezembro de 2017, para fechamento de correntes<sup>22</sup>, uma vela amarela é entregue na mão de cada filho de santo. O pai de santo explica que cada um deve acender sua vela com a luz da vela da pessoa que estiver ao lado, para em seguida coloca-la no chão fazendo uma espécie de desenho em forma de cruz.

Sendo assim, os filhos de santo me explicaram que esse desenho riscado no chão, com a base da vela, é um sinal pedindo proteção a Deus para que os trabalhos rituais sejam realizados com sucesso, assim como um pedido de proteção pessoal, onde, no momento em que se faz o sinal com a vela, pode-se fazer uma oração de agradecimento por algo conquistado ou um pedido para alguma entidade em específico. A vela amarela nessa ocasião, informou-me a filha de santo, Ana Beatriz Viana, representa o ouro, no sentido de prosperar financeiramente na vida, assim como significa a luz do sol, pedindo às entidades iluminação em suas vidas. A vela se configura no espaço do terreiro como um elemento que facilita o contato estabelecido do filho de santo com sua entidade através das orações que são realizadas no momento em que a vela é acendida. Assim, quando do uso da vela nesse ritual, o fiel está realizando uma espécie de oração direcionada ao seu guia espiritual.

De acordo com Mauss (2001), quando um fiel elege uma oração, então ele simultaneamente age e pensa. Para Mauss (2001), a ação e o pensamento ocorrem unidos dentro de um acontecimento religioso. A oração exprime palavras ao mesmo tempo que aciona ideias e sentimentos, fazendo as pessoas que recitam as palavras também agirem. Segundo o autor,

*A oração é precisamente um desses fenômenos onde o rito se encontra unido à crença. Ela é cheia de sentidos, como mito; é frequentemente também rica em ideias e imagens da narrativa religiosa. Ela é cheia de força e eficácia como rito; é amiúde tão fortemente criadora como uma cerimônia simpática. Ao menos no princípio, quando concebida, não é nada cega; nunca consiste em qualquer coisa inativa. – Assim, um ritual de orações é uma totalidade, de onde se produzem os elementos míticos e rituais, necessários para compreendê-lo (MAUSS, 2001, p. 777).*

Com isso, a oração no seio do culto umbandista, recebe no corpo do adepto religioso sua menção, pois, quando recitada no terreiro, seja pelo “terço-rápido”, seja pelo “ponto cantado”, pois este também é uma oração. Orar em nome das entidades, clamando a elas pelos

---

<sup>22</sup> As correntes são as energias puras que fazem parte dos rituais umbandistas, e que os filhos de santo almejam conservá-las.



seus pedidos, é entender que isso gera um vínculo proximal com esses espíritos, os quais são os responsáveis por proporcionar aos filhos de santo momentos de paz interior e melhor controle sob as adversidades da vida.

Em uma conversa com os filhos de santo, Ana Beatriz Viana e Moacir Odásio Carvalho, os “pontos de firmamento de oração” não se restringem ao espaço do terreiro, mas devem se estender na residência de cada um, pois essa é uma forma de manter o vínculo com a entidade a todo instante da vida. A filha de santo, Ana Beatriz Viana, explicou-me que os “pontos de oração” são firmados 24 horas por dia em sua casa, acendendo velas para as “linhas” de entidades espirituais. Segundo a filha de santo, esses pontos firmados são necessários para que as entidades trabalhem em prol de realizarem os pedidos feitos pelos filhos de santo, assim como mantendo a chama da vela acesa, o filho de santo está sempre resguardado pela proteção espiritual desses espíritos. Segundo a filha de santo,

*O ponto firmado serve para a entidade de luz trabalhar ao nosso favor. Algumas pessoas não desenvolvem sua mediunidade no terreiro e nem alcança seus pedidos, por que acha que só ir no terreiro e baiar já é o suficiente. Não é assim não, por que tem que acender as velas pras entidades dentro de casa também, e não pode parar, por que só assim que a gente alcança nossos pedidos (Entrevista realizada com a filha de santo Ana Beatriz Viana, em 22 de fevereiro de 2018).*

Com esse diálogo que mantive com a filha de santo, compreendi que o firmamento das orações não consiste somente em entoar com palavras o contato com as entidades, mas o uso desses elementos materiais, como as velas, servem para materializar essa relação entre o filho de santo e suas entidades. Entendi também que o “ponto firmado” não se deve restringir apenas no espaço ritual do terreiro, mas deve seguir a premissa de acompanhar as orações no ambiente de casa, de cada um dos filhos de santo, sendo este um meio de estreitar os laços com as entidades e alcançar a proteção desses guias espirituais.



Figura 05- Pontos firmados para Caboclos e Povo D'água.  
Fonte: acervo do autor.

Conforme me informou o filho de santo, Moacir Odásio Carvalho, os “pontos firmados” alteram positivamente o espaço do terreiro, por que se torna um local de energia positiva que trará as entidades, durante o ritual, para realizarem seus feitos. Portanto, compreendo o uso dos “pontos firmados de oração” no interior do terreiro como um meio de manter o equilíbrio energético do espaço do terreiro, estando isento das energias funestas de espíritos obsessores. Os espaços do terreiro se revestem de uma áurea de proteção, subsidiada pelas entidades espirituais que os resguardam.



Figura 06- Ponto firmado para Pretos Velhos.  
Fonte: acervo do autor.

Além do uso dos “pontos de firmação”, o banho de ervas é utilizado no espaço do terreiro, guardado em um compartimento de vidro. A madrinha do terreiro Dona Luzia é a responsável por levar a cada filho de santo esse banho, o qual é borrifado nas mãos de cada sujeito, para que este friccione entre as mãos, passando em sua “crôa”, nos braços e também sinta o aroma aproximando as mãos das narinas.

Esse rito é um indício fundamental para o desenvolvimento satisfatório dos trabalhos rituais, servindo como um elemento de purificação da “crôa” do médium para que a entidade desça livremente, sem empecilhos. Além disso, o “banho” livra os filhos de santo de energias negativas, descarregando qualquer tipo de vibração energética que esteja prejudicando o filho de santo, fazendo com que seu desenvolvimento espiritual conflua com o almejado por todos.

A madrinha do terreiro, Dona Luzia Ferreira de Sousa, 57 anos, relatou-me que o uso constante do banho de ervas em cada ritual tem como função proteger o filho de santo dos “encostos” que por ventura tentarem se aproximar para prejudicá-los durante a execução do ritual. Dona Luzia explica da seguinte forma:

*Aqui é pra proteger a crôa do filho de santo. A gente usa esse banho de ervas pensando na proteção de cada um aqui e ajuda também na hora de incorporar as entidades, facilita demais com que elas venham. É cheiroso, o filho de santo sente o aroma e já vai expulsando as energias ruins de perto dele, daí pra frente é só coisa boa* (Entrevista realizada com a madrinha do terreiro, Luzia Ferreira de Sousa, em 22 de fevereiro de 2018).

Com essa afirmação de madrinha Luzia Ferreira de Sousa, chego ao entendimento que o banho de ervas utilizado antes da prática ritual da gira é utilizado para purificar a mente do filho de santo, que deve estar concentrado em seus afazeres rituais. O “banho de ervas” é um elemento simbólico imprescindível para o filho de santo absorver as energias boas, purificando a “crôa” do filho de santo e facilitando sua “incorporação”. O “banho de ervas” de que trata um desses ritos de purificação do filho de santo é por pai Joaquim da seguinte maneira:

*O que tem no banho de ervas é a energia para a áurea ficar pura. Esse banho a gente compra numa dessas casas de Umbanda. Um fraco pequeno desse contém várias ervas. A gente tem alfazema, alecrim, jardineira, arruda, laranjeira. Olha, o banho de ervas serve também para curar as pessoas no terreiro* (Entrevista realizada com pai de santo Joaquim em 17 de fevereiro de 2019).

Nesse espaço onde os rituais acontecem, o uso desses elementos simbólicos pressupõe que o contato com as entidades espirituais se firmarão logo mais. Sobre esse entrelace de elementos simbólicos presentes no fazer religioso umbandista, no qual me deparei em todas as vezes que visitei o campo de pesquisa, penso na seguinte citação para associar àquilo que marca o culto às entidades.

A Umbanda comunica-se, sobretudo, através de manifestações corporais, gestuais, vivenciais e artísticas. Apresenta-se em ações e mensagens embaladas pela corporalidade da música, da dança e pelo uso recorrente de metáforas poéticas que impacta vivencialmente os participantes. Não obstante seja imediato o impacto estético e sensorial dos seus ritos, a intencionalidade subjacente às ações, entretanto, quando se alcança, percebê-la, manifesta-se pelo encadeamento dos seus símbolos, que se revelam inteligíveis à medida que o interlocutor progressivamente se afina com sua linguagem e sistema simbólico e passa a ser capaz de “sentí-los” (PAGLIUSO e BAIRRÃO, 2010, p.200).

Assim, ao redor do espaço exterior do terreiro é preenchido por árvores, em especial se vê pitombeiras, pau d’arcos e carnaúbas, revelando a mata nativa que dá um cenário exuberante para esse lugar sagrado. Além disso, o chão é todo lajeado até o final da residência do pai de santo. Na lateral do terreiro e nos seus fundos, a laje serve para facilitar o percurso dos filhos de santo durante suas idas e vindas no espaço interno do terreiro. O espaço do

terreiro conta com uma construção feita de tijolos e telhas, com janelas ladrilhadas nas laterais, onde no canto direito, nas noites de ritual, pode-se ouvir o coaxar dos sapos e o cricrilar de grilos, dando uma sonoridade a mais ao terreiro, que durante todo o período do ritual se pode ouvi-los do lado de fora.

Esses espaços carregam um significado único para os filhos de santo, por que além de estarem ao redor das matas, respirando ar puro, com um clima mais ameno nas noites de ritual, também é o espaço onde costumam se reunir, conversar, interagirem entre si, criando dessa forma espaços de sociabilidades. Além de ser um espaço para cultuar suas divindades, percebi pela própria fala dos filhos de santo que ali se encontra um local onde podem fazer amizades, preparar e comer pratos típicos noite adentro, conversando amenidades e possibilitando o estreitar de laços no terreiro.

#### **2.4 O “paramento do médium”: “roupa de santo” e adereços simbólicos**

Por isso, a partir daqui faço uma descrição pormenorizada de alguns elementos simbólicos que fazem parte do figurino sagrado dos filhos de santo no terreiro. Elementos de suma importância para dar consistência e embasamento às práticas rituais realizadas, os adereços simbólicos usados pelos filhos de santo revelam sua identidade como parte integrante do povo de santo que cultua suas entidades espirituais. Esses elementos simbólicos que os filhos de santo vestem em seu corpo são definidos como parte de seu paramento sagrado, sendo de extremo valor para seu desenvolvimento na espiritualidade da religião umbandista, ou seja, usar a “roupa de santo”, a “faixa do médium”, o “encruzo”, “terço-guia”, “colares de conta” e o “anel de amor de mãe” são símbolos que fomentam o filho de santo a se tornar um membro integrante dos rituais no terreiro, contendo uma função específica para cada um desses elementos.

Os filhos de santo carregam em seus corpos elementos simbólicos que coadunam com as pretensões envolvidas no fazer ritual, sendo parte daquilo que eles chamam de “paramento do médium”. Todos os filhos de santo, ao longo de minhas idas ao terreiro, quando os via trocar a vestimenta do dia a dia pela roupa de santo, de cor branca, detinham em suas mãos alguns elementos simbólicos. Adentrando ao espaço interior de culto, os filhos de santo carregavam em suas mãos as “armas do médium”, que são o “terço-guia”, o “colar de contas” e o “encruzo”. Esses adereços são parte do “paramento do médium” e carregam um significado simbólico de proteção.

E para cada um desses elementos possui uma função específica, estando pautado no

significado religioso que a Umbanda prega desde seu batismo até o percurso para o desenvolvimento no terreiro: o da caridade, de ajudar, de amparar não só a si, mas ao irmão próximo, assim como o uso desses elementos propicia a interação do filho de santo com seus guias espirituais. Quando os filhos de santo adentram ao espaço do primeiro compartimento do terreiro, já estão todos devidamente vestidos com suas roupas de santo na cor branca.

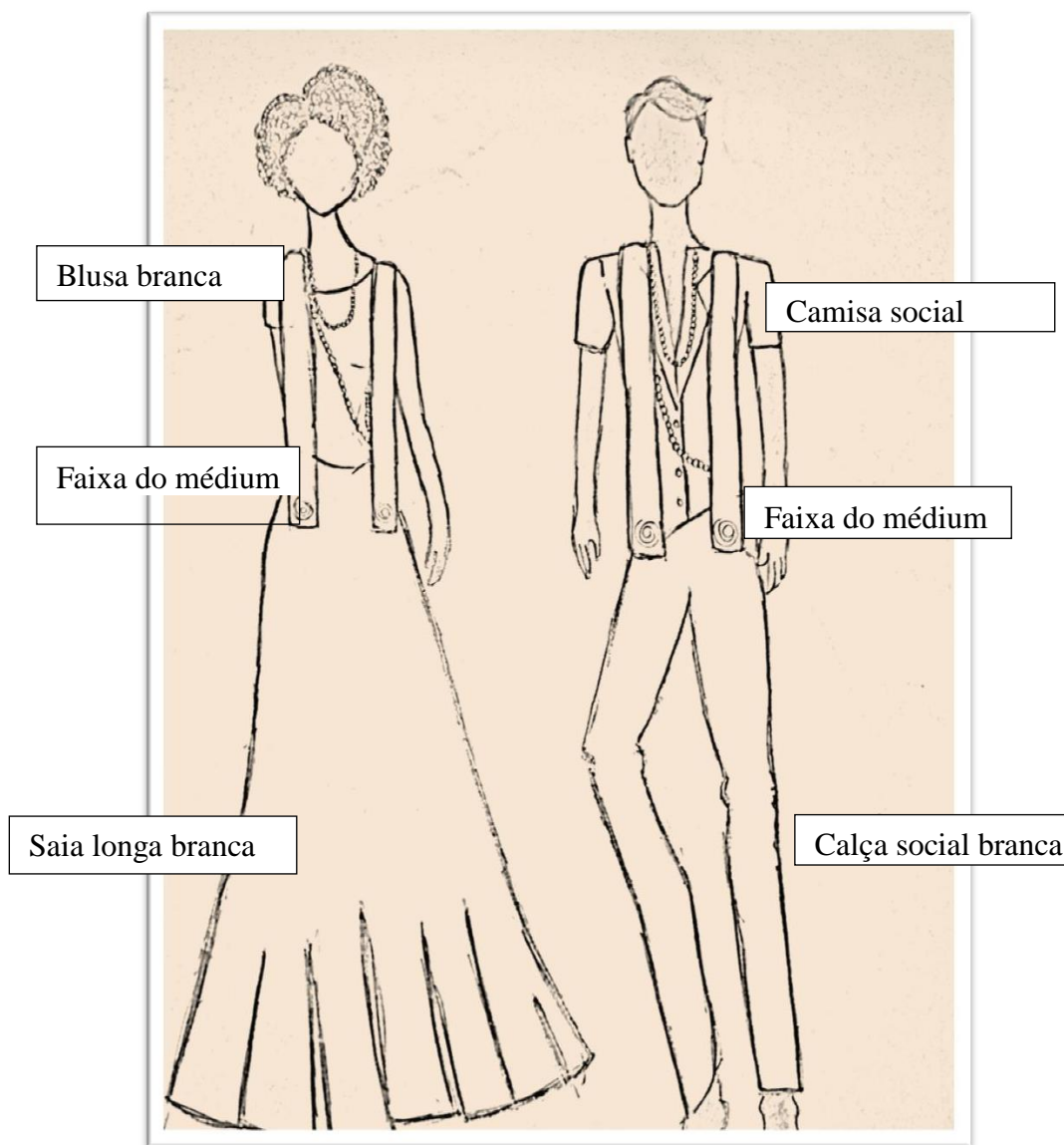


Figura 07- Croqui da roupa de santo feminina e masculina do Cantinho de Luz.  
Fonte: acervo do autor.

Em uma noite de sábado no mês de outubro, do ano de 2018, os filhos de santo já se deslocavam do segundo compartimento do terreiro, onde costumam trocar suas vestimentas mundanas pelas “roupas de santo”. Um dos elementos relatados acima que me chamou atenção da forma como se coloca no corpo é o encruzo. De cor branca, o “encruzo” é colocado na diagonal entre o ombro e a cintura do filho de santo. Pai Joaquim me afirmou que



o certo é usar dois “encruzos”, um do lado direito, outro do esquerdo para formar um “X” no peito, como uma forma de proteção contra as energias negativas durante a realização dos rituais.

E outro desses elementos imprescindíveis para uso do filho de santo no fazer ritual do terreiro é o que eles denominam de “terço-guia”. A forma como cada um desses adereços é colocado no corpo, às vezes pedindo ajuda ao irmão do lado para colocar de maneira adequada esses elementos simbólicos, demonstra o cuidado e primazia com que os filhos de santo têm com esses instrumentos de fé utilizados no corpo. O pai de santo nessa noite não realizou a gira de desenvolvimento espiritual, tirando a noite para transmitir um pouco de conhecimento da religião a seus filhos de santo, além de fazer a habitual reza do terço. Todos em seus assentos, com o pai de santo explicando a função do terço-guia para os filhos de santo, ele levanta esse elemento apontando que cada um dos pequenos elementos que contêm no “terço-guia” é um orixá que ali é representado. O “terço-guia missionário”, como é chamado agora, é parte do paramento do filho de santo, mostrando através de seu uso no terreiro, que aquele indivíduo tem compromisso com a religião a que está inserido, assim como demonstra que possui uma missão que se estenderá por toda sua vida. O filho de santo, Moacir Odásio Carvalho, de 31 anos me informou que o terço-guia utilizado também serve de defesa durante os rituais, para que nenhuma energia negativa interrompa a meta de concentração do médium.



Figura 8- Faixa e colares de conta  
Fonte: acervo do autor.

Logo após essa primeira explanação de pai Joaquim, o próximo elemento em pauta foi a faixa do médium, chamada pelos filhos de santo de “espada do médium”. Essa é uma das grandes protagonistas no precioso fazer ritual do Cantinho de Luz, sendo utilizada em muitos momentos do início ao fim das noites de ritual, servindo principalmente como no observado no terreiro, de elemento para estabelecer o passe de cura<sup>23</sup> espiritual nos filhos de santo. Em uma conversa com pai Joaquim, o filho de santo Moacir Odásio e a filha de santo Ana Beatriz, estes me falavam sobre como a faixa deve ser preparada pelo filho de santo médium em casa, para então ser usada no terreiro nos dias de sábado.

Segundo os filhos de santo, o cuidado que devem ter com a faixa do médium é de extrema cautela em todos os quesitos, desde a hora de lavá-la até o momento de usá-la no contexto ritual do terreiro. O filho de santo Moacir Odásio me falou sobre essa preocupação que o médium deve ter com sua faixa:

*A faixa que a gente usa aqui no terreiro, ela deve ser muito bem tratada, sabia? A gente não deve por ela pra ser lavada com outras peças de roupa ou com o mesmo sabão. Tem que ser uma hora pra lavar só ela e deixar ela exposta na claridade do sol por um bom tempo para absorver boas energias. A nossa faixa é batizada e também é sempre defumada no terreiro, pra gente poder usar ela purificada, por que é ela que dá a maior proteção na hora da gira (Entrevista realizada com o filho de santo Moacir Odásio, em 22 de outubro de 2018).*

Por meio desse diálogo com os filhos de santo, e nessa fala específica do filho de santo, Moacir Odásio, compreendi o valor e significado que a faixa possui como parte da indumentária sagrada, a qual conta com esses elementos simbólicos que são usados desde o período do batismo do filho de santo no terreiro até o momento em que ele se torna parte do processo de elaboração dos rituais utilizando desse elemento para manutenção de sua força espiritual e do amparo a seu irmão de fé, quando da realização de um passe de cura. Nessa fala entendi que a faixa é mantida no corpo do sujeito para que ele tenha uma espécie de escudo que o protege de toda e qualquer energia negativa que por ventura deseje desvirtuá-lo das práticas rituais no terreiro. O último adereço colocado pelo filho de santo é a faixa. A filha de santo Antônia Maria Bonfim explicou que a faixa é utilizada para “fechar com chave de ouro a nossa proteção com as energias que vamos mexer durante o ritual”.

E que cada um desses elementos simbólicos possui uma função e não podem ser vistos de maneira isolada, como me explicou a filha de santo, Ana Beatriz. A filha de santo me disse que todos esses instrumentos rituais são vistos em conjunto, pensados de maneira integrada, de modo que funcionem no ritual. Quando da troca da vestimenta, os filhos de santo começam colocando a roupa de santo, logo depois vem o “encruzo”, o “terço-guia” e finalizam com a

---

<sup>23</sup> Sobre o passe de cura, consultar o capítulo 02 dessa dissertação.



“faixa do médium”. Observei que no terreiro pesquisado, mesmo com a fala de pai Joaquim sobre a importância de usar um encruzo para o lado direito e outro para o esquerdo, todos os filhos de santo usam apenas um encruzo. Todos esses elementos simbólicos devidamente utilizados possuem a função de integrar o filho de santo na elaboração do fazer ritual.

Sendo assim, no caso da vestimenta e dos adereços simbólicos que a compõe, cada filho de santo sabe da obrigação e função de cada elemento simbólico para participar do ritual, entendendo que na ausência de qualquer um deles, o desenvolvimento espiritual estará comprometido. O pai de santo em todo encontro realizado aos sábados costuma repassar a importância desses elementos simbólicos, apontando o uso de cada um, como deve ser utilizado juntamente com a roupa branca, explicando que esses símbolos são como “armas de proteção” para que o médium consiga se defender das más energias, assim como absorver os bons fluidos que pairam durante a execução dos rituais.

## **2.5 Filhos de santo e suas funções no fazer ritual**

Para isso, o Centro Espírita Umbandista conta hoje com dezessete filhas e filhos de santo, em sua maior parte sendo mulheres, que se dividem entre aqueles que incorporam as entidades espirituais e os da assistência, chamados respectivamente de médiuns e “cambones”. No caso dos filhos de santo médiuns, estes têm a incumbência de passar pelo processo de incorporação das entidades espirituais, sendo constantemente desenvolvido durante a realização dos rituais. Já os “cambones”, responsabilizam-se pelo amparo ao filho de santo que se encontra incorporado, observando e cuidando para que o processo se dê de maneira satisfatória.

Esses filhos de santo são de idades variadas, indo desde adolescentes até idosos, mas todos seguindo o mesmo ritmo de empolgação e envolvimento nas tarefas rituais estabelecidas pelo pai de santo Joaquim. Essas tarefas presentes no terreiro, e divididas segundo a função de cada filho de santo, expressam-se nas danças, na música, no canto, nas festas do terreiro, como também durante os tratamentos espirituais individualizados, presididos pelo pai de santo e seus contra chefes. Além das funções referidas, há também espaço para os contra chefes, a madrinha do terreiro e o “tambozeiro” exercerem suas atividades que são imprescindíveis na execução dos rituais. A seguir, faço um relato sobre cada uma dessas funções no terreiro, e como a ordem e a junção de todas elas faz o ritual atingir sua meta, beneficiando a todos os envolvidos em sua elaboração.

Mais uma vez dispostos no terreiro, encontram-se os filhos de santo, cada um

posicionado em um assento no terreiro. Na minha chegada, observava como cada um se posicionava estrategicamente em um lugar específico. Atentei para o posicionamento de pai Joaquim, próximo ao altar, e ao lado dele, a madrinha do terreiro, dona Luzia Ferreira de Sousa, à esquerda, e o “contra chefe”, Antônio Pereira da Silva Filho, à direita. Em uma conversa informal com o contra chefe Antônio Pereira da Silva Filho, conhecido no terreiro como “cumpade” Júnior, este me informou sobre a sua função como “contra chefe” no terreiro. Disse ele que:

*O contra chefe sou eu. Eu que fico observando as energias negativas no terreiro, entendeu? Eu tô sempre alerta pra não deixar nada de ruim atingir o terreiro na hora da gira. Eu também ajudo o padrinho a puxar os pontos cantados. Se ele se ausentar em algum momento, aí eu entro, assumo o posto dele pra gira não parar. Eu também ajudo nos tratamentos espirituais, ele sempre me põe pra descarregar as energias ruins dos filhos de santo da casa, então esse é meu papel. Olha, na hora do passe de cura, eu tenho que com os pontos cantados, trazer energia positiva para os médiuns (Entrevista realizada com contra chefe Júnior, 29 de janeiro de 2018).*

Então, a partir do relato do “contra chefe”, pude perceber que há um elo de confiança e cumplicidade muito grande, entre o pai de santo e seu “contra chefe”. Esta função, designada aos dois, se cumpre no apoio que deve na relação com o pai de santo, tendo em vista que esse deposita extrema confiança quando realiza seus rituais, tendo no “contra chefe” seu suporte principal para enfrentar as energias dos espíritos obsessores, assim como na manutenção dos cânticos durante a gira, assim como no amparo aos filhos de santo médiuns, durante seus tratamentos de cura<sup>24</sup>. O “contra chefe” no Cantinho de Luz se reveste de bons pensamentos para atrair boas energias para o terreiro, limpando o corpo e a mente de cada um dos presentes, incluindo filhos de santo e visitantes. Essa função consiste numa espécie de monitoramento durante a realização dos rituais, para que nenhuma energia funesta chegue a desvirtuar as boas intenções na execução dos trabalhos nas noites de ritual.

Além dessa função, existe o filho de santo responsável por embalar as noites rituais de sábado com o uso frenético e envolvente do batuque dos tambores. Para o “tambozeiro” exercer sua tarefa no terreiro, algumas vezes é colocado um assento para ele, já que a noite é longa e o cansaço logo chega. Também para a execução de seu trabalho, é colocado um apoio na parte de baixo do tambor, de modo que esse fique inclinado e o filho de santo consiga extrair melhor sonoridade do instrumento musical. Depois de finalizado o toque e das demais atividades ritualísticas, os tambores são cobertos com alguns panos decorados e por cima são

---

<sup>24</sup> Sobre os tratamentos de cura realizados no terreiro, consultar capítulo 02 dessa dissertação.

colocadas as velas e os aromatizantes para as próximas reuniões no terreiro.

Quando conversei com o filho de santo, Daniel Alves do Nascimento, de 30 anos que é o responsável por percorrer toda a noite ritual tocando os tambores, o qual me afirmou que a experiência na prática do toque do instrumento musical perpassa por toda a sua trajetória de vida:

*A questão de tocar tambor, eu comecei com 13 anos, quando eu era capoeirista. Agora, tocar em terreiro de umbanda eu tinha medo e desse medo, eu um dia conheci o pai de santo Joaquim, e olha só onde estou hoje, estou entre eles. Fui também desenvolvendo a mediunidade, por que eu sou médium. E tocar tambor pra eles é diferente, por que tô tocando pra gente incorporada por espíritos. Eu tocava para gente vivo, agora eu toco para espíritos e é bem diferente. E a batida do tambor é a mesma para todos os pontos cantados, mas o ritmo é diferente, por que depende muito da agitação que o pessoal está no momento. E o axé na capoeira, que é a alegria de tocar, eu também sinto na Umbanda. A Umbanda tem esse axé, que é o prazer de tocar, toco com carinho pra eles, pra ficar bonito (Entrevista realizada com o tambozeiro Daniel Alves do Nascimento, em maio de 2018).*

E nessa fala do “tambozeiro” atentei para a sua trajetória de vida, o qual disse ter sido capoeirista e hoje umbandista. Entendi na sua fala a presença do “axé” na umbanda do Cantinho de Luz, a alegria que se torna presente, a partir do batuque do tambor nas noites de ritual. Essa função no terreiro, presidida por Daniel Alves do Nascimento é imprescindível para as práticas rituais que envolvem o uso dos “pontos cantados” e das danças na “gira”. Para que o tambor alcance a sonoridade almejada, Daniel é o responsável por aquecer o tambor nos fundos do terreiro com uma fogueira montada exclusivamente para que esse instrumento fique durante um determinado tempo em aquecimento, para trazer uma melhor sonoridade na hora de seu toque. Para ser “tambozeiro” de um terreiro, não há necessidade de se tornar filho de santo, já que essa função é artística, sendo pago com dinheiro ou com presentes.

E conversando com o “contra chefe” Antônio Pereira da Silva Filho, 34 anos, ele me explicava a sensação que sente quando se encontra na gira e escuta atentamente o toque do tambor:

*Quando a gente tá rodando e a gente escuta as batidas do tambor, ali a gente já fica é recebendo a energia do tambor. O tambor é tocado e a gente escuta o toque em todo canto do terreiro, faz a gente se arrepiar e dançar com prazer. Aquele som que vem dele faz a gente ir pra outro mundo, sabe? É como se eu sáísse dali e esquecesse meus problemas e fosse pra outro canto e aquilo dá um prazer muito grande (Entrevista realizada com o contra chefe Antônio Pereira da Silva Filho, em maio de 2018).*

Logo, em minhas idas ao terreiro, procurava sempre me aproximar dos filhos de santo, buscando entender suas funções no fazer ritual, pois sabia, pela forma como pai Joaquim falava em seus discursos, que cada um ali era importante para a manutenção dos rituais e que a umbanda existia enquanto uma religião de cooperatividade, de união entre seus membros.

Pai Joaquim sempre deixou claro o valor de cada um dos filhos de santo presentes, importando a ele essa união e busca incessante de aperfeiçoamento espiritual, através das atividades rituais realizadas no terreiro. Ali, naquele ambiente pequeno, simples e bastante acolhedor, cada um dos filhos de santo vivenciam a umbanda do Cantinho de Luz com todo o seu empenho e paixão. Era nítido enxergar isso nos olhos dos filhos de santo que estavam sempre atentos ao dito e pedido pelo pai de santo.

Além disso, no caso dos filhos de santo “cambones”, estes, como relatado acima, ficam sob a responsabilidade de zelar pela integridade física dos filhos de santo médiuns que incorporam as entidades espirituais. Na ocasião da “gira” de “desenvolvimento mediúnico”, os filhos de santo se encontram em seu movimento circular, caminhando ou dançando ao som dos tambores e dos pontos cantados, ali também se encontram os “cambones” responsáveis pelo zelo e ordem da “gira”, cuidando para que os filhos de santo médiuns detivessem uma boa “incorporação” das entidades.

Em um sábado de ritual, no mês de junho de 2018, estando presentes dez filhos de santo- quatro homens e seis mulheres-, mais o “tambozeiro”, um dos “contra chefes”, a “madrinha do terreiro” e o próprio pai de santo, cheguei cumprimentando a todos, para logo mais abrirem espaço para o ritual de “gira”. Já se formava a roda de pessoas no centro do terreiro, e nesse momento um filho de santo se deslocou de seu posto na roda, puxando uma cadeira para mim. Fiquei ao lado da gira, observando atento aos filhos de santo girarem no espaço de culto. Naquele momento da “gira”, onde todos aplaudiam e saudavam com o canto às entidades homenageadas, atentei para uma filha de santo prestes a incorporar uma preta velha. Me aproximei da “gira”, fui até lá participar da roda de dança, já era um desejo meu de muito tempo e com os filhos de santo cantando em voz uníssona e o estímulo dos aplausos, resolvi me deslocar até o centro do terreiro e participar daquele ritual.

Quando entrei na roda da “gira”, aquela filha de santo parecia perder o equilíbrio, fechava os olhos, colocava a mão sob a fronte e parecia sentir uma tontura. Naquele momento notei que um filho de santo se aproximava dela e estendia as mãos em sua direção. Quando a entidade da preta velha desceu em sua “crôa”, logo começou a girar, e o filho de santo ficou ao seu lado em todo o momento, cuidando para que aquele processo de “incorporação” se desse de maneira satisfatória. Entendi naquela ocasião a função de “cambone” do filho de santo, o qual tem sob responsabilidade zelar pela filha de santo durante o processo de incorporação. Ele segurava firme na mão da filha de santo incorporada, e por fim, quando a entidade foi suspendida, ofereceu um copo com água para a filha de santo.

No entanto, o filho de santo “cambone” não incorpora as entidades espirituais, no

entanto, sua função é exercer a assistência e amparo àqueles que passam pelo processo de “incorporação” dos espíritos, durante a realização dos rituais. Alguns filhos de santo “cambones” estão a postos durante a circularidade da “gira”, observando, sempre atentos, àqueles filhos de santo que incorporam, pretendendo cuidar para que o processo de incorporação das entidades não se dê de maneira tão dolorosa. Em uma conversa informal com o filho de santo, Moacir Odásio Carvalho, 31 anos esse me explicava sobre a sua função de “cambone” no terreiro:

*O que eu faço é dar cachaça pras entidades quando elas chegam no terreiro. Eu dou a cachaça, acendo o cigarro delas, por que elas vêm pra usar disso e minha função é agradá-las. Se a entidade vem dar um conselho e auxiliar uma pessoa no terreiro, eu pego um papel e uma caneta pra anotar alguma receita que a entidade vai passar pra pessoa, se é pra comprar vela, se é pra anotar uma oração ou se é tratamento com erva, eu tô ali pra ajudar, eu que faço a ponte (Entrevista realizada com o filho de santo Moacir Odásio Carvalho, em 15 de junho de 2018).*

No Centro Espírita Umbandista Cantinho de Luz, as funções dos filhos de santo se diversificam, indo de acordo com o consenso do pai de santo Joaquim para que as noites de ritual sejam satisfatórias para todos os presentes no terreiro. No que concerne aos filhos de santo médiuns, esses me informaram que estando na “gira” devem se concentrar o máximo possível, afastando os pensamentos negativos, anulando os problemas pessoais e embarcando no hemisfério do ritual para o recebimento das entidades em seus corpos, pelo processo de “incorporação”.

Por isso, todos os filhos de santo, de acordo com sua disponibilidade em frequentar os rituais, participam tendo alguma incumbência, seja “puxando” os “pontos cantados” com o pai de santo, ou dançando, tocando os instrumentos musicais ou mesmo servindo de apoio para colocar a bebida no copo para as entidades, quando descem no “cavalo”. O filho de santo, Moacir Odásio Carvalho, explicou-me que o termo “cavalo” é usado mais comumente pela “linha” de entidades da “esquerda”, significando com isso que o filho de santo pode suportar tudo durante a incorporação. Já no caso das entidades da linha de “direita”, o termo utilizado é “aparelho”. Mas para que isso aconteça, cada indivíduo presente no terreiro deve passar pelo processo de iniciação na religião, onde consiste em alguns ritos como o do batismo. No batismo, por exemplo, é o rito em que o filho de santo conhecerá a entidade que rege sua “crôa”, sendo guiado por toda a vida por esse espírito divino.

Sendo assim, cada filho de santo tem sua função e é necessário que a realize com empenho e comprometimento para que a ordem se faça presente nos rituais realizados no terreiro. Sendo “cambone”, “médium”, “contra chefe” ou “madrinha do terreiro”, essas

funções são interdependentes, gerando uma relação de cooperação em prol do objetivo de se comunicar com o “plano astral superior” das entidades espirituais cultuadas. Seja qual for a função que o filho de santo exerça no terreiro, ele tem por incumbência servir ao próximo, cuidar para que todos os rituais sejam realizados com sucesso.

## 2.6 Os “guias espirituais”

Em *As Formas Elementares da Vida Religiosa*, Durkheim (1996), fala sobre o termo “ser espiritual” para as divindades que são cultuadas em ritos, sendo denominadas dessa forma as mais variadas espécies de espíritos que não se restringem à concepção de deuses. A religião, de acordo com o autor, deve estar associada à crença em espíritos que detêm poderes reconhecidamente superiores aos dos homens que lhe são devotos (DURKHEIM, 1996).

Então, não diferente disso, a umbanda presente no Cantinho de Luz é precedida pelo acervo mitológico de entidades espirituais que conduz e propaga experiências transcendentais na vida dos filhos de santo. Para Durkheim (1996), o termo “ser espiritual” é mais amplo e se refere às divindades cultuadas nos mais diferentes ritos realizados por grupos religiosos de toda ordem. A religião, na concepção durkheimiana é explicada como pertencente a um número de crenças e valores que se refere a espíritos cultuados tendo esses espíritos poderes superiores ao dos homens que lhe é devoto.

Por isso, o autor ressalta a forma como os homens se relacionam com tais espíritos, de modo que se saiba como abordá-los, permitindo que se comovam com as súplicas de seus devotos, intercedendo a seu favor. Segundo Durkheim (1996), os espíritos atendem aos sujeitos por meio de “palavras (invocações, preces), seja por oferendas e sacrifícios” (DURKHEIM, 1996, p.12), estabelecendo com isso um elo entre devotos e entidades espirituais.

Enquanto, no terreiro pesquisado, a formulação da crença nas entidades é transmitida pelos ensinamentos do pai de santo, durante seus encontros, onde os filhos de santo compreendem o intuito principal de reverenciarem as entidades espirituais que regem o terreiro. Compartilhando dos mesmo valores, cada membro do terreiro se vê agora como parte de um todo, de um ambiente coletivo que partilha da mesma fé, atribuída de caráter fundamental para manutenção dos bens provindos desses espíritos ancestrais, cultuados durante os rituais. “Cada grupo homogêneo de coisas sagradas, ou mesmo cada coisa sagrada de alguma importância, constitui um centro organizador em torno do qual gravita um grupo de crenças e de ritos, um culto particular” (DURKHEIM, 1996, p. 25).

De acordo com Reginaldo Prandi (1990), a Umbanda compõe em seus cultos a presença confirmada das entidades caboclas, boiadeiros, pretos velhos, erês, ciganos, exus e pombas giras. Esses são espíritos que, mesmo marginalizados, são considerados detentores de um poder que funciona em sua prática nos rituais umbandistas, a qual sua tarefa espiritual consiste no amparo e desvelo para felicidade de todos aqueles que possuem pesares na vida, e recorrem aos terreiros em busca do auxílio desses espíritos.

Quando o autor explica que é pela caridade que essas entidades espirituais se fazem presentes na religião da umbanda. Isso se dá principalmente durante a “metamorfose ritual em que o sacerdote iniciado abandona seu papel de mortal para dar lugar à personalidade dos encantados e dos espíritos” (PRANDI, 1990, p.55).

Esse item propõe analisar as funções das entidades espirituais nos rituais e nas vidas dos filhos de santo que lhes são devotos no Cantinho de Luz. Proponho colocar em discussão os saberes que são constituídos a partir do contato que se estabelece entre os filhos de santo e seus guias espirituais, produzindo assim o conhecimento religioso umbandista.

Conforme, as entidades umbandistas cultuadas no Cantinho de Luz perpassam pelo contato do pai de santo no terreiro, permitindo que esses espíritos se manifestem e tragam junto de si aquilo que define cada uma das “linhas” de entidades presentes no ritual. Esses espíritos cultuados no terreiro pesquisado são divididos por linhas e cada uma delas possui uma função específica na boa manutenção dos trabalhos e atividades rituais. Dentro dessas linhas de entidades, entram a linha de pretos velhos, caboclos, erês, povo d’água, família de Léguas, exus e pomba giras. No terreiro de pai Joaquim esses espíritos se manifestam através de seus “cavalos” ou “aparelhos”, no caso os médiuns que incorporam essas entidades, possibilitando uma aproximação com o “plano espiritual”. Fora da realização dos rituais, esses espíritos ancestrais aconselham, orientam, acalentam a alma dos corações aflitos, dando consolo e afeto aos umbandistas e visitantes que os busquem.

Logo, percebi ao longo das minhas idas ao terreiro que os filhos de santo em meio a suas conversas costumam se referir às entidades a partir de uma divisão entre espíritos da “esquerda” e “direita”. Essa separação também é refletida no momento em que a “gira” é apresentada no espaço de culto, de maneira que os pretos velhos, caboclos, erês, Léguas e Povo D’água são cultuados na primeira etapa, para em seguida cultuarem a “linha de esquerda”, composta pelas deslumbrantes Pombas giras e os misteriosos Exus. Os espíritos da “esquerda” são vistos com muita devoção entre os filhos de santo, tendo em vista que quando dançam e cantam e essas entidades surgem “incorporadas”, todos no terreiro se animam e festejam a chegada deles.

De acordo com Maria Helena Concione (2011), na Umbanda existem sete linhas de entidades que se desdobram em sete falanges, dividem-se em entidades individualizadas, as quais se flexibilizam em inúmeras personagens que vão desde os caboclos, pretos velhos até boiadeiros, ciganos e exus. Segundo a autora, esses espíritos fazem alusão à realidade nacional brasileira, buscando nas figuras do cotidiano a construção de símbolos de culto nos rituais.

Essas entidades espirituais possuem seus próprios pontos cantados, suas danças e modelos de tocar os instrumentos musicais. Dentro do elaborado calendário de festas do terreiro, cada linha de entidades homenageada possui um dia específico no ano e um modo particular de apresentar a festa. Na festa de preto velho, por exemplo, as mil ave-marias e a cor branca da decoração predominam na noite de consagração a essas entidades. No caso dos caboclos, o verde decora o terreiro, com imagens que remetem a essas entidades indígenas; na festa de São Cosme e Damião, os erês são homenageados com as cores azuis e rosas, com direito a bolo, pirulitos e balas para usufruto desses espíritos e das crianças que visita o terreiro no dia dessa festa; no aniversário de pai Joaquim, a festa celebrada faz menção ao patriarca da família de Légua, o guia chefe do terreiro, seu Manoel Légua; e por fim, os exus e pombas giras com as cores preto e vermelho decorando todo o terreiro, além de muitas bebidas e cigarros e uma dança sensual e provocante que atrai a atenção de todos<sup>25</sup>.

Portanto, a partir da influência espiritual dessas entidades e na produção de saberes na relação que se estabelece com os filhos de santo, faço uma análise de cada uma dessas linhas de espíritos encontrando na fala dos filhos de santo as funções designadas para essas entidades, sua importância para manutenção dos rituais e o contato e relação que se estabelece entre filho de santo e guia espiritual. Além disso, busco me aproximar das próprias entidades, enquanto incorporadas nos filhos de santo, para saber delas que tipo de relações constroem com aqueles que lhes dedicam afeto e devoção.

### 2.6.1 Pretos velhos: afeto e amor

Assim, era um entardecer de um dia de sábado, no mês de maio de 2017, quando cheguei ao terreiro alguns filhos de santo estavam acomodados em uns assentos próximos à entrada do espaço que realizaria logo mais os rituais. Como já era de costume, acenaram com a mão já puxando uma cadeira dessas de plástico na cor branca para que eu me juntasse a eles.

---

<sup>25</sup> Mais detalhes sobre essas festas encontradas no terreiro pesquisado, consultar capítulo 02 dessa dissertação.



Aquele dia eu estava curioso para perguntar sobre as entidades espirituais, sobre o que representavam aqueles espíritos na vida dos filhos de santo. Foi então que dei início à conversa, procurando falar sobre a manifestação de algumas entidades que com frequência se manifestavam no terreiro, incorporadas em alguns filhos de santo. Nesse momento os filhos de santo citaram o preto velho Vô Joaquim de Aruanda, exímio curador, sábio em aconselhar, terno no acolhimento aos filhos de santo. O visitante umbandista Jorge Ferreira de Sousa me falou sobre a presença dos pretos velhos no terreiro Cantinho de Luz. Essas entidades são consideradas espíritos de ancestrais negros escravizados que hoje visitam terreiros de umbanda para realizarem suas práticas de “benzimento” e cura. Abaixo segue um fragmento da fala de Jorge acerca da influência dos pretos velhos no terreiro:

*Essas entidades são as mais sábias, sempre trazem conhecimento e sabedoria com muita humildade. Como sofreram muito sendo escravos, hoje eles vêm aqui é pra trazer paz de espírito no coração de cada um. São invocados e trazem orações, rezas e banho de ervas para fazer tratamentos. Meu guia, vô Joaquim de Aruanda, ele vem fumar o cachimbo dele e só aquela fumaça já mostra que ele quer purificar meu corpo e o espaço do terreiro das energias ruins. Preto velho só traz boas energia pra nós, eles tudo são veim, mas tem tanto o que dizer e curar (Entrevista realizada com Jorge Ferreira de Sousa, em 16 de maio de 2018).*

Por isso, as entidades a que o filho de santo se refere fazem menção à “linha” de pretos velhos, onde no Cantinho de Luz fazem parte Vô Candinha, Vô Joaquim de Aruanda e Dona Redonda. Tive a oportunidade de conversar com essas três entidades e falo especificamente sobre elas e a função principal dos pretos velhos: o poder da cura. Com a fala do filho de santo logo pude constatar que essas entidades tem o poder de curar e apaziguar os corações aflitos, por meio da docilidade da voz e da simplicidade no acolhimento. Os pretos velhos em geral são curadores, benzedores e muito tranquilos em transmitir suas mensagens de amor e fé aos filhos do terreiro e aos visitantes que os busquem para algum acolhimento. Depois de falar com Jorge Ferreira de Sousa, a filha de santo, Antônia Maria Bonfim, relatou-me sobre sua experiência no contato com os pretos velhos:

*Pretos velhos servem para curar, são rezadores eles. Eles vêm curando, eles limpam o aparelho deles. Dá força pra cada médium para dar força. Preto velho é paz, amor e cura. Ninguém no terreiro vai se sentir só quando um preto velho chegar, por que eles ajudam a gente a ficar bom de qualquer mal, de tudo mesmo (Entrevista realizada com a filha de santo Antônia Maria Bonfim, em 16 de maio de 2018).*

Tanto Jorge Ferreira de Sousa, como Antônia Maria Bonfim afirmaram sua relação com os pretos velhos serem saudáveis, praticada com respeito e devoção, pois de todas as linhas de entidades, segundo eles, esses espíritos são os mais sábios e que mais transmitem

com humildade e sabedoria aquilo que faz parte do conhecimento umbandista. Quando um preto velho chega ao terreiro, todos pedem a bênção e se curvam diante deles.

Conforme ressalta Concone (2011), os pretos velhos como espíritos que compõem o rol de entidades cultuadas nos terreiros umbandistas ajudam a evidenciar a concepção mítica da formação do povo brasileiro. Esses espíritos ancestrais ajudam a entender a forma afetuosa como os filhos de santo do Cantinho de Luz se referem a eles, a maneira como se relacionam e mantêm o contato espiritual durante os rituais. Por serem em sua maioria espíritos de pessoas velhas, os pretos velhos “arreiam na crôa” dos filhos de santo e demonstram cansaço, caminhando devagar, expressando-se com uma voz arrastada. Concone (2011) relaciona a influência desses espíritos a partir de algumas características que os identificam como velhice, tranquilidade, bondade e calma.

Naquele mesmo dia de ritual, Jorge incorporou o preto velho Vô Joaquim de Aruanda. Essa entidade quando “desce na crôa” de Jorge apresenta um aspecto corporal que o identifica como um senhor de idade, com a coluna curvada, com certa dificuldade para andar, segurando com uma das mãos seu quadril e uma voz muito baixa, sempre pede logo para que acendam seu cachimbo e lhe tragam um banquinho para que possa se acomodar. Então nesse momento os filhos de santo se aproximam para pedir a bênção, cada um se ajoelhava e saudava a chegada daquela entidade que é tratada com esmero e devoção. Optei por deixar todos os filhos de santo e visitante cumprimentá-lo primeiro para que eu tivesse mais tempo para conversar com o preto velho. Ele continuava sentado no banquinho, próximo ao pequeno altar, fumando seu cachimbo e jogando a fumaça para o alto. Aproximei-me, pedi a bênção e perguntei o que ele fazia naquele momento. A entidade me respondeu com a voz baixa e de maneira calma começou a falar:

*Meu filho, eu era um escravo véi, eu trabalhava dia e noite embaixo de sol. Hoje eu visito os terreiros pra ajudar o povo, trazer a cura, purificar as pessoas. Eu venho com conselhos, todo mundo me pede. Eu fumo meu cachimbo pra fumaça purificar o ambiente, e a vela que eu seguro é pra iluminar esse povo que eu observo na gira. Pra mim, corrente bonita é quando todos estão unidos isso é que me dá gosto ver o povo se unindo pra homenagear a gente, daí a gente vem e ajuda eles com o que pedirem (Entrevista realizada com o preto velho Vô Joaquim de Aruanda, em 14 de março de 2018).*

Quando esse preto velho senta e começa a fumar seu cachimbo, é comum que ele passe a dar direcionamento nas vidas dos filhos de santo, inclusive aconselhando-os a como se portarem diante dos demais filhos de santo, devendo cada um olhar pelo próximo, sempre ajudando uns aos outros. Quando de sua chegada, ele sempre entoa o seguinte ponto cantado:

*“Vô Joaquim de Aruanda Vem pedindo licença  
Vô Joaquim de Aruanda Vem pedindo licença  
A Iemanjá, meu pai A Iemanjá, meu pai”*

(Ponto cantado encontrado no campo de pesquisa, em 14 de março de 2018).

Quando a entidade chega ao terreiro, seu “ponto cantado” é uma forma de pedir permissão para o guia espiritual chefe do terreiro, no caso seu Manoel Légua, assim como pai de santo, para que permitam sua “passagem” no terreiro, para conversar com seus filhos de santo. Dando continuidade na conversa com a entidade, a mesma me relatou o significado da fumaça do cachimbo e da vela que carregava em suas mãos:

*Essa fumaça serve para limpeza do ambiente, meu filho, mas também serve para limpar os médiuns da casa, por que eles podem trabalhar com seu guia em paz. A vela que carrego comigo é para enxergar o caminho da luz, afastar a escuridão daqui, encaminhando todos para o caminho do bem* (Entrevista realizada com o preto velho Vô Joaquim de Aruanda, em 14 de março de 2018).

Como o visitante umbandista Jorge Ferreira de Sousa me explicou sobre sua relação com o preto velho, informando-me que desse contato ele consegue alcançar todas as suas preces e se sente sempre acolhido e protegido:

*Vô Joaquim de Aruanda é amor e carinho. Uma luz que veio para minha vida. Eu agradeço muito pelas coisas alcançadas através dele. Um ser que tem me dado muita força, muita coragem para viver. Agradecer a ele por me acompanhar em todo lugar que eu vou. Estou em casa, eu chamo ele pra me acompanhar em todo lugar* (Entrevista realizada com Jorge Ferreira de Sousa, em 14 de março de 2018).

Com essa fala pude entender a extensão da empatia gerada do filho de santo pelo seu guia espiritual. Esse preto velho que se manifesta no terreiro, incentivando os filhos de santo a seguirem os preceitos da umbanda, é o mesmo que perpassa pela história de vida de Jorge, acompanhando seus passos fora do terreiro, protegendo sua caminhada dos inimigos e das armadilhas da vida.

Em um dado momento, depois de um filho de santo ajudar a entidade com seu cachimbo e no acendimento da vela para o preto velho, Vô Joaquim se desloca nos quatro cantos do terreiro, erguendo a vela e espalhando a fumaça do cachimbo nos filhos de santo e no espaço do terreiro.

Sendo assim, entendo que no Cantinho de Luz, a umbanda se faz presente por meio “dos aconselhamentos obtido no transe, das curas com ervas e da memória coletiva reforçada pelos rituais” (LIGIÉRO; DANDARA, 1998, p.88), quando os filhos de santo preparam-se com seus elementos simbólicos para reestabelecer contato com as entidades espirituais,

extraindo benefícios para ambas as partes. Os pretos velhos encontrados no Cantinho de Luz, em especial Vó Candinha, Vô Joaquim de Aruanda e Dona Redonda, são espíritos ancestrais de negros escravizados que hoje espalham amor e fraternidade no espaço ritual do terreiro.

De acordo com Ligiéro e Dandara (1998), os pretos e pretas velhas são espíritos que expressam uma sabedoria ancestral, onde sua influência é atribuída de clara propensão a direcionar aqueles que a eles recorrem frente a algum agrave na vida. Esses espíritos, conforme relatam os autores, contribuem para a criação de um “bem-estar coletivo em um mundo espiritual sem fronteiras em sua inesgotável fraternidade” (LIGIÉRO; DANDARA, 1998, p.89).

Os pretos velhos que visitam o Cantinho de Luz, “incorporados” em alguns filhos de santo, refletem sua calma e parcimônia diante daqueles que os buscam com fervor, expressando a fé nesses espíritos sábios e humildes. Os pretos velhos cuidam, amparam, protegem e tranquilizam o coração de cada um dos filhos de santo com muito amor e aconselhamento.

#### 2.6.2 Caboclos indígenas: coragem e bravura

No meu percurso ao Cantinho de Luz, a estrada revelava o verde das árvores, o som dos pássaros. Tudo isso era muito propício para apresentar uma “linha” de entidades da Umbanda, sendo representados pelos caboclos indígenas. Conversando com a filha de santo, Ana Beatriz Viana, de 26 anos sobre a influência dos caboclos indígenas no terreiro Cantinho de Luz, a filha de santo me explicou que:

*Cada caboclo tem uma maneira de trabalhar. Quando eles se aproximam é por que estão afastando alguma coisa do médium. São muito zangados, muitos vêm e nem falam. Alguns vêm bravo mesmo. Tem que pedir pra eles alguma coisa na calma, são mais é índios. Maioria dos índios viraram encantados, por que foram mortos pelos portugueses. Povo puro, inocente, a preocupação deles é trazer os benefícios da natureza pra junto de nós. Eles trazem paz de espíritos, por causa da pureza deles (Entrevista realizada com a filha de santo Ana Beatriz Viana, em 20 de abril de 2018).*

Em todas as minhas idas ao terreiro, observando o contato dos filhos de santo com as entidades espirituais, atentei para a referência dos caboclos no Cantinho de Luz. Em um caso específico, relatado pela filha de santo, Ana Beatriz Viana, ela me informou que o primeiro contato que teve com sua guia espiritual de direita, a cabocla Jacira<sup>26</sup>, foi durante o sono. Essa

---

<sup>26</sup> A cabocla Jacira é a “guia de frente” da filha de santo Ana Beatriz Viana.

foi a primeira entidade espiritual que se manifestou para a filha de santo, desde então abrindo os caminhos dela para conquistar seus objetivos de vida. A filha de santo me relatou que sentia constantes enxaquecas, mas hoje em dia, depois de se desenvolver espiritualmente no terreiro, com suas entidades, em especial com sua guia de frente, a cabocla, ela não sente mais esses problemas de saúde. Em uma conversa informal com Ana Beatriz Viana, ela me disse que os caboclos em geral, e especificamente a cabocla Jacira, são aqueles que trazem fartura, trabalhando em nome da paz e da prosperidade de todos no terreiro.

Com esse relato da filha de santo, constatei a função primordial na relação que se estabelece entre o guia espiritual e o filho de santo, pois com essa proximidade, a entidade tem como incumbência afastar os maus fluídos do corpo da pessoa, realizando tratamentos de cura para que seu desenvolvimento espiritual flua confortavelmente. E essa relação só se consolida, como a própria filha de santo me esclareceu, quando o filho de santo honra com seus compromissos, firmando os “pontos de oração” em casa, participando assiduamente dos rituais que saúdam as entidades, assim como trabalham em favor do auxílio e amparo às demais pessoas que necessitam de cuidado e atenção.

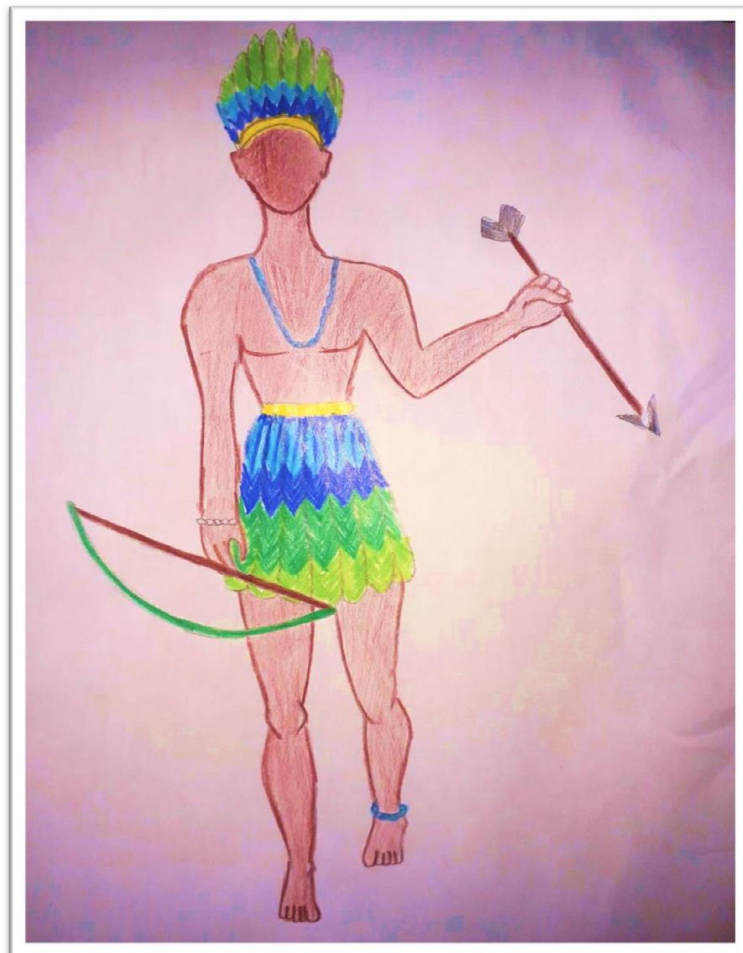


Figura 9- Croqui representando os caboclos indígenas.  
Fonte: acervo do autor.

Assim como a cabocla Jacira, outras entidades dessa linha aparecem constantemente nos rituais, demonstrando seu poder de realizar tratamentos, quando incorporadas em seus “cavalos”. Em outros casos presenciados no Cantinho de Luz, cabocla Índia, caboclo Roxo, caboclo Pena Branca e caboclo Tapindaré, respectivamente “guias de frente” de Sebastiana Alves da Silva, Antônio Pereira da Silva Filho, Jorge Alves do Nascimento e Elismar Bezerra da Cruz. Cada uma dessas entidades faz parte da “linha” dos caboclos cultuados no Cantinho de Luz. No caso do filho de santo Elismar, seu caboclo, o Tapindaré, uma vez em que a gira se manifestava no terreiro, deslocou-se até próximo do altar e começou a realizar sua dança.

Nesse momento me aproximei da entidade e perguntei sobre sua relação com o filho de santo, quando ele me respondeu que:

*Eu venho aqui pra proteger. Eu atiro flecha o tempo todo é pra livrar meu filho das coisas ruins. Essa flecha tem energia boa, e eu curo ele. Hoje eu vim aqui pra brincar, fazer diversão e descarregar o corpo do meu filho pra ele ficar só com coisa boa dentro dele* (Entrevista realizada com o caboclo Tapindaré, em 20 de abril de 2018).

Assim como na fala do caboclo Tapindaré, afirmando que sua função se atrela ao cuidado com o filho de santo Elismar, cuidando para a manutenção da saúde dele, a cabocla Índia, o caboclo Pena Branca e o caboclo Roxo estão sempre presentes na vida da filha de santo Sebastiana Alves da Silva, do filho de santo Jorge Alves do Nascimento e do “contra chefe” Antônio Pereira da Silva Filho. Os caboclos indígenas, mesmo com toda seriedade e sisudez que expressam em sua chegada, falando pouco ou nada quando os abordava, sempre cuidavam de seus “cavalos”.

Em uma conversa com o filho de santo Jorge Alves do Nascimento, depois da realização da “gira”, ele me falava sobre sua relação com o Caboclo Pena Branca, seu “guia espiritual”. Segundo o filho de santo, em um dia de jogo de futebol em seu povoado, ele teve uma contorção em seu tornozelo, acarretando em fortes dores. Depois disso, quando de sua participação na “gira” no Cantinho de Luz, no momento em que seu caboclo “incorporou”, levou junto a dor que ele sentia. O filho de santo explicou que essa é a função de seu guia espiritual, cuidar de sua saúde. Para essa relação se consolidar, segundo me explicou o filho de santo, é importante que seja feita a “iniciação” na Umbanda.

Conforme explica Silva (2005), a iniciação é o momento em que um indivíduo começa a fazer parte de um terreiro e da família de santo, estabelecendo uma relação com as entidades que regem sua “crôa” e com o pai de santo do terreiro que passa a lhe dar as coordenadas que

devem ser seguidas para cumprimento das obrigações<sup>27</sup> com as entidades. Assim, o indivíduo iniciado na religião nasce para sua vida religiosa, sendo então filho de santo do líder religioso que o iniciou. Nessa relação entre pai, filhos e irmãos de santo se estabelece o vínculo com aquilo que designam como sagrado, no caso, as entidades espirituais que são seus guias (SILVA, 2005).

A filha de santo, Ana Beatriz Viana, esclareceu-me que a relação com as entidades espirituais não se deve concentrar apenas nos momentos rituais no terreiro, mas que o compromisso estende-se para outros espaços em que ela habita, inclusive no ambiente de sua casa. Isso é parte da função de um filho de santo, conforme ela me disse em uma entrevista:

*As entidades são bem vindas não só no terreiro, mas na minha casa também. Lá em casa, a cabocla Jacira tem sua pipoca, a preta velha Dona Redonda tem seu vinho, a pomba-gira Cigana tem sua cerveja, o Exu seu wiski. Mas a entidade não é só dançar perto do tambor limpando nosso corpo não, mas em casa eles tão lá tempo todo e eu agrado eles com o que eles gostam. Estão toda hora comigo, as entidades são pra isso, pra cuidar da gente, agora tem que fazer por onde, né? (Entrevista realizada com a filha de santo Ana Beatriz Viana, em 20 de abril de 2018).*

Sendo assim, entendo que os caboclos indígenas cuidam com proteção dos filhos de santo do Cantinho de Luz. No caso dos caboclos encontrados no campo de pesquisa- Cabocla Índia, Pena Branca, Roxo e Jacira-, todos eles cuidam especificamente de um filho de santo, porém ajudam a cuidar dos demais, importando com isso manter o bem estar coletivo do “povo de santo” do Cantinho de Luz.

### 2.6.3 Exus e pombas giras: alegria e irreverência

Dentre todas as linhas de entidades prestigiadas nos rituais, os Exus e Pombas giras são aqueles espíritos que trazem graça, irreverência, descontração e muitas gargalhadas que contagiam e incendiam o terreiro com muita alegria. Em muitas vezes que estive no terreiro, e nas visitas aos outros terreiros nos dias de “festas de santo”, quando esses espíritos se apresentavam, seja na “gira” ou em algum momento de “consulta” a alguma pessoa, sempre existia um ar de mistério e interesse em descobrir quem são, como se mostram nesses espaços dos terreiros, como interagem com as pessoas. Exus e Pombas giras adoram dançar, gargalhar

<sup>27</sup> Dentre essas obrigações, relatou-me uma filha de santo, durante uma entrevista, que os pontos de firmamento de oração na residência de cada um deve ser estabelecido para as entidades, entendendo a partir desse relato, que a obrigação com a religião não se restringe ao espaço de culto do terreiro, participando das entidades, mas que se devem realizar os cumprimentos, como as orações, acendimento de velas todos os dias, como também alguns “mantimentos” para uso das entidades, como o fumo para os pretos velhos, a champanhe, perfume e cigarro para as pomba-giras (entrevista cedida ao mestrando com uma filha de santo no terreiro, em 21 de julho de 2018).

e aconselhar aqueles que os procuram com fervor e adoração.

Enquanto estava no terreiro, vendo os Exus e Pombas giras se manifestarem, percebi o uso frequente de bebida e cigarro por parte desses espíritos. Enquanto bebiam e fumavam soltavam gargalhadas. Segundo o filho de santo, Moacir Odásio, essas entidades são muito respeitadas, devido seu poder de levar as energias negativas para fora do terreiro, levando para as profundezas da escuridão, local onde habitam constantemente para levarem essas energias carregadas. São considerados os guardiões do terreiro, protegendo os filhos de santo e cuidando de supervisionarem o tempo todo o terreiro, impedindo os espíritos obsessores de invadirem o local. Os Exus quando invocados no Cantinho de Luz, conforme me disse pai Joaquim, servem para defender seu terreiro dos espíritos obsessores, como também de pessoas que tenham más intenções em sua chegada. Essa “falange” de espíritos avisa premeditadamente para o pai de santo sobre algo indesejado está prestes a acontecer, tendo então pai Joaquim que tomar as devidas providências. Além dos Exus, as Pombas giras também se manifestam com frequência, aconselhando, abraçando e encantando o povo de santo do Cantinho de Luz.



Figura 10- Croqui representando as Pomba giras.  
Fonte: acervo do autor.



Duas filhas de santo do terreiro incorporam frequentemente suas Pombas giras, às quais, em alguns momentos, tive oportunidade de conversar. Em uma conversa com a Pomba gira Menina, incorporada na filha de santo, Kamila Mara Silva Pereira de Carvalho, 26 anos a entidade disse que já me observava há algum tempo no terreiro e que queria conversar comigo. Desloquei-me até o espaço externo do terreiro, ela me esperava sentada, com uma taça de champanhe na mão e fumando seu cigarro, quando se dirigiu a mim dizendo:

*Meu filho, há tempos que eu ando nesse terreiro. Pedi a permissão ao pai de santo daqui para continuar guiando esse cavalo aqui. Essa moça é teimosa, precisa da minha ajuda. Sou eu que aconselho ela, que oriento ela pra que ela mude e se torne todo dia uma pessoa melhor. Nós Pombas giras somos muito educadas, sabemos falar temos classe. Eu ainda sou uma criança, mas sou muito educada, gosto de rosas, perfumes e joias. Sou eu e Dona Teresa Légua. Dona Teresa Légua é a outra guia dela. Eu sempre tô próxima dela pra desviar ela das armadilhas e das más companhias. Essa bebida e esse cigarro que eu uso, é só pra limpar o corpo dessa moça. Eu sou a Pomba gira que ajuda as meninas, as moças a arrumar pretendentes, mas eu só ajudo se souber me retribuir também. Eu gosto de brincar, de sorrir e de fumar (Entrevista realizada com a Pomba gira Menina, em 25 de junho de 2018).*

Nesse contato inicial com a Pomba gira Menina, pude entender esse cuidado e desvelo das entidades, buscando proteger os filhos de santo no terreiro Cantinho de Luz. Segundo a entidade acima, as Pombas giras costumam auxiliar principalmente no segmento amoroso, com as mulheres que recorrem a ela para encontrar um bom partido, onde a Pomba gira intervém a seu favor para que o relacionamento angarie conforme o desejo de sua pedinte.

Dona Pomba gira Menina desfilou por todo o terreiro até se aproximar de mim. A fisionomia com que essas entidades se apresentam, no Cantinho de Luz, não é identificada por meio das vestimentas, já que pra toda linha de entidades incorporadas a roupa usada é sempre a mesma. No entanto, é no comportamento gestual, no modo de falar que esses espíritos se mostram, exibem sua identidade. No caso das Pombas giras, a gestualidade configura-se a partir de uma expressão corporal sensual, extravagante, com gargalhadas, levantar sinuoso da saia, a forma como fuma seu cigarro, toma sua champanhe, mostrando uma altivez envolvente, uma postura corporal segura de si. Dando continuidade à nossa conversa, Pomba gira Menina mais uma vez enfatizou sua relação com a filha de santo, Kamila Mara Silva Pereira de Carvalho, 26 anos agora falando em proteção no relacionamento amoroso de seu “cavalo”:

*Meu filho, o amor é tudo, se um relacionamento não tiver amor, então não tem nada. O que atrapalha os relacionamentos hoje é o orgulho das pessoas. Eu sou bem realista, pessoas que estão ao redor do meu cavalo querem seu mal, mas eu estou aqui para protegê-la, principalmente para cuidar do relacionamento dela com o pai*

*de santo. Eu não deixo os dois se separarem, se tiver briga, na hora eu entro e acalmo o coração dos dois* (Entrevista realizada com a entidade Pomba gira Menina, em 25 de junho de 2018).

Com a fala da Pomba gira percebi que essa entidade, assim como as demais Pombas giras têm como incumbência a proteção espiritual das filhas de santo mais voltada para o âmbito amoroso, apesar de que pode ser consultadas em outros âmbitos da vida, mas no caso do Cantinho de luz, todas as Pombas giras que conversei mostraram maior aptidão para a área do amor.

No caso das conversas que tive com Pomba gira Menina, essa entidade se mostrou sempre solícita em ajudar a filha de santo Kamila no seu relacionamento com o pai de santo, informando que é sua guia espiritual, responsabilizando-se pelo bem estar na vida amorosa da filha de santo, Kamila Mara Silva Pereira de Carvalho, 26 anos. A filha de santo me afirmou que sua Pomba gira é uma entidade de força e que ajuda na construção de sua autoestima, mostrando-se fiel a seus pedidos, inclusive a ajudando a se tornar independente, autônoma e segura de suas convicções.

Sobre essa linha de entidades, cultuada nesse espaço de culto, presenciei não só a entidade relatada acima, mas outras Pombas giras e Exus, a exemplo de Seu Marabô, um Exu que é guia espiritual do “contra chefe” Antônio Pereira da Silva Filho. Em meio a um ritual, Seu Exu Marabô incorporou no “contra chefe”. Observei um tremelique repentino em seu corpo e logo a fisionomia de seu rosto mudou, tornando-se mais sisuda. A entidade gargalhava, pegava a cachaça e o copo para degustar daquela bebida que se encontrava próxima ao tambor. Logo me aproximei e perguntei o motivo daquela gargalhada provocante:

*Meu filho, eu bebo para aliviar a dor do meu cavalo. Eu tomo em um só gole pra limpar o que tiver de ruim dentro dele. E eu tô aqui gargalhando para saudar o dono do terreiro, os irmãos de fé presentes e o guia chefe daqui. Essa é minha homenagem, eu tô pedindo força e saúde para todos os que tão aqui. Mas eu dou gargalhada aqui que é pra meter medo mesmo nos espíritos malignos que passam por aqui, eu mostro que eu sou Marabô que não temo nada* (Entrevista realizada com a entidade Exu Marabô, em 25 de junho de 2018).

Por isso, seu Exu Marabô, guia espiritual de Antônio Pereira da Silva Filho, expressa em sua fala elementos simbólicos que compõem suas expressões simbólicas, pois essa gargalhada identifica seu jeito, ao mesmo tempo, destemido e respeitador, tanto por expulsar os espíritos obsessores, quanto por saudar o dono do terreiro. Essa entidade protege o “contra chefe” e, como o próprio Antônio Pereira da Silva Filho me relatou, responsabiliza-se por ajudá-lo em seu desenvolvimento espiritual no terreiro.

Conforme descreve Liana Trindade (1979) em sua pesquisa sobre a entidade Exu, esse espírito se mostra de forma ambígua, contraditória, sempre auxiliando os homens em seus pedidos. A autora ressalta que essa ambiguidade presente no Exu expressa o jogo entre o perigo e o poder que ele detém. Os Exus, como entidades cultuadas no Cantinho de Luz, auxiliam constantemente pai Joaquim e seus filhos de santo a lidarem com energias “pesadas”, muitas vezes são “demandas” enviadas por outros pais e mães de santo que queiram causar conflitos, ou pessoas atravessadas por sentimentos ruins que desejam enviar essas vibrações negativas para atrapalhar o bem-estar dos filhos de santo. No entanto, os Exus, como exemplo Seu Marabô, prontificam-se a cuidar dessa parte mais “sombria”, que segundo o filho de santo, Moacir Odásio, esses espíritos têm total domínio para controlar tais manifestações negativas.

Além dessas entidades, seu Zé Pelintra é um dos espíritos da “linha de esquerda”, que costuma “incorporar” no pai de santo Joaquim. Essa entidade aparece muito raramente no terreiro, e quando “desce na crôa” do pai de santo é recebido por todos os filhos de santo com um aperto de mão e um abraço. Sempre sorridente, seu Zé Pelintra adora tomar cachaça e fumar seu cigarro. Quando me aproximei dele, perguntei como estava vestido e se era verdade o que todos do terreiro falavam sobre ele ser um “moço malandro”. A entidade me respondeu que sim, que gosta de sua bebida, mas sempre vem ao terreiro para proteger os filhos de santo da energia ruim de pessoas que visitam o terreiro e deixam alguma energia ruim, assim como protege de espíritos negativos. Depois dessa conversa, seu Zé Pelintra me falou como estava vestido naquela noite. Abaixo fiz um croqui para representar como a entidade descreveu sua aparência:



Figura 11- Croqui representando seu Zé Pelintra.  
Fonte: acervo do autor.

Logo, compreendi que as entidades que compõem a “linha de esquerda”, com Exus e Pombas giras, assim como a “linha de direita”, tem como incumbência o cuidado em relação aos filhos de santo no terreiro, além de ajudá-los em no desenvolvimento espiritual, aprendendo com as Pombas giras a cuidar de seus “amores”, e com seus Exus cuidar para que sentimentos negativos não consumam sua saúde. Os filhos de santo cultuam com fervor e devoção esses espíritos, estando sempre próximos deles para dançar, cantar e principalmente agradecer pelos pedidos alcançados por intermédio desses “guias”.

#### 2.6.4 Família de Léguas: os boiadeiros

Assim como os pretos velhos, os caboclos, os erês e os exus possuem cada um sua função no terreiro, também as entidades da linha de boiadeiros têm espaço para virem “baiar”

na gira, aconselhar, dar a bênção, beber e sorrir ao lado dos filhos de santo. Esses boiadeiros que descem no terreiro fazem parte da família Légua de Bugi Buá da Trindade. Essas entidades possuem grande influência no terreiro, a exemplo de seu patriarca, seu Manoel Légua, dona Teresa Légua e seu Estêvão Légua.

Em meio as minhas idas ao terreiro, tendo permissão de conversar com as entidades, quando se manifestassem no terreiro, seu Manoel Légua, guia chefe da casa, foi uma das primeiras entidades que tive a oportunidade de interagir, devido a sua influência permear todas as atividades religiosas realizadas no Cantinho de Luz. Esse guia espiritual, carinhosamente, chamado de padrinho pelos filhos de santo, possui grande prestígio em todas as atividades e relações estabelecidas no terreiro, o qual tudo deve passar pelo seu aval, sendo imediatamente acatado pelos contra chefes, filhos de santo e visitantes do terreiro. Seu Manoel Légua, juntamente com seu irmão Estêvão Légua são os grandes cuidadores do terreiro, revelando no contato com o pai de santo, como se deram suas presenças marcantes no espaço de culto. Ambas entidades são integrantes da família Légua de Bugi Buá da Trindade, da cidade de Codó, no Maranhão.

Então, o que pude conferir nos momentos de conversa com o pai de santo Joaquim e com seus filhos de santo, no Centro Espírita Umbandista Cantinho de Luz, dialogando em todos os momentos que tive oportunidade, é que o terreiro foi erguido com a ajuda dos filhos de santo, porém sob a orientação de Seu Manoel Légua, informando-me que na verdade essa entidade é que dava as coordenadas de como queria a construção do terreiro. Pai Joaquim me disse que seu Estêvão Légua é a entidade batizada em sua “crôa”, sendo seu guia de frente. Porém, quem o acompanha a todo instante e se responsabiliza por tudo que acontece no terreiro é seu Manoel Légua.



Figura 12- Croqui representando seu Manoel Légua.  
Fonte: acervo do autor.

E seu Manoel Légua de Bugi Buá da Trindade, segundo o pai de santo Joaquim, é o patriarca da família de Légua e do Cantinho de Luz, protegendo a todos que nele habita, investindo sua chegada nos momentos dos rituais com conselhos e orientações a todos os filhos de santo da casa. Seu principal cuidado é passar com sabedoria e descontração o que a umbanda prega em seu exercício de caridade e desvelo para com o “irmão de fé”.

Dessa forma, todas as vezes em que estive no terreiro e a presença de Seu Manoel se materializava na “crôa” do pai de santo, essa entidade sempre procurava convencer seus filhos de santo que a Umbanda deve sempre pensar na ajuda ao próximo, e que todos ali presentes deveriam fazer suas preces pensando sempre nos seus companheiros de ritual, nas amizades estabelecidas no terreiro e no amparo àqueles que mais necessitem de ajuda, estando presentes ou não no terreiro.

Essa entidade costuma ser brincalhona, gostando de contar histórias engraçadas que divertem os filhos de santo, arrancando sorrisos de todos, pedindo sempre uma dose de cachaça, acompanhada de uma gargalhada e um jeito de se locomover bastante peculiar,

criando uma performance que chama atenção de todos os presentes no terreiro, pois aparenta carregar muitos anos de vida, com um andar arrastado e vagaroso. Quando de sua chegada, cada filho de santo se desdobra para saudá-lo com um pedido de bênção, alguns inclusive o cumprimentando curvados, de joelhos à sua frente. Seu Manoel Légua, incorporado no pai de santo, fala que o terreiro está em processo de construção, o qual aos poucos vai tomando forma até chegar ao nível desejado. O pai de santo em uma conversa me passou a informação que seu Manoel Légua sempre prioriza o uso de velas, assim como a presença da natureza circundando o terreiro, pois acredita que as boas energias para os rituais provêm desses dois elementos.

Esse guia espiritual sempre faz vigília no terreiro, observando tudo o que acontece em seu interior. Em diversos momentos que estive presente nas noites rituais, ouvindo o discurso dessa entidade, seu Manoel Légua informava que iria fazer uma “limpeza” no terreiro. Indagado sobre isso, intervi em sua fala, perguntando do que se tratava essa limpeza, o qual me respondeu:

*Quando eu falo que vou limpar o terreiro é por que vou retirar os médiuns que não tão tendo compromisso aqui, entendeu? Vou levar embora daqui quem não tá fazendo do jeito certo, quem não tem compromisso com as entidades, vou colocar pra fora. Vou fazer uma limpeza geral. Se for pra ficar só um não tem problema a gente fica. Negócio é não deixar bagunça (Entrevista realizada com a entidade Seu Manoel Légua, em 27 de maio de 2017).*

E a esse respeito, entendo a influência do guia chefe espiritual do terreiro como um meio de manter a ordem e o bem estar das atividades rituais. Quando ele menciona a “limpeza” no terreiro, faz menção aos médiuns descompromissados com a religião umbandista, deixando apenas aqueles que se integram de suas funções e do compromisso espiritual com as entidades cultuadas. Quando seu Manoel Légua incorpora na “crôa” de pai Joaquim, logo ele se habilita a pegar a faixa de seu “cavalo” e realizar um passe de cura em cada um dos presentes no terreiro, incluindo os visitantes. Essa prática consiste em purificar a todos os presentes no interior do espaço de culto, de modo que as atividades rituais sejam realizadas com sucesso, com todos os presentes saudáveis. Essa faixa é preparada com cuidado para que a entidade a utilize com segurança. Seu Manoel faz movimentos a estalando ao redor do corpo de cada filho de santo, fazendo movimentos que formam cruces, servindo como defesa e proteção.

Além da presença marcante de Seu Manoel Légua no terreiro, realizando passes de cura, aconselhando seus filhos de santo, contando piadas e abençoando o terreiro, vi outra figura que atravessa o espaço do terreiro com sua força e energia intensa: dona Teresa Légua.

A entidade, irmã de seu Manoel Légua, é guia espiritual da direita da filha de santo Kamila Mara Silva Pereira de Carvalho. A filha de santo Kamila me explicou como essa entidade se manifesta no terreiro:

*Teresa Légua é séria, não chega gargalhando e já vai pedindo seu cigarro, que é pra poder limpar meu corpo. Quando ela tá chegando, eu escuto a voz dela de longe, o ponto cantado dela faz minhas mãos suarem e logo já começo a girar. Dona Teresa é séria, robusta, é mulher braba, não aceita ofensa de ninguém. Quando nós passamos a acreditar mais, a firmar melhor nossos pontos de oração, aí sim conseguimos sentir melhor a energia de nossas entidades (Entrevista com a filha de santo Kamila Mara Silva Pereira de Carvalho, em 27 de maio de 2017).*

Segundo, Dona Teresa Légua quando desce na “crôa” da filha de santo permanece com a vestimenta branca, porém me afirmou que é uma mulher valente, que usa chapéu de couro e botas, anda sempre armada e que é destemida e corajosa. Sempre sorridente, sua alegria contagia o terreiro, pois quando entoado seu ponto cantado ela passeia pelo terreiro expondo sua energia e benevolência para com todos os filhos de santo.

Então, nas vezes em que estive no terreiro, onde dona Teresa Légua se apresentava para dançar nos rituais, tomando sua bebida e fumando seu cigarro, ela se aproximou numa dessas vezes de mim. A entidade me explicou que era a guia espiritual de direita de Camila, e que estava sempre no terreiro para fazer uma limpeza no ambiente e poder curar a filha de santo de todas as suas angústias. Percebi por meio desses relatos de ambas que a relação construída entre elas revela o processo de aproximação incessante que o filho de santo do terreiro deve ter com seus guias, desde o dia em que é iniciado na religião. A bebida e o cigarro de dona Teresa Légua são símbolos de cura no ambiente do ritual. Quando essa entidade bebe e fuma está realizando uma “limpeza corporal” na filha de santo, Kamila, sendo parte dos trabalhos rituais realizados durante a noite.

Segundo o pai de santo Joaquim, seu Manoel Légua é o principal responsável pela condução dos trabalhos nas noites de ritual, responsabilizando-se pela suspensão dos espíritos funestos e pelo equilíbrio espiritual dos filhos de santo da casa. Seu Manoel Légua costuma chegar ao terreiro ainda no momento do terço. Ele usa da faixa do médium para limpar o corpo dos filhos de santo, sendo essa prática um “passe de cura”<sup>28</sup>.

Sendo assim, entendi que esse contato com as entidades espirituais, em especial, o patriarca da família de Légua, seu Manoel Légua de Bugi Buá da Trindade, que é o “guia chefe” do terreiro, revela o esforço e empenho dos filhos de santo em extraírem de suas incessantes idas ao terreiro um meio de melhoria de vida, pois são esses seres espirituais que

<sup>28</sup> Sobre o passe de cura, ver o capítulo 02 dessa dissertação.



norteiam a vida desses sujeitos. O Cantinho de Luz recebeu especial atenção a partir da decisão de Seu Manoel Légua de ordenar ao pai de santo que fosse construído um espaço dedicado às atividades religiosas. Em uma conversa com seu Manoel Légua, no momento em que ele incorporou no pai de santo, bem no início dos rituais, em que cada um foi em sua direção pedir a bênção, na minha vez me aproximei e ele logo foi falando que já me conhecia e que precisava falar um pouco comigo. Abaixo transcrevi parte dessa conversa, onde a entidade fala um pouco sobre si:

*Meu filho, eu vivi na Terra há 2.000 anos a.C. A minha faculdade, sabe, a minha formação é a da vida. A bebida que eu venho aqui tomar é pra alegrar a vida, compartilhando com meus filhos. E os pontos cantados que chamam meu nome serve pra lavar corpo e o espírito de todo mundo na gira. Na gira, eu tô ali olhando por todo mundo, observando, cuidando de todos ali. Os ensinamentos da umbanda é pra alegrar, pra fazer o coração feliz. É pra isso que eu venho aqui pra poder auxiliar, ajudar meus filhos a tomarem o rumo certo que a umbanda tem a oferecer. Meu filho, a umbanda é muito linda, só traz coisa boa, mas tem que fazer do jeito certo (Entrevista realizada com a entidade Seu Manoel Légua, em 27 de maio de 2017).*

Em meio ao contato que tive com seu Manoel Légua, o qual me falou um pouco sobre sua história, como relatado acima, a entidade tem como princípio fundamental no terreiro vir no intuito de auxiliar os filhos de santo para que esses fortaleçam sua fé na umbanda. Ele é o padrinho dos filhos de santo, carrega um sentimento paternalista por eles, apropriando-se das atividades rituais para que esses sigam de maneira ordenada e sem interferências negativas. Assim como a “linha” de entidades da família Légua, as demais “linhas” cultuadas, como os pretos velhos, caboclos, erês, povo d’água, exus e pomba giras são todos cultuados, mantendo com isso uma relação de benefícios para os espíritos como para os filhos de santo, os quais alcançam cura de males dos mais variados, estabilidade financeira e emocional com o contato que se estabelece com esses espíritos ancestrais.

Dessa forma, esse capítulo buscou analisar a formação do terreiro, desde sua origem, acompanhando a trajetória de pai Joaquim na religião umbandista, contando com a influência das entidades espirituais em sua vida. O Cantinho de Luz realiza rituais de culto aos caboclos, pretos velhos, Léguas e Povo D’água, Exus e Pomba giras. Os filhos de santo se dividem em médiuns que “incorporam” as entidades e os “cambones”, responsáveis por auxiliar diversas tarefas rituais. Dessa maneira, o ritual se realiza, contando com cada um de seus participantes e das entidades espirituais cultuadas.

#### 4 “BAIANDO NA GIRA”: a performance ritual no terreiro

É que a dança não é apenas uma arte, mas um modo de viver (...) A dança é um modo de existir. Não apenas jogo, mas celebração, participação e não espetáculo, a dança está presa à magia e à religião, ao trabalho e à festa, ao amor e à morte. Os homens dançaram todos os elementos solenes de sua existência: a guerra e a paz, o casamento e os funerais, a sementeira e a colheita (...) A dança é então um modo total de viver o mundo: é, a um só tempo, conhecimento, arte e religião<sup>29</sup>.

No presente capítulo busca-se investigar os valores e sentidos produzidos na performance do ritual de “gira”, no terreiro Cantinho de Luz. Propõe-se aqui analisar os elementos performáticos na expressão religiosa da Umbanda, sendo a dança, o canto e a música instrumental, a conjunção do ritual que homenageiam os espíritos das entidades ancestrais.

Para isso, recorro ao meu período no campo de pesquisa, convivendo com os filhos de santo e extraindo de suas falas e das vivências no terreiro, aquilo que compreendem sobre seus rituais, atentando para a gira de desenvolvimento espiritual. O ritual de “gira” desencadeia uma performance coletiva, onde estrategicamente pai de santo, filhos de santo, visitantes e “tambozeiro” se encontram para realização desse ritual, cumprindo com suas funções, gerando um elo firmado com as divindades que são evocadas durante esse rito. Nessa ação ritual, as entidades umbandistas são homenageadas a partir de pontos cantados e danças que as identificam dentro do contexto ritual. No caso do terreiro pesquisado, as linhas de entidades cultuadas se dividem em caboclos indígenas, pretos velhos, povo d’água, erês, família de léguas, exus e pomba giras.

Além disso, a “gira” carrega em sua simbologia ritual a função de desenvolver a espiritualidade dos filhos de santo formando uma corrente de energias que desencadeiam a experiência ritual, assim como uma espécie de terapia de cura, as quais os envolvidos passam por momentos de intenso reequilíbrio da saúde corporal e mental. A “gira” agrega a dança, os pontos cantados e o uso dos instrumentos musicais, tambor e triângulo. Pretendo com isso analisar todos esses elementos performáticos, em especial a dança ritual, mostrando como cada linha de entidades se apresentam na elaborada construção performática da “gira”. Para isso, recorro à análise dos mais diversos pontos cantados utilizados em homenagem às entidades espirituais, procurando também analisar a dança de acordo com cada ponto cantado

---

<sup>29</sup> GARAUDY, Roger. **Dançar a vida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

e com a cura que é realizada no instante em que se expressam movimentos e gestos corporais, tanto do médium quanto da entidade incorporada em seu “cavalo”.

Para isso, a forma como os rituais umbandistas se delineiam no Cantinho de Luz, se dá a partir de uma experiência performática, no sentido de concretizar uma ação que desencadeia a expressão simbólica das crenças e valores que constituem a religião umbandista. A performance umbandista conecta o uso de elementos simbólicos que formalizam a sua prática no contexto ritual. O conceito de performance que emprego a análise do ritual umbandista estudado se embasa num tipo de comportamento ritualizado, onde memórias são colocadas em ação, a fim de fazer as pessoas lembrarem e colocarem em prática um tipo de comportamento, ao mesmo tempo que propiciam a essas pessoas performar ações e atitudes diferentes do seu cotidiano comum (SCHECHNER, 2012). Trato então de relacionar o ritual de gira presente no terreiro, como uma performance, pois ele evidencia “um repertório de conhecimento incorporado, uma aprendizagem no e através do corpo, bem como um meio de criar, preservar e transmitir conhecimento” (SCHECHNER, 2003, p.28). O ritual escolhido para análise contém o uso de cânticos, danças e toques musicais que integram a espiritualidade dos filhos de santo no terreiro.

Conquanto, a performance é realizada pelo uso de movimentos, gestos e cantos que o corpo do filho de santo, no desenrolar da gira de desenvolvimento espiritual, expressa como um repertório de conhecimento religioso. Uso do termo performance, cunhado por Richard Schechner (2012), referindo-me a:

Performances, sejam elas performances artísticas, esportivas ou a vida diária-consistem na ritualização de sons e gestos. (...). De fato, uma performance pode ser: comportamento ritualizado condicionado/permeado pelo jogo. Rituais são uma forma de as pessoas lembrarem. Rituais são memórias em ação, codificadas em ações (SCHECHNER, 2012, p.49).

Logo, a pesquisa em tela se fundamenta na análise da performance do ritual de gira, pensada a partir da citação acima como uma ação ritualizada pelos praticantes da umbanda, no caso os filhos de santo, para a partir de movimentos e gestos corporais relembrem e colocarem em ação suas crenças e valores, constantemente expostas para se recordarem de sua fé, ao mesmo tempo que se reúnem como um grupo que compartilha de uma memória coletiva, onde suas ações são sacralizadas no cenário ritual. Ainda citando Schechner (2003), sobre a noção de performance servindo de referência para análise da dança no terreiro investigado, cita o autor,

Performances marcam identidades, dobram o tempo, remodelam e adornam o corpo, e contam estórias. Performances de arte, rituais, ou da vida cotidiana são “comportamentos restaurados”, “comportamentos duas vezes experienciados”, ações realizadas para as quais as pessoas treinam e ensaiam (SCHECHNER, 2003, p.28).

Durante a execução da performance ritual, as entidades espirituais homenageadas nos pontos cantados se manifestam por meio da incorporação. Esses espíritos são invocados com as vozes dos filhos de santo cantando os versos dos cânticos e dançando os passos e movimentos corporais que incidem essa experiência em seus corpos. Para a análise dessa prática ritualística, utilizo-me do conceito performance, na qual Richard Schechner (2011) fala sobre a ritualização de sons e gestos em uma ação conjunta. Assim, o que se investiga aqui dentro do contexto ritual são os elementos de um acervo sonoro e gestual presente no ritual de gira. Esses elementos sonoros, gestuais e também as palavras emanadas durante os rituais, são utilizadas com a finalidade de atrair as energias que desencadearão o contato com a elevação espiritual dos filhos de santo com suas entidades espirituais, extraindo disso o elo firmado com as práticas religiosas que asseguram a experiência com a espiritualidade.



Figura 13. Croqui da dança ritual.  
Fonte: acervo do autor.

Para melhor entendimento sobre a gira presente no terreiro investigado, proponho a noção de *comportamento restaurado*, cunhado por Richard Schechner (2001), no que concerne as formas de agir que estão ligadas à tradição de um grupo. Assim, a performance

do ritual no terreiro possibilita aos filhos de santo tomarem consciência mais uma vez de suas crenças, dos valores que os constituem enquanto grupo, como também a cada novo ato realizado no terreiro, percebe-se a construção de uma experiência, a qual sempre é ressignificada em uma nova expressão ritual.

Esse *comportamento restaurado* a que fala Schechner (2001) é pensado como um modelo de ação que constantemente pode ser rearranjado, reinventado com novos elementos em sua expressão. O autor explica que esse comportamento possibilita o sujeito a expressar alguém que não ele mesmo, como numa dança de transe, o que revela na verdade outras possibilidades de ser um outro além dele. O *comportamento restaurado* é uma constante recombinação de fragmentos de comportamentos ligados a uma tradição (SCHECHNER, 2001).

Sendo assim, a tradição presente na dança da gira performatiza o coletivo, onde os filhos de santo do Cantinho de Luz restauram comportamentos ligados à ancestralidade dos espíritos cultuados, sendo retomados com novas representações, com liberdade e criatividade que os filhos de santo podem implementar a cada novo ritual. São “pontos cantados” novos, que os filhos de santo recebem das entidades em sonhos e entoados como novidade no momento do ritual, é um novo passo de dança, ou mesmo uma oração nova para adicionar o “novo” na tradição do culto. A exemplo disso, a filha de santo Ana Beatriz Viana me explicou sobre os sonhos frequentes em que sua guia espiritual, a cabocla Jacira aparece entoando pontos cantados e realizando passos de dança, os quais são apreendidos pela filha de santo e encenados durante as “giras” no terreiro.

Além disso, é no fazer performance que os sujeitos envolvidos preservam seus valores e cultivam suas práticas, dando abertura para a inovação. Sobre essa experiência ritual admitir novos processos de criação dentro de uma estrutura já estabelecida, Turner (2015) salienta que:

Na medida em que a comunidade e seus integrantes individuais se veem como mestres ou “donos” do ritual e da liturgia, ou como representantes dos ancestrais e dos deuses, que, em última instância, são os “donos” do ritual e da liturgia, eles têm a autoridade de introduzir, de tempos em tempos, em certas condições culturalmente condicionadas, elementos de novidade no repertório socialmente herdado de costumes rituais (TURNER, 2015, p.41).

Com o uso simultâneo do toque do tambor e dos “pontos cantados”, a “gira” vai tomando forma no terreiro, com os filhos de santo seguindo os passos ensinados pelo pai de santo para trabalharem em prol do desenvolvimento espiritual, ocasionando a proximidade com as entidades espirituais, para em seguida representarem sua própria performance, cada

um a seu modo, de um jeito particular, vivenciando ao mesmo tempo que junto, uma experiência pessoal e única no terreiro. A esses instrumentos, como a dança e sua gestualidade, Turner (2015) denominou de “teia de símbolos interpretativos não-verbais” (TURNER, 2015, p.92), para se referir a esses elementos simbólicos que por si só geram um tipo de comunicação.

Consequentemente, na expressão desse ritual no cenário do terreiro pesquisado, o “ponto cantado” é um elemento desse conjunto de símbolos que faz o ritual comunicá-los com os seus significados. Utiliza dos “pontos cantados” para ativar uma espécie de energia vibratória que modifica o estado de consciência dos filhos de santo na “gira”, de modo que cantem repetidamente os cânticos para abrirem suas “crôas”, possibilitando a chegada das entidades espirituais para que sejam incorporadas. Sendo assim, o “ponto cantado” é visto entre os filhos de santo como um elemento propiciador e convidativo para a “entidade” que está sendo cantada naquele momento vir à “gira” e dançar com os filhos de santo. O “ponto cantado” é um facilitador na comunicação com o plano astral das “entidades espirituais”. Unindo a isso, a dança e a forma como os tambores e demais instrumentos musicais são tocados é que possibilita o conjunto dos elementos performáticos que dão consistência à realização do “ritual de gira”.

Esses elementos que ordenam a estrutura ritual concebem no corpo a sua existência. O corpo do filho de santo recebe essas energias que são emanadas na performance respondendo de volta com os movimentos característicos da expressão ritualística. Sobre isso, Laban (1978) esclarece que,

O corpo é nosso instrumento de expressão por via do movimento. O corpo age como uma orquestra, na qual cada sessão está relacionada com qualquer uma das outras e é uma parte do todo. As várias partes podem se combinar para uma ação em concerto ou uma delas poderá executar sozinha um certo movimento como “solista”, enquanto as outras descansam. Também há a possibilidade de que uma ou várias partes encabezem e as demais acompanhem o movimento. (...). Cada ação de uma parte particular do corpo deve ser entendida em relação ao todo que sempre deverá ser afetado, seja por uma participação harmoniosa, por uma contraposição deliberada ou por uma pausa (LABAN, 1978, p.67).

E o referido tópico acima mencionado, traz a questão da expressão do corpo na performance do ritual no terreiro consiste num elaborado trabalho que envolve o movimento corporal sintetizado na dança, como também no compasso com o ritmo do tambor esse corpo vai seguindo o modelo proposto de expressão, além da comunicação que se realiza através dos cânticos entoados simultaneamente à dança. O corpo, nesse contato, “não é um objeto a ser estudado em relação à cultura, mas é o sujeito da cultura; em outras palavras, a base

existencial da cultura” (CSORDAS, 2008, p. 102).

Segundo Thomas Csordas (2008), a noção de corporeidade pode ser utilizada para “compreender a natureza da experiência humana na cultura” (CSORDAS, 2008, p.16). A performance que se realiza no espaço do terreiro, com os filhos de santo movimentando-se, formando uma dança no centro do local, proporciona a realização de uma corporeidade umbandista, a qual saúda as entidades espirituais cultuadas no ritual. Essa performance pode ser vista como uma experiência que carrega um significado na cultura religiosa desse terreiro, expressando ali os valores e ideias que comungam.

Segundo o ex-filho de santo do Cantinho de Luz, e atual pai de santo da Tenda de São José, Seu José dos Santos Amorim, a dança é uma espécie de alimento para as “entidades”, que na dança existe o agradecimento das coisas boas oferecidas. A dança, para ele, serve para absorção de força e energia, restauradas pelas entidades. Além disso, para preparar-se na dança, é necessário uma série prescrita de ritos: entrar no salão descalço, passar pelo “banho de ervas”, usar a faixa batizada no terreiro, assim como toda a indumentária sagrada, como já referido no capítulo anterior. Todos esses elementos fazem sentido para a elevação espiritual do filho de santo, sendo considerados parte de um elaborado processo ritualístico que os auxilia na boa execução da “gira”.

E a partir de agora narro as ações que realizam o ritual de “gira”, apontando todas as palavras, inclusive os “pontos cantados”, até a presença rica e diversificada dos gestos presentes nas danças, tanto dos filhos de santo, quanto das entidades espirituais incorporadas. O ritual de gira analisado segue a interpretação de uma performance realizada no terreiro, como um *comportamento restaurado*, em que são colocados os valores da tradição desse grupo religioso. A “gira” é uma prática ritual que formaliza e põe em ação as crenças e valores de pai Joaquim e de todo o terreiro Cantinho de Luz, de modo que se unam as energias vibracionais dos médiuns com seus guias espirituais, extraíndo desse contato o desenvolvimento espiritual.

Na medida em que a “gira” se delinea no espaço interior do terreiro, com sua composição clássica em formato circular, os filhos de santo vão apresentando seus passos e movimentos corporais que numa espécie de envolvimento convidativo se preparam para que as entidades espirituais em um dado momento tomem as rédeas e passem a representar sua expressão corporal, onde a partir de movimentos corporais consegue-se identificar qual entidade está se apresentando naquele momento em que a dança concentra o esforço e preparação de filho de santo da casa.

Portanto, a dança é uma expressão do corpo, na qual a comunicação se dá por meio de

gestos e movimentos individuais e coletivos dentro do ritual de gira. Dançar em qualquer ambiente e ocasião estimula o corpo a expressar suas emoções, a ativar a energia acumulada e representar o modo como o corpo interage com o espaço em que se encontra. No caso das práticas rituais que envolve o “baiar”, ou seja, a dança no ritual de gira, como os filhos de santo do terreiro pesquisado a denomina, essa expressão simbólica possui valor inextricável para o processo de feitura dos trabalhos rituais no cenário do terreiro. Sobre o significado simbólico da dança, Ligiéro (2011) afirma que:

A dança ocorre dentro de um contexto celebratório-ritualístico com grande capacidade de interatividade e participação do público presente, quase sempre gente do mesmo grupo de convidados e simpatizantes. Através do corpo, fala a etnia, num léxico próprio de movimentos articulados com ritmos e cantos que são emblemáticos da própria mitologia do grupo ou nação em questão (LIGIÉRO, 2011, p.131-132).

Nesse sentido, Ligiéro (2011) afirma que as práticas performativas envolvem a relação usual entre a dança, o canto, a música, a vestimenta, como também o espaço em que se realiza a atividade religiosa. Essa ação ritual estabelecida por um grupo afro-brasileiro têm diversas funções que interagem e revelam o que o autor explica sobre o cultivo da tradição a partir da oportunidade de a cada novo ato, transformá-la. As principais funções concernentes ao ato performativo seriam:

- 1) o emprego dos elementos performativos: canto, dança e música; 2) a utilização simultânea ou consecutiva do jogo e do ritual na mesma celebração;
- 3) o culto aos ancestrais por meio do culto ou do transe; 4) a presença de um mestre que guarda o conhecimento da tradição e que, através da iniciação, transmite o legado, e que na maioria dos casos é também o performer líder do ritual e/ou da celebração; e a 5) utilização do espaço em roda- as performances se movimentam dentro do círculo enquanto a plateia assiste em volta (LIGIÉRO, 2011, p.108).

Até aqui, a questão trabalhada nesse capítulo foca no processo ritual da “gira” de desenvolvimento espiritual dos filhos de santo. Essa prática ritual abarca em sua representação o uso de elementos simbólicos que formalizam o contato humano com as entidades espirituais no terreiro. Dentro dessa manifestação em que filhos de santo celebram coletivamente suas crenças, formalizam suas preces e agem dentro de um conjunto de terapias de cura, a performance ritual agrega todas essas funções. Ao mesmo tempo em que o corpo dança e canta, ele incide a cura dos males por intermédio espiritual das entidades umbandistas.

Além disso, a dança, presente em sua expressão como um instrumento do ritual, é responsável por fazer os filhos de santo imergirem no plano ritual criado através da entonação dos pontos cantados e dos ritmos compassados dos tambores. A dança no Cantinho de Luz



pode ser vista como um símbolo ritual, na concepção de Turner (2015), quando o autor fala de uma inversão da vida normal, prescrito na fase *liminar*, por certos instrumentos simbólicos que ocasionam essa desvinculação com o mundo social cotidiano. A dança é uma espécie de realidade extracotidiana, pois o mundo que ela expõe ao filho de santo é realizado por meio de uma série de ritos que invoca a força espiritual das entidades umbandistas. Sendo assim, em meio a essa gama de elementos simbólicos que constrói o mundo ritual do povo de santo do terreiro pesquisado, passo a relatar minhas experiências nesse espaço de culto.

### 3.1 “Povo de santo” dançando na “gira”

Em uma noite de sábado, no mês de março de 2018, por volta das 19 horas, quando cheguei ao Cantinho de Luz, deparei-me com algumas pequenas mudanças desde a última vez em que estive lá. Ao chegar no espaço de culto do terreiro, vivas cores se emolduravam em suas paredes, destacando o verde na parede central, onde o altar se localiza, e o bege nas laterais. Cada uma dessas cores é estrategicamente escolhida pelo pai de santo Joaquim, a fim de associá-las aos significados inerentes às entidades espirituais. No caso do verde que decora a parede central do terreiro, esta cor se atrela à “linha” dos caboclos, pois estes espíritos vêm das matas, e o verde representado busca conexão com a natureza, com o verde das árvores que arroteiam o espaço do terreiro.

Por isso, no teto há bandeirinhas de TNT<sup>30</sup> das mais variadas cores dão um brilho todo especial ao cenário que subsidiaria logo mais os rituais. A cadência de cores das bandeiras no teto iam do vermelho ao azul, colorindo com encanto aquele espaço de culto. O vermelho cintilante se destaca entre as demais cores. Em uma conversa com a filha de santo, Kamila Mara Silva Pereira de Carvalho 26 anos ela me falava sobre a posição de cada uma das cores presentes no teto:

*O vermelho ali é pras Pombas giras, por que o vermelho representa a cor delas, a cor da paixão, do amor, entendeu? O azul que tá aqui é pro povo de água, representa os mares e cachoeiras que eles se encontram, essa cor é pra homenagear eles. O branco é pra preto velho, por que eles trazem paz pra gente, e também representa a cor das nossas roupas aqui no centro. O amarelo representa o ouro, quando a gente vê ele no teto com as bandeirinhas ou a gente usa as velas na cor amarela é pra pedir dinheiro, pedir coisa boa pra gente. E o rosa aqui é pros erês, que são crianças e essa cor representa eles* (Entrevista realizada com a filha de santo Kamila Mara Silva Pereira de Carvalho, em 06 de outubro de 2018).

<sup>30</sup> TNT é um tipo de material definido como não tecido, o qual passa por um processo de fixação de fibras desorientadas. No Cantinho de Luz esse material é utilizado tanto na confecção das bandeiras que ornamentam o terreiro, como nas festas realizadas nas datas para as entidades espirituais.

Com essa fala da filha de santo pude entender o propósito da simbologia das cores no contexto ritual. Aquelas bandeirinhas enfeitando o teto, assim como a escolha das cores que decoram as paredes ao redor do terreiro possuem estreita ligação com as características das linhas de entidades cultuadas e com aquilo que os filhos de santo almejam em seus pedidos a elas, como no caso do amarelo, pedindo por conquistas financeiras.

Além dessa decoração, um altar em forma de coluna com um apoio em cima, no centro da parede verde, concentra algumas velas de sétimo dia, uma garrafa de cachaça e uma pequena sineta preenchia esse local. Uma mesinha ao lado disposta com um arranjo de flores azuis e a imagem de uma preta velha e do Zé Pelintra fechavam a decoração com uma linda toalha branca de renda. Observei que esses dois altares são reverenciados pelos filhos de santo, quando estes adentram ao espaço de culto, aproximam-se fazendo o sinal da santa cruz<sup>31</sup>.

Naquele dia especial de reverência as entidades, pai Joaquim com sua indumentária branca, ao lado de seu “contra chefe” e dos demais filhos de santo, todos portando sua vestimenta branca, como o uniforme do Cantinho de Luz para participação nos rituais. Todos os filhos de santo presentes esperavam cumprir por mais uma vez a longa caminhada, rumo ao encontro com seus guias espirituais, durante a realização da “gira” de desenvolvimento espiritual, a qual consiste de muita música e dança. Naquele momento inicial, realizavam a reza do “terço rápido”<sup>32</sup>, a qual é sempre “puxada” pelo visitante, Jorge Ferreira de Sousa, sendo essa a primeira reza recitada em coletivo. Essa reza, realizada de maneira entremeada, mostrava-me a localização inicial dos homens no lado direito e as mulheres, no esquerdo. Todos que rezavam naquele momento direcionavam seus olhares para o chão, de cabeça baixa, concentrados nas orações que recitavam: “Credo”, “Ave Maria”, “Pai Nosso” e “Salve Rainha”.

Logo, depois de finalizada a reza do “terço-rápido”, pai Joaquim inicia as preces dirigidas para o ritual da “gira”, pedindo permissão aos santos católicos, aos orixás e entidades umbandistas que abençoem a noite de ritual que está por vir. Ele invoca todas as entidades da Umbanda, os pretos velhos, caboclos, povo d’água, erês para protegerem e guiarem cada filho de santo durante a “gira”, assim como chamava pelo anjo da guarda de cada um dos presentes. Pede em oração que cada um dos filhos de santo mentalize os seus

---

<sup>31</sup> O sinal da Santa Cruz (Pai, Filho e Espírito Santo) é um elemento do catolicismo, no qual os filhos de santo usam no contexto ritual como forma de reverência ao Pai Oxalá.

<sup>32</sup> O terço-rápido é assim denominado por ser rezado de maneira apressada, onde as falas se acoplam. Por exemplo, na reza do terço, as orações são Pai Nosso, Ave Maria, Credo e Salve Rainha. Cada uma dessas orações possuem duas etapas, como no caso da “Ave Maria” e “Santa Maria” são rezadas ao mesmo tempo, dividido entre dois grupos de filhos de santo que rezam de maneira rápida.

“irmãos de fé” ausentes para que os guias espirituais de cada um permaneçam protegendo-os. Cada um dos filhos de santo deve se concentrar o máximo possível para emanar bons pensamentos e vibrações para seus irmãos de fé que não esteja presente no terreiro, assim como deve pedir juntamente com o pai de santo, para que as entidades os guardassem e protegesse durante a realização dos rituais que logo mais acontecerá, percebendo que a gira só pode ser realizada em seu sentido completo, desde que todos entrem na mesma energia vibracional de pensamento e oração.

Nesse sentido, pai Joaquim junto de seu “contra chefe” inicia puxando um “ponto cantado”, a qual todos se deslocam de seus assentos para permanecerem em pé, enquanto o cântico é entoado. Sendo assim, entendi que o performer que desencadeia o início da “gira”. Observei que isso se dá no instante em que ele bate seu pé direito no chão e levanta o dedo indicador, apontando para o teto e entoando o primeiro cântico de “abertura dos trabalhos”. O repertório no ritual inicia com o “ponto cantado” de nome *Liga as correntes*, que tem como função energizar o espaço do terreiro e unir as vibrações dos filhos de santo para que iniciem os “trabalhos” rituais. Segue abaixo o “ponto cantado”:

*“Liga as correntes vamos trabalhar Trazer as forças que Jesus me dá Balança o mar,  
meu Pai  
Balança o mar, meu Pai  
Trazer as forças que a maresia dá Liga as correntes vamos trabalhar Trazer as forças  
que Jesus me dá”*  
(Ponto cantado encontrado no campo de pesquisa, em 25 de março de 2017).

Esse “ponto cantado” pede a Pai Oxalá que dê as forças espirituais necessárias para que os filhos de santo sigam com fé e perseverança na realização dos trabalhos rituais. Esse cântico é estrategicamente entoado pelo pai de santo, a fim de fazer os filhos de santo cantarem e se concentrarem para os momentos porvires de incorporação dos guias. Os filhos de santo cantando esse ponto ajudam em suas concentrações, facilitando na “incorporação” das entidades.

Nesse momento, enquanto entoa o “ponto”, pai Joaquim se desloca até a mesinha para pegar o banho de ervas guardado em um compartimento de vidro. Enquanto canta, pai Joaquim se dirige primeiro aos homens, incluindo os visitantes, para borrifar o “banho de ervas” na mão direita de cada um, indo logo depois ao encontro das mulheres que se localizam no lado esquerdo. Esse “banho de ervas”, como me explicou a madrinha do terreiro, Luzia Ferreira de Sousa, 57 anos serve para limpar a “crôa” do filho de santo, afastando as impurezas, os pensamentos negativos e facilitando sua espiritualidade para

incorporação das entidades durante a gira. O “banho” também serve para os visitantes, fazendo com que qualquer energia negativa que esteja próxima seja afastada. Esse banho é um elemento fundamental para purificação dos filhos de santo, estando preparados para “incorporação” das entidades.

Como o “banho de ervas” possui aroma de ervas naturais e é friccionado entre as mãos para em seguida ser colocado nas narinas para sentir sua essência. Na fala de pai Joaquim, ele explica o significado do “banho de ervas”:

*O que é que tem no banho de ervas? A gente tem alfazema, alecrim, jardineira, arruda e laranjeira. Essas ervas que compõem nosso banho de ervas. Elas ajudam a energizar a áurea do filho de santo, pra ficar pura, mas nosso banho também serve pra curar de todo mal. A gente usa o banho, por que a entidade vai vim no corpo do filho de santo, ela vai incorporar, e quando ela incorpora, ela quer encontrar um corpo limpo, sadio e cheiroso pra ela pousar, certo? (Entrevista realizada com pai de santo Joaquim, em 16 de fevereiro de 2019).*

Esse “banho” é comprado em lojas específicas que vendem produtos religiosos, sendo vendido em frascos de vidro. Enquanto é passado de mão em mão pelo pai de santo, os “pontos cantados” seguem para abertura dos trabalhos rituais que envolvem a execução da “gira”.

Esses cânticos iniciais servem para a limpeza do corpo e da mente de cada um dos filhos de santo, em especial dos médiuns que vão incorporar as entidades espirituais. Isso ocasiona uma boa concentração e predisposição para encararem a longa noite de ritual, onde vão incorporar as entidades de diversas “linhas” de entidades. Esses cânticos, guiados pelo pai de santo, e entoados conjuntamente pelo seu povo de santo vem acompanhado de outras práticas rituais, a exemplo do “banho de ervas”.

Com a entonação do ponto unido ao “banho de ervas” facilita o trabalho de cada filho de santo no ritual. *Ligar as correntes*, como diz o “ponto cantado”, segundo me explicou a filha de santo Ana Beatriz Viana é pedir que todos os filhos de santo caminham na “gira” com a mesma vibração espiritual para que os trabalhos sejam realizados com sucesso. Notei que nesse primeiro “ponto” entoado, os filhos de santo davam-se as mãos, para que a transmissão de energia se efetivasse nesse primeiro contato.

Logo depois do “ponto cantado” responsável por unir as energias dos filhos de santo para realização de seus trabalhos, o próximo “ponto cantado” é *Estrela Davi*:

*“Estrela Davi é luz do dia  
Venço batalha no xangô da maresia Estrela Dá, estrela bonita  
Os sete linhas, estrela bonita*

*Eu peço força, estrela bonita A Jesus Cristo, estrela bonita Pai Oxalá, estrela bonita*

*Rei Sebastião, estrela bonita Para me ajudar, estrela bonita A trabalhar, estrela bonita*

*E dentro dessa casa, estrela bonita Ponto afirmado, estrela bonita Pra me ajudar, estrela bonita  
A vim rezar, estrela bonita*

*Estrela Davi é luz do dia  
Eu peço força, estrela bonita A Luís Badé, estrela bonita  
Príncipe Areolindo, estrela bonita Que traga força, estrela bonita*

*Pra essa casa, estrela bonita Pra me ajudar, estrela bonita Família Légua, estrela bonita  
Que esteja em frente, estrela bonita*

*A administrar, estrela bonita E esta casa, estrela bonita  
Com muita força, estrela bonita”  
(Ponto cantado encontrado no campo de pesquisa, em 25/03/2017).*

Enquanto entoava esse “ponto”, o filho de santo, Moacir Odásio Carvalho, deslocou-se até a entrada do terreiro para pegar o “incenso” que estava suspenso do lado de fora da parede do terreiro. Quando retornou, o filho de santo entregou nas mãos de pai Joaquim. O pai de santo levantava o “incenso” espalhando a fumaça nas quatro extremidades do terreiro, purificando o espaço que subsidiaria os rituais com a defumação. Logo após entoar esse ponto, pai Joaquim invoca as forças espirituais dizendo: “Salve Deus, Salve as forças, Salve os orixás”. Essas louvações ditas antes mesmo da “gira” começar já apontam os objetivos de acolher as forças espirituais e saudar as divindades que vigiam os rituais dando segurança para os todos os presentes. Através desse “ponto cantado”, pai Joaquim pede que Jesus Cristo e as entidades espirituais venham ajudá-lo na execução dos trabalhos rituais. Em especial cita a Família Légua, para que esteja à frente dos rituais, operando em nome da proteção e do cuidado dos filhos de santo.

Logo após as rezas e preces, como a entonação do “ponto cantado” acima, dá-se início à “gira” com as mulheres no canto esquerdo do terreiro, iniciando por uma filha de santo próxima à porta de entrada, para em seguida os homens, no lado direito, comporem a roda. A “gira” no terreiro de pai Joaquim inicia por volta das 19 horas e 30 minutos. Naquele momento inicial, homens e mulheres se direcionam ainda separados para compor a roda, no entanto, no decorrer de sua realização, todos vão se misturando, sem mais haver qualquer segmentação por sexo.

E ainda, vale ressaltar que nesse momento da “gira”, cada um de seus participantes já se encontra devidamente em seu lugar: filhos de santo, divididos entre médiuns que incorporam e os “cambones”, estão ambos na formação da roda de dança, no centro do

terreiro; o pai de santo, juntamente com seus contra chefes no lado esquerdo do altar, para puxar os pontos cantados para as entidades; e, por fim, o “tambozeiro”, sentado em um banco de madeira, com seu instrumento musical, colocado a sua frente. Vestidos com suas roupas brancas, com a “faixa do médium”, com seus “colares de conta” e “terço guia”, todos estão encaminhados para mais uma vez aclamarem suas divindades. É quando pai Joaquim entoou o primeiro “ponto cantado” já com a “gira” formada.

Então, Observando a execução da “gira”, os filhos de santo iniciam esse ritual com passos lentos, cabeça baixa e entoando os “pontos cantados” puxados pelo pai de santo com vozes baixas. Esses movimentos realizados no início se davam na maioria das vezes como um período de concentração para o momento porvir que desencadeará a “incorporação” das entidades. Cada vez que uma entidade se manifesta na gira, incorporada num filho de santo, percebe-se um tipo específico de movimento corporal que identifica sua chegada na “crôa” do filho de santo. Em contrapartida, na suspensão da “entidade”, pai Joaquim ou seu “contra chefe” Antônio Pereira da Silva Filho, 34 anos, realizam um movimento de adequação com o filho de santo, ligando as mãos uns dos outros com os braços estendidos em formato de X fazendo um movimento abrupto. Além desse movimento de “suspensão”, também observei outro que consistia em colocar a cabeça do filho de santo encostada no peito do contra chefe ou do pai de santo, onde um dos dois sopra no ouvido do filho de santo, e então a entidade é “suspendida”, ou seja, é retirada do corpo do filho de santo.

Nessa primeira etapa, os passos se tornam lentos devido aos “pontos cantados” entoado ser mais tranquilos, os quais é acompanhado pelo batuque do tambor de maneira leve. O “tambozeiro”, Daniel Alves do Nascimento, me informou que o toque do tambor varia muito, dependendo do ponto cantado que é entoado, pois alguns são mais agitados e outros mais tranquilos. Notei que os primeiros toques do tambor são mais lentos, pois devem acompanhar o ritmo dos “pontos cantados”, seguindo as orientações de concentração para absorver as energias necessárias para a incorporação mais à frente.

Depois do ponto *Estrela Davi*, o qual guarda a função de abrir os trabalhos rituais, os próximos cânticos são designados a saudar Santa Bárbara. Nesses instantes iniciais, notei os filhos de santo cantando os pontos de maneira tranquila, vozes baixas, ainda permanecendo com sua dança vagarosa e tranquila, concentrados naquele ritual que estava apenas começando. Me chamava atenção essa primeira parte do ritual, devido tamanha concentração que era investida pelos filhos de santo, já que se moviam lentamente e cantavam os “pontos” de maneira tímida, diferente do pai de santo que já iniciava com bastante energia e

empolgação. Os pontos cantados de “abertura dos trabalhos” que se referem à Santa Bárbara são:

*“Minha divina Santa Bárbara Eu botei meu pé no mar*

*Ei Mar, ei mar*

*Eu botei meu pé no mar*

*Ei Mar, eu mar*

*Eu botei meu pé no mar”*

(Ponto cantado encontrado no campo de pesquisa, em 25 de março de 2017).

Conversando com algumas filhas de santo, elas me explicaram que no momento em que cantavam esse ponto para Santa Bárbara, sentiam como se estivessem em uma praia, encostando seus pés na água do mar, sentindo tranquilidade e paz interior. Segundo elas, isso era proporcionado pelo momento em que se realizava a “gira”, onde as “correntes espirituais” estavam em conexão, invocando Santa Bárbara, onde a experiência de cantar o “ponto” e dançar na “gira” proporciona a sensação de se estar em meio ao mar, sentindo a brisa e os pés levemente molhados.

Logo após esse cântico, pai Joaquim e seus contra chefes seguiram homenageando Santa Bárbara com mais um “ponto” constantemente utilizado para saudá-la:

*“Santa Bárbara Virgem É dos cabelos louros*

*E a morada dela*

*É na pedra de ouro Eu tava na ladeira Sem poder dizer*

*Chamei por Santa Bárbara Para ela me socorrer*

*Santa Bárbara Virgem É dos cabelos louros E a morada dela*

*É na pedra de ouro E a morada dela*

*É na pedra de ouro E a morada dela*

*É na pedra de ouro”*

(Ponto cantado encontrado no campo de pesquisa, em 25 de março de 2017).

Nesse momento, os filhos de santo se encontram na “gira”, circulando no centro do terreiro, cantando em voz uníssona para a santa recitada no “ponto”. Nesses dois cânticos para Santa Bárbara as energias da corrente espiritual da “gira” eram emanadas com as palmas dos filhos de santo e dos visitantes com muita devoção. Em uma conversa informal com a filha de santo Antônia Maria Bonfim, antes do início da “gira”, perguntei sobre os pontos que eram cantados para Santa Bárbara. Ela me informou que esses pontos servem para pedir à santa, que resguarde cada um dos filhos de santo para que se mantenha protegidos por ela durante a realização da “gira”. A filha de santo me informou que com o canto já ajuda na concentração para as entidades que são homenageadas naquele instante, trazendo o benefício da paz interior

e uma sensação de bem estar inigualável quando entoam os “pontos cantados”.

Conforme, a “gira” se estende no período de duas horas, com um intervalo da primeira etapa para a outra, dirimindo as influências externas do espaço de culto, pois para a energia positiva se firmar, deve-se anular toda e qualquer influência contrária ao contexto do ritual. Os filhos de santo mergulham no envolvente cantarolar dos “pontos cantados”, emanados pelo pai de santo e seus “contra chefes”, seguindo também entoando os cânticos, transformando o espaço do terreiro em um coral de vozes devocionais. O ritual de “gira”, segundo me falou o filho de santo, Moacir Odásio Carvalho, pode ser entendido da seguinte forma:

*A gira é pra gente estar ali na roda, buscando força com os outros, unindo as nossas correntes. Se a gente pega alguma energia ruim durante a semana, na gira ela se manifesta e é a hora que os outros filhos de santo têm que ajudar, pra que essa energia que prejudica o irmão seja levada pra fora dele. Na gira, ali a gente só canaliza energia positiva, é como se fosse um tratamento pra todo mundo melhorar de alguma doença, sensação ruim, melhorar de tristeza. Estar ali naquela roda é pra aflorar nossa espiritualidade (Entrevista realizada com o filho de santo Moacir Odásio Carvalho, em 06 de outubro de 2018).*

Com essa fala do filho de santo pude interpretar a “gira” como um ritual de purificação dos filhos de santo, os quais ligam suas correntes energéticas, durante essa prática, para alcançar um estado de tranquilidade e paz interior, a ponto de “incorporar” as entidades espirituais e extrair disso os benefícios oferecidos por essas divindades. Em outra ocasião, conversando com alguns filhos de santo do terreiro, estes me diziam que a gira é o momento de firmar os “pontos” de oração dos médiuns da casa. É quando o filho de santo oferece suas preces e se prepara para adentrar ao caminho da “gira”, precisando inicialmente se preparar, se concentrando em suas orações.

Além disso, ritual de “gira” serve para preparar o filho de santo médium a controlar com o tempo as energias negativas que são emanadas por outras pessoas, para que saiba dominá-las, não deixando se afetar. Sendo assim, a gira presente nos rituais do Cantinho de Luz, presidida pelo pai de santo e seus contra chefes, sob a autorização das entidades espirituais que regem o terreiro, funciona como meio de aprimoramento dos filhos de santo para sua ascendência na religião umbandista. E para que isso ocorra, é de suma importância a participação dos filhos de santo no “baiar”, como chama a prática da dança no ritual de “gira”. E no decorrer de minhas idas ao terreiro, procurando ouvir aqueles filhos de santo que praticavam com força, fé e esforço seus rituais, tentando apreender seus gestos e passos de dança, assim como o contato que se estabelecia com as entidades espirituais através dos pontos cantados, vi-me diante de uma diversidade de entidades espirituais que são



homenageadas no transcorrer do ritual de “gira”. Numa pesquisa sobre o conhecimento umbandista produzido nos rituais de um terreiro, Lucas Brito (2016), explica a influência do ponto cantado nas ações ritualísticas, pois que tais cânticos emanam vibrações sonoras, atraindo assim as forças cósmicas, quando entoados de maneira correta. O referido autor investiga a relação entre as pessoas que possui mediunidade e o plano cósmico que elas evocam a partir de seus rituais.

Segundo Brito (2016), as diversas saudações presentes na religião umbandista condizem com técnicas que propiciam a concentração do médium em elevar seus pensamentos para os objetivos dos rituais, além de coadunar com a sintonia do terreiro, dos demais médiuns e entidades espirituais. “Cada médium é um elo de uma corrente mediúnica e tem a responsabilidade de auxiliar o andamento harmônico do ritual” (BRITO, 2016, p.64).

Com isso, na sequência de duas horas de gira, descrevo os pontos cantados, os passos de dança, as linhas de entidades cultuadas durante o ritual no campo escolhido para a pesquisa, o já referido Cantinho de Luz. Vou me ater a descrever uma das sequências em que os pontos cantados deram o desenrolar da “gira” no terreiro, não necessariamente passando sempre por essa mesma sequência, em outras ocasiões no terreiro cheguei a ver alguns pontos para as entidades se alternarem, mas isso não faz diferença nos trabalhos rituais.

E a partir da manifestação do ritual de gira no cenário do terreiro, pretendo analisar as linhas de entidades homenageadas, iniciando com os caboclos indígenas. Esses espíritos são considerados exímios curadores no terreiro pesquisado, sendo invocados por meio dos pontos cantados para manifestarem suas danças típicas ao som dos tambores, maracás e triângulos. O cuidado com que esses rituais são preparados no Cantinho de Luz demonstra o esforço e compromisso firmado dos filhos de santo com seus guias espirituais, demonstrando que toda a ritualística presente nos sábados de reunião no terreiro são em prol de agradecer e homenagear as “linhas” de entidades.

### **3.2 A “gira” de caboclos indígenas**

Depois dos pontos *Estrela Davi, Minha divina Santa Bárbara e Barbára Soêra*, com a função de abrir os trabalhos da “gira”, dá-se prosseguimento com os “pontos” para as entidades caboclas. Percebi durante a execução dos “pontos” para caboclos que este é o momento ritual mais energizante para todos os presentes no terreiro. As vozes cantam de maneira estridente, o batuque do tambor se tornou repentinamente acelerado e mais alto, até mesmo pai Joaquim e seus contra chefes já se dispunham a dançar, embalado pelos “pontos”

entoados. Nesse momento se ouviam as palmas tanto dos filhos de santo, quanto dos visitantes, que assistiam sentados em seus assentos àquela que era a ocasião mais empolgante do ritual, devido a todos os estímulos encontrados: saudação com as palmas, dança mais acelerada, batuque do tambor mais forte e as pessoas que cantavam com mais empolgação.

Diante dos fatos relatados, percebi a extrema importância que os filhos de santo dão aos caboclos indígenas, pois estes quando chegam ao terreiro são respeitados pelo seu poder de cura e por afastarem as energias negativas de todo o espaço do terreiro, deixando o ambiente livre de espíritos obsessores que queiram ocasionar algum mal aos filhos de santo. As entidades caboclas “metem medo” nos espíritos obsessores, segundo a filha de santo, Antônia Maria Bonfim, quando entoa seus brados altos e fortes. A observação que fiz quando se dá início aos pontos cantados para os caboclos, é que pai Joaquim dá uma espécie de grito de guerra para saudar essas entidades que, segundo ele, foram os índios brasileiros e que hoje habitam os terreiros de umbanda e candomblé para trazer benefícios de proteção e cura a seus adoradores.

No entanto, não só as entidades caboclas se fazem presentes no culto da gira, mas conseguir ver na expressão do ritual a presença honrosa dos Pretos velhos, família de Léguas (boiadeiros), Povo D'água, Erês e os famosos e controversos Exus, com suas companheiras deslumbrantes, as Pombas giras. De acordo com o que vi nos rituais realizados no terreiro pesquisado, passo adiante a relatar minhas experiências no campo, observando como se delineia a gira, a partir de cada linha de entidades que é homenageada, observando que a mudança de uma linha para outra é reconhecida através dos pontos cantados que são entoados durante a “gira” e pela forma como a “incorporação” da entidade caracteriza um tipo de movimento corporal específico para cada “linha”.

Depois dos primeiros “pontos” entoados para abertura dos trabalhos rituais, ainda sem a formação da “gira” dos “médiuns”, a qual pai Joaquim apenas os entoa para unir as correntes mediúnicas dos filhos de santo, eis que me deparo com o deslocamento em fila das mulheres, para em seguida virem os homens e formarem por mais uma vez a roda de dança no centro do terreiro. Nesse momento o agito tomava de conta de todos no terreiro. Visitantes e médiuns se uniam ao som das palmas, acompanhando o toque dos tambores e os pontos que eram entoados com força e perseverança. O tambor começava a tocar de maneira mais frenética e o cântico entoado pelo pai de santo anunciava qual “linha” de entidades seria homenageada naquele momento do ritual:

*“Abre os portão da Jurema Deixa os caboclos passar Abre os portão da Jurema  
Deixa os caboclos passar Em aldeia de caboclo*

*Tem tambor, tem maracá Em aldeia de caboclo Tem tambor, tem maracá*  
(Ponto cantado encontrado no campo de pesquisa, em 13 de maio de 2017).

Esse “ponto” dava prosseguimento à “gira”, mencionando a abertura dos “pontos cantados” para as entidades caboclas, que residiam no astral superior da Jurema, aquelas entidades que portavam tambores e maracás para dançarem e cantarem com os filhos de santo. Numa conversa com a filha de santo, Kamila Mara Silva Pereira de Carvalho, ela me falava sobre as sensações que sentia durante a entonação dos “pontos” para caboclos:

*Nessa hora eu sinto cheiro de mato, sinto som de cachoeira, ouço barulho de animais, eu sinto mesmo que tô no meio de uma floresta e são os caboclos que me levam pra esse lugar. É uma sensação tão boa, sinto pisando na grama, passando os pés no rio, muito bom mesmo, parece que tô no meio deles ouvindo o tambor e eles gritam os brados deles. Por isso você vê a gente de vez em quando com os olhos fechados que é pra poder mentalizar tudo isso* (Entrevista realizada com a filha de santo Kamila Mara Silva Pereira de Carvalho, em 13 de maio de 2017).

Nessa fala da filha de santo constatei a relação do “ponto cantado”, com o toque do tambor e a dança na “gira”, os quais geram experiências sensoriais que transportam os filhos de santo para outro espaço. É uma experiência que antecede a “incorporação” como um prenúncio de que as entidades se aproximam. Essa experiência sensorial, contou-me a filha de santo, só é sentida pelos filhos de santo, médiuns, quando desenvolve sua mediunidade na “gira”. No entanto, os “cambones” que se encontram também na roda da “gira” não passam por essa experiência devido sua função se concentrar no amparo daqueles filhos de santo que incorporam as entidades. Com isso, entendi que os médiuns vivenciam essa experiência quando a entidade está irradiada, ou seja, quando ela está próxima, mas ainda não incorporada, enquanto os “cambones” se responsabilizam pela assistência aos médiuns para que receba a entidade e também a suspenda de maneira saudável sem nenhum empecilho ou dificuldade.

Logo, nas minhas andanças no terreiro Cantinho de Luz e nas visitas realizadas aos demais terreiros da cidade de Altos, com o povo de santo pesquisado, o momento do ritual em que eram invocados os espíritos guerreiros dos indígenas brasileiros, performando suas danças, entoando seus brados e a poesia que circunda a trajetória de vida dos caboclos por meio dos “pontos cantados”, era de felicidade, de muita gratidão e chama atenção justamente pela forma acelerada com que tudo acontece. As entidades caboclas invadiam o espaço com sua expressão corporal e logo ali se instalava um dos momentos da “gira” de maior clamor e saudação, regido por palmas e movimentos frenéticos dos filhos de santo no “bair” da gira.

Enfim, a “gira” ao longo dos dois anos em que estive no terreiro, acompanhando de perto a realização desse ritual, não necessariamente em todas as vezes se iniciava com a primeira linha de entidades invocadas com os caboclos. No entanto, boa parte delas, os caboclos eram os primeiros a se manifestar, atraindo os olhares inclusive das crianças que se encontravam, no terreiro, aproximando-se para observar esses espíritos dançando no corpo dos filhos de santo.

Portanto, chama-me atenção como a vinda dos caboclos ao terreiro é permeada de agito e animação, onde em nenhuma outra ocasião em que as demais linhas de entidades invocadas acontecem com a mesma intensidade. Esses espíritos cultuados no terreiro pesquisado descem na “crôa” dos filhos de santo, muitas vezes de maneira “pesada”, onde eles me informaram que sentem um peso forte quando o espírito incorpora e isso é sentido inclusive após suspensão da entidade. Dentre as muitas maneiras de expressão dos caboclos, indo desde a cabocla Jacira, caboclo Tapindaré, caboclo Roxo, cabocla Índia, caboclo Pena Branca, todos são identificados como índios que viveram há centenas de anos no Brasil, e que hoje visitam os terreiros para proteger e amparar esse povo de fé, como me explicou a filha de santo, Ana Beatriz Viana, minutos antes de iniciar a “gira”:

*Os caboclos aqui a gente costuma cantar os pontos deles e isso já é uma forma de entrar na mesma sintonia deles, por que a gente tá de certa forma chamando eles pra virem dançar e operar o auxílio espiritual deles. Quando a Jacira desce em minha crôa, e o ponto dela é entoado eu já sinto uma leveza no meu corpo, ali não sou mais eu, é ela que vai agir no meu corpo pra arrancar as energias ruins*  
(Entrevista realizada com a filha de santo Ana Beatriz Viana, em 13 de maio de 2017).

Nesse sentido, a filha de santo, Ana Beatriz, deixa claro que entoar o “ponto cantado” de sua cabocla é uma forma de invocá-la, de trazê-la para o ambiente do ritual, compartilhar com os filhos de santo a sua ilustre presença. Apesar de todos fazer parte da linha de caboclos, percebi que cada um desce na “crôa” dos filhos de santo de maneira única, com movimentos corporais singulares, tendo seu próprio cântico e uma maneira peculiar de agir num determinado tempo do ritual.

Quando a “gira” acontece no terreiro, os caboclos comumente apenas descem na “crôa” dos filhos de santo, realiza sua dança e depois é suspenso, ainda dentro da “gira”. Isso dura em média o tempo em que o “ponto cantado” de cada caboclo é entoado. No terreiro Cantinho de Luz é comum que os caboclos criem uma atmosfera mágica com seus gestos peculiares presentes na dança ritual. Isso atrai os olhares dos visitantes, assim como o meu, que nunca deixei de admirar quando me deparava com aqueles movimentos rápidos e ao

mesmo tempo de uma sutileza muito grande, os quais são carregados de significado no contexto do ritual. Atentei que os filhos de santo quando incorporavam as diversas linhas de entidades invocadas, durante os pontos cantados, permaneciam com a mesma vestimenta branca, do início ao fim da gira. As “roupas de santo” eram brancas e essa cor, pelo relato do pai de santo, servia para atrair boas energias para o terreiro e para os trabalhos rituais, sendo que nessas ocasiões ele não aceitava nenhum outro tipo de cor para se usar durante a “gira”.

Segundo a pesquisa de Barbosa e Bairrão (2008), os caboclos são entidades espirituais que possuem movimentos condizentes com sua identidade corporal. Através de movimentos específicos percebe-se quando chegam ao terreiro de umbanda e performam suas características concernentes aos aspectos míticos. Segundo os autores:

O caboclo apresenta regularmente uma movimentação específica no primeiro momento da incorporação. Ele apoia um dos joelhos no chão, dobrando uma perna e mantendo a outra esticada, curva o tronco para o lado e quase apoia o quadril no tornozelo da perna que está dobrada. Cruza os braços batendo no peito com força, mantém as mãos fechadas, ou semifechadas, fazendo a forma de um “L” com o dedo indicador e o polegar esticados. Costuma gritar durante esse movimento. Porém há grandes variações desse movimento inicial. Alguns caboclos apenas batem com os braços cruzados no peito, outros batem e encostam-se no chão e alguns fazem o movimento de lançar uma flecha, como se estivessem esticando a corda de um arco (BARBOSA; BAIRRÃO, 2008, p.230).

Sobretudo, na minha pesquisa, o que diferenciavam as entidades que eram incorporadas, além dos pontos cantados que as identificavam, era a forma como dançavam na “gira”, e foi ali que me concentrei em captar essa expressão que é a linguagem corporal desses espíritos no ritual, por meio de um acervo gestual presente na dança ritual. Para isso, precisei fazer a associação do “ponto cantado” com a gestualidade na dança de cada entidade.

Para a filha de santo Antônia Maria Bonfim, o ritual de “gira” é o momento oportuno para se entender sobre que tipo de práticas rituais são realizadas no terreiro pesquisado, tendo em vista que esse ritual une uma sequência de “pontos cantados” que confirmam a presença honrosa das entidades umbandistas homenageadas. Ela me explicou que nesse ato ritual, todos os filhos de santo se encontram para saudarem as divindades, mostrando como é feita a religião dentro do espaço de culto do Cantinho de Luz.

No desenrolar dessa primeira etapa da “gira”, me atentei para os filhos de santo que já havia conversado fora do contexto ritual e que me informaram que cada um tinha seu caboclo, e quando o ponto cantado específico de seu guia era entoado, logo o espírito desse indígena descia em sua “crôa”. Os filhos de santo entrevistados, os quais têm como guia espiritual uma entidade da linha de caboclos, são: Jorge Alves do Nascimento, Sebastiana Alves da

Silva, Ana Beatriz Viana e o “contra chefe” Antônio Pereira da Silva Filho.

E uma das filhas de santo que seguia o percurso circular da “gira” chamava-me atenção. Ela já dava indícios de que algo estava acontecendo com seu corpo, visto que fechava os olhos e com uma respiração ofegante, colocava as mãos na cabeça e parecia perder o equilíbrio corporal. Logo, um filho de santo que estava atrás atentou para isso e já procurou estender os braços ao redor da filha de santo para que ela não caísse. A filha de santo era Sebastiana Alves da Silva e quem anunciava a vinda em sua “crôa” era sua cabocla, a de nome Índia.

Percebi naquele instante que o “ponto cantado” era o de sua cabocla, contendo os seguintes versos que a identificava:

*Na minha aldeia mora uma cabocla  
Que eu não sei se é homem ou se ela é mulher É uma cabocla índia da pena cinzenta  
Que mora na aldeia de Tapindaré*

*Na minha aldeia mora uma cabocla  
Que eu não sei se é homem ou se ela é mulher É uma cabocla índia da pena cinzenta  
Que mora na aldeia de Tapindaré*

(Ponto cantado encontrado no campo de pesquisa, em 13 de maio de 2017).

A Cabocla Índia cantada nesse “ponto” reluz de forma clara suas características e sua origem: uma índia guerreira, desbravadora, que mora em uma aldeia indígena chamada Tapindaré. Essa entidade, pelo relato do “ponto cantado” é confundida por vezes se é homem ou mulher, devido sua característica de brava e destemida. Por meio de seu “ponto cantado” consegue-se entender que usa uma pena de cor acinzentada para compor sua indumentária. No entanto, no terreiro pesquisado, todos os filhos de santo, quando incorporam suas entidades, permanecem com a mesma vestimenta branca de médium. O “ponto cantado” da cabocla Índia alegra todo o espaço do terreiro, recebendo aplausos com a sua chegada.

Esse “ponto” é cantado com muito entusiasmo por todos os filhos de santo na “gira”. Os filhos de santo ao seu redor, e o “contra chefe” Antônio Pereira da Silva Filho se aproximando, colocaram as mãos espalmadas para que a incorporação de Sebastiana Alves da Silva se desse de maneira tranquila, sem causar grande impacto na filha de santo. A “corrente” que ligava todos os filhos de santo naquele momento mandava boas vibrações para a filha de santo “incorporada” com sua cabocla, a qual estava presente naquele momento para realizar sua dança, sendo saudada por todos.

A filha de santo, Sebastiana Alves da Silva, contou-me sobre sua experiência no momento em que canta o “ponto” de sua cabocla:

*Quando eu canto pra minha cabocla eu posso tá sofrendo, mas logo passa, por que eu sinto a energia dela, ela desce em minha crôa e leva junto o que tem de ruim dentro de mim. Cantar pra ela eu faço é com prazer, por que ela me protege e essa é a forma que eu encontro pra agradecer ela (Entrevista realizada com a filha de santo Sebastiana, em 13 de maio de 2017).*

Logo, percebi na fala da filha de santo que cantar para essas entidades é uma forma que eles encontram de agradecer as graças alcançadas, reverenciando seus guias protetores a cada novo encontro para realização do ritual sendo renovada essa aliança com as entidades espirituais.

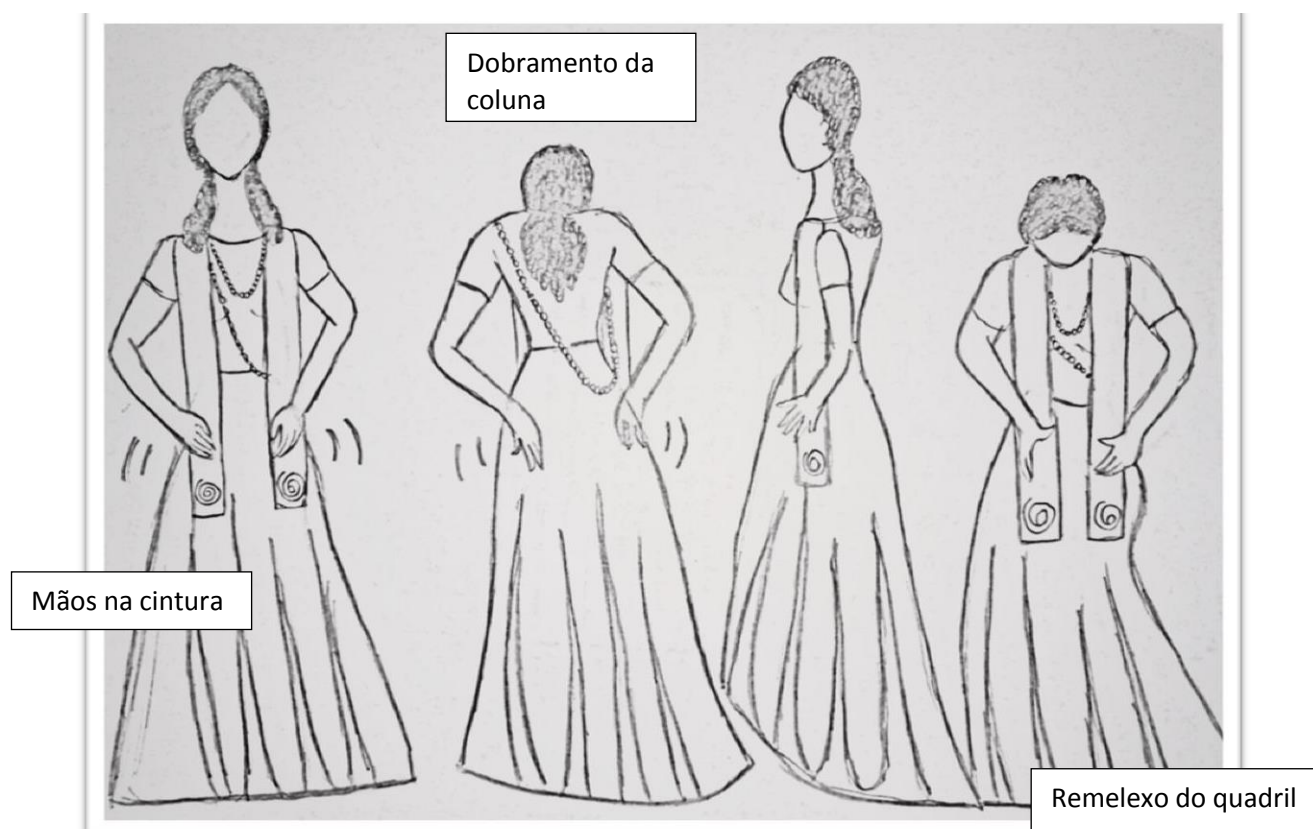


Figura 14- Croqui com a gestualidade da cabocla Jacira.  
Fonte: acervo do autor.

Enquanto esse “ponto” era repetido diversas vezes, a cabocla incorporada realizava uma dança típica de sua mitologia corporal: movimentos rápidos no quadril, giros sobre o próprio eixo do corpo de uma maneira muito ágil, e reproduzia uma espécie de som que se assemelha a uma maneira de reclamar de algo. O torso se mantinha inclinado e o requebrado do quadril era característico daquela entidade, a qual remexia forte e com destreza. As mãos na cintura era outra expressão corporal dessa cabocla que realizava uma dança atraente, que chamava a atenção de todos os presentes.

Por vezes era comum que essa cabocla se deslocasse da “gira” para ir de encontro ao pai de santo. Ela se aproximava, levantava o dedo e cantava com o peito estufado: “Eu sou a

Cabocla Índia que mora na aldeia de Tapindaré...”, e começava novamente sua dança com giros rápidos, a coluna arqueada e o requebrar do quadril que estremecia todo o corpo de tão forte que era o movimento. Em um momento, ela se agachou diante do pai de santo e fez um gesto com as mãos formando uma cruz no chão. Nesse momento ela entoava mais alto seu ponto cantado. Fui até o pai de santo e perguntei do que se tratava aquilo que ela realizava, ele me informou que era uma forma da entidade reverenciar o dono do terreiro, pedindo permissão para sua passagem no espaço de culto. Logo em seguida, o “contra chefe” se aproximou da filha de santo para suspender a entidade, para logo mais retomar a gira com os demais filhos de santo. Notei que a suspensão da entidade no corpo de Sebastiana se dá de forma delicada, tendo em vista que o peso da cabocla é grande e a filha de santo fica sentindo uma dor localizada nesse ínterim. Essa dor logo passa quando a filha de santo retoma seu lugar na “gira”.

Após essa primeira manifestação espiritual da entidade cabocla de Sebastiana Alves da Silva, desloquei-me novamente para meu assento, quando já estava próximo, uma filha de santo me puxa para dançar na “gira”. Aquela ocasião foi minha primeira experiência partilhando da mesma vivência com os filhos de santo no interior da “gira”, a qual me senti feliz por percorrer aquele ritual em conjunto com o grupo que eu pesquisava há tanto tempo e que até aquele momento só os observava de fora. Agora podia vê-los e sentir com eles aquela experiência ritual. A filha de santo que me puxou para a “gira” era Ana Beatriz Viana. Fiquei atrás dela na gira, enquanto ela se virava para conversar comigo, ao mesmo tempo em que os pontos cantados e o batuque do tambor seguiam com toda a força de empolgação. Essa filha de santo era extremamente solícita comigo. Sempre que chegava ao terreiro ela já se aproximava para me auxiliar com minhas perguntas e dúvidas, e nesse dia em especial, resolveu me chamar para participar do ritual.

Durante a conversa, a filha de santo falou-me que sabia quando a entidade estava se aproximando, ou como os filhos de santo costumam dizer quando a entidade está bem próxima, estando “irradiada”. Ela colocou suas mãos sob as minhas, as quais suavam frio e havia um certo tremor. A filha de santo me apontou que aquela era uma manifestação de que a entidade estava circundando-a e que logo “incorporaria” sua guia espiritual. Além dessa sensação, ela me apontou para uma leve tontura que estava sentido, afirmando que sentia como se estivesse flutuando, era uma sensação boa de se vivenciar durante a “gira”, como a filha de santo me informou.

Após esse contato com a filha de santo, percebi que a próxima a “incorporar” seria ela, devido a essas sensações que ela me explicou ser indícios de que a entidade estava



“irradiando” seu corpo e logo incorporaria. Foi quando amparada pela madrinha do terreiro, dona Luzia Ferreira de Sousa, a filha de santo Ana Beatriz incorporou sua guia espiritual, a cabocla Jacira. Naquele momento a filha de santo entrou no centro da “gira” e começou a bater fortemente no peito. Desloquei-me até o pai de santo e perguntei se teria permissão de ir ao encontro da entidade, ele me consentiu, dirigi-me até ela. Quando me aproximei, percebi a entidade batendo forte no peito e uma expressão facial sisuda, como também um leve curvamento da coluna. Como de costume no terreiro, quando uma entidade chega, aproximei-me, pedindo licença, estendendo a mão para lhe cumprimentar.

Essa entidade se dirigiu a mim afirmando que já me observava há muito tempo e que estava sempre mandando boas vibrações para minha pesquisa. Em meio a essa proximidade, mesmo com a “gira” acontecendo concomitante ao diálogo estabelecido com a entidade, pude atentar para o discurso providente com que a cabocla se referia a seu “aparelho”, no caso, a filha de santo Ana Beatriz. O “ponto” da cabocla, cantado por todos naquele momento deixava claro que a entidade cabocla Jacira era a homenageada da vez:

*“Em terra de feiticeiro Eu não ando só  
Em terra de feiticeiro Eu não ando só*

*Chama cabocla Jacira a ê á É lá da mata do Codó  
Chama a cabocla Jacira á ê á  
É lá da mata do Codó á ê á Mas o serviço que ela faz á ê á  
Só Deus do céu desmanchará á ê á Chama a cabocla Jacira á ê á  
Na eira do Jacundá á ê á  
Mas o serviço que ela faz á ê á Só Deus do céu desmanchará*

*Ê São Benedito ê ê Ê São Benedito ê á Ê São Benedito ê ê Ê São Benedito ê á  
Em terra de feiticeiro Eu não ando só...”*

(Ponto cantado encontrado no campo de pesquisa, em 10 de junho de 2017).

E a cabocla Jacira dançava de olhos fechados, fazendo giros rápidos sobre o próprio eixo corporal. Logo depois, a entidade começa a cantar um “ponto cantado” que reflete sua “passagem” no terreiro:

*“Salve Jacira Protetora da Jurema Salve Jacira Protetora da Jurema*

*Jacira é uma menina  
É uma cabocla de pena*

*Ó linda cabocla Ó linda morena Salve Jacira*

*Ela não bambeia”*

(Ponto cantado encontrado no campo de pesquisa, em 10 de junho de 2017).

Então, os “pontos cantados” para cabocla Jacira contam parte de sua mítica, quando trata de descrever que essa entidade é originária das matas de Codó, cidade do estado do Maranhão considerada a terra da macumba. Essa cabocla faz serviços mágicos que possuem eficácia, sendo um deles o de tratamento de cura com seu “aparelho”, no caso a filha de santo que estava incorporada com a cabocla Jacira, Ana Beatriz. Quando esses “pontos” foram entoados, percebi a voz de Ana Beatriz sobressaltar-se diante das demais vozes dos filhos de santo, ela cantava com mais força, e realizava uma dança mais entusiástica, mais alegre e vibrante, pois se tratava do cântico da sua guia espiritual. O toque realizado no tambor era rápido, frenético, impulsionando mais ainda a filha de santo incorporada com sua cabocla a realizar uma dança ágil. Em uma conversa depois daquela noite a indaguei sobre o que ela sentia naquele momento que cantava para sua cabocla. Segundo ela:

*Quando eu canto pra Jacira eu sinto uma paz interior que é muito grande. Você vê a gente que é médium quando se reúne no terreiro vem aqui é pra isso, pra louvar as entidades e a gente faz isso é com o ponto cantado, com a dança, essa é nossa forma de respeitar eles. Quando eu tô na gira que eu canto eu esqueço do mundo e ali eu logo estou com minha cabocla ela me levando pro meio da mata (Entrevista realizada com a filha de santo Ana Beatriz Viana, em 10 de junho de 2017).*

Portanto, a filha de santo, Ana Beatriz Viana, deixa claro que seu contato espiritual com a cabocla Jacira é sintonizado em seu corpo por meio da fala cantada do cântico e dos movimentos corporais que ela realiza durante a dança. Quando incorporada com sua cabocla, a filha de santo se deslocava da gira e permanecia no centro da roda. Seus passos eram mais vagarosos, no entanto percebi um gesto característico da dança de Jacira. Ela batia seu punho com força no peito, mostrando que era forte e destemida. Em alguns momentos pegava a barra de sua saia com as mãos e rodopiava, fazendo giros sob o próprio eixo corporal.

E a entidade disse que estava ali para limpar seu “aparelho”, deixá-la livre de más energias, para que passasse a semana com paz de espírito, longe de qualquer influência negativa. Notei com essa fala a enorme preocupação da entidade espiritual em cuidar da filha de santo, em nome de sua saúde física e espiritual, para que se desenvolvesse na religião, ao mesmo tempo que assegurasse uma vida tranquila e harmônica. Cabocla Jacira também disse ser uma índia que viveu há muitos anos atrás e que agora marcava presença nos terreiros umbandistas para trazer bons fluidos para o espaço onde acontecem os rituais, assim como energizar o corpo e a mente da filha de santo que estava incorporada. Em uma conversa com a entidade, enquanto a “gira” continuava, ela me descreveu sua trajetória mítica da seguinte forma:

*Meu fio, eu sou uma cabocla réa do mato. Sou muito guerreira, não tenho medo de ninguém. Os homem tudim da minha aldeia sabem que não temo nada, porque sou mais macho que todos lá. Eu venho do meio do mato, como fruto e caço animal. Meu território é a natureza. E eu venho hoje em dia em terreiro pra mostrar de onde eu vim. Eu bato no peito que é pra mostrar que sou forte e corajosa (Entrevista realizada com a cabocla Jacira, em 10 de junho de 2017).*

Conforme o relato dessa entidade, ela se apresentava com uma performance remetendo a sua mítica, enquanto uma índia corajosa e guerreira. Depois dessa conversa, retornei ao meu assento, fora da “gira”, para novamente observar o ritual que se delineava sem interrupções no espaço de culto. Era possível do ângulo que me encontrava ter uma visão privilegiada de toda a “gira”, além de observar a posição do pai de santo, o “contra chefe” e o “tambozeiro”, que só parava o tambor para tomar uma dose de cachaça, para reanimá-lo, seguindo com os toques efervescentes no instrumento musical.

E naquela noite o som era embalado pelos mais variados “pontos cantados” para os caboclos. Contabilizei oito “pontos cantados” para essas entidades da mata, isto é, os caboclos. Notava a alegria contagiante que se instalou no terreiro, fazendo com que todos se envolvessem com as ações rituais realizadas naquele momento. Os caboclos desciam na “crôa” dos filhos de santo e logo se instaurava um cenário, que os próprios filhos de santo quando incorporavam me falaram que se sentiam em meio à mata, com a brisa fresca, o som da cachoeira e próximo de animais selvagens.

Essas imagens eram desencadeadas durante a experiência ritual de incorporação das entidades caboclas. Mas isso só acontecia, devido a corrente de energia dos filhos de santo na “gira” estar unicamente concentrada na força espiritual do ritual, desvinculando as influências exteriores. A sonoridade do tambor ajudava nesse momento para que os filhos de santo se concentrassem no objetivo. A meta era se sentir realmente próximo a uma floresta, sentir a brisa das matas, ouvir os pássaros ao redor das árvores e os brados entoados pelos índios, ou seja, todo esse cenário era sentido pelos filhos de santo durante a gira para caboclos. Na fala da filha de santo Antônia Maria Bonfim, ela demonstra sua experiência durante a entonação dos “pontos cantados” para os caboclos:

*Olha, eu sinto eu no meio da mata verde, sabe? É uma sensação de liberdade que me causa, eu me sinto no meio de uma cachoeira, é aquilo de tá perto dos índios mesmo, naquele tempo, sabe? Na hora que a gira inicia os pontos dos caboclos, me dá um arrepio e eu fecho os olhos por que a sensação é essa, de você está no meio do mato, perto dos pássaros, ouvindo a cachoeira. É na natureza que eu me encontro essa hora (Entrevista realizada com a filha de santo Antônia Maria Bonfim, em 24 de março de 2018).*

Dessa forma, entendi com a fala da filha de santo que o momento em que se expressa o “ponto cantado” há uma possibilidade de vivenciar uma relação com o ambiente natural

desses espíritos, onde o cheiro, o toque e a visualização são sentidos por aqueles que cantam os “pontos” desses espíritos. Os elementos simbólicos que coadunam com o ritual de “gira” no espaço do terreiro, incluso o “ponto cantado”, são meios propiciadores de modificarem a percepção dos filhos de santo durante o fazer ritual. Como expresso na fala da filha de santo, ela diz se deslocar por alguns instantes do meio em que se encontra, no caso o terreiro, para imergir no mundo que é relatado por meio dos pontos cantados aos caboclos, vivenciando e habitando as matas e o contato com a natureza, descritos nesses cânticos presentes na “gira”.

Enquanto a “gira” permanecia ativa no centro do terreiro, com todos os filhos de santo ordenadamente em suas posições, cantado os “pontos cantados” com toda a energia de seu corpo, sendo expressa na voz e na dança, percebi que o filho de santo, Elismar Bezerra da Cruz 31 anos, por um instante perdia o equilíbrio na “gira”, pendendo para fora do centro, quase caindo, quando um visitante próximo o segurou. Naquele momento era seu caboclo que anunciava a chegada: o caboclo Tapindaré. Consegui ver a associação dessa entidade com o cântico que era entoado fazendo referência a sua imagem:

*Eu sou caboclo do Tapindaré Eu sou caboclo do Tapindaré  
Arrumo meu penacho para quem quiser Eu sou caboclo do Tapindaré  
Levo meu penacho na ponta do pé Eu sou caboclo do Tapindaré”*  
(Ponto cantado encontrado no campo de pesquisa, em 10 de junho de 2017).

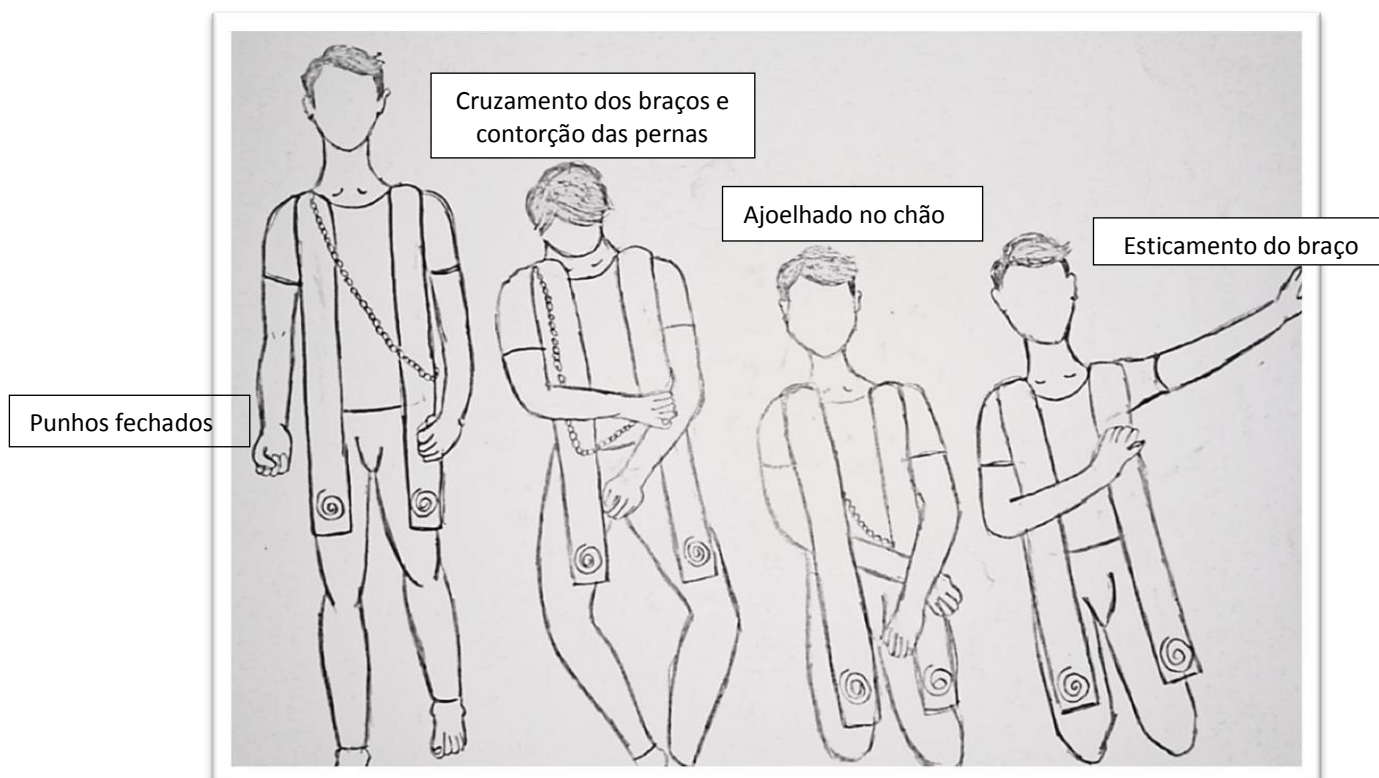


Figura 15. Croqui com a gestualidade do caboclo Tapindaré.  
Fonte: acervo do autor.



inclusive com sua “mãezinha”, como carinhosamente chama sua avó.

Esse filho de santo me explicou que sua avó recebeu seu guia chefe, o Caboclo Pena Branca, como já fazia, costumeiramente, pegava seu cachimbo, colocava o fumo e passava a fumá-lo. De repente, ele me disse que entrou no quarto e de imediato notou algo estranho em sua avó. A entidade cabocla incorporada nela pediu que ele se aproximasse e sentasse em suas pernas. Me contou que o Caboclo Pena Branca não falou nada, apenas defumou a fumaça do cachimbo ao redor dele, o qual sentiu uma sensação agradável sentindo como que uma proteção e cuidado desse espírito incorporado em sua avó. Tempos depois desse acontecido, Elismar indagou a sua avó o que havia acontecido nessa noite, em que ela disse que aquele momento no quarto foi um chamado da entidade cabocla em que ela, sua avó, o entregou às matas, para que um caboclo cuidasse e o protegesse em diante.

Já em sua vida adulta, Elismar Bezerra da Cruz, começou a desenvolver sua espiritualidade, informando que sua sensibilidade ficou mais aguçada, sentindo a presença constante dos espíritos em sua vida. Isso o preocupou bastante, já que ele dizia não querer se envolver com esse tipo de coisa, negava-se a sentir essas presenças espirituais, pedindo inclusive a sua avó para não sentir mais essas experiências. Foi então que sua avó entrou em contato com o pai de santo Joaquim para saber sobre a condição espiritual de seu neto, em que ele informou que Elismar estava próximo de receber seus guias e que isso não demoraria acontecer.

E meses depois dessa notícia sobre sua mediunidade, Elismar, em uma tarde de fim de semana resolveu ingerir algumas bebidas alcólicas com uns amigos, o que acarretou na incorporação de um espírito obsessivo, o qual falou ao filho de santo que iria prejudicá-lo, que o traria muitos males para sua vida. Foi aí que ele resolveu recorrer ao Cantinho de Luz, buscando orientação com pai Joaquim, onde esse se tornaria daqui para frente seu pai de santo.

Então, no decorrer de seus passos ao Cantinho de Luz, interagindo com os demais membros do terreiro, conhecendo as entidades que regem sua “crôa”, ele me relatou como iniciou seu vínculo com o caboclo Tapindaré. Para ele foi muito difícil iniciar na religião, por que também recebia uma entidade da família dos Légua. Apesar disso, ele descobre por intermédio de pai Joaquim, que ele faz parte da linha de caboclos. O filho de santo, agora sabendo que Seu Tapindaré é seu guia chefe, me disse só receber maravilhas em sua vida, onde os caminhos estão se abrindo para ampliar seus conhecimentos na religião, que o próprio filho de santo não acreditava existir, mas que agora sente a presença de seu guia, o qual dedica seu respeito e consideração, por saber que está sempre protegido.

Quando o caboclo Tapindaré desce na crôa do filho de santo consegue-se perceber a feição do rosto que muda instantaneamente, deixando-o enrijecido, com aspecto de seriedade, as mãos se fecham, muitas vezes cai no chão de joelhos e começa simultaneamente a entoar um brado e atirar flechas imaginárias com um movimento gestual dos braços e mãos.

De acordo com Mundicarmo Ferretti (1994), fazendo um paralelo entre a dança presente no candomblé e aquela expressa no culto umbandista, na primeira a mitologia se faz presente nos passos e gestos, enquanto na segunda prevalece o ritmo e a imaginação coletiva. No terreiro pesquisado, essa imaginação coletiva se dá no momento em que a “gira” é formada e algum filho de santo improvisa passos de dança, para em seguida os demais repetirem os passos. Esse ritmo que a autora fala, presente na Umbanda, no caso do Cantinho de Luz é expresso por meio da sonoridade dos tambores. É o som emanado por esses instrumentos musicais que fazem os filhos de santo executarem seus gestos e passos de dança. Segundo Ferretti (1994), o caboclo na umbanda possui uma manifestação expressiva no momento da dança que condiz com certo improviso e uma variabilidade, mostrando-se de maneiras diferentes em cada sujeito que o incorpora. Na Umbanda, ressalta a autora, o caboclo se manifesta como a entidade advinda do mito indígena e boiadeiro, tendo nessas duas manifestações sua principal expressão dentro dos espaços de culto. Tanto na umbanda como no candomblé, os caboclos são considerados espíritos encantados livres, comumente associados aos índios (FERRETTI, 1994).

Segundo Véronique Boyer (1999), em sua etnografia realizada em terreiros afro-brasileiros na cidade de Belém, estado do Pará, a autora menciona o porte das entidades caboclas, como essas se relaciona com os presentes no terreiro, dividindo-se entre conselhos e proteção espiritual. Para a autora, o filho de santo que recebe uma entidade cabocla durante a incorporação, mostra ao público a presença do espírito por meio de traços corporais que se diferenciam daqueles próprios do médium. O caboclo se torna um personagem sábio e astuto que evidencia traços peculiares durante sua passagem, incorporado no filho de santo.

Segundo Renato Ortiz (1978), “os caboclos são espíritos de nossos antepassados índios que passaram depois da morte a militar na religião umbandista” (ORTIZ, 1978, p.65). O autor complementa que essas entidades em transe, no corpo do médium, manifestam-se através de gritos que representam força e rebeldia. Na minha pesquisa, as entidades caboclas quando chegam no terreiro, sempre com seus passos bruscos, fortes e impetuosos, chamam muito a atenção dos visitantes, já que sua dança é uma das mais fáceis de identificar, devido à gestualidade que os identifica como seres da mata, ligados à natureza: batidas no peito, brados fortes entoados, atirar de flechas, marchas com os pés batendo forte no chão.

Quando os “pontos cantados” são direcionados à reverência aos caboclos indígenas, os filhos de santo objetivam com isso estreitar o contato espiritual com essas entidades, a ponto de transformarem esses cânticos numa espécie de convite para que venham dançar com eles no espaço do terreiro. A cada novo “ponto” entoado no cenário ritual, mais intenso fica o toque do tambor e a expressão da dança toma maior impulso. Em uma conversa com a filha de santo, Antônia Maria Bonfim, indaguei sobre a influência dos pontos cantados no momento em que ela realizava sua dança na “gira”. A filha de santo me informou que a sensação era de bem-estar, e que o canto naquela ocasião do ritual servia para mentalizarem coisas positivas em sua mente, afastando quaisquer sentimentos negativos, ao mesmo tempo que serviam para emanar boas vibrações para os irmãos de fé e no espaço ritual.

Para o próximo “ponto cantado” foi expresso depois de uma pequena pausa de segundos, para o tambozeiro e o pai de santo, mas a gira continuava seu percurso. Agora o ponto entoado fazia referência ao Caboclo Roxo, guia espiritual do “contra chefe” Antônio Pereira da Silva Filho:

*“Caboclo Roxo da cor morena  
Ele é Oxóssi, caçador lá da Jurema A sua luz clareia no escuro  
Mas quando eu chego meus trabalhos estão seguros*

*Caboclo não tem caminho para caminhar Caminha por cima da folha  
Por baixo da folha Em todo o lugar*

*Caboclo não tem caminho para caminhar Caminha por cima da folha  
Por baixo da folha Em todo o lugar  
É caboclo”*

(Ponto cantado encontrado no campo de pesquisa, em 10 de junho de 2017).

Nesse “ponto cantado”, irresistivelmente, uma dança comungava com a plenitude coletiva dos filhos de santo. Notei os pés esvoaçantes, seguindo passos como se flutuassem no chão do terreiro. Unindo o canto com a dança, percebia o estado de ânimo tranquilo dos filhos de santo dançante na gira. Eles estavam vivendo uma experiência coletiva de bem-estar. Quando esses “pontos” são cantados no grupo dos filhos de santo, a energia se estende para todo o espaço do terreiro, proporcionando o sentimento de integração, de companheirismo. A sensação que a gira passa é que todos se completam naquele momento em que os tambores rufam, o calor humano corresponde ao agito da dança e a voz ecoa o sentimento de paixão pelos pontos e gritos de saudação às entidades.

Nesse caso específico do “ponto cantado” do Caboclo Roxo, guia espiritual de Antônio Pereira da Silva Filho, o cântico narra a trajetória do espírito, sendo morador da



Jurema, local onde as entidades caboclas vivem. Essa entidade é a responsável pela proteção do contra chefe do terreiro. No momento em que o cântico era entoado, Antônio Pereira da Silva Filho estava do lado do tambor, acompanhando pai Joaquim, “puxando” o “ponto”.

Por isso, o espaço ritual estava mais uma vez cheio de animação, as palmas e as danças energizavam o terreiro, embalados pelo próximo “ponto cantado” que era “puxado” em referência aos caboclos:

*“É na aldeia, é na aldeia, é na aldeia Caboclo brabo só trabalha é na aldeia É na aldeia, é na aldeia, é na aldeia Caboclo brabo só trabalha é na aldeia Chama caboclo, na aldeia Chama caboclo, na aldeia Chama caboclo, na aldeia Chama caboclo, na aldeia Chama caboclo, na aldeia”*  
(Ponto cantado encontrado no campo de pesquisa, em 10 de junho de 2017).

Então, pai Joaquim cantava o primeiro verso desse “ponto”, e os filhos de santo na “gira” respondiam com o segundo verso. Esse “ponto” narrava essas entidades como moradoras de uma aldeia, sendo convidados a trabalharem no terreiro, em nome de seus seguidores, os filhos de santo. O “ponto” seguia com uma dança realizada por todos, como realizando um gesto com as mãos que chamavam essas entidades para virem ao terreiro “baiarem” com os filhos de santo.

Com o agito no momento desse “ponto cantado” era tão entusiasmante que me via improvisando passos do lado de fora da “gira”. Os toques do tambor eram ágeis, envolventes, transformavam o espaço do terreiro em um ambiente festivo, onde os filhos de santo na gira dançavam com as mãos no toque de palmas, como que respondendo de volta os toques do “tambozeiro”. Quando os caboclos incorporam nos filhos de santo, no caso do terreiro Cantinho de Luz, não há mudança nas vestimentas rituais, permanecendo os filhos de santo vestidos com as mesmas roupas brancas que iniciam e terminam os rituais. Mesmo com essa norma do terreiro, os caboclos quando descem na “crôa” dos filhos de santo fazem gestos com as vestimentas que dão impressão estarem vestidos com cocares, saias de penas e arcos e flechas. Quando o caboclo Tapindaré realiza sua performance, ele disse que o arco e a flecha que ele usa energiza o ambiente do terreiro, protegendo-o contra as energias funestas, no entanto esses elementos são apenas imaginários, não havendo no terreiro pesquisado nenhum objeto material do tipo, como o arco e a flecha.

Assim, na continuidade do ritual, mais um “ponto” era entoado, seguindo com um cântico que saudava mais uma entidade da linha de caboclos:

*“Ele atirou sua flecha, ele atirou Ele atirou sua flecha, ele atirou  
Ele atirou por cima de um arvoredos Mas quem desceu na eira*

*Foi um Caboclim guerreiro Mas ele vem balanceando Ele vem balanceando  
É nos índios aqui na Terra Ele vem balanceando”*  
(Ponto cantado encontrado no campo de pesquisa, em 10 de junho de 2017).

Conforme a descrição do “ponto” acima, percebe-se que há menção de um caboclo, sendo esse denominado de guerreiro e que chega na Terra com movimentos do corpo balanceando. Na medida em que esse “ponto” era expressado pelas vozes inebriantes dos filhos de santo, observava o desenvolvimento da dança no terreiro. Alguns filhos de santo inclusive faziam movimento de atirar flechas, como também balanceavam o quadril e faziam pequenos giros sob o próprio corpo. Esse era um “ponto cantado” agitado, que não só estimulava os participantes da “gira” a dançarem com entusiasmo, mas até o pai de santo não resistia em balancear seu corpo no som envolvente do ponto e do batuque do tambor. Nesse entoar do “ponto cantado”, ninguém estava incorporado com espírito caboclo. A experiência ritual que unia o canto e a dança permitia aos filhos de santo a integração total, expressa nas vozes que cantavam alto e ao mesmo tempo, como também no agito envolvente da dança.

Sendo assim, a dança para os caboclos indígenas realizada pelos filhos de santo e com os cânticos reverenciando essa linha de entidades promove o sentimento coletivo de louvor a esses espíritos ancestrais. Além disso, quando o caboclo incorpora no filho de santo, a entidade realiza uma gestualidade embalada pelos “pontos cantados”, os quais representam o significado e a expressão simbólica desses espíritos. A batida forte com o pé no chão, o brado com batidas do punho no peito e o atirar de flechas no teto do terreiro são mais que expressões gestuais, são símbolos da representatividade dos caboclos indígenas.

### **3.3 A “gira” para a família de Légua**

Logo após os “pontos cantados” e a “baia da gira” reverenciar os caboclos indígenas, como aquelas entidades que vêm das matas para dançar e cantar no terreiro trazendo cura e alegria contagiante, prosseguem os filhos de santo com a “gira” em homenagem às entidades consideradas os boiadeiros da Umbanda, aquelas que compõem a família Légua de Bogi Buá. Como dito no primeiro capítulo, a história de pai Joaquim na Umbanda passa pela influência das entidades Estévão Légua e Manoel Légua, ambos da família de Légua de Bogi Buá da Trindade Santa. Apesar de pai Joaquim ter batizado sua “crôa” com a entidade Estévão Légua, quem mais aparece no terreiro e que é homenageado e considerado o guia chefe do terreiro é seu Manoel Légua.

Seu Manoel Légua, como já referido no primeiro capítulo dessa dissertação, possui um

discurso de inclusão e amparo diante das suas vindas ao terreiro, quando incorporado no pai de santo. A entidade, guia chefe do terreiro pesquisado, é reverenciada com muita animação com os “pontos cantados” que lhe são dirigidos, honrando sua imagem e de seus familiares, a exemplo da entidade Teresa Légua, a qual incorpora na filha de santo Kamila Mara Silva Pereira de Carvalho. A família de Légua ainda conta com o guia de frente, o qual foi batizado a crôa de pai Joaquim, Seu Estêvão Légua. Assim como notei uma animação efervescente no cantar e dançar do terreiro para a linha de caboclos, os filhos de santo se animam bastante também quando os Légua são homenageados nos rituais.

Sobretudo, Observando o desenrolar da “gira”, a mudança dos “pontos cantados” das entidades caboclas para os boiadeiros da família de Légua acontece, rapidamente, e o agito dos filhos de santo, com a troca dos “pontos”, deu-se com sorrisos e uma salva de palmas espalmadas. Pai Joaquim mais uma vez puxa o “ponto” que dá início à “gira” para os Léguas. Nessa transição, pai Joaquim no pé do tambor ergue seu braço apontando o dedo indicador para cima. Aquele era um sinal claro para os filhos de santo na “gira” de que os “pontos cantados” seriam agora para os Légua. Pai Joaquim faz uma sequência de giros sob o próprio eixo corporal e entoa o seguinte cântico:

*“A cuia d’eu beber Caiu no chão quebrou A cuia d’eu beber Caiu no chão quebrou  
 Todo Légua bebe pinga Todo Légua é curador Todo Légua bebe pinga Todo Légua é  
 curador  
 A cuia d’eu beber Caiu no chão quebrou A cuia d’eu bebe  
 Caiu no chão quebrou  
 Todo Légua bebe pinga Todo Légua é curador Todo Légua bebe pinga Todo Légua é  
 curador”*  
 (Ponto cantado encontrado no campo de pesquisa, em 10 de junho de 2017).

Esse “ponto cantado” costuma abrir os cânticos que reverenciam os boiadeiros da família de Légua. Duas características-chaves desses espíritos se encontram na letra desse cântico: os integrantes da família de Légua adoram tomar uma bebida alcóolica, uma pinga, como dizem os filhos de santo, como também são exímios curadores durante sua passagem no terreiro Cantinho de Luz. Falando com a filha de santo, Antônia Maria Bonfim, ela me falava sobre o uso da bebida dessas entidades, explicando que quando ingerem a bebida, esta possui um alto poder de curar qualquer problema de saúde do filho de santo em que a entidade está incorporada, e que não se deve recusar da entidade quando ela oferece uma bebida no copo, pois isso significa um tratamento para purificação do corpo.

Para o patriarca da família Légua, seu Manoel Légua é bastante requisitado durante a realização dos rituais no terreiro, tendo em vista que ele é o responsável pelo controle das

correntes de energia que os filhos de santo transpassam durante o desenrolar da “gira” no espaço de culto.

Enquanto esse “ponto” era entoado no terreiro, as palmas dos filhos de santo empolgavam a “gira”. Alguns filhos de santo improvisavam passos com os pés saltitando, outros passavam próximo do pai de santo e pediam uma dose de pinga para estimular a alegria na dança para os Léguas. Dessa forma a dança se expressava com a alegria característica dos espíritos da linha de Léguas, sempre sorridentes, essas entidades vêm curar os corações aflitos, mas também gostam da “folia”, da brincadeira, da diversão. Quando desce na “crôa” dos filhos de santo gosta de dançar com sorrisos estampados no rosto, com direito a muitas palmas, estimulando os mais próximos a dançarem juntos na mesma intensidade.

Para um “ponto cantado” encontrado durante a “gira”, e que faz menção ao guia Manoel Léguas e sua irmã, dona Teresa Léguas é descrito abaixo:

*“Amarra o boi Bugi Amarra o boi Buá Amarra o boi Bugi Amarra o boi Buá  
Amarra o boi que eu sou pesado Amarra o boi Buá  
Amarra o boi que eu já cheguei Amarra o boi Buá  
Amarra o boi que eu sou Manel Amarra o boi Buá  
Amarra o boi seu Manel Léguas Amarra o boi Buá  
Amarra o boi família Léguas Amarra o boi Buá  
Amarra o boi, Teresa Léguas Amarra o boi Buá  
Amarra o boi, Teresa Léguas Amarra o boi, que eu vou levar Amarra o boi Buá  
Amarra o boi que eu vou levar”*

(Ponto cantado encontrado no campo de pesquisa, em 10 de junho de 2017).

E a descrição acima, desse “ponto cantado” deixa claro a característica que essa linha de Léguas é boiadeiro, pois há a presença do boi para ser amarrado. Nesse momento em que a “gira” acontece, alguns filhos de santo produzem uma dança fazendo um movimento como se fossem enlaçar um boi, estendendo o braço e com o punho jogam para a frente como se tivessem enlaçando o boi. Seu Manoel Léguas faz a vistoria do ritual e é saudado nesse ponto como uma entidade “pesada”. Pai Joaquim me explicou que ele se refere a seu Manoel Léguas como “pesado”, tanto pela sua “incorporação” ser forte, quanto por ser um espírito corajoso e destemido. O “ponto” encerra convidando a entidade Teresa Léguas para ajudar o povo de santo a “amarrar o boi”.

Assim se conclui que a entidade Teresa Léguas é a guia espiritual da filha de santo Kamila Mara Silva Pereira de Carvalho. Quando o “ponto” entoou o nome dessa entidade, percebi de imediato que a filha de santo Camila estava incorporando Teresa Léguas. Todas as vezes que seu nome é invocado no “ponto”, a entidade, incorporada na filha de santo, se desloca da “gira”, e vai em direção ao altar, próxima do pai de santo, pede um copo de bebida

ou um cigarro e realiza sua dança. Essa dança é característica sua, sempre pega a barra da saia, coloca na cintura com a mão esquerda, enquanto a mão direita é levantada. Nessa posição a entidade “gira” muito rápido sobre o próprio eixo do corpo, cantando alto e dando risadas. Em uma conversa com dona Teresa Légua, no momento em que acontecia a “gira”, ela próxima ao altar, pedi um minuto de sua atenção, cochichando em seu ouvido ela consentiu. Perguntei a ela a importância daquele ponto cantado em sua homenagem e sobre sua relação com a filha de santo Kamila. A entidade nesse momento parou de dançar e falou muito sutilmente que:

*Meu filho, a música é pra ser cantada mesmo e quando ela é cantada pra mim eu me sinto muito feliz, por que eles tão reconhecendo a minha importância na vida deles. Eles cantam pra mim por que eu só trago coisa boa pra eles. Olha, antes mesmo de descer na crôa do meu cavalo, eu já tô aqui ao redor, protegendo eles. Enquanto meu cavalo, eita, eu tento ajudar ela, mas às vezes é teimosa. Ela acende os pontos pra mim e eu protejo ela, mas preciso tá orientando ela na vida pra não cair no erro (Entrevista realizada com a entidade Teresa Légua, em 24 de setembro de 2018).*

Depois dessa conversa, dona Teresa Légua me pediu licença para seguir adiante com sua dança, afirmando que os movimentos que realizava faziam parte de seu tratamento na filha de santo, Kamila Mara Silva Pereira de Carvalho 26 anos, limpando seu corpo de energias transgressoras que impregnara nela. Foi então que a entidade estendeu os braços para o “contra chefe” Antônio Pereira da Silva Filho, o qual segurou com firmeza nas mãos e logo suspendeu dona Teresa Légua do corpo de Kamila, a quem a filha de santo logo em seguida se dirigiu novamente a “gira”.

Por isso, a Família de Léguas é sempre referida nos rituais do terreiro pesquisado, e o tempo dedicado a essas entidades é preenchido pelos “pontos cantados” que informam de maneira rica e peculiar aquilo que gostam de fazer: beber, fumar, gargalhar, brincar e curar. Dando prosseguimento à “gira”, com o toque dos tambores, a dança tomando cada vez mais empolgação no centro do terreiro, o próximo “ponto” entoado revelava mais uma vez a característica do ato de beber “pinga” para os Léguas:

*“Eu bebo, eu bebo  
Se eu não beber, eu caio É Manel Légua na eira Se eu não beber, eu caio É Manel  
Légua na eira Se eu não beber, eu caio  
Ê Mané Légua, o que é senhor? Ê Mané Légua, o que é senhor? Ê Manel Légua, teu  
pai te chama Eu já vou, senhor”*  
(Ponto cantado encontrado no campo de pesquisa, em 10 de junho de 2017).

Nesse “ponto” mencionado acima, pai Joaquim cantava o verso “Eu bebo, eu bebo” e os filhos de santo respondiam com o verso consecutivo “Se eu não beber, eu caio”. Entendi

através desse cântico que a força provinda desses espíritos provêm justamente da ingestão de “pinga”. Quando seu Manoel Légua desce na “crôa” de pai Joaquim e dança no pé do tambor, pede logo uma dose de bebida, pois isso aumenta sua energia vibracional. A força com que o ponto cantado é entoado pelos filhos de santo é uma forma de transmitir a junção de energias que a corrente espiritual emana. O ato de cantar na gira, em comunhão com todos os filhos de santo, faz com que as entidades espirituais se aproximem do campo de força energética desencadeado no interior da “gira”. Pai Joaquim sempre pede que seus filhos cantem com alegria e empolgação, se entregando de corpo e alma aos rituais, sendo essa a melhor forma de captar a vibração das entidades e incorporá-las.

Em seguida a esse “ponto cantado”, ouvia-se em todo o terreiro outro “ponto” para Seu Manoel Légua. Percebi que o “guia chefe” do terreiro estava incorporado em pai Joaquim, e era ele quem entoava os “pontos” em sua própria homenagem. O “tambozeiro” respondia com um sorriso e uma piscada de olho para seu Manoel Légua, dando a entender que entregaria toda sua energia no toque do tambor para que o ritual acontecesse do seu agrado. Ao mesmo tempo que cantava ao “pé do tambor” pegava seu copo de bebida e em um só gole bebia tudo. E isso condizia com o que o próximo “ponto cantado” puxado por ele relatava nos versos:

*“E a cana bem madura É melhor de se roer  
E a cachaça tá no copo E Manel Légua vai beber E ei, cana é pra moer  
E ei, cana é pra moer  
E a cana bem madura É melhor de se roer  
E a cachaça tá no copo E Manel Légua vai beber E ei, cana é pra moer  
E ei, cana é pra moer”*

(Ponto cantado encontrado no campo de pesquisa, em 10 de junho de 2017).

Esse “ponto cantado” faz uma descrição sobre a cachaça que seu Manoel Légua encontra no copo vai utilizá-la para beber, mas ingerindo essa bebida, na verdade está realizando uma limpeza em seu “aparelho”. Essa limpeza se dá, segundo pai de santo Joaquim, quando ingerida a bebida esta libera a energia, a qual o pai de santo havia benzido quando a bebida ainda estava na garrafa de vidro. Enquanto bebia a cachaça, percebi uma dança discreta que a entidade realizava do lado do tambor. Como é descrito um senhor de idade, seu Manoel Légua não realiza movimento abruptos, como os que observei na entidade Cabocla Índia, no entanto essa dança caracteriza sua passagem no terreiro: movimento das pernas vagarosamente, fazendo giros lentos sobre o próprio corpo e levantando a mão que segura o copo de bebida.

E destacando algumas palavras desses cânticos, como “cana”, “moer”, “cachaça” e “copo” fazem alusão à mitologia dos boiadeiros da família Légua, os quais usam da cana para produção de bebida alcóolica.

Logo, depois de entoado esse “ponto”, seu Manoel Légua disse que iria embora e chamou um filho de santo para segurar o corpo de seu “aparelho”, enquanto ele era suspenso. Do outro lado, o “contra chefe” Antônio Pereira da Silva Filho, esperando pai Joaquim voltar a si, entoava um ponto cantado que tive a impressão de ser uma forma de alertar os filhos de santo sobre a importância da gira não parar, mesmo que os pontos cantados deem uma pausa:

*“Na minha eira não se para tambor  
 Ê não se para tambor, eu não mandei parar Na minha eira não se para tambor  
 Ê não se para tambor, eu não mandei parar Eu não mandei, não mandei parar  
 Eu não mandei parar tambor”*  
 (Ponto cantado encontrado no campo de pesquisa, em 17 de junho de 2017).

Sobretudo, retomando os “pontos”, pai Joaquim mais uma vez em agradecimento à passagem de Seu Manoel Légua entoa:

*“Em meu barquinho eu venho E nele eu vou voltar  
 Eu sou Légua Bugi Eu sou Légua Buá  
 Em meu barquinho eu venho E nele eu vou voltar  
 Eu sou Légua Bugi Eu sou Légua Buá”*  
 (Ponto cantado encontrado no campo de pesquisa, em 10 de junho de 2017).

Nesse momento da “gira”, a filha de santo, Antônia Maria Bonfim, acenou-me com a mão para ir ao seu encontro. Dirigi-me até a “gira” e fiquei atrás da filha de santo, quando ela se virou a mim e disse sobre a importância dos filhos de santo cantar todos os “pontos” entoados no ritual. Ela me informou que o filho de santo que se encontra na “gira” deve saber de sua obrigação, estando concentrado em seu trabalho, sabendo que um desvio de pensamento, ou o desinteresse em cantar ou dançar pode prejudicar toda a “corrente” de energia, atrapalhando inclusive no desenvolvimento espiritual dos filhos de santo.

Portanto, a filha de santo continuou conversando, explicando-me que sua experiência com os pontos cantados é agradável, que lhe causa paz de espírito e que naquele momento em que canta todos os seus problemas são esquecidos e uma sensação de leveza se instaura em seu corpo. Ela me disse sobre a importância de permanecer atento cantando todos os “pontos”, no entanto, existem aqueles que lhe dão mais energia e empolgação na hora de cantar. Exemplo disso foi o ponto cantado acima, o qual a filha de santo me informou que lhe

causa grande prazer em cantar, pois sabe que está homenageando o “guia chefe” do terreiro, que lhe dá proteção e amparo em sua vida. A fala da filha de santo Antônia Maria Bonfim encerra com sua percepção sobre o ritual de “gira”:

*Quem entra na gira deve saber que deve estar concentrado pra evoluir cada vez mais. Digo evoluir por que a gente fica aqui baiando e cantando é pra poder mentalizar nossos guias, aí a gente consegue com isso ter melhor contato com eles e conseguir melhorar nossa vida, mas tem que baiar e cantar com vontade. Tem gente que vem pra cá que acha que ficar na gira só por ficar é normal, que não importa. Tem gente que faz isso aqui, mas só depois vai saber o prejuízo que leva pra vida, por que isso aqui é coisa séria, entendeu? (Entrevista realizada com a filha de santo Antônia Maria Bonfim, em 24 de março de 2018).*

Diante dessa fala da filha de santo e das observações que me deparava toda vez que a gira acontecia, notava no semblante de alguns filhos de santo um certo desestímulo e cansaço que revelava uma desmotivação na dança. A dança em alguns momentos parecia perder o sentimento envolvente de coletividade dos filhos de santo, onde alguns se entregavam ao cansaço físico e passavam apenas a “caminharem” de cabeça baixa na “gira”, sem nem mesmo recitar os versos dos cânticos. Entretanto, aqueles filhos de santo que não perdiam o embalo e permaneciam com a mesma energia, observavam os demais que se entregavam ao cansaço- alguns inclusive saíam da “gira” -, sentindo a responsabilidade de reanimá-los, puxando-os novamente para a dança. Como a filha de santo Antônia Maria Bonfim falou acima, a “gira” é um compromisso para concentrar o pensamento nas entidades, mas para que isso aconteça é necessário dançar e cantar com fervor.

Nesse segundo momento da “gira”, um dos mais energizantes, por se tratar da linha de entidades a qual o “guia chefe” do terreiro, seu Manoel Légua faz parte, os filhos de santo usam da bebida alcóolica e do cigarro para saudar os denominados “boiadeiros”. A dança, assim como os cânticos entoados saúdam com fervor os Légua, em especial Dona Teresa Légua e Seu Manoel Légua, ambos irmãos, que trazem as maiores bênçãos e proteção para todos os filhos de santo que os homenageiam na “gira”.

Com a realização da “gira” para os boiadeiros da família de Légua, percebi que os elementos simbólicos da cachaça e do cigarro são usados com mais frequência, onde essas entidades agem por meio do uso desses elementos para trazer o bem-estar dos filhos de santo. Dançando e cantando para as entidades da “linha” de Léguas, os filhos de santo vão se entusiasmando, batendo palmas e remexendo todo o corpo como forma de expressar a sua gratidão.



### 3.4 “Arreda homem, que chegou mulher”<sup>33</sup>: “gira” para o “Povo de rua”

No terreiro de pai Joaquim, o culto às entidades perpassa pela travessia aos espíritos denominados de Exus e Pombas giras. Esses espíritos adentram à categoria de entidades denominada pelos filhos de santo de “Povo de rua”. Os filhos de santo costumam se referir a essa linha de entidades como “Povo de rua”, devido serem os guardiões desse espaço na Terra, sendo referidos como os protetores de cemitérios, encruzilhadas e os grandes responsáveis por expulsar as energias negativas de dentro do espaço sagrado dos terreiros.

E as entidades mais encontradas no terreiro pesquisado vão desde Pomba gira Cigana, Pomba gira Menina e Pomba gira Cigana da Estrada até Exu Marabô, Exu Capa Preta e Seu Zé Pelintra. Enquanto os Exus descem no terreiro com seu semblante sisudo, com seriedade e um olhar penetrante a quem os observam, as Pombas giras espalham irreverência e sensualidade no espaço cedido para que elas se manifestem. Nessa etapa do ritual, os “pontos cantados” dão à dança uma nova roupagem. Já não realizam a gira em seu padrão circular, cada filho de santo se posiciona novamente como no início dos primeiros ritos de oração: mulheres do lado esquerdo, homens do lado direito. Aproximei-me do filho de santo Moacir Odásio de Carvalho para falar sobre os Exus e Pombas giras, e a importância do culto dessas entidades para o Cantinho de Luz. De acordo com ele, pode-se pensar nessas entidades espirituais como:

*Tudo que é ruim os exus levam embora. Eles vivem em um plano onde podem levar as energias que nós, como médiuns, pegamos dos lugares e pessoas que temos algum tipo de contato. Eles, os exus, estão tirando essas energias dos ambientes que eles frequentam e vêm pra ajudar a gente. Nós como seguidores deles aprendemos o tempo todo. Exus e pomba giras trazem uma alegria e uma motivação pra gente, a gente fica encantado. Exus enxergam além de nós, estão acima de nós, sabem de nossas vidas e eu os defendo como seres que trazem o que é bom pra quem os procura (Entrevista realizada com o filho de santo Moacir Odásio Carvalho, em 24 de março de 2018).*

Assim como as demais “linhas” de entidades espirituais cultuadas no Cantinho de Luz, a linha de Exus e Pombas giras compõe uma parte dos rituais que reúnem aos sábados os filhos de santo que prestigiam com muita música e dança seus guias espirituais. Na fala do filho de santo Moacir Odásio Carvalho percebo a busca em desmistificar esses espíritos, os quais muitas vezes são associados a “trabalhos” voltados para o mal ou sendo espíritos demoníacos. Na verdade, Pombas giras e Exus são espíritos guardiões que protegem o terreiro e aqueles que lhes são fiéis. Existe uma fidelidade criada entre um espírito da “linha de

<sup>33</sup> Ponto cantado para as Pomba giras, encontrado no terreiro pesquisado.

esquerda”, seja Exu ou sua representação feminina, a famosa Pomba gira, os quais estabelecem um elo com os filhos de santo.

Então, percebi nas minhas idas ao terreiro que essa linha de entidades não é cultuada com a mesma frequência que as demais, porém quando cantam e dançam para elas, todos se sentem felizes e entusiasmados. Quando retornam para o espaço interno do terreiro, meia hora depois, as luzes já estão apagadas, e o cenário fica apenas sob o efeito da luz de velas. Um ar de mistério se implanta no cenário do ritual, os cheiros de incenso e de cigarro predominam em todo o local. Aquele é o momento de saudar os Exus e Pombas giras com seus “deboches”<sup>344</sup>. Observei o uso recorrente desse termo para se referir a essas entidades, pois é comum os filhos de santo considerarem essas entidades “debochadas”, no sentido atrelado à forma como esses espíritos se portam no terreiro e em suas relações com os filhos de santo. A filha de santo Kamila Mara Silva Pereira de Carvalho me explicava em uma conversa informal que o “deboche” vem tanto pela questão dos “pontos cantados” que se referem às características desses espíritos, como a forma de eles interagirem com as pessoas durante as consultas que realizam, sempre tratando com um certo escárnio na hora de aconselhar, jogando o que ela chama de “indiretas”.

Quando invocados no terreiro, essas entidades costumam soltar muitas gargalhadas, sendo uma característica que demarca esse sentido do “deboche”, empregado pela filha de santo, já que essa expressão do riso remete a uma forma do espírito se identificar, ao mesmo tempo de mostrar sua presença forte no terreiro. Presenciei diversas vezes uma postura típica das Pombas giras, com gargalhadas estridentes, que atravessavam os quatro cantos do terreiro, na qual essa expressão remete ao sentido empregado de “deboche”, pois elas aconselham a seus seguidores de modo jocoso e irreverente, expressando risos que apresentam sua postura elegante e o modo invasivo de tratar sobre a vida dos filhos de santo quando estes procuram elas para consulta, sob o comando de pai Joaquim.

Em uma das ocasiões em que o ritual para a “linha de esquerda” se delineava, pai Joaquim sempre muito entusiasmado expressava com voz estridente nos quatro cantos do terreiro: “Agora vou cantar meus deboches!” Perguntei a ele o porquê se referia aos “pontos cantados” para Exus e Pomba giras como “deboche”. Segundo pai Joaquim, o “deboche” é a forma como se expressam essas entidades, sempre “jogando indiretas” nos filhos de santo desatentos ou descompromissados ou mesmo aconselhando de maneira a usar a gargalhada e o desdém para aquele que a eles recorrem. Os “pontos cantados” refletem essas características

---

<sup>34</sup> Deboches são os pontos cantados para os exus e pomba giras. Esse termo é utilizado por todos os filhos de santo, quando se referem à forma como essas entidades se portam no terreiro.

da “linha de esquerda”.

Então, pai Joaquim e seu “contra chefe” mais uma vez iniciam “puxando” os “pontos” que agora vão saudar o “Povo de rua”. Notei que especialmente as mulheres naquela etapa do ritual estavam deslumbrantes e entusiasmadas para glorificar com as danças e “pontos” em sua homenagem. Essas filhas de santo do Cantinho de Luz têm um apreço muito grande por suas guias espirituais, como foi observado em suas falas, informando que elas dão segurança e bem-estar, transformando positivamente suas vidas.

Para o ritual para Exus e Pombas giras no terreiro inicia sempre por volta das 21 horas estendendo-se durante uma hora seguida de “pontos cantados” que homenageia ambas as entidades dessa linha. A finalidade dessa etapa ritual é invocar esses espíritos para levar toda a energia negativa do espaço de culto, assim como de tirar a energia ruim de cada um dos sujeitos presentes na realização dos rituais, incluindo os visitantes. Qualquer sentimento envolvendo mágoa, rancor, ódio por alguém de fora, ou inclusive de dentro do terreiro, esses sentimentos serão dizimados no instante em que a entidade incorporar naquele filho de santo, pois, segundo a filha de santo, Ana Beatriz Viana 26 anos, “essas entidades sabem lidar com esse lado ruim da gente, sabem levar pra bem longe essas coisas negativas ao nosso redor, por que eles vivem num lugar onde mexem direto com essas energias”(Entrevista realizada com a filha de santo Ana Beatriz Viana, em 24 de março de 2018). Os “pontos” sempre iniciam com a homenagem para as Pomba giras, para logo em seguida homenagearem os Exus.

O primeiro “ponto” escolhido desvela uma entidade da falange das Pombas giras, denominada de Pomba gira Cigana. Os filhos de santo se encontravam mais uma vez dispostos nas laterais do terreiro: mulheres no lado esquerdo, homens, no direito. O “ponto” puxado por pai Joaquim dá prosseguimento aos rituais, agora invocando a linha de Pomba giras:

*“Pomba gira Cigana Tem papai e tem mamãe  
Pomba gira tem palácio para morar Dona Sete  
Pomba gira Cigana Tem papai e tem mamãe  
Pomba gira tem palácio para morar Dona Sete”*

(Ponto cantado encontrado no campo de pesquisa, em 17 de junho de 2017).

Nesse instante em que o primeiro “ponto” é puxado pelo pai de santo e seu “contra chefe”, o tambor começa a soar de maneira vagarosa, seguindo o ritmo lento da canção entoada. Os filhos de santo posicionados já improvisam os primeiros passos para aclamar suas Pombas giras. Esses passos se dividem entre movimentos dos pés cadenciados e palmas que se juntam com um gingado dos braços. A alegria saltava aos olhares dos filhos de santo, o

entusiasmo sempre preenchia o espaço do terreiro, quando da invocação dos espíritos dessas entidades, que espalhavam exuberância por todo o local. As Pombas giras saudadas no Cantinho de Luz gostam das luzes apagadas, do cheiro forte de incenso e do mistério que circunda as noites de ritual naquele terreiro. Quando descem na “crôa” das filhas de santo, logo iniciam suas danças hipnotizantes, que atraem os olhares de todos os presentes, estimulando sua performance com palmas e assobios.

Logo, depois desse “ponto”, outro, é cantado para fazer menção à influência das Pomba giras nesse momento de saudação, expondo na letra do “ponto” uma entidade feminina e dona de si, capaz de realizar façanhas a seu bel prazer:

*“Salve dona Pomba gira Salve ai que ela é mulher E vem lá na encruzilhada Ela faz tudo o que ela quer  
E vem lá na encruzilhada Ela faz tudo o que ela quer  
Bebo cerveja, mas não é com seu dinheiro Arrêa Arrêa Pomba gira”*  
(Ponto cantado encontrado no campo de pesquisa, em 17 de junho de 2017).

Aqueles “pontos cantados” me chamaram atenção pela forma como são descritas essas entidades femininas. Por meio da poesia das palavras, as características e os feitos dessas divindades eram expostos tudo ali, durante a entonação desses cânticos. Pomba gira era uma mulher, descreviam no ponto como uma mulher segura, dona de um palácio, dona de sua vida, que pode fazer o que quiser, sem passar por nenhum tipo de julgo, sendo distinta e cheia de mistérios. No “ponto” acima, Pomba gira gosta de cerveja, e bebe com seu próprio dinheiro, expressando aí sua independência. A mesma independência que ela costuma auxiliar as filhas de santo que lhe seguem a conquistar frente a seus companheiros. Boa parte dos pontos cantados encontrados no Cantinho de Luz refletem a entidade Pomba gira como uma mulher destemida e de personalidade forte. Os “pontos” eram cantados com aquele ar de mistério que, segundo os filhos de santo do terreiro, as luzes são apagadas, por que esses espíritos gostam desses espaços com pouca luz, e isso facilita a chegada dessas entidades no terreiro.

Neste dia de ritual, o ponto que introduziu essa linha de entidades no cenário ritual fazia menção à Pomba gira Cigana. Essa entidade é muito benquista no terreiro, tendo em vista que sempre aconselha os filhos de santo que a consultam, trazendo bons conselhos para todos. No entanto, dona Pomba gira Cigana não faz arroudeio quando vai aconselhar, sendo direta e incisiva quando preciso. Conversando com essa entidade, e analisando o “ponto” que a homenageia, fui delineando seu comportamento e seus gestos pessoais, a partir de sua manifestação no ritual, contando com a análise de seu “ponto cantado” e como ela dançava no ritual. Pomba gira Cigana me informou que nasceu em um país europeu, na Espanha, que sabe

sobre o passado e o futuro daqueles que a procura, sempre buscando dar um melhor direcionamento na vida das pessoas.

Por isso, pomba gira Cigana é a guia espiritual da filha de santo Ana Beatriz Viana. Quando esse “ponto” é entoado no terreiro, logo a filha de santo sente um tremor em seu corpo, sinalizando que sua guia está “irradiando-a”, prestes a vir em sua “crôa”. Conversando com Ana Beatriz, ela me explicava algumas características que sentia no momento em que a entidade estava “irradiando” sua “crôa”:

*Quando minha Pomba gira está irradiando eu já sinto ela perto e eu sinto uma queimação embaixo da minha saia, vem um fogo forte que eu pego fogo mesmo. Ali é sinal dela vindo, e logo minhas mãos ficam quentes, a temperatura do meu corpo sobe muito, sinal dela chegando (Entrevista realizada com a filha de santo Ana Beatriz Viana, em 19 de maio de 2018).*

Logo em seguida, a entidade incorpora na filha de santo e começa uma dança típica relacionada a sua mítica. Pomba gira Cigana dança com carisma e sinuosidade no espaço ritual. A entidade levanta parte da barra de sua saia para mostrar suas pernas, como num relance de charme e envolvimento com o “ponto cantado”. Um cigarro é acendido por um “cambone” e entregue em suas mãos. Pomba gira o pega e realiza uma performance com seu cigarro, levantando a mão que o carrega, e a outra mão delinea a cintura que requebra de maneira sensual e vagarosa. A entidade rebola com maestria e desliza sobre o espaço do terreiro com a sutileza de uma mulher desinibida e altiva. A altivez é demonstrada por meio do arqueamento do pescoço, com delicadeza e expressão sensual, Pomba gira atrai os olhares para sua performance esplêndida.

Por isso a Pomba gira Cigana desfilasse por entre os espaços do terreiro, sua dança insinua “a impressão de uma mulher sensual, extrovertida e desinibida” (BARBOSA; BAIRRÃO, 2008, p.228). Essa sensualidade com que Pomba gira se mostra no terreiro é atravessada pelo seu gingado corporal, com essa façanha em sua performance ela desencadeia um jeito peculiar de se expressar, contendo uma gestualidade insinuante e brincalhona.

Enquanto os demais filhos de santo saudavam os cânticos com salva de palmas, cantando como um coral saudoso à Pomba gira Cigana, essa entidade continuava desfilando com sua dança sensual e provocante, soltando gargalhadas que fazem parte de seu acervo performático durante a homenagem a que lhe é merecida. Como pude averiguar, a entidade que ali dançava no terreiro estava conectada no “ponto cantado” que citava seu nome e sua mítica, a ponto de se apresentar como a dona de um palácio, sendo muito chique e distinta em sua dança. A Pomba gira Cigana me explicou que sua função agora era vir ao terreiro limpar o

corpo e a mente da filha de santo Ana Beatriz. Os passos dados pela Pomba gira ao redor do espaço de culto também servem como uma forma de vigília, onde ela observa atentamente a presença de algum “espírito obsessor”, mostrando que naquele instante ela é dona do espaço e que com sua gargalhada mostra quem lidera, expulsando então os espíritos malfazejos.

Enfim, notei isso no momento em que Pomba gira Cigana dava o ar de sua graça no terreiro. Como uma mulher destemida e corajosa, dançava na ponta dos pés, levantando sua saia e rodopiando com giros céleres. Ao passo que apresentava sua dança, atentei para seus olhos cerrados, fitando todo o espaço, certificando-se, como a própria falou, de que o terreiro estava isento de espíritos agressores. Ela me falou do seu desejo incessante em vir dançar no terreiro com suas vestes próprias, a qual me relatou que seria: “minha saia vermelha rendada, minha roda na orelha, minhas pulseiras e colares de ouro e meu leque” (Entrevista realizada com a Pomba gira Cigana, em 19 de abril de 2018).

De acordo com Barros e Bairrão (2015), a Pomba gira se configura como uma entidade transgressora, uma mulher perigosa que usa o vermelho como sinal de sexualidade afluada e como perigo à vista. No entanto, observando no meu campo, as Pombas giras quando invocadas durante a gira, não usam vestimentas vermelhas, permanecendo com a roupa branca do médium. Sobre isso, esclarecia-me a Pomba gira Cigana, que sente um certo incômodo quando chega ao terreiro usando uma roupa branca, sendo do seu agrado a vestimenta vermelha, seu leque, sua rosa no cabelo. Ela disse que sente falta desses objetos, por que eles ajudam a identificá-la como a mulher sensual e distinta que ela é.

Conforme explica Reginaldo Prandi (1996), na cultura brasileira das camadas populares, Pomba gira é uma entidade espiritual consultada para resolução de conflitos amorosos e sobre a vida sexual. Essa entidade, aponta o autor, é identificada como uma mulher que possui características como autonomia, segurança, elegância, sendo despudorada em sua fala e sem pudor sexual. As Pombas giras que encontrei no terreiro, em meio ao desenvolvimento do ritual e nas conversas informais estabelecidas com essas entidades, mostram mais que essas características, tornando-se o centro das atenções por sua mobilidade no terreiro, por um discurso “debochado”, pois, segundo os filhos de santo, essas entidades aconselham jogando “indiretas”, usando mesmo do “deboche” para alertar aos filhos de santo sobre a situação em que se encontram na vida. As Pomba giras gostam do espaço permeado da essência de “perfumes”, “luzes de velas”, deixando o espaço de acordo com seu gosto.

Sendo assim, aquele espaço singelo e pequeno do Cantinho de Luz agora era tomado pela influência dessas entidades femininas. A estética do espaço era discreta, pois só se viam algumas partes do corpo da filha de santo “incorporada”, iluminados pelas velas, aquele

cenário era deslumbrante aos olhares curiosos dos visitantes que, sempre atentos, observavam qual a Pomba gira se manifestava naquele momento do ritual.

Cada uma das Pombas giras encontrada no campo de pesquisa possui seus próprios pontos cantados e uma forma peculiar de dançar durante a realização dos rituais no terreiro. No entanto, é similar o entendimento das filhas de santo acerca dessas guias espirituais, denominando-as de protetoras e as mais corajosas do terreiro. Cada uma delas protege uma filho de santo, fazendo um tipo de trabalho específico e realizando uma performance no momento em que os rituais tomam forma no cenário do terreiro. Apesar de cada uma possuir suas peculiaridades, notei fortemente a presença da erotização em suas danças, mostrando vitalidade e sensualidade em seus movimentos corporais.

Logo, entendo que o uso dos “pontos cantados” e da dança presente no ritual para essas entidades serve também como uma forma de saudar aqueles que realmente têm a função de expulsar as verdadeiras energias negativas de dentro do terreiro, deixando o espaço livre de espíritos obsessores que desejam desconcentrar os filhos de santo de seus trabalhos rituais. Em uma conversa com a filha de santo, Ana Beatriz, essa me informava que as energias negativas que pairam sob o terreiro e as pessoas nele presente durante os rituais, manifestam-se por meio dos sentimentos, como inveja, mágoa, ódio, rancor. E isso é percebido imediatamente pelas Pombas giras, as quais tratam de extinguir esses sentimentos dos corações das pessoas.

Além disso, explicaram-me os filhos de santo, que os cânticos e a saudação que vêm por meio das danças são formas de agradecimento pelas conquistas que realizam por intermédio de suas Pombas giras. Essas entidades são sempre solícitas, abrindo espaço para ajudar a todos que a elas recorrem.

Seguindo com os “deboches” no ritual, pai Joaquim, juntamente com seu contra chefe, cantam mais um cântico às Pomba giras:

*“Fui eu quem matei o homem Fui eu que matei o guarda Fui eu quem matei o homem  
Fui eu que matei o guarda  
E joguei o corpo na encruzilhada”*

(Ponto cantando encontrado no campo de pesquisa, em 19 de maio de 2018).

Naquele momento o tambor era tocado de maneira mais lenta, com toques mais compassados. Enquanto isso Pomba gira Cigana continuava sua dança sob os olhares de todos os filhos de santo que a aplaudiam e assobiavam sua performance. Esse cântico reflete de forma explícita o quanto Pomba gira é destemida e sua imagem está ligada a de uma mulher corajosa e atrevida. Enquanto os versos narram que ela matou um homem, observei-a fazendo

um gesto de desdém, desprezando algo que ficou para trás, dando um giro na sua saia, olhando para o chão, gargalhando e pisando com força. Os demais filhos de santo dançavam ao mesmo tempo em que observavam a entidade se manifestar.

Do outro lado do terreiro, próxima ao altar, se manifestava a filha de santo, Kamila Mara Silva Pereira de Carvalho 26 anos, com sua guia espiritual, a Pomba gira Menina, que também é uma cigana. Próximo ao altar, do lado do pai de santo, Pomba gira Menina dançava ao som do tambor e do “ponto” acima, puxado pelo pai de santo. Ela colocava delicadamente sua mão na cintura e realizava giros sob o próprio eixo corporal, fazendo brilhantemente uma dança primorosa, onde a sua saia esvoaçava com delicadeza e esplendor. O sorriso era uma marca na expressão performática de Pomba gira Menina. A todo o momento que realizava sua dança o sorriso demarcava o prazer de estar ali no terreiro.

Por outro lado, conversando com ambas pude perceber que existe uma conexão muito forte entre a filha de santo e sua guia espiritual, se estendendo para fora do cenário ritual, atravessando todos os âmbitos de sua vida. Essa entidade quando se encontra no cenário ritual costuma soltar gargalhadas que representam sua chegada ao terreiro, sendo uma forma de saudar pai Joaquim, pedindo permissão para sua passagem no terreiro, ao mesmo tempo que expulsa as energias funestas do espaço de culto. Conversando com a filha de santo, Kamila num momento posterior ao ritual, ela me falava sobre sua relação com a entidade Pomba gira Menina:

*Uma mulher queria um atendimento com minha Pomba gira para resolver um problema amoroso. A minha guia costuma ajudar mulheres jovens que estão “aprendendo a amar” para se endireitarem na vida. A Pomba gira Menina me acompanha em todo momento da minha vida, por que ela dá palpite no meu relacionamento amoroso, me faz ter calma, paz interior. Ela não deixa eu me estressar, sempre tá próxima de mim para me ensinar a ser uma pessoa tranquila (Entrevista realizada com a filha de santo Kamila Mara Silva Pereira de Carvalho, em 19 de maio de 2018).*

Além disso, a filha de santo me relatou que durante a gira, quando o ponto de sua Pomba gira é entoado, logo ela sente a irradiação da entidade. Ela me informou que a energia transmitida nesse período do ritual é mais pesada, devido serem invocados espíritos da escuridão, no caso os Exus e Pomba giras. A filha de santo disse que no momento em que se encontra na gira, dançando e aguardando a vinda da entidade em sua “crôa”, sente um gosto de pimenta em sua boca e todo o seu corpo treme, um tremor que a convida a dançar, a participar daquele evento.

Logo, a dança da Pomba gira Menina, guia espiritual de Kamila, inicia a partir do



seguinte “ponto” entoado durante a “gira”:

*“Pomba gira ela é mulher De domingo até segunda  
Pomba gira ela é mulher De domingo até segunda  
Na boca de quem não presta Pomba gira é vagabunda Na boca de quem não presta  
Pomba gira é vagabunda”*  
(Ponto cantado encontrado no campo de pesquisa, em 19 de maio de 2018).

Esse cântico reflete de forma muito clara a questão que gira em torno do estereótipo das Pombas giras. Como entidades sensuais, muitas vezes são confundidas como mulheres vulgares, não necessariamente tendo essa associação. Pombas giras, na verdade, como pai Joaquim costumava dizer no terreiro, são mulheres fortes e quem as chama de “vagabunda é por que não presta”. Nessa hora, as filhas de santo cantavam sorridentes esse ponto, cantavam mais alto que os homens. Ali era o momento de mostrar a homenagem e agradecimento para as Pombas giras.

Outro cântico que define a mitologia de Pomba gira Menina foi relatado pela própria entidade, quando ela veio em minha direção incorporada na filha de santo Kamila Mara Silva Pereira de Carvalho. Sorridente, aproximou-se de mim e disse que estava há muito tempo interessada em conversar comigo, que sempre me observava e que não me preocupasse que ela estaria sempre próxima, protegendo-me. Ela ficou de frente para mim e passou a entoar um “ponto cantado”:

*Chorei, chorei  
O homem que eu amava eu matei Chorei, chorei  
O homem que eu amava eu matei*  
  
*Matei com sete facadas No lugar do coração Sou Pomba gira Menina Não aceito  
traição*  
(Ponto cantado encontrado no campo de pesquisa, em 19 de maio de 2018).

Esse “ponto cantado” explicita a coragem com que Pomba gira Menina enfrenta o mundo. Ela usa de um instrumento para se defender, uma faca, para agir contra seu amado, o qual lhe traiu e ela não perdoou. A entidade Pomba gira Menina quando se apresenta na “gira”, cantando seu “ponto” incorporada na filha de santo Camila, canta com tanta devoção que a felicidade é expressa em sua expressão facial, mostrando seu sorriso faceiro e uma piscadela de olho para as pessoas presentes que assistem a sua performance.

Logo, depois de cantar, a Pomba gira disse que precisava ir embora, mas que estaria sempre próxima de seu cavalo, para protegê-la de todo o mal que a circundasse. Enquanto o “ponto” era entoado, percebi os sorrisos e trocas de olhares entre os filhos de santo. Percebi

um maior entusiasmo nesse cântico, tendo em vista que os filhos de santo cantavam mais alto, com o peito estufado, os movimentos corporais eram mais expansivos, e o toque do tambor retornava a seu ponto máximo. Pai Joaquim nesse momento acendia um cigarro para entregar à Pomba gira Menina, enquanto um filho de santo “cambone” entregava um copo contendo cachaça.

E a filha de santo Kamila Mara Silva Pereira de Carvalho, incorporada com sua Pomba gira, realizava uma dança sensual, desfilando entre os espaços do terreiro, levantando seu cigarro para o alto e cantando os versos correspondentes à sua identidade. Ao passo que a entidade realiza sua dança, essa não se dá de maneira aleatória, em qualquer “ponto” que se é cantado. Para que a entidade “desça na crôa” da filha de santo, é preciso que esteja sendo entoado o ponto referente a ela. No caso da guia espiritual de Camila, o “ponto” que a convida a participar do ritual é o explicitado acima, o qual revela a interação da filha de santo no momento em que canta com fervor esse “ponto”, dando maior pulsão a sua energia espiritual, acarretando na incorporação, e posterior realização da dança da entidade.

Enfim, a performance daquela Pomba gira era peculiar, mostrava uma moça jovem, bonita e distinta, como ela mesma se referia. Seu cigarro e sua bebida faziam parte de seu ato performativo, sendo elementos simbólicos que ajudavam a entender sua desenvoltura na dança, aderindo a um charme característico dessa linha de entidades. Numa conversa com Kamila, depois que sua Pomba gira foi “suspendida”, perguntei como era sua experiência no momento antecessor à incorporação, quando ela está cantando para sua guia espiritual o “ponto cantado” acima. Ela me explicou da seguinte forma:

*Quando eu canto o ponto da minha Pomba gira, eu sinto ela se aproximando, sinto o perfume dela, vejo que ela se sente feliz, por que quando eu canto eu tô é agradecendo ela. É ela quem me ajuda em tudo, no trabalho, em casa, nos meus relacionamentos, então quando canto e danço pra ela, ela entende que esse é meu jeito de homenagear e agradecer a ela por tudo na minha vida (Entrevista realizada com a filha de santo Kamila Mara Silva Pereira de Carvalho, em 19 de maio de 2018).*

E não sem esquecê-la de saudá-la naquela “gira”, a Pomba gira Cigana da Estrada, guia espiritual da filha de santo Joyce Silva Ramalho, de 18 anos de idade, é a próxima a ser homenageada no ritual. Quem me disse foi a própria filha de santo, onde nesse momento eu estava a seu lado e o “ponto cantado” correspondente à sua entidade foi puxado pelo pai de santo Joaquim. O cântico referente a sua guia espiritual segue abaixo:

*“Veja meu destino, ó Cigana Quero ser feliz  
Por onde passa sempre semeia a raiz  
Eu caminhava na estrada sem saber aonde ir Me deparei com uma moça*

*Que firme olhou pra mim Com seu vestido de lenço E um baralho na mão  
Disse que era Cigana e ia ler a minha mão”*  
(Ponto cantado encontrado no campo de pesquisa, em 19 de maio de 2018).

Outrora, a filha de santo Joyce me explicou sobre sua relação com Pomba gira Cigana da Estrada, a partir da entonação do “ponto”, durante o ritual:

*Esse é o ponto que eu já começo a sentir ela. Ela é muito sincera. Quando ela vem na hora do ponto, ela não tem dó de falar o que tá acontecendo no meu relacionamento. Ela cita as pessoas que querem o nosso mal, ela diz pra eu abrir meu olho que vai acontecer tal coisa. Nesse ponto dela diz que é pra ela ver meu destino, e ela me alerta sobre as coisas que vão acontecer* (Entrevista realizada com a filha de santo Joyce Silva Ramalho, em 19 de maio de 2018).

Depois, entendi com a fala da filha de santo que sua Pomba gira resgata sua autoestima, promovendo momentos de prazer não só quando o “ponto” é cantado no contexto do ritual, mas que proporciona uma relação de amparo e conselho, para que a filha de santo Joyce se sinta mais segura e tenha controle sobre sua vida. Nessa relação há uma troca, onde a entidade é homenageada e retorna trazendo a revitalização da autoestima da filha de santo. O “ponto” cantado narra a história de uma Pomba gira que norteia a vida de quem a segue, com seu baralho pronto para desvendar o destino das pessoas. Em sua dança, o vestido permanece a vestimenta branca do terreiro, no entanto, me explicou Joyce, sua Pomba gira gostaria de dançar com seu vestido vermelho.

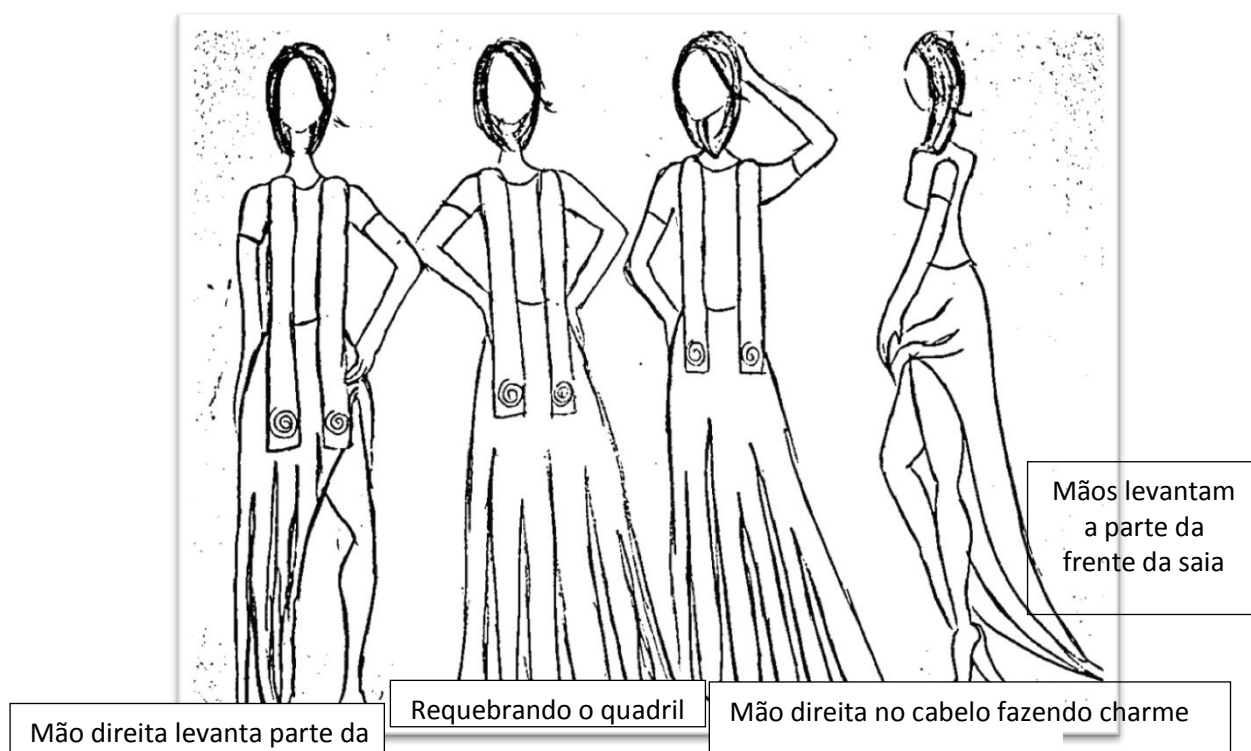


Figura 16. Croqui representando a gestualidade da Pomba gira Cigana.  
Fonte: acervo do autor.

Apesar da não permissão das Pombas giras em dançar com seus vestidos vermelhos e esvoaçantes, de qualquer modo o terreiro é envolvido com suas expressões corporais, atraindo os olhares de todos os presentes, pela forma primorosa como se apresentam. A dança da Pomba gira Cigana da Estrada se espelha muito nos versos que são narrados durante o seu ponto cantado. Percebi um movimento das mãos se aproximando do rosto, formando uma espécie de leque. Logo em seguida, ela movimentava a saia com delicadeza e seguia desfilando como se estivesse usando salto alto, ficando na ponta dos pés. Aquele era o jeito que a guia da filha de santo se apresentava no terreiro, sendo ovacionada com seu ponto e a salva de palmas que saudosamente os filhos de santo e visitantes traziam junto. O sorriso era uma marca de sua performance, permanecendo com os olhos fechados e um jogo de remexer as mechas de cabelo.

Logo, o “ponto” da Cigana da Estrada, como a filha de santo Joyce me explicou, é um pedido de clemência para que sua guia espiritual a proteja e aponte o caminho certo para o qual ela deve seguir. Quando entoava esse “ponto cantado”, ela ao mesmo tempo que sente a energia de sua guia espiritual, também canta como uma oração para conforto do corpo e da mente que receberá a Pomba gira. Como parte de sua elaborada performance no terreiro, a entidade costuma fumar um cigarro, a qual usa esse elemento como parte de sua dança sensual. A Pomba gira fuma e desliza delicadamente a mão que segura o cigarro para baixo, enquanto joga a fumaça para todos os cantos do terreiro, me explicando que serve para uma limpeza do espaço de culto. Aqui notei que esse elemento simbólico no contexto ritual das pombas giras é marcado pelo significado da limpeza do corpo do “aparelho” em que elas se encontram incorporadas como também para purificação do espaço de culto.

Nesse sentido, Todas as Pombas giras no terreiro têm um tempo para mostrarem sua dança no ritual, onde Pomba gira Menina, Pomba gira Cigana e Pomba gira Cigana da Estrada têm em comum a mesma sinuosidade em sua gestualidade. A dança que as consagram como Pombas giras no Cantinho de Luz vem carregada de maestria, com o rosto sempre levantado, com um ar de irreverência e descontração, com a mão no quadril e os pés na ponta dos dedos, como simulando usar salto alto.

Logo após a “gira” homenagear a falange de Pombas giras, pai Joaquim e seu “contra chefe” dão prosseguimento com os “pontos cantados” para homenagear os Exus. Esses espíritos possuem um semblante carrancudo. No Cantinho de Luz, os Exus incorporam nos filhos de santo e começam a cantar os pontos com uma voz extremamente grossa e arrastada, de olhos fechados e com o corpo enrijecido.

De acordo com Silva (2012), Exus podem ser entendidos a partir de dois sentidos: ora

como aquele que é mensageiro e responsável pela ordem, ora como o que promulga a desordem e o caos social. Conforme o autor descreve, os espíritos Exus cultuados na Umbanda, apresentam-se com os nomes que relaciona suas características e os tipos de locais que dominam: “Exu 7 encruzilhadas, Exu Porteira, Exu Cemitério, Exu Catacumba, Exu Caveira, Exu da Lama, Exu do Lodo, Exu da Sombra” (SILVA, 2012, p.1089).

Para os Exus que se apresentam durante o ritual no Cantinho de Luz são aqueles que guardam e protegem o terreiro de energias pesadas, seja de pessoas com más intenções ou mesmo de espíritos obsessores com planos de destruir os objetivos dos filhos de santo nos rituais. Os Exus têm formas muito peculiares e de fácil associação com sua imagem no que concerne à dança presente no ritual. Quando incorporados nos filhos de santo, alguns contorcem mãos e braços de uma forma como se fossem garras pontiagudas, outros contorcem todo o corpo até ficarem de joelhos ou deitados revirando todas as partes do corpo. Os Exus no terreiro nos momentos dos rituais dão gargalhadas nervosas, estridentes, sobressaltadas, na qual se percebe o curvamento de sua coluna e cabeça para trás, mostrando um ar de “deboche”, como dizem os filhos de santo. Segundo me explicaram os filhos de santo do terreiro, essa gargalhada além de ser uma forma de demonstrar sua chegada, também serve como uma forma de atemorizar os espíritos obsessores, uma forma de expulsá-los do ritual.

Para Silva (2012), Exu é cultuado nos terreiros, de modo que possa proteger o terreiro das energias negativas, assim como fluir a dinâmica dos rituais realizados. Um exemplo de Exu que se faz presente com frequência nos rituais é Seu Zé Pelintra. Quando incorporado, Zé Pelintra costuma dar suas gargalhadas, pedir um cigarro e realizar uma dança que demonstra um gingado faceiro e envolvente, estimulando os filhos de santo presentes a imitarem os passos da entidade, a qual incorpora no pai de santo Joaquim.

Segundo Silva (2012), Zé Pelintra é uma entidade umbandista, sendo considerado um espírito de malandro, boêmio, que vive perambulando pelas ruas, e que ama os prazeres da noite. É considerado um Exu urbano, usa de uma vestimenta branca, paletó, calça e sapatos, realizando uma performance que representa sua jocosidade. Quando seu Zé Pelintra desce na “crôa” de pai Joaquim, este realiza uma performance com uma expressão corporal típica de um “malandro”, como assim descreve a própria entidade, quando a abordei no momento em que estava incorporada no pai de santo. Segundo Seu Zé Pelintra:

*Eu tô aqui é pra mostrar que eu sou o rei da graça. Olha pra mim, sou charmoso, sei das conquistas do mundo, tenho lábia, encanto todo mundo. Acendo meu cigarro e dou meu sapateado. Meu terno da cor branca demonstra que sou da paz, adoro beber*

*e quando cantam pra mim eu venho logo dançar, por que é disso que gosto* (Entrevista realizada com a entidade Zé Pelintra, em 19 de maio de 2018).

Nessa experiência ritual em contato com a linha do “Povo de rua”, ver e ouvir as expressões das Pombas giras e Exus revelou muito mais do que espíritos dionisíacos. Essa linha de entidades é considerada no Cantinho de Luz como os protetores das energias ruins que pairam ao redor do terreiro, quando da realização dos rituais. Quem recorre às Pombas giras e Exus almeja encontrar amparo e proteção. Quando os filhos de santo dançam e cantam em louvor a essas entidades, eles demonstram a identificação com as características desses espíritos. Bebem, fumam, gargalham, requebram com sinuosidade, afastam energias negativas, protegem os filhos de santo, gostam do escuro e da fumaça exalante dos cigarros. Pomba giras e Exus se consagram no espaço ritual do terreiro.

### 3.5 A “gira” de pretos velhos

Entretanto, a etapa mais singela e graciosa do ritual de “gira” pode ser considerada aquela que saúda as entidades que possuem características como tranquilidade, ternura e principalmente humildade, tanto em sua fala, quanto nos gestos de acolhimento a todos aqueles que a elas recorrem. Estou falando dos pretos velhos, como o próprio nome diz, esses espíritos possuem uma expressão de seres envelhecidos, caminhando sempre curvados e de maneira vagarosa, segurando com as mãos suas pernas que indicam um tremelique. Os pretos velhos indicam pelo seu andar que já possuem uma certa idade, e quem os incorpora costuma ter uma expressão facial amena e sorridente. Alicerçado a essa expressão corporal, sua fala é acalentadora, devendo se aproximar o máximo possível da entidade, pois fala muito baixo, mas sempre com grande acolhida, principalmente quando os filhos de santo os homenageiam com os pontos cantados.

No primeiro “ponto cantado” da noite em homenagem à linha de pretos velhos é para Vô Joaquim de Aruanda. Esse preto velho, sempre presente no terreiro, busca unir os filhos de santo para clamar pela fé na Umbanda e que permaneçam firmes e perseverantes em suas preces. Quem incorpora Vô Joaquim de Aruanda, é o visitante, reconhecido como umbandista, Jorge Ferreira de Sousa. O “ponto” que faz menção a seu nome se encontra abaixo:

*“Vô Joaquim ê ê de Angola Ê Vô Joaquim ê ê  
Ê Vô Joaquim ê á Ê Vô Joaquim ê ê Ê Vô Joaquim ê á  
Ê Vô Joaquim é rei de Angola Ê Vô Joaquim é rei de Angola”*  
(Ponto encontrado no campo de pesquisa, em 25 de julho de 2018).

Esse “ponto cantado” reverencia a entidade, carinhosamente chamada de avô, trazendo junto de sua expressão uma divindade que é rei de Angola, sendo respeitado e ovacionado por todos os presentes no terreiro. O próximo “ponto” puxado pelos filhos de santo invoca os pretos velhos para virem ao terreiro:

*“Chama preto velho é á Chama preto velho é é Chama preto velho é á Chama preto velho é ê”*

(Ponto cantado encontrado no campo de pesquisa, em 25 de julho de 2018).

Depois de cantado esses “pontos”, pai Joaquim dá uma pausa e fala: “Salve os encantados! Salve as forças! Salve os pretos velhos!”. Quando dito isto, os filhos de santo respondem em voz uníssona com um “Salve!” Depois disso, notei o visitante Jorge Ferreira de Sousa fechar os olhos e respirar de maneira ofegante, e isso chamava a atenção de todos, pois era uma respiração alta que interrompeu o ritual. Ele logo se sentou em uma cadeira, colocada ao lado do altar por um filho de santo “cambone”. Aquele momento a entidade Vô Joaquim de Aruanda estava incorporando em Jorge. Vô Joaquim começou a entoar um “ponto”, o qual fez todos os presentes cantarem juntos:

*“Vô Joaquim de Aruanda Vem pedindo licença  
Vô Joaquim de Aruanda Vem pedindo licença  
A Iemanjá meu pai Pra vencer a demanda  
Pai Joaquim de Aruanda Pai Joaquim de Aruanda”*

(Ponto cantado encontrado no campo de pesquisa, em 25 de julho de 2018).

Sendo que, o tambor ajuda na passagem dessa entidade, e os filhos de santo presentes ajudam a entoar seu “ponto cantado”. Vô Joaquim de Aruanda nessa hora já se encontrava confortável em seu assento, com o seu cachimbo sendo acendido por um filho de santo “cambone”. O preto velho fala: “Salve os santos do dia de hoje! Salve o dia de hoje!” Os filhos de santo respondem novamente com um “Salve!”. Percebi que essa etapa da gira, os filhos de santo dançam de maneira mais calma, assim como o toque do tambor é mais singelo. Os filhos de santo dançam com passos lentos com os pés, como que jogando o corpo para frente, num gingado tranquilo, sem pressa. Essa fase da “gira” proporciona passos e movimentos corporais mais tranquilos do que na “gira” de Léguas e caboclos. Cantar na “gira” é um meio de entrar em contato com a espiritualidade ancestral das entidades cultuadas durante o ritual. Os filhos de santo que cantam juntos têm o poder de atrair a entidade que é saudada naquele momento que o ponto é entoado.

Outro grande momento que se destaca na “gira” para pretos velhos vem no momento

em que o “ponto cantado” da preta velha de Ana Beatriz, Dona Redonda, é entoado. O “ponto” da preta velha causa uma sensação especial na filha de santo, já que aquele momento do ritual é a ocasião em que sua preta velha faz a passagem no terreiro para limpar das más energias e proteger a corrente espiritual dos filhos de santo na gira. Quando o cântico é entoado, logo a filha de santo começa a sentir uma sensação diferente em seu corpo: os olhos fecham, a mão direita vai de encontro à “crôa”, para então receber sua guia espiritual mais uma vez.

Logo, a dança da entidade Dona Redonda é bem peculiar, atraindo os olhares dos presentes, quando ela incorpora na filha de santo, deslocando-se para o centro da “gira”. Dona Redonda, a preta velha guia espiritual da filha de santo Ana Beatriz curva a coluna, dança com os braços erguidos e de olhos fechados, com a cabeça inclinada para a esquerda. Os pretos velhos, sem exceção, quando descem na “crôa” dos filhos de santo costuma realizar uma performance que remete a seres de uma certa idade, assolados pelos anos de vida com o trabalho escravo, como os mesmo se referiam todas as vezes em que tive a oportunidade de conversar, em alguns momentos antes da “gira” acontecer, em outros depois de encerrado os rituais, quando esses espíritos me levavam para fora do terreiro para ter uma conversa mais íntima e aberta.

Por isso, os pretos velhos na “gira” participam de maneira tímida, já que são considerados velhos sábios, não podendo se locomover como os demais espíritos das outras “linhas”. Na maioria das vezes ficam parados, cantando os “pontos”, ou procuram um assento para observar a “gira”, fumando o cachimbo. São muito requisitados no Cantinho de Luz, pois pela experiência deles são respeitados e muito queridos pelos filhos de santo.

### **3.6 “Quem anda no mar é Sereia”<sup>35</sup>: “gira” para o Povo D’água**

Para as pessoas que visitavam o terreiro nas noites de sábado ficavam próximas da porta de entrada do terreiro, e assistiam entusiasticamente aquela metamorfose de espíritos ancestrais cultuados no ritual. De uma hora para outra, pai Joaquim com seu “contra chefe” mudavam o repertório dos “pontos cantados”, então se via uma nova linha de entidades sendo homenageada. A simbologia das águas surge entre os versos dos cânticos entoados, revelando qual linha pertencem às entidades naquele momento da “gira”.

Enquanto a “gira” permanecia ativa no centro do terreiro, o próximo cântico entoado

---

<sup>35</sup> Trecho de um ponto cantado para Povo D’água encontrado no terreiro pesquisado.



pelo pai de santo anunciava o advento das entidades da linha das águas, denominada pelos filhos de santo de “Povo D’água”. Esses espíritos divinizados pelo povo de santo são homenageados também com os “pontos cantados” e as danças que identificam sua mitologia. Essas danças se dão no momento em que os filhos de santo, inspirados pela sonoridade do batuque dos tambores e na repetição dos versos dos cânticos se deslocam para uma experiência multissensorial no terreiro, experienciada na atividade do corpo em performance na “gira”.

Em se tratando dessa experiência a que os filhos de santo são motivados o tempo todo a sentirem em seus corpos, eis que os pontos cantados para as entidades das águas revelam uma prática ritual inspiradora. Conversando com as filhas de santo, Antônia Maria Bonfim 54 anos, e, Luciana Pereira dos Santos 43 anos, depois que a “gira” encerrou, elas me explicaram como se dá a relação e o contato com a linha do “Povo D’água” através da entonação dos cânticos para essas entidades. A filha de santo Maria me informou que:

*Quando se canta pro Povo D’água a gente fica sentindo lá na gira como se tivesse no meio das águas, no mar ou na cachoeira. Eu ouço barulho dos pássaros e vejo uma linda cachoeira quando fecho os olhos. Eu canto alto e sinto Iemanjá perto de mim, eu sinto o balanceio do mar, eu ouço as ondas vindas do mar. É tão forte a sensação que minhas mãos ficam cheias de água, brotam água das minhas mãos (Entrevista realizada com a filha de santo Luciana Pereira dos Santos, em 23 de julho de 2018).*

Dessa forma, na “gira” do “Povo D’água”, como relatado pela filha de santo acima, a experiência para os filhos de santo se dá na medida em que os pontos são cantados, seguidos pelo ritmo dos tambores proporcionando a sensação de estarem no mar ou na cachoeira, ouvindo a maré e o barulho forte das pancadas de água. Outros filhos de santo entrevistados me relataram sentirem a mesma experiência da filha de santo Luciana Pereira dos Santos. Essa experiência é causada, segundo os filhos de santo, pelo som emanado dos tambores que causam esse deslocamento, como se realmente estivessem em meio à natureza, às vezes na beira mar, outras vezes em uma floresta, ouvindo os pássaros e o barulho de uma cachoeira.

Na medida em que os “pontos” são cantados para o “Povo D’água”, alguns filhos de santo incorporam as divindades que fazem parte dessa linha, as quais observaram com muita frequência nesses momentos de ritual, a sereia Iara e a deusa das águas Iemanjá. A sereia Iara faz parte da linha do povo de água doce, enquanto Iemanjá se relaciona ao povo de água salgada. Essa diferenciação se dá tanto nos momentos dos “pontos cantados” quanto na experiência que os filhos de santo sentem e vivenciam quando escutam os ritmos dos tambores. Observando a execução da dança para essa linha de entidades, atentei para três

filhos de santo que “incorporam” entidades da água, sendo eles, Seu José dos Santos Amorim, Joyce da Silva Ramalho e Ana Beatriz Viana. Em meus registros busquei me aproximar no momento em que a gira acontecia no terreiro, desses filhos de santo, quando “incorporados” com seus guias espirituais.

Em uma dessas noites de sábado, realizando o ritual no terreiro, o “ponto” que abre a homenagem à linha do Povo D’água foi observado como o de abertura para a chegada dessas divindades, sendo ele:

*“Ei, mar, ei, mar  
É lá no mar que eu vou morar Sete linhas  
Todas sete são do mal Ei, mar, ei, mar  
É lá no mar que eu vou morar*

*E foi na beira da praia  
Que eu vi o balanço do mar Eu vi no retrato da areia Uma bela sereia  
Ô Janaína, vem ver Ô Janaína, vem cá Receba suas flores Que eu vim ofertar”*  
(Ponto cantado encontrado no campo de pesquisa, em 23 de julho de 2018).

Enquanto esse “ponto” era cantado por todos os filhos de santo presentes, o tambozeiro do terreiro fazia um movimento diferente no toque do tambor: seus braços mexiam como fazendo ondas ao redor do tambor. Aquele momento ressoava como as boas-vindas ao “Povo D’água”, o cenário do terreiro seria o espaço em que esses espíritos realizariam sua performance, a qual pude conferir de perto mais uma vez a motivação dos filhos de santo no interior da “gira”. A saudação realizada para essa linha de entidades se divide entre aqueles que são das águas salgadas e de água doce. O “ponto” consecutivo ao da entrada dessa “linha” fez menção aos espíritos divinizados das águas doces, como demonstrado no cântico abaixo:

*“Eu vi Mãe Oxum na cachoeira Sentada na beira do rio Colhendo lírio liruê  
Colhendo lírio liruê  
Colhendo lírio pra colocar nesse congá*

*Eu vi Mãe Oxum na cachoeira Sentada na beira do rio Colhendo lírio liruê  
Colhendo lírio liruê  
Colhendo lírio pra colocar nesse conga”*

*“Ô piaba dourada No mar tem areia Mas ô piaba dourada No mar tem areia  
Ô piaba dourada No mar tem areia  
Mas ô piaba dourada No mar tem areia”*  
(Ponto cantado encontrado no campo de pesquisa, em 23 de julho de 2018).

Enfim, observando esse momento da “gira”, os filhos de santo cantavam com mais entusiasmo esse cântico, fazendo menção honrosa ao orixá Oxum, mãe das cachoeiras, a qual

abraça calorosamente e com ternura aqueles que cantam em sua homenagem. A energia vibratória correspondente a esse “ponto cantado” elevava os filhos de santo na frequência das águas, sentindo um frescor que provinha das águas doces de um rio. A dança que correspondia a esse cântico vinha de maneira singela, com o leve movimentar da barra da saia de algumas filhas de santo, outras faziam movimentos erguendo os braços, como se estivessem jogando água no rosto ou fazendo movimentos com os braços simulando ondas do mar, dançavam com os olhos fechados e o sorriso nos rostos era estampado. Um dos filhos de santo, Elismar Bezerra da Cruz, dançava com tanto prazer que o suor já inundava todo o seu corpo. O filho de santo dançava envolvendo todo o corpo, como se estivesse na limpidez de um rio.

Entre os filhos de santo na “gira”, um se destacava: José dos Santos Amorim. Como era o ponto cantado de Mãe Oxum, sua guia espiritual, o filho de santo logo se viu sentindo uma tontura, perdendo o equilíbrio na roda da “gira”, sendo amparado por dois filhos de santo que estenderam as mãos ao seu redor. Aquele era o sinal de que sua guia, Mãe Oxum das Cachoeiras desceria em sua “crôa”. Foi então que sua guia “incorporou” e passou a realizar sua dança. A dança de Oxum consistia em acompanhar o ponto cantado realizando giros sob o eixo corporal, com as mãos espalmadas, como nadando por entre as águas, sendo banhada pela cachoeira, erguia sua cabeça para cima e um sorriso energizante tomava de conta de seu rosto. Nesse momento um dos filhos de santo de dentro da “gira” grita: “Salve Oxum”, e todos os presentes no terreiro respondem: “Salve, salve”, seguido de aplausos.

Depois desse cântico, a voz de pai Joaquim, do seu “contra chefe” e dos filhos de santo deram uma pausa. Mesmo com esse intervalo nos cânticos, o qual foi curto, os tambores continuaram com o ritmo e a “gira” seguia seu movimento circular. Então, ouvi do interior da gira a voz da pai de santo José, visitante do terreiro Cantinho de Luz, entoar o seguinte cântico:

*“No fundo do mar tem uma pedra Debaixo da pedra tem areia  
 Ô quem manda no mar é sereia Quem manda no mar é sereia  
 Eu vou cessar Eu vou cessar  
 Areia do mar, eu vou cessar Eu vou cessar  
 Eu vou cessar  
 Areia do mar, eu vou cessar  
 No fundo do mar tem uma pedra Debaixo da pedra tem areia  
 Ô quem manda no mar é sereia Quem manda no mar é sereia”*  
 (Ponto cantado encontrado no campo de pesquisa, em 23 de julho de 2018).

Em uma conversa informal com o pai de santo, ex-filho de santo do Cantinho de Luz, José dos Santos Amorim, ou como é conhecido popularmente, seu José dos Santos Amorim,

ele me falava sobre a influência da espiritualidade de sua “guia de frente”, Mãe Oxum, entendendo a forma como ela dança a partir da estimulação que o “ponto cantado” acima incide nela, além de falar sobre sua experiência cantando esse “ponto”:

*A Oxum é como se ela tivesse cessando areia. Oxum, quando ela arreja em mim ela vem como sereia Iara. O ponto de chamar é esse que fala na “Sereia”. Na parte que fala assim “Eu vou cessar, eu vou cessar”, quando ela já tá arriada em mim, ela já começa a fazer movimento de peneirar a areia, entendeu? No ponto fala “Quem manda no mar é Sereia”, é por que Iara é a Mãe D’água, ela é quem manda nas águas. Ela quando arreja em mim, eu vou me abaixando, pra pegar a areia do chão e fazer esse movimento circular. Às vezes as pernas grudam uma na outra, como se fosse a cauda de sereia da Iara. Quando ela vai arriando na minha crôa, as pernas já vão colando. Quando eu começo a cantar pra Iara, minha voz treme, eu sinto uma força renovada, ali já não sou mais eu, é a entidade tomando conta de mim. A Iara quando vem em mim ela puxa toda a corrente das águas pra junto das águas, essa água jorra no salão todo, vai resplandecendo no salão todo (Entrevista realizada com o pai de santo José dos Santos Amorim, em 23 de julho de 2018).*

Logo, entendo pela fala do pai de santo que a experiência do cantar para sua guia da linha de água transborda energia que lhe traz força e renovação espiritual, banhada literalmente pela correnteza das águas. A dança de Oxum, vinda na “crôa” do pai de santo José em forma de Sereia Iara faz menção a uma performance associada ao ambiente aquático, onde os filhos de santo que estão próximos a ela na “gira” conseguem sentir essa experiência por meio das mãos ficando geladas ou respingando água.

Retornando à performance da “gira”, os filhos de santo continuam sua caminhada ao encontro das entidades, entonando mais um cântico. Assim como a maioria desses pontos cantados encontrados no terreiro, percebi que a Mãe D’água sempre é referida, por ser a entidade espiritual que fica à frente das demais. O “ponto” que segue na roda da “gira”, na voz dos filhos de santo é:

*“Mãe D’água quer beber Mãe D’água quer baiar  
Mãe D’água quer beber Mãe D’água quer baiar  
Ê Mãe D’água dentro da eira Ê Mãe D’água quer baiar  
Ê Mãe D’água dentro da eira Ê Mãe D’água quer baiar”*  
(Ponto cantado encontrado no campo de pesquisa, em 23 de julho de 2018).

Alguns dos filhos de santo quando cantando esse “ponto” faziam uma performance como se estivessem colocando água com as palmas das mãos coladas em suas bocas. As vibrações emanadas no terreiro, quando esses cânticos são entoados, gera uma experiência multissensorial entre os filhos de santo. Conversando com a filha de santo Ana Beatriz, ela me explicava que a “gira” para o Povo D’água dá ânimo e a energia que é recuperada, provém

das águas. Já a filha de santo Antônia Maria Bonfim expõe sua emoção durante esses “pontos cantados” sentindo uma liberdade imensurável, sentindo a presença da entidade Mãe D’água lhe protegendo e guiando sua trajetória no movimento circular da “gira”.

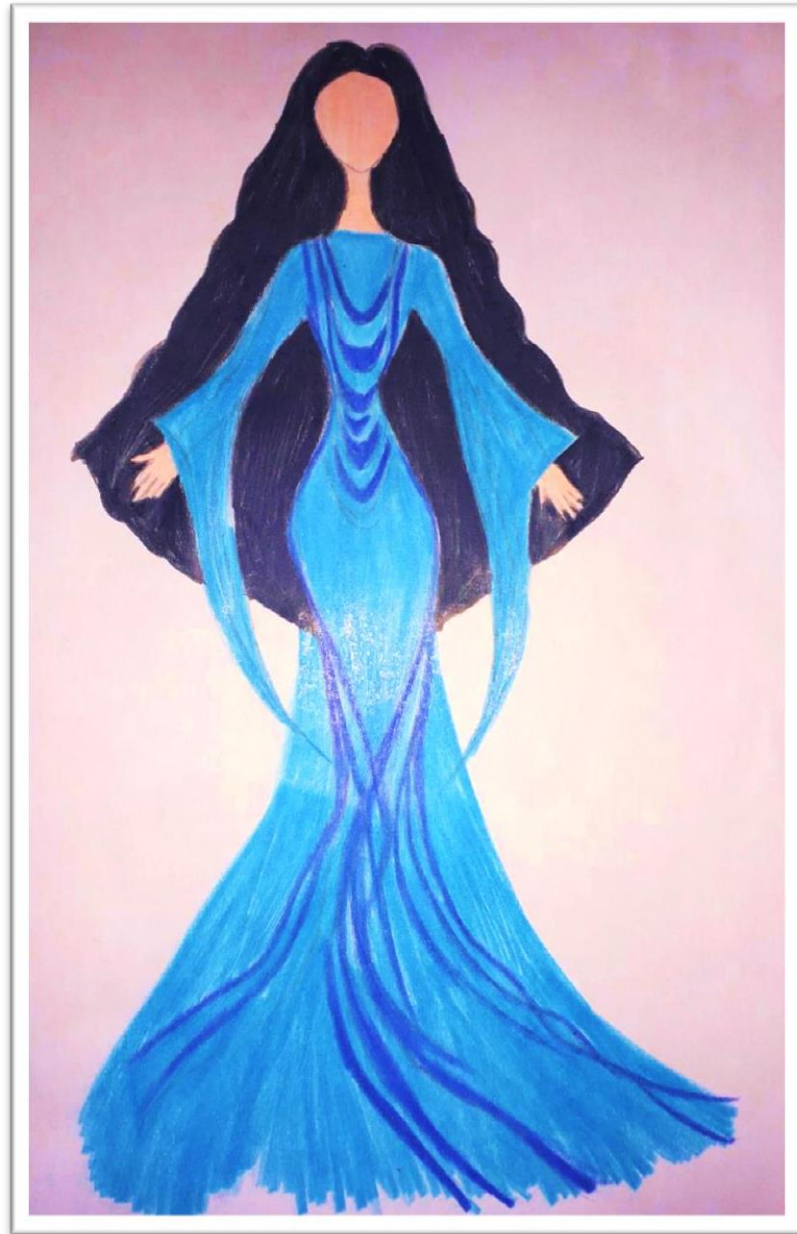


Figura 17- Croqui representando a entidade Mãe D’água.  
Fonte: acervo do autor.

Já, a filha de santo Antônia Maria Bonfim me disse que nessas horas em que se canta para a linha das águas ela se sente preenchida de um bem-estar e que sente as energias das águas que vêm para purificar o ambiente do terreiro e cada um dos filhos de santo. Tive a impressão algumas vezes quando fechava os olhos de que estava realmente próximo a uma cachoeira, ouvindo o cântico dos pássaros ao fundo e o barulho forte da cachoeira. E as

entidades da linha das águas, a exemplo de Mãe D'água, estavam ali ao redor da “gira”, como que jorrando água abençoada pelas suas mãos para purificar o corpo e a mente dos filhos de santo, os quais estendiam para cima seus braços como que recebendo esse benzimento das águas. Seguindo a execução dos “pontos cantados”, pai Joaquim que se encontrava no pé do tambor, pediu para o “tambozeiro” tocar com mais força, por que o próximo ponto era para todos dançarem com mais alegria:

*“Eu sou filha de Iabá E Iabá é minha mãe Eu sou filha de Iabá E Iabá é minha mãe  
A Rainha do Tesouro  
Ela trouxe água do fundo do mar Ela trouxe água  
É do fundo do mar”*  
(Ponto cantado encontrado no campo de pesquisa, em 23 de julho de 2018).

Em meio à “gira”, a filha de santo Joyce Silva Ramalho se deslocou para fora da roda de dança. Nesse momento ela expressava uma dança particular, sendo esse um sinal de que sua guia da linha de água havia descido em sua crôa: a Mãe D'água. Ao seu lado se encontrava um filho de santo “cambone” para manter sua passagem durante a execução de seu “ponto cantado”. A dança que a entidade realizava consistia em movimentar os braços estendidos, de modo que formassem belas curvas ondulantes. Aproximei-me essa hora dela e a indaguei sobre o que estava fazendo:

*Meu filho, eu danço no mar, eu sou das águas e sou mãe dessa filha de santo. Eu fico feliz quando cantam o meu ponto cantado, por que é ele quem me chama pra vir pra cá. Nós que somos do mar não trazemos só fertilidade não, a gente traz paz, união e alegria para todos que nos procuram. Nós somos a metade do mundo* (Entrevista realizada com a entidade Mãe D'água, em 23 de julho de 2018).

Enquanto conversava com Mãe D'água, a entidade continuava a realizar sua performance. A coluna estava inclinada e os movimentos corporais faziam um balanceado no quadril e braços como se estivesse nadando nas águas profundas do mar. A filha de santo Joyce Silva Ramalho me informou que a gira para a “linha” das águas dá a sensação de se transportar para o ambiente do mar ou das cachoeiras. Esses movimentos reproduzidos pela entidade Mãe D'água, segundo a própria, servem para a limpeza da mente e do corpo da filha de santo Joyce Silva Ramalho:

*Quando eu venho e desço na crôa dela, eu já começo a dançar. Esses movimentos que eu faço servem pra limpar ela, tirar dela o que tem de ruim e quando eu for embora ela sentir uma sensação de bem estar. Eu proporciono a saúde física e emocional dela, em troca ela canta, dança e acende os pontos de firmamento para mim* (Entrevista realizada com a entidade Mãe D'água, em 23 de julho de 2018).

Portanto, a entidade Mãe D'água dança e apresenta sua performance como se estivesse ao redor da água, realizando passos que representam essa experiência proporcionando um ato deslumbrante que chama atenção de todos no terreiro. Assim, quando a “gira” para a “linha” das Águas se apresenta no ritual traz a sensação para os filhos de santo no interior da “gira” de que realmente estão próximos a cachoeiras, rios e lagos, como também de um mar azul. Todos os filhos de santo relataram essa sensação de calma quando do início da “gira” para o Povo D'água.

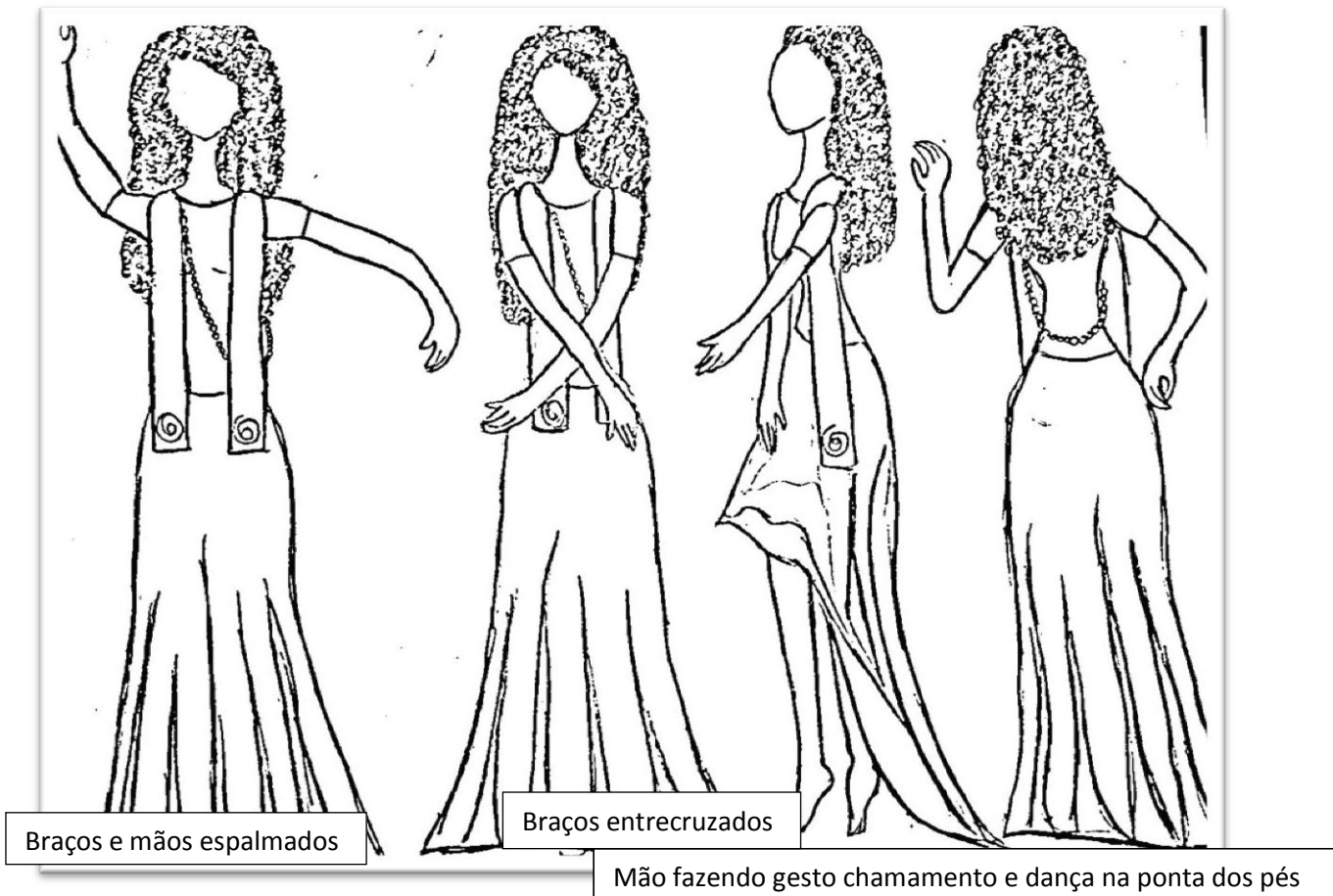


Figura 18. Croqui representando a gestualidade da Mãe D'água.  
Fonte: acervo do autor.

Como expresseo no croqui acima, atentei para os passos de dança da entidade Mãe D'água, a qual apresentava gestos que se assemelhavam a uma pessoa nadando, outras vezes como se estivesse retirando água de um rio.

Logo, dançar e cantar para o Povo D'água é permitir-se deslocar da “gira” e sentir o frescor das águas límpidas que são transmitidas durante essa etapa do ritual. Os filhos de santo quando dançam para essa “linha” conservam a experiência de “purificação” das águas emanadas pela energia vibracional desses espíritos que habitam os mares e rios do Brasil.

### 3.7 Desenvolvendo a mediunidade: a “incorporação” das entidades

Todo filho de santo que é iniciado no terreiro Cantinho de Luz passa por uma série de “obrigações” que são repassadas pelo líder religioso, de modo que a espiritualidade seja aflorada com o tempo que o sujeito dedica para o fortalecimento na relação com seus guias espirituais. Essas “obrigações” estão fixadas em uma manutenção de regras que formaliza o contato mediúnico dos filhos de santo com as entidades espirituais que é invocada durante a realização dos rituais no terreiro, assim como os momentos que o filho de santo reserva em sua casa para seus “guias”.

Essas “obrigações” vão desde o “firmamento de pontos de oração” para os “guias espirituais” na residência de cada filho de santo, o uso das vestimentas apropriadas para a realização dos rituais no terreiro, a assiduidade nas reuniões do terreiro, assim como na realização do batismo e na cooperação entre os irmãos de fé no espaço de culto que o sujeito religioso se faz integrante. Em se tratando especificamente dos rituais dessa casa de oração, pai Joaquim realiza alguns pequenos ritos, como já referidos no primeiro capítulo, que direcionam o filho de santo ao seu contato com as entidades durante a “incorporação”. O uso do banho de ervas, por exemplo, é uma técnica investida de preparo para o médium facilitar esse contato espiritual.

Para que o desenvolvimento da espiritualidade dos filhos de santo se torne adequado, segundo as exigências de pai Joaquim, é necessário que passe por todos os ritos realizados no terreiro, tendo compromisso com os preceitos religiosos transmitido nos ensinamentos repassados. Na busca incessante dos filhos de santo em alcançar o “desenvolvimento mediúnico”, o preparo consiste na captação da energia espiritual da entidade, de modo que sinta essa energia, absolve e consiga identificar a que linha de entidades ela pertence, a fim de que conseguisse incorporar tal espírito e com isso extrair os benefícios que lhe são concernentes.

Para a mediunidade, conforme me explicou pai de santo, Joaquim, é desenvolvida com o tempo e esforço dedicados pelo filho de santo no aprimoramento da relação com as entidades espirituais. Estabelece-se uma interação por meio da incorporação desses espíritos cultuados durante os rituais, pois “entre os homens e os espíritos, orixás ou guias, sem cuja interferência, auxílio, conselho, louvação, o ritual e a própria existência da religião perderiam todo o significado” (CONCONE, 1987, p.150).

Já que, no Cantinho de Luz, quando se iniciam os rituais nas noites de sábado, pai Joaquim sempre muito cuidadoso e atencioso com seus filhos de santo, procura observar os



“médiuns”, aqueles que passarão a noite “incorporando” as diversas “linhas” de entidades homenageadas no ritual. Aqueles que estivessem passando por algum conflito ou algum tipo de dificuldade serão tratados para que conseguisse realizar a incorporação com segurança, destituídos dos sentimentos negativos que estejam assolando-os. Pai Joaquim me explicou que a mediunidade só funciona quando o filho de santo tem o poder de se concentrar nas “correntes espirituais” que estão circundando o espaço do terreiro. É preciso, segundo ele, que não desvirtue o pensamento, pois a penalidade pode ser incorporar um “espírito obsessivo” e desregular toda a “corrente” do terreiro.

Essa “corrente espiritual” que tanto fala pai Joaquim, tem a ver, segundo ele, com a união entre os filhos de santo no momento em que realizam as primeiras rezas e durante a prática ritual da “gira”. Essa “corrente” funciona através da concentração de todos os presentes, de modo que possam estar conectados à energia emanada pelo ambiente do terreiro. Nesse momento, o cheiro do “incenso”, o “banho de ervas” utilizado, as rezas, as velas acesas, todos esses elementos simbólicos ajudam a concentrar o pensamento na conexão com os “guias espirituais”.

Quando do início da “gira” no terreiro, o uso do tambor e os cânticos entoados servem como principal estímulo sensorial no “desenvolvimento da mediunidade” dos filhos de santo. Em uma conversa com a madrinha do terreiro, Dona Luzia Ferreira de Sousa 57 anos, falava-me sobre o uso do “banho de ervas”, sendo esse elemento simbólico, imprescindível para o filho de santo que irá incorporar na “gira”. Junto a isso, quando esse filho de santo se encontra na “gira”, ouvindo o toque do tambor e os cânticos sendo cantados por ele e pelos demais, servem como uma “abertura” para a entidade “irradiar” o filho de santo até chegar o momento da “incorporação”:

*Aquele momento lá da gira serve é pra incorporar. Quando a gente dança e canta, nossa voz canta alto é pra facilitar a irradiação da entidade que tá na nossa crôa, daí é só deixar ela vir e a gente incorpora fácil, fácil. A gente ouve o tambor, dá aquela emoção, aquela energia que faz a gente se movimentar com mais prazer e alegria, e é isso que causa a incorporação da gente (Entrevista realizada com a madrinha do terreiro em 26 de junho de 2018).*

Nesse pressuposto, na fala da madrinha do terreiro nota-se que a “irradiação” a que ela se refere à aproximação da entidade espiritual na “gira”. Quando a entidade está próxima, é sinal que irá “incorporar” no filho de santo e a partir dessa experiência, o filho de santo vai desenvolvendo com o tempo sua habilidade de “incorporação” dos “guias”, extraindo disso os benefícios próprios da religião. Esse desenvolvimento requer do filho de santo médium sua

adequação aos preceitos repassados por pai Joaquim, que consta do compromisso firmado com os “guias”, sem fugir das ditas “obrigações”. Os atos de dançar e cantar na “gira” são imprescindíveis para que a mediunidade com o tempo seja o ponto de convergência do filho de santo com a energia vibracional das entidades.

Para Birman (1991), as entidades espirituais presentes nos cultos umbandistas possuem características humanas, estando presente em suas expressões verbais e gestuais a realidade comum dos homens. O ritual de incorporação das entidades mostra outro mundo, quase como uma realidade alternativa, o qual a entidade espiritual incorpora no filho de santo, sendo isso parte de sua constituição como pessoa no contexto religioso que se insere (BIRMAN, 1991).

Conforme explica Concone (1987), a umbanda contém em seu acervo cerimonial e mitológico, uma vasta expressão de personagens que assume a identidade do povo brasileiro, sendo tais personagens seres espirituais que protegem e auxiliam aqueles que a eles recorrem. A autora assevera as inúmeras possibilidades que as entidades espirituais podem se manifestar nos filhos de santo, entendendo que cada um pode dar uma expressão particular para a entidade que se manifesta em seu corpo por meio da possessão espiritual. Essa infinidade de expressões se delinea por intermédio dos espíritos de pretos velhos, caboclos, baianos e boiadeiros, erês, exus e pombas giras, que são os mais comumente homenageados nas rodas de dança dos terreiros umbandistas (CONCONE, 1987).

Por isso, no meu percurso ao Centro Umbandista Cantinho de Luz, pude conferir de perto a manifestação desses personagens espirituais que encarnam no corpo dos filhos de santo, mostrando modos peculiares de se apresentarem, uns com gargalhadas e um ato de caminhar vagaroso, como a de Seu Manoel Légua, outros com uma fala tímida e baixa como a da preta velha Vó Candinha, e outros com uma expressão sisuda e entoando uma espécie de grito de guerra como a do caboclo Tapindaré, ou sensual e charmosa como a Pomba gira menina.

No entanto, vale esclarecer que a perspectiva aqui adotada para compreender a experiência que os filhos de santo vivenciam durante a incorporação das entidades, no contexto ritual da “gira”, acontece a partir do aprimoramento do “médium”, filho de santo da casa, nos ritos que o iniciam na religião, para que com o tempo construa afinidade com seus guias espirituais.

Todos os “guias espirituais” presentes na relação dos filhos de santo do Cantinho de Luz podem ser pensados a partir do que esclarece Concone (1987), informando que essas figuras populares tornam-se símbolos de reverência por parte dos umbandistas nas suas

práticas rituais. A linguagem expressiva da dança no terreiro pesquisado é revestida por todos esses personagens espirituais, tendo cada “linha de entidades” seus próprios “pontos cantados” que ajudam a narrar sua “mitologia”, além de uma gestualidade típica de cada entidade, que ajuda a identificá-la, quando “incorporada” em seu “cavalo”. No terreiro pesquisado, os sábados são o momento em que essas entidades têm a oportunidade de retornar e recontar sua trajetória mítica por meio do processo de possessão, quando o filho de santo é preparado pelo pai de santo Joaquim para dançar na roda recebendo as entidades que regem sua “crôa”.

Conforme esclarece Ortiz (1978), a umbanda tem em seu culto a relação com espíritos que se manifestam no corpo dos “médiuns” através do processo de “incorporação”, fazendo reviver seus guias espirituais, onde o mundo das entidades e o mundo humano se intercomunicam constantemente fazendo um retorno às origens dos ancestrais cultuados.

Durante a dança ritual, o filho de santo se prontifica a receber seu guia espiritual, quando este desce do “plano astral superior” e habita o corpo do “médium”, deixando sua representação do cotidiano para se tornar a divindade que por ora se encontra no corpo do filho de santo (ORTIZ, 1978). No caso do terreiro investigado, as entidades demonstram sua chegada, segundo o pai de santo, a partir de “sinais corpóreos”, sentidos pelos filhos de santo, indo desde o suor frio nas mãos, uma leve tontura e desequilíbrio leve durante o andar dançado da “gira”<sup>36</sup>.

Segundo explica Lewis (1971), o transe pode ser pensado a partir de uma dissociação da mente, em que ocorre de maneira completa ou parcial, contendo imagens de alucinação, onde o indivíduo pouco se recorda desses estímulos visuais subsequentemente. De acordo com o autor, o estado de transe pode ser induzido a partir de alguns estímulos utilizados para facilitar seu processo, incluindo o uso de bebidas alcoólicas, o uso de fumaças e vapores, ou mesmo a expressão da música e da dança em conjunto (LEWIS, 1971).

No caso do Cantinho de Luz, o uso constante da bebida alcóolica propicia e facilita a intercessão da entidade espiritual no corpo do “médium”, pelo processo de “incorporação”. Quando a entidade “incorporada” vem ao terreiro e bebe da cachaça servida, cada gole serve como uma limpeza no corpo e no espírito do médium que está servindo de “cavalo” para a entidade. Além disso, como citado por Lewis (1971), a dança e a música dos instrumentos, como o tambor, ajudam no contato com os espíritos para a sua “incorporação”.

---

<sup>36</sup> Em uma conversa estabelecida com o pai de santo e com duas filhas de santo médiuns da casa, me informaram que uma das formas de identificar quando a entidade está próxima do médium para incorporar em sua crôa se dá por meio das mãos suando frio, um tremor no corpo ou mesmo com uma leve tontura. Esses aspectos sentidos no corpo se dão de diferentes maneiras, sentidos de formas diversas pelos filhos de santo.

Enquanto eu me aprontava para sentar confortavelmente em uma cadeira, os filhos de santo já seguiam calmamente a roda de dança, mas já no início, ainda quando se cantava o “ponto cantado” de “abertura dos trabalhos”, observava a filha de santo Ana Beatriz Viana colocar as mãos em sua cabeça ao mesmo tempo em que fechava os olhos comprimindo-os. Aproximei-me dela, acompanhando o percurso da dança, perguntei o que se passava naquele instante. Ela me explicou que sua cabocla, a Jacira, estava se aproximando, e isso era apercebido por ela por conta de suas mãos suarem repentinamente, isso, me informou a filha de santo, era o principal motivo que sua cabocla estava se aproximando para logo “incorporar”.

Diante desse percurso em que participei da “gira”, logo depois de colher essa informação da filha de santo, quando ela me chamou atenção pela expressão corporal, me retirei, voltando para o assento que me encontrava antes. Foi quando como num momento súbito, a filha de santo que tinha acabado de conversar, “incorporou” a sua entidade cabocla.

Para Birman (1983) a possessão se configura como “uma forma particular de contato com o sobrenatural”, sendo esta “uma referência constante da cultura brasileira” (BIRMAN, 1983, p.8). A possessão, segundo a autora, está presente nas mais diversas manifestações religiosas, encontrando-se na Umbanda, candomblé até no espiritismo e pentecostalismo. O indivíduo tomado pelo processo de possessão está representando alguém que não condiz com seu papel habitual do cotidiano (BIRMAN, 1983).

Assim, a possessão vista nas sociedades tradicionais, como no caso da Umbanda, está associada a uma divindade que se apropria do corpo de seu devoto, sendo então seu cavalo, tomando conta de sua consciência, tornando com isso um objetivo concernente ao bem-estar do grupo que se reúne, motivado por essa causa (GOLDMAN, 1985).

No terreiro pesquisado, a “incorporação” é o caminho para o filho de santo encontrar-se com as entidades que regem sua vida. Segundo o pai de santo existem dois tipos de “incorporação”, as quais denominam a forma de proximidade do espírito no corpo do sujeito religioso. No primeiro caso, o filho de santo está “irradiado” quando “incorpora” ainda inicialmente, não sabendo manifestar que entidade se trata, estando ainda na fase de adaptação; no caso da incorporação total, a que chamam de cem por cento, o filho de santo incorpora a entidade em toda a sua expressão, sem ter qualquer lembrança posterior ao acontecido.

Sendo assim, a perspectiva adotada para compreender a “incorporação” durante a dança ritual se relaciona com os preceitos instituídos pela religião umbandista, tendo em vista que os sujeitos dançam para prover meios de “incorporarem” suas entidades e com o tempo

aprenderem a “controlar” o período em que a entidade permanece no corpo do filho de santo. A dança ritual na Umbanda, assim como os cânticos entoados e a música dos tambores, visam estabelecer o contato proximal dos filhos de santo com as entidades que regem sua “crôa”, como dito anteriormente.

Segundo Márcio Goldman (1985), a possessão pode ser vista sob duas perspectivas de análise, sendo uma associada propriamente à possessão e a outra ao ritual, ou seja, observar o fenômeno a partir de uma prática ritual ao mesmo tempo em que se passa pela noção de pessoa.

Conforme o autor explica que “a possessão é um fenômeno complexo, situado como que no cruzamento de um duplo eixo, um de origem nitidamente sociológica, o outro ligado a níveis mais individuais” (GOLDMAN, 1985, p.31). O autor explica que o transe mediúnico precisa ser averiguado a partir da estrutura do culto a que ele está inserido, além de que é preciso compreendê-lo a partir da noção de pessoa que é construída a partir de uma sequência de anos de prática nos rituais da religião.

Logo, no caso do campo de pesquisa, o Centro Cantinho de Luz, o transe de possessão é utilizado como parte do ritual de gira servindo para os filhos de santo estabelecer maior contato com suas entidades, estando essas aptas a praticarem sua assistência aos filhos de santo, com os passes de cura, os aconselhamentos que se dirigem ao bem estar do grupo. Segundo Goldman (1985) a possessão por si só já é um ritual, estando imerso na qualidade a que o grupo se serve dela para construir a noção de pessoa.

No terreiro pesquisado, a simbologia que circunda o ato da dança precede a possessão espiritual dos filhos de santo, ou seja, para o sujeito ritual incorporar sua entidade é importante que esteja inserido na roda de dança da “gira”, pois naquele círculo montado no centro do espaço de culto vai gerar a proximidade das entidades para posteriormente estas se habilitarem a incorporar em seus cavalos.

Segundo esclarece Evans-Pritchard (2014), a experiência da dança envolve uma prática vivenciada em coletivo pelo grupo, onde requer em sua base expressiva um modelo a ser seguido em sua performance, uma liderança reconhecida e uma ordem estabelecida. O autor informa que muitas vezes nos relatos etnológicos ela foi renegada a uma descrição sem referência e sem o devido destaque de sua importância social, estando apartada do contexto nativo a que está inserida.

E a dança, na concepção de Evans-Pritchard (2014), é vista como uma prática essencialmente coletiva, onde se deve buscar entender sua função e valor social para o grupo que a realiza. No contexto em que me situo, analisando os sentidos produzidos na dança ritual

da Umbanda, detenho-me ao que os filhos de santo que a realizam, compreendem sobre seu ato expressivo e simbólico.

De acordo com Concone (1987) que atribui a construção desses personagens sociais na umbanda, cultuados como entidades espirituais, a personagens do campo teatral. Segundo a autora, pode-se pensar no filho de santo como um ator social, o qual exerce um papel, preparado previamente por um script, o que no caso presente em sua religião seria a mitologia da entidade que ele performa.

Essa manifestação teatral reconhecida nas práticas rituais umbandistas que usam da possessão para estabelecer contato com o sagrado, oportuniza os filhos de santo do terreiro, que em sua maioria vêm de camadas sociais subalternas, representarem, mesmo que por instantes, personagens que elevam sua posição social inferior na sociedade.

Sobre isso, Da Matta (1997) assevera que através da possessão de espíritos, os sujeitos umbandistas têm a capacidade de deter poderes espirituais, podendo inclusive materializá-los através de passes de cura, orientações e aconselhamentos àqueles que busquem refúgio. Assim, na umbanda, esses filhos de santo, por intermédio dessas entidades espirituais, tornam-se como que possuidores de “cura, sabedoria, tranquilidade, caridade e poder” (DA MATTA, 1997, p.177).

Conforme ressalta Concone (2006), existem dois momentos primordiais na iniciação do filho de santo no seio religioso umbandista, sendo o primeiro aquele concernente ao da “revelação”, quando se dá o reconhecimento da mediunidade e da aptidão para trabalhar na religião; o segundo, quando a partir desse primeiro passo, inicia o filho de santo nas atividades rituais. A autora explica que existem técnicas específicas pelas quais o filho de santo médium deve apreender para “entrar, manter e sair do transe com segurança” (CONCONE, 2006, p.30), dando espaço para que a entidade espiritual se expresse por completo e para isso necessita de tempo e treino. Isso está presente no controle do corpo no exercício ritual (CONCONE, 2006).

De acordo com, a filha de santo, Luciana Pereira dos Santos<sup>37</sup>, em uma conversa logo após o término da “gira” de “desenvolvimento mediúnico” me explicou sobre como funciona a expressão da dança nessas ocasiões, em que é primordial a concentração de todos os filhos de santo para que as atividades rituais obtenham êxito. Segundo a filha de santo,

*A gira não pode parar, por que pode cortar a corrente. Na gira, quando os pontos*

---

<sup>37</sup> O nome da filha de santo é fictício, tendo em vista que ela optou por preservar seu nome durante as entrevistas.

*cantados param, mesmo assim temos que seguir caminhando na roda, por que se não fizer isso, pode atrapalhar a corrente, e a corrente são as entidades que ficam ali próximo da gira. Se parar, já sabe, pega encosto, espírito ruim que se aproxima e faz a gente desequilibrar e cair. Por isso não pode parar de jeito nenhum* (Entrevista realizada com a filha de santo Luciana Pereira dos Santos).

Entretanto, no padrão de dança seguido no terreiro visitado, observei a composição de duas rodas, onde uma menor estava próximo da guma<sup>38</sup>, com três ou quatro filhos de santo girando, enquanto a roda maior seguia sua execução. Notei que se formou essa outra roda, no intuito de que esses filhos de santo na roda menor tivessem mais espaço para rodarem suas saias e girarem com mais altives e desenvoltura, o que não acontecia com tanta liberdade na roda maior, devido ao grande número de filhos de santo que se apertavam, seguindo passos mais vagarosos.

Conforme explica Schechner (2011), os *performers* em meio a uma dança ritual- e os espectadores também-, são como que modificados pela ação da performance que realizam. A ação presente no ato performático pontua o autor, estabelece um ponto de contato com uma variedade de alternativas, onde o *performer* pode exercer sua potencialidade por completo. Dessa maneira, no Cantinho de Luz, o performer, no caso, o filho de santo médium, “doa” seu corpo à entidade, modificando completamente sua representação no terreiro. Isso se deve à modificação representativa de filho de santo, exercendo seu papel na manutenção dos rituais, para tornar-se o guia espiritual, apresentando por meio de uma gestualidade o espírito “incorporado”. Para isso acontecer, é importante o filho de santo sentir e captar a energia da entidade necessária para vivenciar por completo a “incorporação” de seu “guia”. Ao observar as práticas rituais no terreiro, notei que elementos simbólicos são utilizados para aprimorar esse contato.

---

<sup>38</sup> Mastro onde os filhos de santo costumam se aproximar no momento de incorporação das entidades espirituais. No terreiro pesquisado, a *guma* não existe, porém nos demais visitados, todos os filhos de santo costumam fazer um gesto de saudação, se curvando, quando chegam ao terreiro visitado.



Figura 19- Momento de desenvolvimento mediúnico no terreiro.  
Fonte: acervo do autor.

Semelhante a isso, presenciado no Cantinho de Luz, os filhos de santo, assim como também os visitantes presentes no terreiro, todos de alguma forma se envolviam com as atividades rituais. Naquele momento no início da noite de ritual no sábado do mês de junho de 2018, pai Joaquim entrega uma vela a cada um dos filhos de santo do terreiro. Aquela entrega da vela simboliza o firmamento e compromisso constante, o qual o filho de santo deve depositar seu esforço e fidelidade com os preceitos da Umbanda no Cantinho de Luz.

No momento da entrega da vela, pai Joaquim pede que cada filho de santo se concentre nos seus guias espirituais, sentindo a vibração energética transmitida pela luz da vela. A foto acima retrata o momento em que os filhos de santo escutam atentamente pai Joaquim, pedindo que eles se concentrem em suas “intenções”, pedindo para que todos os guias espirituais auxiliem no “desenvolvimento mediúnico” dos filhos de santo. Depois da fala do pai de santo, fazendo a intermediação entre os guias espirituais e os filhos de santo, pediu para que cada um pegasse sua vela do chão e se deslocasse até a salinha de oração, localizada no segundo compartimento.

Nessa salinha existe um “ponto de firmamento de oração”, no qual pai Joaquim realiza suas orações durante a semana, pedindo pelo desenvolvimento espiritual de cada um dos seus filhos de santo. Em duas filas, uma de homens e outra de mulheres, eles se deslocaram até lá. Recebendo as ordens de pai Joaquim, agacharam e cada um colocou no chão fazendo um desenho em formato de cruz no chão com a vela.





Figura 20- Filha de santo fazendo sinal da cruz com a vela.  
Fonte: acervo do autor.

Esses rituais que usam velas auxiliam o filho de santo a entender que o uso desses símbolos, alicerçados em sua aprendizagem na mediunidade umbandista, proporciona a proximidade com seus guias, àqueles que o acompanham em todos os momentos do dia. Pai Joaquim é bem enfático quando diz que a ida frequente ao terreiro, participando dos rituais, não saindo da “gira” em momento algum, a não ser em casos extremos, pois isso acaba desconcentrando o filho de santo médium e atrapalhando a “corrente espiritual”. Todas essas vivências que pai Joaquim realiza em conjunto com seus filhos de santo proporciona a experiência do corpo em contato com a realidade espiritual das entidades umbandistas.

Logo, é o corpo do filho de santo iniciado na religião que recebe na experiência do movimento, do gesto, do corpo dançante, tomado pelo ritmo do tambor, inebriado pelos pontos cantados entoados no coletivo ritual, onde a dança toma sua forma performática e revela seu significado na ação conjunta de seus participantes. Em se tratando dessa experiência do corpo, embebido pela dança, Rosamaria Bárbara (2002), em sua pesquisa sobre a expressão corporal na dança das iabás no candomblé, esclarece que:

Nesse sentido o corpo não se apresenta simplesmente reduzido a uma realidade fisiológica, mas como modo singular de meu ser no mundo, veículo de minhas intenções. O corpo está enraizado no espaço como uma experiência vivida, dinâmica e significativa, e não como uma simples coisa. É algo animado pelos afetos, pela sensibilidade motora e perceptiva que se abre ao mundo e aos outros (BARBARA, 2002, p.55).

De acordo com Barbara (2002) que faz um importante estudo sobre a experiência do corpo a partir da dança de transe no culto candomblecista. Segundo a autora, essa experiência que cria um conhecimento de ordem corporal, é vivenciada simultaneamente individual e coletivamente, onde se busca integrar os membros da comunidade. Essa experiência corporal não é vista como uma mera repetição de atos e movimentos, mas consiste em um elaborado processo ritualístico a que os sujeitos iniciados na religião devem passar.

Conforme a autora que especifica em seu trabalho a presença das mulheres na religião explicando que busca compreender como elas vivenciam essa experiência no decorrer de sua iniciação no candomblé. Fazendo um estudo sobre as sacerdotisas no culto candomblecista, Rosamaria Barbara (2002), mostra a valorização que o corpo experimenta e vivencia nas práticas e atividades da religião.

Para Barbara (2002), corpo que congrega a experiência do transe durante a dança é o corpo que possui uma história de vida e uma bagagem cultural por trás daquele momento ritualístico. Um dos assuntos de interesse da autora, além da relação do corpo em contato com o orixá e os papéis sociais designados às mulheres filhas de santo depois da iniciação, está fomentado na dança e todo o arcabouço presente na arte ritual da religião, que envolve música, canto, indumentária sagrada, adornos corporais etc. e que não só os integrantes da religião usufruem, mas o público visitante que de alguma forma conhece a cosmologia do grupo acabam interagindo junto.

Segundo Turner (2005), existem rituais e cerimônias, tanto nas sociedades mais simples como nas ditas civilizadas, onde os sujeitos transitam de uma fase da vida para outro, obtendo com isso um novo status em sua sociedade. O que o autor acrescenta nessa mudança na posição social do indivíduo, frente à sociedade em que interage, é que as pessoas próximas a ele também sofrem modificações nessa alteração de status. “Qualquer que seja a sociedade na qual vivemos, estamos ligados uns aos outros, e nossos “grandes momentos” são “grandes momentos” para os outros também” (TURNER, 2005, p.36).

E Turner (2015) faz uma análise rebuscada das cerimônias rituais presentes entre o povo Ndembu, dentre eles o ritual de aflição. Nesse caso específico, ressalta o autor, o ritual tem fundamento religioso, sendo realizado a partir de significados compartilhados entre seus integrantes.

Para a explicação dada para realização desse ritual consiste em situações de atraso social entre os indivíduos, indo desde má sorte com a prática da caça entre os homens da aldeia, problemas envolvendo reprodução com as mulheres e as mais variadas formas de doença que assolam a população. Isso tudo está associado a espíritos de parentes mortos que

perturbam os indivíduos, onde o ritual entra como uma forma de reverter essa situação e devolver a tranquilidade para o indivíduo acometido por algum desses males (TURNER, 2005).

Em cada um dos rituais programados para a cura dos indivíduos *ndembu* tem sua rede de símbolos e ações específicas. Segundo Turner (2005), “Cada tipo de ritual tem seu próprio ritmo de tambores, sua própria “canção tema”, sua própria combinação de poções, seu próprio comportamento estilizado, expresso em danças e gesto e seu próprio tipo de santuário e aparato ritual” (TURNER, 2005, p.44).

Segundo Turner (2005), o período liminar de um ritual é concernente a um momento interestrutural, diferenciado da estrutura normativa do cotidiano. O autor sugere que os indivíduos integrantes de uma comunidade imersos em um ritual específico, durante o momento liminar, encontram-se em um período de transição, propício inclusive para ocorrência de uma transformação (TURNER, 2005).

Sobre esse sentido de *transformação*, relatada pelo autor supracitado, foi o que observava atentamente ao longo dos rituais umbandistas, onde filhos de santo suspendiam por instantes seus papéis sociais, para se tornarem deuses no cenário do terreiro. O elemento do tambor, as cantigas rituais e a dança gestualizada em suas reuniões propiciava essa mudança social.

Portanto, a “gira” realizada no terreiro é o momento oportuno dos filhos de santo mostrarem seu desenvolvimento espiritual, com a “incorporação” das entidades. Essa experiência é realizada a partir da interação entre os filhos de santo no ritual, contudo, é uma mudança individual, na qual se gera uma experiência particular, vivenciada de maneira diferente por cada um dos integrantes, mesmo que se expresse no coletivo da “gira”. A “incorporação” das entidades faz o filho de santo desenvolver sua espiritualidade ao mesmo tempo em que o insere no contexto da religião umbandista.

### **3.8 A cura no ritual: os tratamentos espirituais para os filhos de santo**

A partir desse item proponho uma análise acerca dos tratamentos espirituais realizados no terreiro pesquisado. Vários são os tratamentos espirituais realizados no Cantinho de Luz, de modo que o paciente, no caso específico, o filho de santo prontifique-se a passar por uma série de ritos que o farão restabelecerem sua saúde física, mental e emocional. Muitos desses tratamentos são realizados nesse espaço de culto, devido à incidência de casos entre os filhos de santo que são acometidos por diversos tipos de conflitos, envolvendo sua saúde, causando

malefícios em suas vidas e necessitando do auxílio do pai de santo e das entidades, sendo esses os detentores dos ritos que recuperam a saúde dos filhos de santo. Na execução desses tratamentos, existe uma conjunção de gestos que condizem com a tradição empregada pelo conhecimento umbandista, o qual pai Joaquim denomina de “segredo do pai de santo”, onde tanto por intermédio dele, quanto pelas entidades espirituais invocadas, uma gestualidade é incidida sob o corpo do paciente, de modo que se efetive através dessas práticas a tão sonhada cura.

Na Umbanda do Cantinho de Luz, a linguagem gestual atravessa todo e qualquer tratamento espiritual realizado por pai Joaquim ou por uma das diversas entidades espirituais que são invocadas durante os rituais. Como foi possível ver com muita frequência no terreiro pesquisado, a entidade “guia chefe” do terreiro, Seu Manoel Légua, expressava uma gestualidade que se configura num sentido mágico-religioso, onde um filho de santo era colocado sobre suas costas, e ele realizava um giro e entoava um cântico. Conforme presenciei muitas vezes Seu Manoel Légua realizando esse tipo de tratamento, relato agora um caso presenciado no terreiro.

Antes de dar início a “gira”, pai Joaquim convocou a filha de santo Maria do Rosário Lima<sup>39</sup>, 50 anos, para se aproximar do centro do terreiro. Logo em seguida, pai Joaquim curva sua “crôa” em frente ao altar e canta um dos “pontos” de Seu Manoel Légua, quando a entidade é invocada e logo incorpora no pai de santo. Esse tratamento é presidido por Seu Manoel Légua em todas as ocasiões que estive no terreiro e foi realizado esse ritual. Seu Manoel Légua se aproximou da filha de santo, ambos ficaram de costas um para o outro, cruzaram os braços direito com esquerdo e vice versa, para em seguida a entidade levantar a filha de santo, colocando-a em suas costas.

---

<sup>39</sup> O nome da filha de santo é fictício, mantendo sua identidade preservada.



Figura 21- Filha de santo é levantada para receber tratamento de cura.  
Fonte: acervo do autor.

Naquela ocasião, a filha de santo, Maria do Rosário Lima, 50 anos, havia me dito que estava sentindo dores por todo o corpo, não dormia há dois dias e que estava se sentindo muito exausta e desestimulada. Falou-me que antes do início dos rituais naquela noite, chamou pai Joaquim para contar-lhe sobre seus problemas de saúde e que necessitava passar por um tratamento espiritual antes de começar a “gira”. Foi quando pai Joaquim atendeu a filha de santo e falou que faria seu tratamento naquela noite.

Depois de colocar a filha de santo suspensa em suas costas, a entidade Seu Manoel Légua pediu ao visitante Jorge Ferreira de Sousa, que é umbandista, para realizar um passe de cura com sua “faixa de médium”. Enquanto seu Manoel Légua entoava um cântico, o qual era acompanhado pelos demais filhos de santo do terreiro, Jorge Ferreira de Sousa se aproximou da filha de santo realizando um código gestual próprio do conhecimento umbandista, sendo esse um passe de cura. A filha de santo, Maria do Rosário Lima 50 anos, estava de olhos fechados, concentrada no cântico que Seu Manoel entoava ao mesmo tempo Jorge fazia movimentos circulatorios no peito e na barriga da filha de santo, como também gestos que formavam cruces com a faixa. Além disso, Jorge cochichava algo enquanto realizava o passe, porém não foi possível ouvir, devido os tambores e as vozes dos filhos de santo ressoarem muito alto naquele momento.

No momento em que se realiza o ato ritual, pai Joaquim explicou que é preciso que o filho de santo em tratamento se concentre, pedindo em pensamento por aquilo que mais

necessita. No caso da filha de santo Maria do Rosário Lima, 50 anos, pedir pela sua saúde é o mais importante durante a realização do ritual. Na medida em que o tratamento era realizado, onde durante todo o tempo a filha de santo esteve nas costas da entidade, percebia a filha de santo expressando em sua face momentos que se dividiam entre dor e alegria. Em alguns instantes os olhos comprimiam e os lábios reproduziam um gesto como se estivesse arrancando algo de dentro de seu corpo, no momento em que Jorge Ferreira de Sousa, 48 anos, realizava os gestos em seu peito e barriga.

Quando Jorge Ferreira de Sousa encerrou sua participação no tratamento da filha de santo, aproximei-me para indagá-lo sobre os gestos que havia realizado no corpo dela. Segundo ele, todos os movimentos que foram realizados tem a ver com o conhecimento que é repassado pelas entidades espirituais, principalmente Seu Manoel Légua, para que os próprios filhos de santo se capacitem a tratar uns aos outros.

E era um sábado do mês de outubro de 2018, quando cheguei ao terreiro cumprimentei alguns filhos de santo que se encontravam na entrada do terreno. Logo em seguida me dirigi ao interior do espaço de culto, onde alguns filhos de santo estavam sentados, em silêncio, concentrados para a noite de ritual. Enquanto isso, a filha de santo, Antônia Maria Bonfim 54 anos, estava com sua mão estendida sob o altar do terreiro. De olhos fechados, sussurrava algumas palavras e encerrou fazendo o sinal da cruz em seu corpo. Logo em seguida, ajoelhou, baixando a cabeça, como forma de saudar as linhas de entidades. Aproximei-me, fiquei encostado em um dos tambores, quando a filha de santo se virou para me cumprimentar. Conversamos um pouco antes dos trabalhos rituais iniciarem no espaço de culto. Ela me contava sobre sua experiência durante a “gira”, explicando-me que estar na roda de dança é também um momento de cura pessoal e coletiva.

E a presença da palavra “cura” está sempre na fala dos filhos de santo quando tratam de explicar seus motivos de frequentar o terreiro, participar das atividades rituais e entrar em contato com as entidades espirituais, seja por meio de consultas ou no momento da incorporação no contexto do ritual de “gira”. A cura se relaciona com as práticas rituais realizadas no terreiro, sendo o “passe de cura”, o “ligamento de crôa”, o banho de ervas e a própria “gira” em todo o seu conjunto performático, elementos que incidem o tratamento corpóreo-espiritual nos filhos de santo. Gostaria de relatar as experiências vivenciadas no plano do tratamento de cura corpóreo-espiritual de alguns membros do terreiro que em conversas informais me explicaram sobre a importância da assiduidade nos rituais para conseguirem manter a saúde do corpo e da mente, predispostos a receberem seus guias espirituais no momento da “incorporação”.

Enquanto, baseado nessa experiência sobre como a cura é estabelecida durante a realização dos rituais, descrevo as experiências que envolvem tratamento de cura dos filhos de santo, onde pai Joaquim segue à frente desses trabalhos que envolvem o restabelecimento do equilíbrio mental e corporal de seus filhos de santo<sup>40</sup>, utilizando elementos simbólicos, como a “faixa do médium”, velas e “incenso”, e o “passe de cura” que integram o uso dos recursos simbólicos que emanam boas vibrações e pensamentos positivos para alcançar os objetivos pessoais daqueles que se submetem aos tratamentos oferecidos no terreiro.

Em uma conversa com pai Joaquim, a qual todos os filhos de santo estavam presentes, sentados no chão, formando um círculo, ele explanava para os presentes sobre a importância de o médium andar sempre “protegido” com sua “faixa”:

*Nossa faixa é um compromisso. É nosso argumento de trabalho, juntamente com a roupa branca. Com a faixa, a gente descarrega a energia ruim do nosso irmão, aprende melhor a lidar com a dor do nosso próximo e a gente mesmo pode curar ele. A faixa é pra ser usada em todo lugar, eu mesmo vou pra rua e ando com a minha, por que com ela eu tenho minha defesa* (Entrevista realizada com pai Joaquim, em 16 de fevereiro de 2019).

Embora, o discurso de pai Joaquim aos seus filhos de santo evidencia o papel que a “faixa do médium” desempenha nos tratamentos de cura realizados no terreiro, tendo em vista que esse elemento, usado da maneira como o pai de santo ensina, tem o poder trazer ânimo aos mais necessitados. A faixa tem função importante no restabelecimento da saúde emocional e física, sendo um elemento para trazer a cura.

Portanto, a cura, no contexto umbandista do Cantinho de Luz, está relacionada aos filhos de santo que, acometidos de problemas pessoais, relacionados à saúde e conflitos sociais, recorrem ao pai de santo e aos guias espirituais, necessitando passar pelos processos de tratamento espiritual para restabelecimento de seu equilíbrio físico e emocional, seguindo confiante na religião e obedecendo aos ditames dos guias espirituais que os protege. Só assim é que seguem firmemente na religião, podendo vivenciar por completo a experiência corporal relacionada aos rituais. Caso contrário, sem passar por esses tratamentos, o filho de santo não consegue vivenciar por completo a sua relação com as entidades e com o terreiro que faz parte.

Na Umbanda do Cantinho de Luz, o pai de santo é quem lidera os tratamentos espirituais, assim como ele também analisa o que acomete o filho de santo, passando algumas

---

<sup>40</sup> Segundo o pai de santo Joaquim, esses tratamentos terapêuticos oferecidos em seu terreiro condizem com a experiência que vivenciam através da espiritualidade, pois esses tratamentos são operados no momento em que o ritual de gira se delineia no terreiro.

recomendações que devem ser seguidas, concomitantemente com a presença assídua nos rituais, realizados no interior do espaço de culto do terreiro<sup>41</sup>. Ao lado de pai Joaquim, seu Manoel Légua, entidade guia chefe do terreiro, é quem trabalha no tratamento de cura dos filhos de santo, tratando de suas fragilidades e apontando o caminho a ser seguido para que em um determinado momento, o filho de santo consiga não só alcançar a cura de seus males, mas esteja apto a curar outras pessoas, com aquilo que aprende no terreiro, a partir das técnicas ensinadas pelo pai de santo. Observando os tratamentos nos quais são investidos no terreiro, boa parte das vezes o pai de santo está incorporado com seu Manoel Légua<sup>42</sup>.

Com isso, percebo que pai Joaquim sob o comando do seu “guia chefe” detêm os parâmetros e coordenadas a serem seguidos para a realização dos tratamentos de cura no terreiro. Pai Joaquim comandando esses tratamentos, sob a ordem do guia chefe e com a ajuda de seu “contra chefe”, reitera a importância de todos os presentes no culto estarem conectados com as vibrações que serão emanadas durante o ritual.

Frente a essa prática ritual de cura, passo agora a descrever uma situação específica encontrada no terreiro pesquisado que condiz com um tratamento corpóreo-espiritual realizado pelo guia chefe do terreiro, seu Manoel Légua. Esse guia espiritual, muito simpático e solícito, sempre me via no terreiro e eu me dirigia a ele pedindo a bênção, o qual me abençoava com todo o carinho e atenção. Na ocasião em que ele se encontrava no terreiro, incorporado no pai de santo, pediu que duas filhas de santo se dirigissem ao centro do terreiro e que segurassem cada uma, as duas velas que ele acendeu. A vela acesa representava a prece das filhas de santo e a concentração da mente nas suas guias espirituais, para que alcançassem a cura daquele mal estar.

Para as filhas de santo, Ana Beatriz Viana e Kamila e Mara Silva Pereira de Carvalho, seguiram as ordens da entidade, deslocando-se de seus assentos e segurando com firmeza a vela. Foi borrifado em suas mãos um pouco do “banho de ervas”, as quais friccionaram entre as mãos e logo após sentiram o aroma e colocaram em suas “crôas” e braços. Ali pude constatar que se tratava de um desses momentos em que era investido tempo para o cuidado e desvelo com os filhos de santo do terreiro, onde seu Manoel Légua sentiu que ambas estavam passando por um mal-estar e que para seguirem na noite de ritual, necessitavam de um tratamento de cura.

---

<sup>41</sup> O pai de santo sempre frisa a importância do filho de santo em estar atento por todos os lugares que trafega, para não cair em “armadilhas” criadas por espíritos obsessores que desejem desnorteá-los. Para isso é imprescindível que esteja sempre vigilante com suas orações, pontos firmados em casa, e a importante assiduidade nos encontros rituais do terreiro.

<sup>42</sup> Essa entidade, guia chefe do terreiro, é quem participa dos tratamentos espirituais dos filhos de santo, muitas vezes diagnosticando e tratando cada um que o procura.



Conforme esclareceu o guia Seu Manoel Légua a todos os presentes naquela noite, aquele tratamento que ele passava a realizar com as filhas de santo servia tanto para estarem aptas a trabalharem na “gira” que aconteceria logo mais, como também estariam mais tranquilas e satisfeitas para reequilibrarem o emocional que se encontrava abalado diante de algum problema pessoal que estavam passando. O tratamento espiritual consistia na limpeza do corpo e da mente de ambas, a qual se deveria concentrar naquele momento, destituindo qualquer influência externa de seus pensamentos, para que durante a “gira” conseguissem receber em suas “crôas” os guias espirituais de cada “linha” de entidades que seriam homenageadas naquela noite de ritual.

Enquanto as filhas de santo seguravam a vela, seu Manoel Légua rezava, estalando a “faixa do médium” em todo o corpo das filhas de santo, frente, costas e laterais de cada uma, começando pela filha de santo Ana Beatriz, que se localizava à esquerda, para depois seguir com a filha de santo Kamila, à direita. O estalo que a entidade realizava formava cruzeiros sobre cada parte do corpo das filhas de santo, as quais permaneciam de olhos fechados, concentradas na atividade realizada. Aproximei-me dele, depois de realizada toda a oração, e perguntei sobre aquilo que ele realizava. Ele me informou sorridente e observando sempre a minha presença no terreiro, que aquilo que ele praticava vinha das antiguidades, de tempos em que ele era vivo e curava as pessoas com a força da oração e com os gestos que a faixa realizava. Ele rezava estalando a faixa e proferindo orações para que as filhas de santo estivessem mais firmadas nos propósitos da Umbanda, estando firmes nas orações e no compromisso com as entidades.

Mas as filhas de santo, Ana Beatriz e Kamila, que passaram por esse processo de tratamento espiritual, antes de iniciar a “gira”, explicaram-me que se sentiam pesadas e confusas nos seus pensamentos, além de sentir uma moleza em todo o corpo. Estavam desestimuladas para virem ao terreiro e estavam tendo conflitos no âmbito familiar. A fala de Kamila naquela ocasião explicitava isso:

*Senti meu corpo fraco e não tinha coragem de vir pra cá. Tô amolecida, fraca, sem comer e não tenho vontade de ficar aqui. Mas seu Manoel gosta de ajudar a gente. Ele passa tratamento pra gente receber energia limpa e expulsar o que tá impedindo a gente de ficar no terreiro, por que pode ser demanda alheia também, de gente que faz mal de graça pros outros, entendeu? (Entrevista com a filha de santo Kamila Mara Silva Pereira de Carvalho, em 15 de outubro de 2018).*

Por meio da fala acima fica claro quem comanda as atividades rituais que envolvem o tratamento de cura dos filhos de santo no terreiro e como se dá o antes e depois do tratamento

iniciar para quem recebe a terapia curativa. Além disso, ela entende sobre pessoas que desejam o mal para outras, enviam espíritos ruins para atrapalhar o bem estar dos filhos de santo<sup>43</sup>. Com o pedido de seu Manoel Légua, incorporado em pai Joaquim, para irem até o centro do espaço do terreiro, segurando a vela acendida por ele, explicaram-me que estavam suando frio e sentindo uma leve tontura. Logo depois da limpeza espiritual com a “faixa do médium”, seu Manoel Légua recebeu das mãos de um filho de santo “cambone”, o incenso em um compartimento. Com esse instrumento ritual, a entidade pediu que ambas as filhas de santo colocassem a vela acesa no chão, de frente para elas e em seguida erguessem os braços para que ele circundasse com a fumaça do incenso todo o corpo delas. Seu Manoel fez uma volta ao redor das filhas de santo, espalhando a fumaça ao redor de cada uma. Depois disso, as filhas de santo baixaram os braços e fizeram o sinal da cruz, mantendo os olhos fechados.

Logo depois de seu Manoel Légua segurar na “crôa” de Kamila, a filha de santo caiu no chão, tamanho o peso emocional que estava sentindo. Logo em seguida, Kamila foi amparada pelos demais presentes, sendo colocada em uma cadeira e atendida imediatamente pelo seu Manoel Légua, o qual explicou que ela veio ao chão, devido à influência de espíritos obsessores<sup>44</sup> que queria atrapalhar a sua espiritualidade e desviá-la das práticas rituais no terreiro. Esses espíritos foram enviados por alguém desconhecido que desejava desvirtuar a filha de santo de suas funções no terreiro.

Nesse momento em que Kamila foi colocada em um assento, me aproximei da filha de santo, a qual estava sendo supervisionada por seu Manoel Légua, incorporado no pai de santo. Quatro filhos de santo, homens se aproximaram da filha de santo para ajudá-la no restabelecimento da saúde de Kamila, quando foi para segurá-la e a força que advinha de seu corpo era muito forte. Naquela ocasião não era mais Kamila, mas um “espírito obsessor” que se apossou de seu corpo e queria levá-la para junto dele. No entanto, os quatro filhos de santo a seguraram para que seu Manoel Légua pudesse suspender o “espírito obsessor”. A filha de santo era segurada por quatro homens e se contorcia ao mesmo tempo em que gritava. No entanto, seu Manoel Légua se aproximou encostou sua “crôa” na “crôa” da filha de santo e “suspendeu” o espírito que a perturbava vociferando um grito que ressoou nos quatro cantos do terreiro. Em seguida, a filha de santo retoma seu lugar, recebendo “banho de ervas” em

---

<sup>43</sup> A demanda que a filha de santo se refere muitas vezes é enviada por pessoas de outros terreiros que desejam atrapalhar a vida de alguém, acarretando na instabilidade da saúde do filho de santo, gerando problemas dos mais diversos.

<sup>44</sup> Espíritos obsessores, segundo a filha de santo Kamila, são espíritos de energia negativa, não-evoluídos que pairam nos terreiros visando atrapalhar a boa execução dos rituais. De acordo com a filha de santo esses espíritos muitas vezes enganam com suas artimanhas, incorporando em algum filho de santo durante a gira e prejudicando as “correntes espirituais”.

suas mãos para que sentisse o aroma recuperando os sentidos aos poucos, ficando ali por volta de quinze minutos para se recuperar do desgaste do que lhe acometeu.

Depois de a entidade atender à solicitação da filha de santo Kamila, no centro do terreiro, em pé, estava à filha de santo Ana Beatriz, incorporada com a sua cabocla, Jacira, a qual segurava a vela e entoava o seu “ponto cantado”. A entidade cantava com a voz baixa, trazendo tranquilidade para todo o terreiro.

Por isso, a entidade cabocla desceu na “crôa” da filha de santo, Ana Beatriz, por influência de seu Manoel Légua. Quando a filha de santo conseguiu concentrar-se, de modo a captar a energia de sua guia espiritual, logo ela sentiu a vibração da entidade próxima e então a incorporou. A entidade estava com a coluna curvada e segurava com força a vela que apanhou do chão realizando um movimento circular com a vela acesa. Aproximei-me e indaguei quem era e o que fazia naquele momento. Segundo a entidade:

*Estou incorporada no meu cavalo mais uma vez é pra mode limpar ela de energia ruim, meu filho. Eu faço trazer o bem estar que ela necessita pra poder viver em paz e aproveitar o máximo que esse terreiro tem pra oferecer pra ela. Enquanto eu tô cantando o meu ponto eu tô energizando o corpo dela, levando junto a energia negativa que tava aqui nela (Entrevista realizada com a cabocla Jacira, em 15 de outubro de 2018).*

Com isso, percebi o poder que esses tratamentos possuem para o aprimoramento dos filhos de santo na vivência ritual no terreiro, entendendo que todas essas técnicas são realizadas pela intermediação de orações que possuem um valor intrínseco nas ações de cura dos filhos de santo. No caso da entidade cabocla que foi invocada por seu Manoel Légua, esta veio com o propósito de ajudar na causa da filha de santo Ana Beatriz, para que naquele momento extraísse dela todos os males que a circundava. Depois de suspendida a entidade no corpo de Ana Beatriz, seu Manoel Légua mais uma vez proferiu algumas orações segurando na “crôa” das filhas de santo. Em todo o momento que a entidade realizava o tratamento percebi que ele realizava algumas orações ao redor das filhas de santo. Essas orações correspondem à vasta sabedoria que a entidade possui para os momentos reservados ao tratamento espiritual dos filhos de santo.

Segundo Marcel Mauss (2001), em seu artigo *A oração*, uma oração é considerada um dos principais fenômenos do mundo religioso. Este elemento, imprescindível à religião, está como que integrada ao campo do rito e ao aspecto intrínseco da crença religiosa. Faz parte do rito, pontua o autor, por que está associado a uma ação desencadeada através de movimentos materiais, visando estabelecer contato com uma divindade, provendo resultados com essa

interação.

Pois, semelhante ao dito pelo autor, o caso acima relatado em que há a interferência da entidade no tratamento espiritual das filhas de santo, as orações proferidas pela entidade são como que uma espécie de rito, no qual são desencadeados gestos e palavras que transmitem força e perseverança para que qualquer energia negativa que esteja interceptando o compromisso com a religião e consecutivamente com os trabalhos rituais, seja liquidada no instante em que a oração é proferida, tendo ela a capacidade de expulsar as energias que interrompem o curso normal dos rituais.

Ao todo, todo o tratamento realizado pelo “guia chefe” do terreiro passa por uma série de etapas: 1) preparo do espaço de culto para realização do tratamento, com uso de velas, incenso, banho de ervas e alocação de cadeiras; 2) chamamento de pai Joaquim à entidade Seu Manoel Légua, para que desça em sua “crôa” e realize o tratamento; 3) uso de orações, limpeza espiritual com a “faixa do médium”, realizando o rito nas duas filhas de santo; 4) finalização do tratamento com orientações da entidade para as filhas de santo segures, que vão desde orações até banhos de ervas. Em todo esse seguimento realizado pela entidade é necessário que todos os presentes no interior do espaço de culto sigam as normas que vão desde o silêncio até a contribuição na hora de recitar as orações.

De acordo com Mauss (2001), quando um fiel elege uma oração, então ele simultaneamente age e pensa. Para Mauss (2001), a ação e o pensamento ocorrem unidos dentro de um acontecimento religioso. A oração exprime palavras ao mesmo tempo em que aciona ideias e sentimentos, fazendo as pessoas que recitam as palavras também agirem. Segundo o autor,

*A oração é precisamente um desses fenômenos onde o rito se encontra unido à crença. Ela é cheia de sentidos, como mito; é frequentemente também rica em ideias e imagens da narrativa religiosa. Ela é cheia de força e eficácia como rito; é amiúde tão fortemente criadora como uma cerimônia simpática. Ao menos no princípio, quando concebida, não é nada cega; nunca consiste em qualquer coisa inativa. – Assim, um ritual de orações é uma totalidade, de onde se produzem os elementos míticos e rituais, necessários para compreendê-lo (MAUSS, 2001, p. 777).*

E a oração no seio do culto umbandista, recebe no corpo do adepto religioso sua menção, pois, quando recitada no terreiro, seja pelo terço-rápido, seja pelo ponto cantado, pois este também é uma oração, ou no caso de seu Manoel Légua, rezando e estalando a faixa no filho de santo, ela possui o significado, por meio da fala, de expressar a sintonia entre os filhos de santo e as entidades espirituais, ao mesmo tempo, que tem o poder, dentro desse contexto simbólico, de resgatar o filho de santo que esteja desnordeado, sem praticar suas

orações, ou mesmo acometido de alguma doença ou desavença familiar, para que retome a disciplina, atendendo novamente àquilo que é parte de sua experiência na espiritualidade vivenciada no terreiro. A oração em nome das entidades, realizada pelos filhos de santo, clamando a elas pelos seus pedidos, é entender que isso gera um vínculo proximal com esses espíritos, os quais são os responsáveis por proporcionar aos filhos de santo essa realidade. Seu Manoel Légua enquanto finalizava o tratamento nas filhas de santo falou sobre a importância desse contato com as entidades, por que a cura que tanto buscam é algo que deve ser buscado incessantemente com “pontos de oração” para os guias.

Ainda com Marcel Mauss (2003), estudioso sobre a expressão do corpo e suas variáveis nas diferentes culturas ao redor do mundo, entende por técnicas corporais “as maneiras como os homens, sociedade por sociedade, de maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos” (MAUSS, 2003, p.211). Esse termo, cunhado pelo autor, se refere às diferentes formas como as sociedades representam hábitos, gestos, movimentos e atitudes corporais próprias, incidindo nessa representação a questão cultural como imprescindível na educação do corpo na sociedade em que está inserido.

Para Mauss (2003), tratar de técnicas corporais é pensar em algo relacionado à tradição e eficácia no ato realizado. “Não há técnica e tampouco transmissão se não houver tradição. É nisso que o homem se distingue, sobretudo dos animais: pela transmissão de suas técnicas e muito provavelmente por sua transmissão oral” (MAUSS, 2003, p. 217). O autor propõe a visão de que o corpo é o principal meio e instrumento do homem para realização de seus atos.

Em meio ao campo etnográfico pesquisado, frente aos princípios rituais encontrados e compartilhados entre os filhos de santo com suas entidades espirituais, pude constatar o uso de técnicas corporais que servem como meio de propagar a cura. As técnicas que precedem uma ação no corpo são investidas de significados simbólicos e possui uma crença coletiva de que o modelo como aquele corpo se comporte, diante de um acervo gestual de técnicas, causa o bem estar almejado para todos os participantes do culto umbandista.

Durante a noite de atividades rituais, uma série de técnicas realizadas pelo pai de santo e repassadas, a fim de que os filhos de santo consigam apreendê-las, eram realizadas como um construto social no interior desse contexto religioso. Pai Joaquim, antes mesmo de iniciar o ritual de gira, ou qualquer tratamento espiritual que precedesse a gira, estabelecia um contato dialogal, onde por meio de sua fala, explicava aos filhos de santo presentes sobre o sentido de ensinar tais técnicas para que, em sua ausência, conseguisse auxiliar aos mais necessitados, assim como conseguissem por si só resolver seus próprios conflitos.

Sendo assim, o envolvimento de cada filho de santo nas práticas rituais que os inserem na religião umbandista, em meio à experiência corporal na vivência ritual, adentra ao *habitus* a que Mauss (2003) se refere a atitudes corporais, atrelado àquilo que é “exigido” e “adquirido” em meio ao grupo em que se está inserido. Em se tratando disso, explica o autor

Esses “hábitos” variam não simplesmente com os indivíduos e suas imitações, mas, sobretudo, com as sociedades, as educações, as conveniências, e as modas, com os prestígios. É preciso ver técnicas e a obra da razão prática e coletiva individual, ali onde de ordinário veem-se apenas a alma e suas faculdades de repetição (MAUSS, 2003, p.214).

Em meio as minhas idas ao terreiro, observando de perto e interagindo com os filhos de santo sobre aquilo que realizavam durante seus atos rituais, pude entender e presenciar a forma como o pai de santo ensinava o modo certo de passar a faixa no corpo do filho de santo que estivesse acometido de alguma doença, algum tipo de perseguição ou “encosto”<sup>45</sup>. Tudo isso era milimetricamente transmitido, de modo que em uma situação onde o pai de santo estivesse ausente, os filhos de santo conseguissem resolver por conta própria, obtendo êxito em suas atividades.

Em outro caso, fazendo parte também de técnicas que é apreendida no terreiro, e que faz parte da experiência corporal do filho de santo no terreiro, encontra-se a suspensão de espíritos obsessores do corpo do filho de santo, a partir do que o pai de santo denomina de “ligamento de crôa”<sup>46</sup>. Essa técnica corporal consiste na capacidade do pai de santo lidar com energias negativas que perseguem seus filhos de santo, de modo que esse use de um recurso muito adotado nos terreiros umbandistas. Sendo assim, o pai de santo me explicou que esse recurso terapêutico utilizado com frequência em seu terreiro, tem a ver com o campo energético do filho de santo, tendo este que buscar concentração com o “plano astral superior” das entidades umbandistas para alcançar o estado de elevação espiritual.

Para o pensamento, nas palavras do pai de santo, deve estar voltado para emanar energias positivas, sendo estas transpassadas do pai de santo para o filho de santo, como mostra a figura abaixo, retratando essa modalidade de cura.

---

<sup>45</sup> O encosto se associa a algum tipo de espírito maligno que interfere na saúde do filho de santo, atrapalhando inclusive seu desenvolvimento mediúnico.

<sup>46</sup> Observei que essa técnica é bastante utilizada no terreiro, sendo trabalhada frequentemente para suspensão de espíritos funestos que estejam atrapalhando a vida do filho de santo.

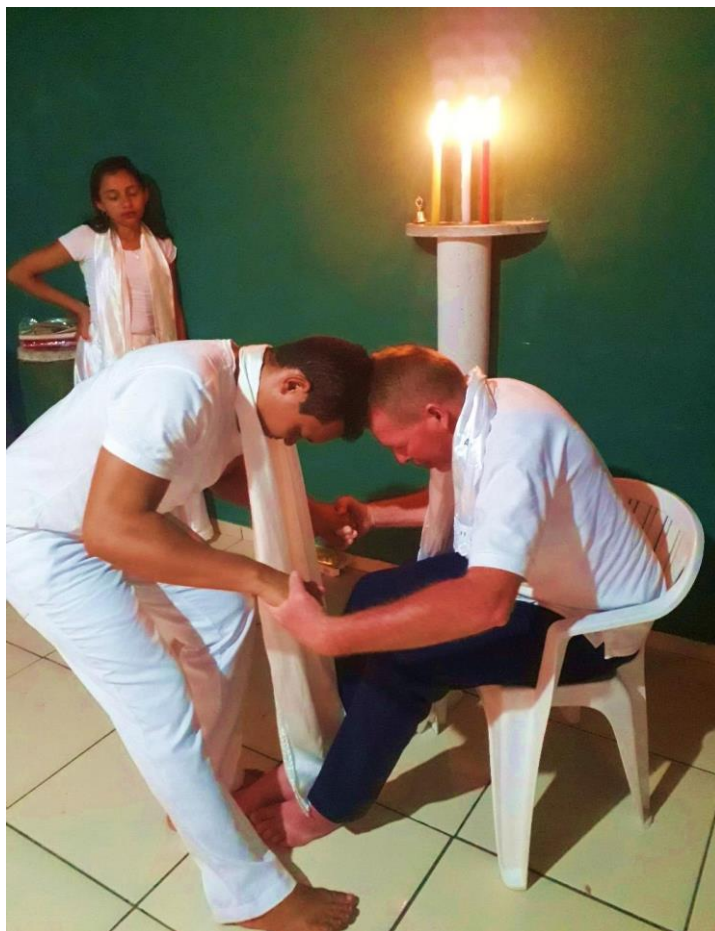


Figura 22- Ligamento de crôa do pai de santo para o filho de santo.  
Fonte: acervo do autor.

Nesse dia, pai e filho de santo deram as mãos e fizeram o “ligamento das crôas”, onde pai Joaquim emana bons pensamentos para seu filho de santo, ao mesmo tempo em que expulsa as energias negativas que pairam sob sua mente. Ao mesmo tempo em que isso ocorria entre pai e filho de santo, os demais presentes no terreiro, divididos entre filhos de santo e visitantes, tinham que emanar boas vibrações para a realização do ato, de modo que alguns, inclusive, estenderam as mãos em direção aos dois. Estendendo as mãos é uma forma de se mostrar integrante do processo de cura do filho de santo, pois a ajuda no tratamento tem que partir de todos, sem exceção.

Nesse caso, a prática terapêutica de “ligamento de crôa” tem como pressuposto a transmissão e emanação de boas energias para o filho de santo que está com um “espírito obsessivo”<sup>47</sup>. Com o pensamento transmitindo amor, o filho de santo que se encontra em

<sup>47</sup> O obsessivo, segundo o pai de santo, é um espírito funesto que passa a acompanhar o filho de santo, causando-lhe malefícios em sua vida em todos os aspectos.

prejuízo, por ter um “espírito obsessivo” tomando conta de sua vida, acarretando em agravos em todos os âmbitos de sua vida, então a técnica terapêutica de “ligamento de crôa” ocasiona o amor, típico e cultivado na religião umbandista, para o tratamento de cura do filho de santo. Transmitir boas vibrações no decorrer deste trabalho ritual, oportuniza a melhoria do sujeito acometido com os agravos causados pelo “espírito obsessivo” no seu corpo.

Na Umbanda, o corpo é o centro das expressões rituais, onde existe uma infinidade de formas de apresentá-lo durante as danças e demais rituais presentes em sua cosmologia: a forma como se suspende a entidade do corpo do filho de santo, ou quando se manuseia o objeto que contém incenso e deve circundar todo o espaço interior do terreiro. Todos esses ritos são previamente ensinados pelo pai de santo para que, em sua ausência, os filhos de santo consigam por eles mesmos terem autonomia de resolverem casos adversos que porventura prejudiquem a saúde e sua espiritualidade.

Para o corpo do adepto se reveste de inúmeras possibilidades de vivenciar e interagir com o coletivo a que está inserido, mesmo que cada filho de santo sinta e expresse o corpo de uma forma peculiar, ainda sim a Umbanda propicia o contato com o grupo religioso do terreiro a que pertence, unindo modelos e princípios que são únicos para a religião, tendo que seguir esses parâmetros, conforme a liderança presidida pelo pai de santo.

De acordo com Le Breton (2003), o homem toma sua existência a partir de seu corpo. É através de sua existência corporal que o homem adquire uma simbologia particular e o faz viver socialmente. Estando o homem inserido em uma sociedade específica, este encontrará modos particulares de tratar esse corpo. “Cada sociedade, no interior de sua visão de mundo, delinea um saber singular sobre o corpo: seus elementos constitutivos, suas performances, suas correspondências” (LE BRETON, 2003, p.8).

Por isso, o corpo não pode ser pensado como um meio já dado socialmente, estruturado de forma intransponível, ao contrário, deve ser visto como um espaço de construção social que o uso de uma simbologia lhe confere características diversas, variando de sociedade para sociedade. O corpo em uma miríade que une suas representações e os saberes nele associados, estão inseridos em uma cosmologia peculiar (LE BRETON, 2003). As vivências e experiências, as quais os filhos de santo perpassam em seu caminho mediúnico na umbanda, têm no corpo a concentração de tudo aquilo que compartilham com seus irmãos de fé e com as entidades espirituais que regem o terreiro e suas vidas.

Depois que, a espiritualidade é desenvolvida conforme a disposição do filho de santo em passar por uma série de ritos que no decorrer do tempo terão maior controle sob sua parte, caminhando para a preparação que os confirmem como integrantes da religião, enquanto



médiuns desenvolvidos em busca do contato espiritual com as entidades. O corpo do filho de santo é preparado sempre em conjunto, unindo as forças do pai de santo, com os demais filhos de santo e a intervenção sagrada das entidades espirituais, em especial daquele que rege a “crôa” do filho de santo iniciado, sendo seu guia espiritual<sup>48</sup>.

Dentre as muitas formas presenciadas de como o corpo é simbolizado, segundo a cosmologia umbandista, está o uso de alguns instrumentos rituais que congregam no desenvolvimento espiritual do filho de santo. Em um caso específico da faixa branca que os filhos de santo usam como parte de sua indumentária sagrada, presenciei uma situação que me deixou curioso sobre a função que esse instrumento tem no contexto das atividades rituais para desenvolvimento da espiritualidade. Num dado momento em que a roda ritual executava-se no centro do salão, o filho de santo Jorge Alves do Nascimento empunhava sua faixa fazendo um movimento do mastro do terreiro em direção ao chão e como que expulsando algo levantava-a para cima.

E indagado sobre essa questão, aproximei-me cautelosamente para não desconcentrá-lo, esperando ele finalizar o ato, perguntei sobre aquele movimento que ele repetiu cinco vezes seguidas. Segundo Jorge Ferreira de Sousa, visitante do terreiro, sendo ele também umbandista, o movimento da faixa é para expulsar as energias negativas de dentro do terreiro, que caso algum filho de santo tenha adentrado ao salão sem deixar de lado sentimentos ruins, isso poderia ter impregnado o salão com energias funestas, acarretando em prejuízo na execução das atividades do terreiro<sup>49</sup>.

E sobre isso, Jorge Ferreira de Sousa me explicou também que a faixa nesse leve movimento tem o poder de absorver as energias negativas, e, quando empunhado de um movimento mais brusco, indo ao chão, a faixa transmite como que uma resposta de expulsão às energias negativas. Nesse caso, como em outros, observo que todo esse arcabouço gestual se dá por intermédio do corpo, que a partir de seus movimentos atinge o âmago do princípio ritual no terreiro: o da expulsão das más energias e a energização positiva do espaço ritual<sup>50</sup>.

De acordo com Maluf (2001) sobre a questão do corpo em uma abordagem que o evidencie como pertencente a um sistema simbólico, a autora se refere a expressão do corpo

---

<sup>48</sup> Segundo me explicou pai Joaquim, todos os filhos de santo possuem entidades espirituais, mas existe uma que rege a crôa do filho de santo, sendo este seu guia espiritual.

<sup>49</sup> Segundo me informou Jorge, umbandista e visitante do terreiro, a faixa nesse movimento revelava a expulsão daquilo que somente os religiosos conseguiam ver: as energias funestas que não acarretavam só males para os filhos de santos e visitantes, como também atraía espíritos negativos para espreitar e possivelmente atrapalhar as atividades rituais no terreiro.

<sup>50</sup> Quando falo em espaço ritual, integro os corpos dos médiuns que dançam e realizam suas performances de tratamento espiritual, pois nessa interconexão, médiuns filhos de santo e entidades espirituais são beneficiadas com as energias renovadas.

não somente como um instrumento cultural, mas imbuído de uma capacidade e agência própria, não apenas como um receptáculo de uma determinada simbologia, mas produzindo significados e múltiplos sentidos de acordo com os estímulos a que lhe são dirigidos.

Embora seguindo esse raciocínio, o corpo no segmento religioso umbandista pode ser pensado como um construto social que evidencia experiências variadas, num fluxo constante de sensações e percepções, agindo conforme a experiência de cada filho de santo no terreiro, vivenciando o fazer religioso de maneira pessoal e particular, mesmo que seguindo em termos gerais uma tradição coletiva. Mesmo que na dança ritual haja um corpo coletivo, composto por vários participantes, expressando o movimento rítmico da dança, ainda sim ela é sentida de modo diferente por cada um de seus participantes. Assim também se encontram os tratamentos espirituais realizados no terreiro, onde cada prática terapêutica se dá de acordo com a experiência de vida do sujeito.

Sendo assim, no meu percurso ao terreiro, observava como o corpo era revestido de uma série de rituais que o preparavam para o desenvolvimento espiritual na umbanda. Como Maluf (2001) ressalta o corpo como um construto simbólico, não estando acabado, mas constantemente em aperfeiçoamento, assim é o que acontece no terreiro de umbanda: um corpo que se mantém em constante dinamismo, experimentando uma série de sensações e experiências para seu aprimoramento no desenvolvimento corporal e espiritual. Para Maluf (2001), é importante a discussão do corpo embasada na noção de pessoa, sem distingui-la, estando associada às formas específicas de produção cultural.

E era uma noite de sábado, contando com poucos filhos de santo, já que na noite anterior participaram de um “tambor” no terreiro da mãe de santo, Madrinha, todos já preparados para os primeiros ritos, sentados, enquanto o “tambozeiro” preparava o tambor nos fundos da casa. Num dado momento, com seu Manoel Légua na “crôa” de pai Joaquim convoca cada filho de santo para ir ao centro do espaço, quando cada um ficaria de frente para ele.

Nisso, na altura do peito, a entidade, “guia chefe” da casa, fazia uma espécie de cruzamento com a faixa- um gesto em forma de cruz -, sendo que esse movimento, segundo o próprio, serve para limpeza espiritual do aparelho. Acima da cabeça, o estalar da faixa é mais forte, segurado nas extremidades da faixa e com os braços para cima, a entidade fazia o movimento uma única vez. Outro movimento apreendido era o de pegar uma das extremidades da faixa e fazer um círculo envolto da “crôa” do filho de santo.

Enquanto fazia os movimentos, percebia que a entidade conversava com cada filho de santo, perguntando sobre a vida pessoal, se tudo estava indo bem. Quando chegou minha vez,

fui em sua direção segurando meu caderno de campo e antes mesmo de fazer o movimento com a faixa, o indaguei sobre aquele processo, o qual me respondeu sorridente que aquilo era um instrumento de limpeza espiritual do filho de santo. Seu Manoel Légua me informou que a faixa de uso do seu “cavalo” servia para energizar a mente e o corpo de cada um para dar a segurança e o equilíbrio necessário para se manterem fortes no desenrolar dos rituais.

Só agora, percebi pela proximidade nas conversas com a entidade que sua função no terreiro consiste no encaminhamento dos filhos de santo para desenvolvimento de sua mediunidade, e que a partir desses ritos de purificação corporal, os filhos de santo vão se preparando com mais destreza para receber suas entidades e se protegerem de forças que queiram prejudicá-los. Com o movimento da faixa, o filho de santo está apto a cada novo encontro a seguir adiante em suas funções no terreiro, sem haver qualquer encaço em suas práticas rituais.

Segundo Ribeiro (2014), em sua pesquisa sobre a noção de doença e cura nos terreiros teresinenses, a autora ressalta a importância que o guia espiritual possui dentro do espaço de culto, quando se pensa sobre o que leva uma pessoa a adoecer, a causa desse tormento que altera a sua saúde como um todo, acometido de males que se relacionam ao campo material e/ou espiritual. Nesse caso, ressalta a autora, em meio a problemas do âmbito emocional ou financeiro, muitas pessoas buscam explicação na via religiosa, mais especificamente na umbanda, para tratar de sua doença, depositando a confiança do tratamento na entidade que executa a cura no paciente (RIBEIRO, 2014).

De acordo com a autora entrevistando uma entidade chamada Cabocla Ubirajara observa que as doenças diagnosticadas no terreiro provêm da influência de demônios ou espíritos malfazejos que se apossam da pessoa, sendo isso ocasionado por algum tipo de feitiçaria e perseguição, ou mesmo por estar em fase de desenvolvimento da mediunidade, estando vulnerável a algum tipo de influência espiritual negativa (RIBEIRO, 2014).

No Centro Espírita Umbandista Cantinho de Luz, frequentemente os filhos de santo, juntamente com seus guias espirituais, tem de lidar com esses “espíritos obsessores” que margeiam o terreiro, muitas vezes incorporando em algum filho de santo, prejudicando a execução dos rituais, causando alvoroço e empecilho nas atividades de desenvolvimento espiritual, incluindo algum tipo de transtorno na saúde do filho de santo.

Assim se presume que, é nesse momento que os conselhos de Seu Manoel Légua, do pai de santo e das demais entidades se fazem presentes como forma de alerta e cuidado para os filhos de santo estar em vigília, sabendo por onde anda os horários, e sempre pedindo proteção em seus trajetos às entidades da linha branca, para que não sejam “pegas” por

nenhum “encosto”. Nos relatos colhidos pelos filhos de santo do campo pesquisado, pude compreender a questão do sentir-se bem e saudável, a partir da influência benfazeja das entidades protetoras desses sujeitos, onde por meio dessa aliança, já iniciada no período de entrada no terreiro, participando dos rituais, vai se fortalecendo com o tempo de preparação e assiduidade nas atividades do terreiro.

Antes de adentrarem ao terreiro, alguns filhos de santo me informaram que sentiam um mal-estar que não era diagnosticado pela medicina clínica, acarretando em uma série de dúvidas e confusões sobre aquilo que sentiam, sem entender que isso era ocasionado pela influência das entidades espirituais que queriam trabalhar para o desenvolvimento mediúnico e os filhos de santo não compreendiam bem o que se passava. O “contra chefe” Antônio Pereira da Silva, em uma conversa informal, depois de uma noite de dança, esclareceu-me sobre seu percurso até o encontro no Cantinho de Luz. Ele me informou que sua mediunidade passou a aflorar ainda na infância, só que os espíritos pacientemente esperaram a hora certa para inicia-lo na religião.

Nesse clima de amparo e cuidado com os “irmãos de fé”, pregado constantemente nos cultos umbandistas do terreiro pesquisado, presenciando de perto o contato dos filhos de santo com as entidades incorporadas, trocando auxílios, conselhos e orientações de vida que perpassam as paredes do terreiro, e estendendo-se para o além do recinto religioso, a Umbanda no Cantinho de Luz carrega o significado de tratar o corpo e o espírito do filho de santo a base de atenção e cuidado, no intuito de elevá-lo ao caminho do equilíbrio mental para a iniciação e o prosseguimento nas atividades rituais do terreiro.

Depois de um tratamento espiritual realizado com um dos contra chefes da casa, o visitante Jorge, que é umbandista, informou-me que em casos onde o filho de santo se depara com consternações mentais, provindas de más influências espirituais, é importante a preparação com banhos de ervas para fazer a limpeza do corpo e da mente. No relato de Jorge Ferreira de Sousa, ele acrescenta que é necessário ter pensamento positivo, não se deixar entregar a energias negativas que por ventura queiram desvirtuar o médium umbandista de suas obrigações. Em sua fala, Jorge me explicou que:

*A saúde do médium está presente também na diversão, na alegria, no entretenimento. O médium tem que se entreter em alguma coisa, que não apenas a religião. O sentido não pode tá só em uma coisa. A mente se eleva quando somos agitados, quando saímos para passear, namorar, se divertir, sabe? (Entrevista realizada com Jorge Ferreira de Sousa, em 14 de março de 2018).*

Logo se conclui que, os tratamentos realizados no Centro Espírita Umbandista Cantinho de Luz são prescritos pelo pai de santo, relacionam-se com “banhos com ervas”,

“passes de cura”, restrições alimentares, “firmamento de pontos de oração”. Um caso peculiar e de grande destaque no terreiro, é a vinda das entidades caboclas para essas práticas rituais. No discurso do pai de santo, os caboclos são invocados para trazerem por meio de suas práticas espirituais a tão almejada cura aos aflitos por males que se impregnam em suas vidas, sendo diagnosticados por esses espíritos, descobrindo a procedência disso, para em seguida realizarem o processo ritual de cura. Essa vertente que liga o ritual, a entidade cabocla e o indivíduo acometido de algum transtorno se dão por intermédio de uma complexa rede de símbolos que contribuem na ação ritual. Nesse momento em que os filhos de santo se encontram no ritual um tratamento espiritual com frequência observado nas reuniões dos rituais no terreiro é o “passe de cura”.

Por isso, no Cantinho de Luz o “passe de cura” costuma ser realizado antes do ritual de “gira”. Essa prática ritual, comumente realizada no terreiro, acontece sob a ordem de seu Manoel Légua, o qual usa da “faixa do médium” para realizar o ato. O “passe de cura” se configura como uma prática ritual com função de tratamento, tendo em vista que ele tem como obtenção retirar os maus fluidos, as energias ruins, tanto dos filhos de santo quanto dos visitantes do terreiro que desejem se submeter a essa terapia curativa.



Figura 23- Seu Manoel Légua realizando passe de cura.  
Fonte: acervo do autor.

Embora considerado um rito de limpeza corpóreo-espiritual, o “passe de cura” consiste numa técnica que acopla oração e gestos de benzedura que traz benefícios tanto para quem o

realiza como para aquele que o recebe. Pai Joaquim costuma utilizá-lo na cena ritual, devido a sua contribuição em deixar os filhos de santo num estado de ânimo calmo para se prepararem para a “gira”, além de afastar maus fluidos e sentimentos negativos do corpo dos filhos de santo e demais membros do terreiro. Na cena ritual, todos os sábados no terreiro, essa prática terapêutica é requisitada em especial por algum filho de santo que, acometido de algum conflito pessoal, recorre ao pai de santo para buscar refúgio e auxílio nesse momento.

No “passe de cura”, a entidade espiritual, incorporada no pai de santo, transmite bons fluídos para o filho de santo, tendo por meta resgatá-lo de algum malefício causado por algo ou alguém que queira prejudicar sua sanidade e bem estar social. Esse procedimento é comumente realizado com as mãos da entidade, seu Manoel Légua, “incorporado” no pai de santo, ou com a faixa que compõe a “roupa de santo”, a que se realizam movimentos coordenados, estando atrelados a um saber correspondente aos preceitos umbandistas.

Esse procedimento converge com uma infinita produção de sentidos que se associa a uma experiência corporal dada pelos meios simbólicos da fala narrada e cantada - orações e cânticos-, do gesticular das mãos e dos estalos da faixa que forma a figura de uma cruz, além da concentração com pensamentos positivos por parte do filho de santo durante o processo em que se realiza o passe em seu corpo. Mas é importante frisar o que Seu Manoel Légua me informou sobre o “passe de cura”, dizendo que este só possui resultado se o filho de santo colaborar com o processo:

*Meu filho, na hora do passe tem que concentrar a atenção no tratamento e pensar na cura, por que aí afasta o que tem de ruim e o médium recupera sua saúde, daí pode entrar na gira e realizar sua função. Eu tô aqui é pra ajudar a limpar esse povo daqui, entendeu? Eu limpo de tudo que é ruim neles e levo embora o que tá atrapalhando aqui no terreiro do meu cavalo (Entrevista realizada com a entidade seu Manoel Légua, em 15 de outubro de 2018).*

Portanto, é preciso que o filho de santo limpe sua mente de pensamentos dispersantes, concentre-se no processo de “limpeza espiritual”, tranquilizando a mente e relaxando sua “crôa” para que logo mais a entidade espiritual incorporasse nele e trouxessem todos os benefícios almejados. Esse procedimento requer do praticante do “passe”, no caso o “guia chefe da casa” ou o próprio pai de santo, a emanção de boas vibrações espirituais para o receptor do “passe”, de modo que este sinta a restauração límpida de seus pensamentos e a recuperação de sua energia corporal e espiritual.

E o leve movimentar das mãos durante o “passe de cura”, presidido por seu Manoel Légua, as orações evocadas pelos demais presentes no terreiro, as mãos estendidas dos filhos

de santo em direção ao paciente e à entidade que realiza o “passe”, como também a separação de homens e mulheres no espaço do terreiro, o “banho de ervas” e as “velas acesas”. Tudo isso já direciona o filho de santo para desenvolver sua espiritualidade no terreiro, promovendo uma conjunção de elementos rituais que, unidos, incidem melhor o resultado do bem estar do filho de santo. Isso tudo leva a crer que essas práticas mantêm o filho de santo, iniciado na religião, como também aos já membros antigos do terreiro, aptos, a partir dessa purificação espiritual, para atender aos desejos das entidades<sup>51</sup>. O “passe de cura” possui um efeito mágico tanto para quem controla os poderes de cura, quanto para quem recebe essa modalidade de tratamento no terreiro.

Conforme explica Mauss (2003), a magia possui um processo de feitoria, os agentes, os atos e suas representações. No caso dos agentes mágicos, é este que detém o poder e os instrumentos para realizar o ato, já as representações mágicas são os conjuntos de ideias e crenças que sustenta o ato, sendo este denominado de rito mágico. Para um rito mágico acontecer, esclarece o autor, existem lugares específicos para ser realizado, como também existe um período do dia propício para ser efetivado, onde o agente possui um número de objetos simbólicos que são manuseados durante o ato (MAUSS, 2003).

No caso do Cantinho de Luz, o ambiente escolhido para a realização do ato ritual de “passe de cura” é o próprio espaço onde subsidia os demais rituais da noite. O principal instrumento simbólico utilizado para essa ação ritual é a “faixa do médium”. A faixa é um compromisso do filho de santo com o seu guia espiritual e também com a casa de oração-terreiro-, que faz parte. Essa faixa, explicou-me o guia chefe do Cantinho de Luz, Seu Manoel Légua de Bugi Buá da Trindade, faz parte do “paramento do médium”, o qual deve ser usado no terreiro como uma espécie de armadura que, ao mesmo tempo em que protege o indivíduo que o usa das energias negativas dos espíritos obsessores, também serve como instrumento para utilização com fins terapêuticos, a exemplo do “passe de cura”. Mesmo os visitantes recebendo o “passe de cura” não os fazem se tornar membros assíduos do terreiro, apesar de que muitos deles costumam vir com frequência para prestigiar os rituais e receber esse tipo de tratamento gratuito.

Nessas horas o que conta é o cuidado que o filho de santo possui com seu compromisso com a umbanda e os “guias” que o protege. A responsabilidade com que pai Joaquim se prontifica a cuidar dos seus filhos de santo, buscando sempre saber dos mais

---

<sup>51</sup> Segundo me relatou pai Joaquim, as entidades anseiam por essa oportunidade de retornarem e praticarem a caridade, através do cuidado que dedicam a todos aqueles que as buscam, seja para um conselho ou para resolução de um problema por intermédio de um trabalho ritual.

necessitados de um “passe”, aqueles que precisam de um cuidado especial toma como princípio básico a constante evolução espiritual que esse membro do terreiro deve possuir, destituindo dele alguma força energética espiritual que esteja atrapalhando o livre curso natural de sua mediunidade. No caso do filho de santo compromissado com seus afazeres religiosos, este vai construindo sua energia vibracional equilibrada, enquanto aquele que não segue assiduamente acaba sendo invadido por forças negativas que podem destoá-lo de sua vida.

Em outro caso por mim presenciado no terreiro, Seu Manoel Légua novamente comandava o tratamento com “passe de cura” no cenário ritual. Era mais um sábado de reunião no terreiro e depois das primeiras orações e preces dirigidas às linhas de entidades que serão homenageadas durante a noite de ritual, mais uma vez o guia do terreiro realiza o passe de cura.

Ao passo que a entidade sintonizava a vibração com o filho de santo, todos os demais presentes entravam na mesma sintonia, emanando também de cada uma das energias positivas para complementação do passe espiritual. Primeiro se deslocaram os homens, cada um indo tranquilamente em direção à entidade, para logo mais entrarem com as mulheres. O espaço mantinha-se silencioso, para que a concentração se desse no momento de interação entre a entidade e o filho de santo de maneira satisfatória.

Enfim, o “tambozeiro” foi o primeiro da noite a passar pelo processo de cura com o “passe”. Naquela ocasião, Daniel Alves do Nascimento me informou que gostava de receber o passe por que sentia uma energia extra que o fazia tocar melhor o tambor naquela noite:

*Eu toda vez que recebo o passe me sinto seguro pra tocar o tambor. Eu sinto que as coisas ruins, as energias negativas, sabe? Elas vão tudo embora com o passe. Meu padrinho ele tem o poder de aliviar nossa dor, ele expulsa o que tem de ruim quando reza com a faixa em nossa crôa (Entrevista realizada com o tambozeiro Daniel Alves do Nascimento).*

Nessa fala do filho de santo constatei o poder que o passe de cura tem para aqueles que passam pelo tratamento espiritual no terreiro. Essa prática ritual visa estabelecer o bem-estar dos filhos de santo para realização de suas atividades no ritual. Primeiro seu Manoel Légua estalava a faixa no peito do “tambozeiro”, iniciando com um movimento que formava uma cruz e finalizava com um estalo mais forte. Em seguida descia até as pernas, com o mesmo movimento, depois indo para as costas e finalizando com o estalo acima da cabeça do filho de santo. A mesma técnica foi realizada com todos os filhos de santo e visitantes presentes naquela noite, incluindo a mim, que senti uma sensação de bem estar depois de receber o “passe de cura” com aquela entidade. A sensação de bem estar é uma relação mútua



entre a entidade que realiza e a pessoa que recebe o passe.

Na medida em que cada um dos filhos de santo se aproximava, percebia que o “guia chefe” do terreiro realizava o mesmo movimento com a faixa para todos: primeiro estalava a faixa, fazendo um cruzamento nos ombros, peito e “crôa”; em seguida, posicionava o filho de santo de perfil estalando a faixa da “crôa” até os pés; e finalizava-o colocando de costas realizando os mesmos movimentos. Na minha vez, ele pediu para levantar os braços e deixar que o estalar da faixa abençoasse todo o meu corpo e a minha inteligência para que minha pesquisa fosse abençoada pelas entidades do terreiro, as quais, segundo ele me afirmou, estavam muito contentes com minha permanência no terreiro.

Apesar da atenção dada a todos os filhos de santo, naquele dia, ante do início dos rituais, duas filhas de santo, Maria do Rosário Lima 50 anos e Antônia Maria Bonfim 54 anos, dirigiram-se ao pai de santo, ambas pedindo para que ele desse uma “força” a mais naquela noite, já que estavam passando por momentos críticos naquela ocasião, e necessitavam de uma atenção redobrada. As orações que seriam dedicadas com mais atenção a essas duas filhas de santo condizem com o amparo que as entidades espirituais revelam ao líder religioso do terreiro, pai de santo Joaquim. Quando algum filho de santo da casa anda debilitado por algum problema, este já descobre previamente, por meio de Seu Manoel Légua, sendo essa entidade padrinho de todos os filhos de santo do terreiro e dedicadamente se responsabilizando pelo bem-estar de todos.

No primeiro momento, depois de realizado o passe com todos os filhos de santo, a entidade Seu Manoel Légua convoca primeiramente a filha de santo Antônia Maria Bonfim para o centro do terreiro, pedindo para que ela sente em uma cadeira branca de plástico. Nesse momento inicial a entidade realiza uma benzedura, como um passe de cura, pega a faixa e realiza um movimento circular ao redor da “crôa” de cada filha de santo. Enquanto isso, Jorge Ferreira de Sousa, visitante umbandista do terreiro, se desloca até a filha de santo com o banho de ervas.

Esse “banho” é passado nos braços e pernas da filha de santo, a qual se mantém concentrada e em silêncio em seu assento. Duas velas, uma na cor amarela e outra, vermelha, são acesas e colocadas do lado esquerdo e direito da filha de santo. Ao redor, estão todos os filhos de santo sintonizados com o rito realizado pelo guia do terreiro, de modo que ligados pela mesma energia vibratória, emanando bons pensamentos para as duas filhas de santo isso contribui em peso para o objetivo almejado. O silêncio contido naquele espaço de culto revela a concentração de todos os presentes para alcançarem juntos o restabelecimento da saúde física, espiritual e emocional das duas filhas de santo.



Figura 24- Filha de santo recebendo tratamento de cura.  
Fonte: acervo do autor.

Enquanto seu Manoel Légua fica de frente para a filha de santo, faz um “ligamento de crôa” para absorver as energias funestas que a atrapalham, para em seguida ser suspensa com outro ligamento de “crôa” com o “contra chefe” da casa, Antônio Pereira da Silva Filho, de 34 anos. Em seguida, a entidade circunda a filha de santo, realizando um “passe de cura” de frente, costas e laterais, erguendo a faixa, fazendo estalos muito fortes acima da “crôa” da filha de santo. Logo depois de feita essa prática ritual, seu Manoel Légua levanta os braços da filha de santo para mais uma vez se certificar da expulsão das energias negativas que pairam sobre seu estado energético vibracional. Depois de todo esse desdobramento da entidade no cuidado e auxílio com a filha de santo, seu Manoel Légua se desloca novamente em frente à filha, ajoelha-se e bate continência no terreiro, cruzando os braços e encerrando aquela primeira etapa de tratamento espiritual da filha de santo.

Em uma conversa informal com Antônia Maria Bonfim, logo depois de finalizado seu tratamento de cura, ela me explicava sobre o mal-estar que sentia naquele dia. A filha de santo

me mostrou um desenho que fez de uma entidade chamada Seu Zé Légua, da linha de boiadeiro. Esse era seu “guia espiritual” que a visitou em sua casa na semana em que ela sentiu um mal-estar. Aquele desenho foi resultado de uma aparição do seu “guia espiritual” em sua casa, alertando ela de algum mal que estavam fazendo para a filha de santo. Em sua fala ela deixa explícita a contribuição dos tratamentos de cura realizados no terreiro para recuperação de sua autoconfiança:

*Esse desenho eu fiz por que ele se apresentou pra mim. Eu desenho todos eles (referindo-se às entidades). Eu ando passando por problemas muito sérios e com ajuda de Deus e das entidades do meu terreiro eu vou me curar da minha saúde. Nesses períodos que a gente enfraquece é ruim, por que a gente pega tudo o que é de ruim que tiver ao redor, se apoia em você. Seu Manoel Légua fez tudo direitinho em mim, com o tratamento a gente fica fortificado e com mais confiança. É obrigação nossa se a gente tá pra baixo, chegar no pai de santo e no guia do terreiro pra avisar o que se passa. Eu busco sempre a cura aqui no terreiro, nossa mente fica mais aberta, a cada dia que passa, passando por um sofrimento, eu busco mais ainda a cura. As energias positivas estão do meu lado e eu vou conseguir sempre vencer (Entrevista realizada com a filha de santo Antônia Maria Bonfim, em 21 de novembro de 2018).*

Desse modo, a autoconfiança e o restabelecimento da saúde física e emocional da filha de santo são recuperados no momento em que se traça um cuidado rebuscado e terapêutico no terreiro, em que a entidade, guia chefe da casa, seu Manoel Légua, realiza uma intervenção curativa no espaço de culto. A filha de santo Antônia Maria Bonfim se predispõe a passar por esse tratamento visando recuperar sua saúde e afastar as demandas negativas que são enviadas por terceiros, muitas vezes desconhecidos, para que esteja apta novamente a seguir com sua vida normal.

Outra modalidade de “passe de cura” expressa no terreiro pesquisado aconteceu em um sábado do mês de setembro de 2017. Quando cheguei ao local, as primeiras preces e orações já haviam sido realizadas. Os filhos de santo estavam separados: homens do lado direito, mulheres, no esquerdo, como já é de costume. Pai de santo Joaquim explica naquele momento que será realizado um passe coletivo. Esse caso ainda não tinha presenciado no terreiro, e pedi ao pai Joaquim que me explicasse o porquê dessa expressão ritual do passe. Segundo ele:

*O passe pode ser realizado também por cada filho de santo. Eu ensino eles a realizarem o passe, aprenderem, por que tem hora que não posso tá perto e eles precisam ajudar seus irmãos. É importante que estejam concentrados, por que vão emanar bons pensamentos e energias positivas para o irmão do lado. Acontece que funciona juntando todo mundo no terreiro, vai fazendo uma roda e cada um ajuda o que tá do lado, realiza o passe com a faixa dele e assim traz harmonia pra todo mundo (Entrevista realizada com pai de santo Joaquim, em 16 de setembro de 2017).*

Sendo assim, o “passe de cura” é um elemento simbólico de extremo valor para os filhos de santo no terreiro. Ele acontece em todas as reuniões, todos os envolvidos sentem a influência dessa prática terapêutica, a qual tem como função preparar o filho de santo para os rituais que se estenderão durante a noite. A transmissão de energias que essa prática ritual realiza coaduna com o desejo de manter a união dos filhos de santo nos propósitos do ritual, além de alcançar o controle de energias negativas que estejam atrapalhando a ordem e execução dos trabalhos rituais no terreiro. Nesse dia o “passe” iniciou com o pai de santo. Quando chegou minha vez, como não possuía faixa, o filho de santo que se encontrava na minha direita, realizou em mim, pegou sua própria faixa e realizou sob todo o meu corpo. Na minha vez de realizar o passe na filha de santo do meu lado esquerdo, tomei sua faixa e fiz os movimentos que observei os demais realizarem. Esses movimentos se dividiam entre esticar a faixa dos ombros até a cintura da filha de santo, realizando o movimento em forma de cruz, finalizando com o mesmo movimento acima de sua “crôa”. A filha de santo Ana Beatriz me explicou sua experiência com o “passe de cura”:

*Quando eu recebo o passe aqui no terreiro, é por que seu Manoel Légua já sabe que tem filho dele carecendo de atenção, daí ele chama a gente e faz o procedimento. Eu quando recebo já sinto mudança, já sinto que fico mais leve, mais concentrada no ritual, eu fico sentindo um bem estar que não sentia quando chego no terreiro (Entrevista realizada com a filha de santo Ana Beatriz Viana, em 15 de outubro de 2018).*

Através dessa associação do “passe de cura” com o bem-estar resultante desse tratamento, entendi pela fala da filha de santo que os filhos de santo que passam por esses tratamentos oferecidos pelo “guia chefe” do terreiro, seu Manoel Légua, incorporado no pai de santo Joaquim, tem como principal objetivo manter os filhos de santo com sua saúde corporal e espiritual para realização dos rituais, além de manter-se mais calmo em relação às adversidades da vida. O “passe” serve para acalmar os filhos de santo diante de seus problemas.

Para Dias (2013), o passe espiritual representa uma *performance* ritual, o qual tem a meta de restabelecer o estado normal de funcionamento do corpo e da mente do sujeito. Esse passe, explica o autor, serve para expulsar o obsessor da vida do sujeito. O autor citado faz uma pesquisa importante sobre a noção de sofrimento e cura em uma tenda umbandista, observando ele que a gestualidade presente no passe de cura serve para retirar algo que esteja alojado no corpo do sujeito, causando-lhe algum tipo de distúrbio ou consternação.

Apesar de essa liderança partir do poder que o pai de santo detém, toda e qualquer

prática ritual, sendo ela diretamente investida de terapia de cura ou não, necessita da contribuição e participação de todos os presentes no terreiro, incluindo os visitantes que assistem a essas sessões, pois devem transmitir boas vibrações durante os atos rituais. Com isso, entendi pelo relato do próprio pai de santo, que as pessoas que se encontram no instante de um tratamento espiritual no terreiro, precisam emanar pensamentos positivos, fazer orações e mandar boas vibrações para o momento da terapia ritual.

De acordo com Rabelo (1993), os cultos religiosos têm dado uma nova interpretação às doenças, tornando isso uma fonte rica para as pesquisas antropológicas. O foco de análise está presente justamente na forma como o paciente é visto na prática terapêutica religiosa, onde se busca observar o sujeito em sua rede ampla de relações e no seu comportamento perante o mundo. A autora ressalta a importância do ritual como meio propiciador para restabelecer o sujeito acometido de uma doença, a partir de sua experiência no mundo.

Segundo a autora citada, o ritual analisado, enquanto uma *performance*, pode ser expresso pelos meios simbólicos que fazem parte de sua composição, sendo estes o canto e a dança, por exemplo, onde por meio deles é desenvolvida a ação ritual. A performance do ritual cria um novo cenário, com o uso de instrumentos que galvanizam uma ação extra cotidiana, na qual os participantes se veem envolvidos em um novo contexto relacional (RABELO, 1993).

Diante dos instrumentos que faz parte do “paramento mediúnico” do filho de santo, o qual destaca o pai de santo, além da vestimenta branca, pois nessa tonalidade, é comum atrair boas energias, encontra-se o “terço-guia”, o “encruzo” e a “faixa”, como já dito anteriormente. Cada um desses elementos realiza conjuntamente a performance de cura do passe espiritual, a qual o corpo agencia essa relação com o plano astral das entidades, para que esses espíritos divinizados venham promover a saúde coletiva e individual dos membros do terreiro.

Em um caso específico, do qual pude observar e acompanhar a trajetória de vida mediúnica no terreiro, a filha de santo Luciana Pereira dos Santos 43 anos, tem como “guia espiritual” dona Antônia Légua<sup>52</sup>. Aos sábados, dia em que acontece a gira de desenvolvimento mediúnico, Luciana Pereira dos Santos sempre passa pelo passe de cura, seja antes ou depois de encerrada a noite de rituais. O “contra chefe” Antônio Pereira da Silva Filho ou o pai de santo Joaquim é que fica encarregado de fazer o “passe de cura” em Maria,

---

<sup>52</sup> Essa entidade pertence à família dos Légua, da cidade de Codó, estado do Maranhão.

utilizando daquilo que denominam de “espada do médium”<sup>53</sup>. A “faixa do médium” possui poder reparador que controla os ânimos aflorados dos filhos de santo, passando pelo processo do “passe de cura”, se restabelece durante o tratamento a sua saúde.

Logo, a filha de santo Luciana Pereira dos Santos é sempre uma das mais atendidas no terreiro, devido a sua necessidade de tratamento, já que sua saúde com frequência encontra-se debilitada.

Dessa forma, o filho de santo médium, com todos os integrantes do terreiro, desde seu líder espiritual- o pai de santo-, o “tambozeiro”, os visitantes e demais filhos de santo devem emitir bons pensamentos no transcorrer do passe espiritual de cura. Quando seu Manoel Légua chega para realizar esse tipo de tratamento, pai Joaquim costumava se virar para frente do pequeno altar do espaço de culto, colocando suas mãos e braços estendidos na parede e com a cabeça curvada para baixo. Logo em seguida, entoava um “ponto” de chamamento de seu “guia espiritual”. Depois disso, nota-se que quem chegou ao terreiro foi seu Manoel Légua, tanto pela performance corporal mostrar um andar vagaroso e cambaleante, como pela sua inconfundível risada.

Aquele sinal da entidade vindo mais uma vez ao terreiro anunciava sua missão de realizar o “passe de cura” que os filhos de santo necessitavam. Em especial, naquela noite, pediu a presença da filha de santo, Luciana, na sua frente para realizar uma benzedura em seu corpo, de modo que ela se desvencilhasse das más energias que a circundava, acarretando a enxaqueca que sentia naquele momento. Como de costume no momento da sessão do “passe de cura”, seu Manoel Légua retira a “faixa do médium” de seu “cavalo”, pai Joaquim, para então realizar a benzedura em todo o corpo da filha de santo Luciana Pereira dos Santos. Os demais presentes no terreiro permaneciam com as mãos espalmadas, mandando vibrações positivas para a filha de santo que sentia uma forte dor de cabeça naquele dia e pediu para que pai Joaquim interviesse a seu favor, juntamente com o guia espiritual do terreiro.

Para o processo de cura, seu Manoel Légua pede que a filha de santo se sente em uma cadeira e permaneça de olhos fechados, concentrando suas vibrações nas energias positivas que serão transmitidas por ele durante o tratamento espiritual. Depois de colocada a faixa no pé do altar, a energia curativa estava pronta para ser transpassada no processo terapêutico do passe. O “contra chefe” pega do chão a faixa e a entrega nas mãos de seu Manoel Légua, o qual vai até o centro do terreiro para tratar a espiritualidade da filha de santo Luciana. Nessa hora, os médiuns levantaram de seus assentos e formaram um círculo de oração, enquanto seu

---

<sup>53</sup> A espada do médium se refere à faixa que compõe a indumentária sagrada dos filhos de santo, a qual é utilizada comumente para práticas terapêuticas.

Manoel Légua realizava o tratamento estalando a faixa na frente, costas e laterais da filha de santo, a qual permanecia de cabeça baixa, concentrada no tratamento.

Durante a realização e o preparo do ambiente para o tratamento de Luciana Pereira dos Santos, todos que integram o terreiro, como membros participantes dos rituais, auxiliam seu Manoel Légua para que a meta seja estabelecida. Depois de realizado o “passe”, a filha de santo me disse sentir um bem estar:

*Eu cheguei exausta, não conseguia me concentrar, a enxaqueca é forte, três dias sem dormir, com dor de cabeça forte. Quando cheguei aqui pedi ao pai Joaquim para fazer um passe em mim, por que minhas condições estavam fracas, tinha coragem de nada. Quando a gente sai de um passe a gente já nota a diferença, recupera a energia boa e o que é ruim sai (Entrevista realizada com a filha de santo Luciana Pereira dos Santos, em 15 de outubro de 2018).*

Com isso entendi que o “passe de cura” revigora o bem-estar e tranquiliza a mente para a realização dos rituais que segue no decorrer da noite no terreiro. A filha de santo Luciana Pereira dos Santos, assim como os demais, passa pelo processo de cura com o “passe” visando sempre manter equilibrado o campo energético vibracional que lida com as entidades espirituais durante a formação da “corrente espiritual” na “gira”. Assim, compreendo que para a boa execução dos trabalhos rituais no terreiro, deve-se passar por esses primeiros ritos para concentrar as forças energéticas de todos os filhos de santo, em especial aqueles que mais necessitam, ou seja, os que estejam com problemas sérios de saúde, conflitos familiares ou espirituais.

Segundo Thomas Csordas (2008) que faz um estudo a partir de uma perspectiva da corporeidade, baseada numa visão de que o corpo é o sujeito da cultura, sendo esse a “base existencial da cultura” (CSORDAS, 2008, p.102). O autor busca na teoria da corporeidade embasamento para sua pesquisa sobre linguagem ritual e cura em uma religião cristã contemporânea.

Em sua pesquisa nas sessões de cura para libertação de espíritos malignos, Csordas (2008), observa o líder religioso invocando esses espíritos para então expulsá-los dos indivíduos participantes do culto. Esse espírito maligno, descrito segundo a concepção cristã, no contexto em que o autor pesquisa, é um ser inteligente e não material, o qual mantém contato com o ser humano, de modo que o atormenta, causando-lhe algum tipo de incomodo, inclusive tomando conta de seu corpo.

Assim como a descrição feita pelo autor, o “obsessor” no contexto umbandista é um espírito que se instala próximo ao filho de santo, causando-lhe tormento e o impossibilitando

de seguir com seu desenvolvimento mediúnico. Esse espírito espera primeiro sugar boa parte do campo energético do filho de santo, conforme me explicou o pai de santo, para então incorporar e tentar liquidá-lo de vez. Todas as vezes que estive no terreiro, e algum desses espíritos obsessores se instalaram no contexto ritual, sempre alegavam que sua intenção era matar o filho de santo que estava sob domínio de sua influência.

Segundo Csordas (2008) que atenta para a questão envolvendo a cura, devendo esta ser vista como um momento em que se encontra a intensificação entre o sofrimento e a esperança de melhoria. Segundo o autor, a cura deve ser compreendida como um processo de experiência, no qual se pretenda entender tal processo a partir das práticas terapêuticas que são realizadas e atrelar à noção de doença em uma cultura específica, entendendo a partir dessa definição, quando e como a cura pode ser realizada.

Por isso, o autor expõe a ideia de que muitos tratamentos de cura tem fundamento religioso, passando pela intervenção espiritual de divindades e entidades. Para Csordas (2008), existem elementos relacionados à cura. No primeiro caso, entra o procedimento, o qual se refere a alguém que agiliza algo para outrem, podendo ser o uso de medicamentos no tratamento, orações pregadas, ou mesmo estado alterado de consciência.

No segundo caso, adentra a questão do processo – foco de análise da presente pesquisa-, que se estabelece o encontro a partir de uma experiência, com aquilo que os participantes consideram como sagrado. E por mim, a conclusão, a qual se refere à forma como os participantes avaliam sua satisfação com a cura ou à alteração de patologias e sintomas (CSORDAS, 2008). De acordo com o autor,

Os processos de cura e crescimento espiritual estão ligados porque a doença é normalmente vista como um obstáculo ao crescimento espiritual. A cura é, portanto, considerada necessária para todas as pessoas no processo de crescimento espiritual, que, por sua vez, conduz à boa saúde. O sistema de cura é holístico no sentido em que busca integrar, em princípio, todos os aspectos da pessoas, concebida como um compósito tripartite de corpo, mente e espírito (CSORDAS, 2008, p.33).

Esse conceito tripartite de pessoa, a que o autor se refere, faz uma inter-relação de cura associada ao campo físico da doença corporal, a cura do eu interior, assolado por alguma perturbação, e a doença ligada às emoções e o afastamento da influência negativa de espíritos demoníacos. A cura física contém o uso da imposição das mãos e o uso de óleos bentos com orações recitadas. No caso da cura interior, um imagético é produzido para se alcançar a cura. Na liberação, o sujeito é apartado da influência de espíritos malignos (CSORDAS, 2008).

Sendo assim, o “passe de cura” e outros tratamentos espirituais realizados no terreiro, a exemplo da prática terapêutica de “ligamento de crôa” servem para reequilibrar o emocional



dos filhos de santo, assim como manter a força espiritual e corporal para que não desvirtuem dos propósitos dos trabalhos realizados nos rituais no terreiro. O “passe de cura”, realizado com mais frequência no início da noite de ritual, serve para uma “limpeza corporal” dos filhos de santo, para que esses tenham total controle de sua participação durante a “gira”, onde o “desenvolvimento mediúnico” vai se afluando com o tempo, ou seja, o “passe de cura” ajuda nesse processo de desenvolvimento espiritual dos filhos de santo médiuns, aqueles que incorporam as entidades, como também aos “cambones”, que são auxiliares. E o tratamento de “crôa com crôa” é utilizado em momentos mais delicados, quando apenas o “passe de cura” não dá resultado satisfatório, entra-se com esse outro processo para expulsar as energias negativas que estejam atrapalhando o bem-estar dos filhos de santo.

Por fim, a análise do capítulo se deu a partir da performance do ritual de “gira”, no qual os elementos simbólicos utilizados em sua execução confluem para a manutenção dos valores e crenças nas entidades espirituais cultuadas no Cantinho de Luz. Esses elementos são simultaneamente utilizadas no cenário ritual: a dança, o canto e a música instrumental. Em um determinado momento em que esses elementos estão postos em ação, as entidades espirituais “incorporam” nos filhos de santo e realizam uma gestualidade característica dos feitos e dos mitos que giram em torno delas. São ovacionadas pelos filhos de santo, por meio dos “pontos cantados” e no movimento tradicional circular da “gira”. Assim, os filhos de santo iniciam cantando e dançando para suas divindades, para logo depois “doarem” seus corpos no momento da “incorporação” para que as entidades realizassem seus próprios passos de dança. A “gira” ao mesmo tempo que alegra e festeja a relação de gratidão e amparo dos filhos de santo com seus “guias espirituais” também ajuda no desenvolvimento espiritual dos filhos de santo, os quais seguem fortalecendo a relação com essas entidades.

#### **4 PERFORMANCE RITUAL INTER-TERREIROS: alianças e conflitos nas “festas de santo”**

As “festas de santo” são momentos especiais na vida do “povo de santo” em seus terreiros, reunindo fiéis e visitantes em celebrações que ovacionam os espíritos ancestrais das entidades umbandistas. São datas anuais específicas no elaborado calendário de atividades rituais nesses espaços de culto religioso. O cuidado que se revela com o preparo da “comida de santo”, as “roupas de santo” que são encomendadas com antecedência para o dia de festa e o cenário que decora todo o espaço em que subsidiará os rituais da noite demonstra o esforço dos membros do terreiro que subsidia a festa para realizar suas apresentações e receber os filhos de santo dos terreiros convidados. Enfim, tudo isso é preparado pelo grupo para receber os terreiros convidados, durante a festa que homenageia uma linha específica de entidades umbandistas.

Logo, a festa é a ocasião em que se reúnem mutuamente dança, música, corpo, espírito, devoção, coletivizando as experiências do ritual, de modo a estabelecer mais uma vez, agora de maneira especial, o contato com as entidades do plano astral superior. Dançar em um terreiro visitado, em dia de festa ritual, propicia ampliar a rede de sociabilidades dos filhos de santo, ao mesmo tempo em que conhece novos pontos cantados e interage na gira com outros terreiros convidados.

Neste capítulo apresento as experiências vivenciadas nas visitas que o Cantinho de Luz realizou em outros terreiros nos municípios de Altos e Pau D’arco, municípios do estado do Piauí. Ressalto a importância de se estudar o contexto das performances realizadas nas festas anuais nos terreiros, tendo em vista que a rede de contatos e interações entre esses espaços de culto se tornam amplos, possibilitando o fortalecimento das relações entre os filhos de santo. Além disso, atentei para o outro lado da questão, onde também existem situações conflituosas que geram rompimento e desagrado entre esses espaços de culto.

Diante de minhas idas ao terreiro, desde o ano de 2016, percebia que os filhos de santo recebiam instruções do pai de santo Joaquim uma ou duas semanas antes da realização de uma festa em um determinado terreiro. Essas instruções correspondiam à forma como deveriam se portar no terreiro visitado, que vestimentas utilizar, quais comidas deveriam degustar. Quando chegava o sábado onde o Cantinho de Luz se deslocaria para o terreiro que subsidiaria a “festa de santo”, todos os filhos de santo se reuniam para receberem a bênção do “guia chefe”, Seu Manoel Légua, para realizarem uma boa participação no evento. A partir disso, me interessei em presenciar esses deslocamentos aos terreiros, buscando analisar que tipo de contato se

estabelecia entre esses terreiros, a partir do “santo” que era homenageado naquela noite de festa.

Inicialmente faço uma breve discussão sobre onde se localizam os terreiros que pai Joaquim e seu povo de santo costuma visitar nessas ocasiões festivas. Logo em seguida, abordo que tipos de relações é estabelecida entre esses espaços de culto, entendendo que esses contatos são formalizados com a chegada dos terreiros visitantes para realização de performances coletivas, em que os filhos de santo desses espaços de culto unem-se em uma gira só. E finalizando, busco entender sobre as alianças e conflitos presentes nas relações entre filhos de santo dos terreiros e a influência dos espíritos obsessores que têm a finalidade de interromper suas práticas rituais.

#### **4.1 Terreiros em aliança: a relação do Cantinho de Luz com outros espaços de culto umbandista**

A cidade de Altos abriga principalmente em sua zona periférica, terreiros umbandistas, sendo todos eles liderados por mães e pais de santo, cada um tendo seus próprios filhos de santo e uma base doutrinária particular, conforme os interesses do líder religioso. No caso do Cantinho de Luz, como já referido anteriormente, este se localiza no bairro Bacurizeiro, sendo a referência de culto umbandista nessa região da cidade. O terreiro pesquisado tem como uma de suas prioridades o contato com outros terreiros, sendo essa uma forma de manter a tradição religiosa umbandista, abrindo espaço para conhecer outras maneiras de cultuar as entidades espirituais.

Sendo que, as oportunidades criadas entre os terreiros se dá a partir da realização de festas rituais que homenageiam um “orixá” ou “linha” de entidades específica. Em meio a esses eventos, o responsável por gerir a festa costuma convidar outros espaços de culto para partilharem juntos da homenagem que faz parte do calendário anual do terreiro. Tive a oportunidade de participar de várias dessas idas do povo de santo do Cantinho de Luz às festas que eram convidados, sendo uma prioridade para socializar com outros espaços de culto, criando assim a possibilidade de interagir de outras formas com outras pessoas e novos espaços de culto.

Dentre esses espaços de culto umbandista, onde o povo de santo do Cantinho de Luz mantém contato, sendo os de Altos: a Tenda de São Silvestre, localizado no bairro Triângulo; Tenda de São João Baptista, bairro Siana; Tenda de Santa Bárbara, bairro Maravilha; E o de Pau D’arco, a Tenda Umbandista de São José; Tenda de pai Cleiton, bairro Carrasco; Tenda

Nossa Senhora da Conceição, localizado no bairro Maravilha. Os terreiros citados são os espaços que o Cantinho de Luz costuma interagir nas ocasiões de festa ritual, onde escolhi alguns destes para descrever as experiências rituais que os filhos de santo perpassam a partir desse contato com as festividades. A primeira “festa de santo” escolhida para análise foi na Tenda São João Baptista, a qual fica no bairro Siana, vizinho do bairro Bacurizeiro, onde se localiza o Cantinho de Luz. O pai de santo João Batista é um velho conhecido e amigo de pai Joaquim, sempre convidando e participando das festas do seu terreiro. E a outra “festa de santo” escolhida é a festa de Oxum, no recém-inaugurado terreiro de São Jorge, localizado no município de Beneditinos.

Para o pai de santo da Tenda São José, seu José dos Santos Amorim, foi filho de santo do Cantinho de Luz, e hoje mantém contato com seu antigo pai de santo, seu Joaquim, para assim continuarem celebrando as festividades para as entidades espirituais. Esse contato entre os terreiros, principalmente no município de Altos, deve-se às amizades que são estabelecidas entre os filhos de santo, sendo que alguns costumam migrar de terreiro, e acabam ampliando a rede de contato, como também entre mães e pai de santo que se conhecem ou por serem vizinhos, como no caso de seu João Batista e pai Joaquim, ou mesmo pela própria religião que aproxima os terreiros nos períodos de festas, quando pai Joaquim em dias de festa em seu terreiro costuma ir a casa dos outros líderes religiosos de terreiro para convidá-los. Faço uma descrição sobre como se dão esses contatos e quais benefícios alcançados para a visibilidade da religião e para desenvolvimento espiritual dos filhos de santo.

Logo, as duas performances rituais realizadas em terreiros diferentes, em datas específicas, onde o terreiro Cantinho de Luz foi convidado a participar das festas rituais serão relatadas a seguir. Sendo a “festa de santo” para São Sebastião, na Tenda Umbandista de São João Baptista e a outra festa para Oxum, na Tenda de São José, localizada na cidade de Pau D’arco, estado do Piauí. Busquei fazer o relato etnográfico baseado nas relações estabelecidas entre os terreiros e observar as influências espirituais que acontecem nesses momentos de festa.

Por isso, é importante ressaltar que nessas visitas aos outros terreiros, pai de santo Joaquim sempre repassa a seus filhos de santo os modos de agirem e o quão vigilantes devem permanecer para que as adversidades presentes nesses terreiros não lhes causem algum agrave em sua saúde física e espiritual. Isso resulta no caso de algum filho de santo de outro terreiro prejudicar com palavras ofensivas, ou praticar alguma ação que vai contra as regras de bom convívio entre os terreiros. Além disso, existe a presença indesejada de “espíritos obsessores” que costumam causar conflitos, prejudicando os filhos de santo na execução dos rituais.

E estava presentes no Cantinho de Luz, o pai de santo Joaquim, seu “contra chefe” Antônio Pereira da Silva Filho, assim como alguns dos filhos de santo de seu terreiro. Dentro do espaço de culto, algumas orações foram recitadas em conjunto pelo grupo, que seguiu com a fala do pai de santo informando sobre uma visita que seria realizada naquela noite em um terreiro, no bairro Siana, localizado na zona periférica da cidade de Altos. Cada um dos filhos de santo recebeu um “passe espiritual” da entidade Seu Manoel Légua, incorporado no pai de santo. Aquele “passe” representava uma “limpeza” e ao mesmo tempo proteção para que nenhuma energia negativa de quem quer que seja no terreiro visitado se instalasse no corpo de algum de seus filhos de santo. Também foi usado o “incenso” dentro de um recipiente de alumínio para fazer uma defumação do espaço do terreiro, assim como a purificação de cada filho de santo que se deslocaria naquela noite para um outro espaço de culto. O “guia chefe” do terreiro falou sobre a precaução que se deve ter quando se visita um terreiro, sobre a ordem dos filhos de santo não “incorporarem” nesses espaços, assim como pediu a todos que andassem sempre próximos uns dos outros, para não se desgarrarem, andando sempre unidos.

Mas, a questão dos filhos de santo não incorporarem nos terreiros visitados tem a ver com o prejuízo que isso pode causar no “desenvolvimento mediúnico”, já que nesses espaços de culto, sem total conhecimento de pai Joaquim, os filhos de santo podem entrar numa “corrente negativa” durante a “gira”, “incorporar” um “espírito obsessivo” e desregular toda a “gira”, assim como causar constrangimento e deslocar o filho de santo de suas “obrigações” durante a visita.

Logo depois de realizados esses “pequenos ritos no interior do terreiro”, cada filho de santo retoma seus pertences e se desloca para a parte exterior do terreiro, no intuito de pegar seus transportes- alguns de motocicleta, outros de carro-, para chegarem ao terreiro da visita. Nos deslocamos para logo mais chegarmos ao terreiro que subsidiaria a festa ritual naquela noite. Quando chegamos ao espaço de culto da Tenda Umbandista São João Baptista, as aberturas dos trabalhos rituais já haviam se iniciado. Foram entoadas as orações e os “pontos cantados” de abertura para pedir permissão à São Sebastião, santo homenageado da noite, para que a festa fosse iniciada. As rezas iniciais começaram, assim como no Cantinho de Luz, com o Pai Nosso e Avemaria, distribuídos na reza do terço. Logo depois, o “ponto cantado” em homenagem a São Sebastião e o “ponto” “Liga as correntes” para ligamento das “correntes espirituais” dos filhos de santo que iriam “baiar” durante a noite.

Essas festas acontecem em uma data específica no calendário de cada terreiro, e os preparativos para elas acontecem com antecedência, dedicando tempo e esforço para sua elaboração, aprimorando a cada ano suas festividades. De acordo com Victor Turner (1974),

um grupo dentro de sua dinâmica coletiva propõe a realização de ritos preparatórios que ajudam na elaboração de um ritual maior. Assim, a Tenda Umbandista São João Baptista, para receber os filhos de santo dos outros terreiros no dia da festa, passou por um processo de preparação para a festa de São Sebastião naquela noite. Essa preparação acompanhava tanto a preparação da “comida de santo” para recepcioná-los, como na preparação do corredor de entrada para o terreiro, no qual passou por uma limpeza e decoração para que na chegada dos terreiros convidados, os filhos de santo formassem fila para quando fossem convocados por pai João Baptista para adentrarem no terreiro. Essa festa envolve toda a comunidade do entorno, sejam umbandistas ou não, o local estava sempre cheio e era convidativo a todos participarem.

Segundo Zenicola (2014), a festa ritual tem grande valor para a comunidade, pois envolve em sua execução “a tradição, os conhecimentos antigos e a ordem” (ZENICOLA, 2014, p.69) que traçam a execução das ações rituais na festa. A festa, no contexto umbandista, toma os envolvidos em sua elaboração numa série de tarefas, detalhes com preparo, não só evidenciando o lado estético, mas por sua intensa ligação com a tradição, que gera o elo entre passado e presente nas ações realizadas pelos seus devotos (ZENICOLA, 2014). De acordo com a autora citada,

O planejamento da festa pode ser entendido, ainda, como um estágio de preparação para o que vai acontecer. Quanto maior a organização, melhor o resultado. Tal arranjo é uma forma de se predispor à saída do mundo cotidiano para invocar outro; como uma disponibilidade para alterar a relação tempo-espço. O fiel está também aprontando-se internamente, desligando-se dos problemas cotidianos, das pequenas preocupações que o prendem neste mundo real. Dessa forma, tais providências preliminares funcionam como uma forma de ritualização e concentração para a festa que ocorrerá mais tarde (ZENICOLA, 2014, p.69).

Para uma festa na Umbanda acontecer é necessário que os filhos de santo do terreiro que subsidia o evento se comprometam a arcar com as despesas, assim como pedir permissão aos “guias” para a realização dessas atividades. Essa permissão se dá através dos pontos firmados de oração, feitos com antecedência, assim como com os pedidos feitos em suas preces para que as entidades concedam a realização da festa. Dentro da preparação da festa, a decoração do terreiro com a temática para a linha de entidade homenageada é outro grande exemplo desse tempo dedicado para o elaborado processo de feitura do ritual. No caso da Tenda São João Batista, o espaço estava todo decorado nas cores vermelho e verde. No caso do verde, como São Sebastião é associado ao orixá Oxóssi, o qual se liga às entidades da linha de caboclos indígenas, representa as matas, as florestas em si. Além dessa decoração, feita

com TNT, no teto colocaram “piscas-piscas” e contando com o altar do terreiro, com a imagem central de São Sebastião.



Figura 25- Interior da Tenda São João Batista  
Fonte: acervo do autor.



Figura 26- Imagem de São Sebastião no congá da Tenda de São João Batista.  
Fonte: acervo do autor.

Como parte desses ritos iniciais, é comum os líderes religiosos, tanto aqueles que visitarão o terreiro, como aquele que receberá seus convidados, realizar um “benzimento” e rito de purificação em cada um de seus filhos de santo, no intuito de prepará-los para a noite de ritual. No caso do Cantinho de Luz, antes do deslocamento de pai Joaquim e seus filhos de santo para o terreiro visitado na noite de uma “festa de santo”, todos passam por um “rito de purificação”. Esse “rito de purificação” é uma “limpeza espiritual”, no qual seu Manoel Légua “incorporado” em pai Joaquim realiza um “passe de cura” com a “faixa do médium” por todo o corpo do filho de santo, desde membros inferiores e superiores, frente, lados e costas, além da “crôa”. Logo após, pai Joaquim usa do “incenso” para finalizar a “limpeza”. As recomendações de pai Joaquim direcionadas aos filhos de santo estão associadas aos cuidados que devem ter no terreiro em que se visita, pois “espíritos obsessores” e pessoas com más intenções estão sempre na espreita para atrapalhar os filhos de santo. A partir dessas orientações, pai Joaquim pede que os filhos de santo se mantenham sempre próximos, a fim de protegerem uns aos outros.

Além disso, o ritual preparatório para a preparação da “comida de santo” que vai ser servida aos visitantes dos terreiros convidados. Essas comidas costumam ser preparadas na casa de Seu João Baptista, ao lado de seu terreiro, onde existe uma área reservada nos fundos para que os filhos de santo façam a refeição de maneira tranquila, para logo em seguida retornarem à festa. Os materiais são comprados pelo próprio pai de santo e preparado por duas filhas de santo da “casa de oração”. Realizar uma festa no terreiro é saber da renovação das energias espirituais do espaço de culto, assim como os filhos de santo têm a chance de renovar seus votos com as entidades, abrindo-se a uma gama de novas energias e conhecimento acumulado pela experiência na elaboração da festividade, há qual muito agrada às divindades.

Além disso, o tempo dedicado para a realização da festa também se concentra no preparo pessoal de cada filho de santo. Nas minhas visitas aos terreiros, nessas festas realizadas anualmente, percebia o cuidado e desvelo com que os filhos de santo se concentravam para usarem de sua indumentária sagrada. Alguns filhos de santo costumam inclusive comprar uma nova vestimenta, outros dedicam tempo para o cuidado com a roupa que já possuem. Independente disso é um momento privilegiado, em que se concentra em aparentar deslumbre e expressar sua satisfação em usar da melhor vestimenta que possui para suas entidades.

Com isso, todos esses elementos simbólicos se inserem no conjunto que dá seguimento à realização da festa ritual. A partir disso, faço uma descrição etnográfica da festa de São Sebastião, realizada na Tenda Umbandista São João Baptista, a qual o Cantinho de



Luz foi convidado a participar, e que tive oportunidade de vivenciar em sua completude. Em seguida, descrevo a festa de Oxum, realizada na Tenda Umbandista de São Jorge, localizada no município de Beneditinos, estado do Piauí, a qual os filhos de santo do Cantinho de Luz também receberam convite para prestigiá-la.

#### **4.2 Festa de São Sebastião, na Tenda de São João Baptista**

A “festa de santo” é um momento especial para a Tenda de São João Baptista. Essa ocasião é permeada de elementos simbólicos que coadunam com a tradição religiosa umbandista: danças, cânticos, toque de instrumentos musicais, uso de roupas e adereços rituais, comidas de santo. Enfim, uma infinidade de símbolos que ajudam a caracterizar a linha de entidades homenageada no evento que acontece uma vez no ano, criando vínculos entre os terreiros umbandistas que criam em meio a essas visitas uma aliança espiritual, a partir da prática do culto, o qual envolve principalmente a dança e a música.

Enfim, ao falar sobre a questão da prática de um culto, Émile Durkheim (1996), aponta para a construção incessante da fé, sendo essa embasada a partir de práticas integrativas que se relaciona com o efeito de manusear energias superiores que incidirão na vida do fiel. Essas práticas que o autor ressalta são realizadas de maneira repetitiva para cada vez mais estreitar o contato com essas forças superiores que o fiel busca interagir.

Embora, a realização do culto em homenagem à São Sebastião, na tenda visitada, “suscita essas impressões de alegria, de paz interior, de serenidade, de entusiasmo, que são, para o fiel, como a prova experimental de suas crenças” (DURKHEIM, 1989, p.460). O autor complementa se referindo ao culto da seguinte maneira:

O culto não é simplesmente um sistema de signos pelos quais a fé se traduz exteriormente, é o conjunto dos meios pelos quais ela se cria e se recria periodicamente. Quer consista em manobras materiais ou em operações mentais, é sempre ele que é eficaz (DURKHEIM, 1996, p.460).

E a fé que o autor cita a partir de uma construção incessante realizada por meio de mecanismos materiais e mentais que o fiel realiza em seu culto, está presente na realização da festa de São Sebastião, onde os filhos de santo usam das vestimentas, da dança e dos “pontos cantados”, como também das orações e concentração mental para cultuar as entidades espirituais que os protegem em suas vidas. Sendo assim, a festa no contexto ritual é uma forma de realizar um culto especial com meios simbólicos que possibilitem o filho de santo homenagear suas entidades.

Porém, a questão do criar e recriar a fé na realização do rito vai de encontro às práticas rituais realizadas nos cultos afro-brasileiros. Em ocasiões como uma “festa de santo”, os filhos de santo, juntamente com o pai de santo estão colocando em ação todas as suas crenças e valores, e nesse movimento de símbolos, eles vão se modificando, se adequando aos desejos e ao momento em que se realiza o ritual, sempre buscando inovar e se permitir novas experiências a partir daquela tradição religiosa. Essa tradição presente na festa da tenda visitada proporciona os filhos de santo de vários terreiros se encontrarem, dividirem entre si seus “pontos cantados”, jeitos peculiares de dançar para suas entidades, interagindo e criando uma relação de convívio e parceria no momento da festa.

Para Durkheim (1996), o sentimento coletivo de uma comunidade se dá a partir do uso de determinados símbolos que estimulam a construção das consciências individuais em uma consciência de comunhão. Como a festa ritual à São Sebastião reúne e integra os filhos de santo para partilharem de um mesmo sentimento de honra em homenagem ao orixá cultuado, os símbolos nela contida revelam esse entusiasmo dos filhos de santo, traduzidos através de “um mesmo grito, pronunciando uma mesma palavra, executando um mesmo gesto relacionado a um mesmo objeto, que eles se põe e se sentem de acordo” (DURKHEIM, 1996, p.240). Esse sentimento coletivo, nutrido pelos filhos de santo, se consuma no momento em que dançam e cantam em louvor às entidades no espaço ritual da festa.

Para que essa festa seja realizada no ambiente interior do terreiro, é importante que todos os filhos de santo da casa se comprometam em organizar o espaço, decorando e limpando para que ficasse propício para realizarem as danças e cantorias que irão embalar a noite de ritual. Quando do início da festa à São Sebastião, os filhos de santo se posicionam ao redor da “guma” para realizarem a dança do ritual de “gira”.

Quando a “festa de santo” costuma iniciar com o pai de santo do terreiro dando boas-vindas aos presentes, dirigindo-se até o altar de seu terreiro, saudando de joelhos as imagens de todas as entidades, orixás e santos que compõem seu acervo simbólico. É comum também a cada linha de entidades citada, as pessoas presentes saudarem com assobios, seguido de uma salva de palmas. O espaço interior do terreiro exalava um perfume de ervas muito agradável e tudo reluziam limpeza e organização naquele local que subsidiaria os rituais e receberia os convidados, filhos de santo de outros terreiros, juntamente com seus líderes religiosos.

Na entrada do local, no espaço da via pública que estava interditado naquele dia, havia uma caixa de som amplificada, mesas e cadeiras de plástico brancas, com alguns convidados sentados e uma mesa grande na frente da Tenda do pai de santo, com alguns aperitivos que seriam leiloados, desde frango assado, porco assado e carneiro assado, logo após a realização

dos rituais. Enquanto isso, aguardávamos no corredor que dá acesso ao terreiro, o chamado de pai João Baptista para nossa entrada no espaço de culto. O ambiente era acolhedor, já na entrada do corredor observava a decoração do espaço com TNT vermelho e verde no teto e nas paredes, como já citado anteriormente.

Nesse momento, pai João Baptista estava com o microfone em mãos, anunciando a entrada do terreiro Cantinho de Luz. O relógio marcava exatamente 20 horas, e os filhos de santo se mostravam ansiosos pela entrada, para logo participarem da “gira” que se desenrolava no cenário do terreiro. Assim como no Cantinho de Luz, quando acontecem essas ocasiões de visita a outros espaços de culto, principalmente nas festas, é importante deixar os calçados na porta de entrada, para não levar energias da rua, presas nos calçados, para dentro do terreiro. Como entramos em fila, primeiro a dos homens, seguida das mulheres, cada um dos filhos de santo cumprimentavam com um aperto de mão o pai de santo e os três “tambozeiros” do terreiro. Essa é uma forma de prestar respeito e pedir licença para adentrar ao espaço de culto de pai João Baptista.

E foi então que pai João Baptista entregou nas mãos de pai Joaquim o microfone para que este desse prosseguimento à festa. Com a chegada do Cantinho de Luz, pai de santo Joaquim entoou um “ponto cantado” que expressa as boas-vindas ao terreiro convidado:

*“Terreiro não é meu Terreiro não é meu Terreiro é do irmão meu Terreiro não é meu  
Terreiro não é meu Terreiro é do irmão meu”*  
(Ponto cantado encontrado na Tenda Umbandista de São João Batista).

Nesse momento, os filhos de santo adentraram ao espaço ritual em duas filas, uma de mulheres e outra com os homens. Pai Joaquim seguia à frente das filas se deslocando até pai João Baptista, o qual o saudou com um abraço e com a entrega do microfone para que tomasse a frente do ritual, entoando os pontos cantados. O clima no ritual, após o primeiro ponto entoado por pai Joaquim, era de entusiasmo e alegria. Filhos de santo de ambos os terreiros agora se cumprimentavam dentro da gira, dividindo espaço e interagindo com receptividade uns com os outros.



Figura 27- Congá da Tenda São João Batista.  
Fonte: acervo do autor.

Naquela ocasião, a festa ritual homenageava São Sebastião associado ao orixá Oxóssi, orixá das matas que rege as entidades caboclas cultuadas na Umbanda. Observei toda a composição do cenário: três tambores na ala esquerda do terreiro, os quais estavam acoplados em uma estrutura de cimento. Havia três “tambozeiros” contratados naquela noite para dar ritmo aos rituais. Do outro lado, na ala direita, um altar com as imagens de diversos santos católicos, mesclados com os orixás e entidades espirituais: a imagem de Padre Cícero, Menino Jesus e Nossa Senhora de Fátima lado a lado com pretos velhos, caboclos e São Cosme e Damião, além de São Sebastião, santo católico sincretizado com Oxóssi, bem no centro do altar.

No terreiro, o espaço que subsidia os rituais não possui divisória para separar os filhos de santo na “gira” e o público que os assiste. O que demarca essa divisão é o próprio limite com que o público traça para não ficar muito próximo da “gira”, de modo a não atrapalhar a execução do ato. Assim, os visitantes ficam espalhados nos quatro cantos do terreiro, dispostos próximo das paredes. Próximo ao altar, algumas cadeiras de plástico foram devidamente colocadas para as pessoas idosas sentasse e apreciasse os rituais, que se estendem durante longas horas.

Após a entrada dos filhos de santo do Cantinho de Luz, pai Joaquim abre seus pontos cantados e o “tambozeiro” de seu terreiro, Daniel Alves do Nascimento, assume um dos postos dos tambores do terreiro visitado. A partir desse momento, quem passa a reger o ritual na Tenda São João Batista é pai Joaquim, com sua voz embalada pelos “pontos cantados”.

Pai Joaquim seguiu cantando um ponto cantado para saudar a todos os presentes,

incluindo as pessoas que estavam no espaço externo ao terreiro, que por sinal ouviram a saudação com a caixa de som colocada do lado de fora. O “ponto” para saudação foi:

*“Ê boa noite, terreiro Ê boa noite, salão  
Ê boa noite, terreiro Ê boa noite, salão  
Ê boa noite o povo todo Da Virgem da Conceição”*  
(Ponto cantado encontrado na Tenda Umbandista de São João Batista).

Por isso, pai Joaquim entoa esse “ponto” para agradecer o convite recebido, carregando um sorriso inebriante em sua face, fazendo pequenos giros acompanhado de uma alegria contagiante. O “boa noite terreiro” da letra do “ponto cantado” era o momento em que pai Joaquim apertava a mão de pai João Batista, deixando claro seu agradecimento pelo convite. A satisfação do pai de santo em visitar aquele terreiro era nítida, pois ele cantava alto, dançava ao lado do altar, assim como seu “contra chefe” Antônio Pereira da Silva Filho, também segurando um microfone, embalava a noite com os cânticos que os mantivesse em conexão com os rituais naquela noite de festa. Naquele momento, dançavam ao redor da “gira” os filhos de santo do Cantinho de Luz, do terreiro São Silvestre, da mãe de santo Madrinha Catingueira, e os próprios filhos de santo da tenda visitada.

Aquele momento inicial era a forma de agradecimento, prestando homenagem ao chefe da gira, seu João Batista, que o convidou naquela noite para participar da festa. Enquanto entoavam o “ponto” de saudação ao terreiro e às pessoas presentes, pai Joaquim e seu “contra chefe” improvisavam passos de dança que consistiam em alternâncias de giros, trocando de lugar um com o outro. Esse espaço que o pai de santo utiliza para realizar seus passos fica próximo ao altar, do lado dos tambores e de frente para a “gira”, ou seja, ele tem uma visão ampla do ritual que se delineia no terreiro.

Logo em seguida, o momento consecutivo fez menção aos caboclos, entidades que eram homenageadas naquela festa. O “ponto” que abria a saudação aos caboclos está descrito abaixo:

*“Quem canta na mata é Oxóssi Quem vive na pedreira é Xangô  
A minha machadinha cortou, cortou A minha machadinha virou  
Ê viva Oxóssi Ê viva Oxóssi á  
Ê chama os caboclos na mata Que desceu pra trabalhar  
Ê viva Oxóssi Ê viva Oxóssi á  
Ê chama os caboclos na mata Que desceu pra trabalhar Embala eu, vovó  
Embala eu”*  
(Ponto cantado encontrado na Tenda Umbandista de São João Batista).

Durante a entonação desse cântico, ouviam-se gritos por parte dos filhos de santo na gira, os quais entoavam forte “Viva, Oxóssi, minha gente”. Repetiram isso quatro vezes, e

respondiam com uma salva de palmas por parte dos visitantes que observavam do lado de fora da “gira”.

Além disso, a performance presente no ritual da “Festa de santo” contava não só com os cânticos, mas a dança se delineava no centro da tenda, ao redor da “guma”, com os filhos de santo dos dois terreiros e alguns visitantes que se habilitavam a participar da roda de dança. Realizando uma performance que evocava os valores tradicionais da Umbanda, os filhos de santo ascendiam às crenças nas entidades espirituais que se revelava no fazer ritual, por meio dos “pontos cantados” que descrevia as “façanhas” das entidades homenageadas, contando a história mítica desses espíritos ancestrais. Não menos importante, os tambores eram os instrumentos que protagonizavam o ritmo da festa. Com os toques que invocam as entidades espirituais para participarem do ritual, os tambores eram tocados em cadência, demonstrando a dedicação dos “tambozeiros” em animar o terreiro com seu modo peculiar de dar agito ao espaço da festa.

Para o ritual da “festa de santo” é constituído basicamente pelo movimento circular da “gira”, que liga os filhos de santo dos terreiros numa “corrente espiritual” de energia. Na festa da Umbanda essa roda humana que compõe a “gira” está concentrada principalmente na captação de energia espiritual para seus componentes, os quais ligam suas “correntes” no instante que performam em conjunto no movimento circular anti-horário. Para participar da “gira” na festa ritual, requer dos filhos de santo empenho físico e comprometimento com o ritual, já que não se pode ausentar da “baia”, podendo quebrar a “corrente espiritual”, causando prejuízo a si e aos demais.

E na “gira” da festa de São Sebastião estavam presentes os filhos de santo de ambos os terreiros, os quais seguiam o percurso circular ao redor da “guma” no centro do espaço de culto. O percurso é custoso, tendo em vista as longas horas de dança que se delineiam no terreiro, onde as filhas e filhos de santo remexem o corpo, distribuindo energia e entusiasmo, empolgando todo o terreiro com os passos de dança que vão das batidas fortes dos pés, requebrado do quadril, principalmente das mulheres, que usam também de suas saias para dar uma visualidade mais chamativa para a “gira”. As filhas de santo circulam o espaço da “gira” com movimentos giratórios que causa um efeito em suas saias, chamando a atenção de todos os presentes, havendo inclusive uma ‘disputa’ para ver qual dança melhor, sem perder o equilíbrio. Os homens costumam movimentar os braços, com os punhos fechados, inclinando o ombro durante a entonação dos pontos cantados e gostam de observar as filhas de santo quando realizam esses movimentos com suas saias.

Enquanto isso, próximo ao altar, pai Joaquim e seu contra chefe cantavam os “pontos”

que consagravam a presença das entidades caboclas na festa daquela noite de ritual. Apesar de ser uma festa em homenagem a São Sebastião ou como é chamado no seu nome de orixá, Oxóssi, todas as linhas de entidades foram homenageadas com seus cânticos. Como foi passado por pai Joaquim, ainda no seu terreiro, é importante que os filhos de santo não incorporem nos terreiros visitados, tendo em vista que podem ser enganados na “gira” por algum “espírito obsessor” e, pensando estar incorporado com seus “guias”, na verdade surge algo que os prejudique, como um “espírito obsessor”, acarretando problemas para ele, como para o pai de santo e para todos que se encontram na “gira”. Mas quando algum filho de santo incorpora seu “guia”, esse é levado da “gira”, pelo “contra chefe”, até o pai de santo para que realizasse sua dança e logo em seguida seja suspenso.

E voltando a “gira”, a homenagem que se presta às entidades dura a noite inteira, estendendo-se até às 6 horas da manhã, como me falaram duas filhas de santo do terreiro de Seu João Batista. No caso, não fiquei até esse horário, despedindo-me junto com os filhos de santo do Cantinho de Luz, os quais permaneceram até uma hora da manhã. Uma das filhas de santo destacou a importância da data e sua jornada durante aquela noite

*Eu cheguei cedo aqui pra fazer a limpeza do terreiro e poder decorar o lugar aqui. Assim, eu tô aqui há cinco anos e toda vez que faço e participo da festa de Oxóssi mais eu fico grata, por que é um orixá que me protege e me ajuda pra tudo na minha vida. Então essa festa é prova de agradecer pelas coisas que ele faz pra gente, e eu venho dançar é pra isso, pra agradecer e homenagear ele, por que ele tá lá olhando a gente prestigiar ele (Entrevista realizada com uma filha de santo da Tenda Umbandista de São João Batista).*

Nessa fala, a filha de santo alega que São Sebastião está presente na festa, supervisionando o comportamento de todos os presentes no terreiro e que sempre fica contente por que sabe que os filhos de santo da tenda se esforçaram para fazer o melhor na realização da festa. E a forma de prestigiar o orixá, segundo a filha de santo, vem por meio das danças e cânticos que reverenciam a presença honrosa e divina dele.

Nessa data festiva, o ritual se concentra apenas no canto, ritmado pelo tambor e as danças, sem haver qualquer tipo de consulta com as entidades espirituais. A tenda estava lotada, em todas as extremidades do terreiro existia um aglomerado de pessoas para observar a festa que apresentava o acervo de cânticos e danças dos terreiros ali presentes. Depois de tanto tempo observando de longe, boa parte dessas pessoas saíram para socializar na parte externa do terreiro, o que possibilitou uma melhor visão do ritual, onde consegui ter uma visão mais ampla do que acontecia naquela ocasião. Mesmo com as pessoas se deslocando para o espaço exterior, elas não ficavam por fora do que acontecia no interior do terreiro,

tendo em vista que a caixa amplificadora, estrategicamente colocada na entrada do terreiro, servia para situar as pessoas dos pontos cantados que eram entoados no ritual.

Além do uso dos “pontos cantados” e dos tambores que dava o ritmo das danças, o uso do triângulo e do chocalho fechava o conjunto de instrumentos musicais que dava uma sonoridade toda especial para a festa ritual. Ao passo que os tambores tocavam, o acompanhamento se dava através do triângulo e do chocalho, dando um ritmo especial para a dança, estimulando mais ainda os filhos de santo na “gira”. Percebo que na dança há uma diferença quando esses dois instrumentos musicais complementam a sonoridade no ritual, pois os filhos de santo dançam com mais entusiasmo. Com o som do chocalho, as filhas de santo remexem suas saias, levantando e rodando com mais agito.

De um lado se viam os tocadores dos instrumentos musicais, suados, entregando-se com toda a energia de seus corpos àquela vibração emanada pelo toque do instrumento musical, do outro, o pai de santo com seus “contra chefes”, cantando vociferantes às entidades e o povo de santo dançando com entusiasmo, saias sobressaltadas, braços estendidos, aplaudindo alto pela noite de festa naquele terreiro, todos compartilhando da mesma fé, dividindo um espaço em comum acordo. Observei que até os tocadores de instrumentos improvisavam uma dança, tamanha a vontade de se envolverem com os rituais, apresentando um gingado nos ombros, onde inclinavam o tronco para direita, depois para a esquerda, de uma maneira sequencial. Os sorrisos e trocas de olhares, além do suor espalhado por todo o corpo mostrava a intensidade de toda a manifestação ritual no mesmo espaço de culto.

Portanto, a coletividade da “gira” na festa de São João Batista se baseou no compartilhamento dos terreiros, os quais similarmente compunham seu acervo de “pontos cantados” e danças para interagir não mais apenas com seus pares, mas abrindo a possibilidade de contato com os filhos de santo do terreiro São Silvestre e do Cantinho de Luz. Aquela festa aproximava os terreiros da cidade de Altos para compartilharem um lugar comum, interagindo com os “pontos”, toques e danças, em prol da conectividade entre os líderes religiosos e os filhos de santo de todos os terreiros convidados naquela noite.

Enquanto pai Joaquim entoava os “pontos” para caboclos, a “gira” arrancava as emoções mais prazerosas dos filhos de santo que respondia ao pé da letra os versos desses “pontos”, mostrando sorrisos, gargalhadas, salva de palmas durante a mudança de um cântico para o outro. Tudo isso refletia o prazer que os filhos de santo possuíam em compartilhar de suas crenças e valores naquele momento de interação. Foi quando entoando o “ponto” para Cabocla Jacira, a filha de santo Ana Beatriz Viana não resistiu e incorporou sua guia, a qual foi levada pelo “contra chefe” Antônio Pereira da Silva Filho até próximo de pai Joaquim, para que ele supervisionasse a incorporação.



Depois do “contra chefe” direcionar a filha de santo até próximo de pai Joaquim, a entidade Jacira, incorporada, realiza mais uma vez sua dança de consagração. Os passos de dança foram contidos, dividindo-se em movimentos leves dos pés e pernas inclinadas, a coluna curvada e o braço batendo forte no peito. As pessoas próximas ao altar observavam o delineamento da dança dessa cabocla, enquanto seu ponto era entoado pelo pai de santo. Durante toda a realização de sua dança, cabocla Jacira manteve-se em equilíbrio, deslocando pouco do lugar em que se encontrava, realizando seus passos de dança de maneira discreta, onde pai Joaquim a amparava no momento em que estendia seu braço sob o corpo do cavalo.

Ao mesmo tempo em que pai Joaquim continuava entoando o “ponto”, uma de suas mãos se estendia sobre a filha de santo incorporada, sendo que sua entidade foi suspensa de seu corpo pelo contra chefe, logo após o encerramento do “ponto” em sua homenagem. No decorrer da gira para caboclos, outros dois filhos de santo do Cantinho de Luz incorporaram seus caboclos, também dançando próximo de pai Joaquim, os quais foram deslocados da “gira” no momento em que houve a incorporação. Percebi que nenhum filho de santo do terreiro de Seu João Baptista havia incorporado, permanecendo intactos a essa influência espiritual. Dançavam alegremente na “gira”, cantando juntamente com pai Joaquim e seguindo o ritmo dos tambores que dava o modelo de expressão de suas danças: movimentos flexionados dos joelhos, batidas fortes dos pés no chão, gingado da cintura e movimentos dos braços levantados. Assim, a festa tomava impulso com todo o conjunto simbólico de elementos que a constitui no terreiro.

Dessa forma, é importante destacar que durante toda a realização da festa ritual, observa-se os elementos performáticos acoplados, quando no toque dos tambores, a dança é expressão dos corpos e as vozes unidas no canto marcam os versos dos pontos cantados. Se esses elementos compõem a performance no contexto da festa ritual é por que:

Performances reúnem suas energias quase como se o tempo e o ritmo fosse coisas concretas, físicas, flexíveis. Tempo e ritmo podem ser usados do mesmo modo que texto, objetos cênicos, fantasias, e os corpos dos performers e audiência. Uma grande performance modula intervalos de som e silêncio, a densidade crescente e decrescente de eventos temporal, especial, emocional e cinestésicamente. Estes elementos estão costurados em um padrão aparentemente inevitável e complicado (embora percebido como simples) (SCHECHNER, 2011, p.218).

Para o autor referido acima, a dança segue o ritmo efervescente dos tambores e dos pontos cantados, traçando um tempo e espaço compartilhados pelos filhos de santo de ambos os terreiros, onde se juntam em nome das entidades caboclas prestigiadas naquela noite.

Apesar da empolgação e da data comemorativa despertar maior interesse em todos os presentes, a roda continha passos vagarosos, devido à quantidade grande de pessoas que se predispunham a dançar, principalmente por que os visitantes se sentiam à vontade para integrá-la.

Esse uso simultâneo de elementos rituais proporciona a condução da festa, gerando a ligação entre o plano terrestre e o astral superior das entidades umbandistas. Cantar e dançar para a entidade proporciona sua presença no terreiro, pois seu nome é invocado no ponto cantado, trazendo-a mais uma vez para se apresentar no espaço de culto. A gestualidade atrelada à dança da entidade revela uma função específica. “Limpar” o terreiro de energias vibracionais negativas, purificar o corpo do filho de santo, dançar contando pelo gestual sua narrativa mítica. Isso é o que possibilita a expressividade da performance das entidades tomarem ritmo no contexto da festa, pois ao mesmo tempo que os filhos de santo celebram e se divertem com a ocasião, também as entidades vêm para realizarem seus feitos rituais.

Embora o ritual realizado em uma festa para uma linha de entidade específica, como exemplo da festa de São Sebastião, a qual os caboclos são homenageados com mais afinco, é algo que possui uma amplitude maior do que o ritual de gira para desenvolvimento espiritual dos médiuns de um terreiro. No caso da festa, as pessoas que não são da casa, mas visitam com frequência, têm a liberdade de participar da roda de dança, ficando mais à vontade nessas ocasiões celebratórias. É nessa celebração, aberta ao grande público, que a roda vai tomando proporções maiores no centro do terreiro. Pessoas que em um determinado momento, invadidas pela vibração emanada pelos tambores e cânticos, se deslocam para participar da dança junto aos filhos de santo.

Como em toda festa de entidade realizada em um terreiro, o convite é estendido para outros espaços de culto. Depois da participação de pai Joaquim com os “pontos cantados”, mais um terreiro formava fila na entrada. Foi quando a Tenda Umbandista São Silvestre, com sua mãe de santo Madrinha Catingueira e o “contra chefe” Antônio Domingos de Sousa<sup>54</sup>, 36 anos, chegaram para dar sua contribuição com os pontos cantados. O procedimento foi o mesmo, com pai Joaquim devolvendo em mãos o microfone para pai João Batista e este, em seguida, entregando para o “contra chefe” Antônio Domingos de Sousa que já iniciou os pontos cantados para as entidades caboclas.

Em uma conversa informal com o pai de santo João Batista, indaguei-o sobre o valor daquela festa para seu terreiro e o que o motivava a convidar esses outros espaços de culto para aquele evento. Segundo ele,

---

<sup>54</sup> O nome utilizado é fictício, já que o filho de santo optou por preservar sua identidade.

*A festa de Oxóssi, assim como as outras que eu faço aqui, eu penso é nas entidades que protegem meu terreiro e a vida dos meus filhos de santo, então essa é minha forma de retribuir. Mas eu gosto de tudo com responsabilidade, por que tem gente que chega aqui é pra atrapalhar. Já vem com espírito ruim encostado e traz o pior pra cá pra dentro. Isso prejudica a festa, sabe? Mas mesmo assim eu faço, por que é minha gratidão e eu também mantenho contato com os outros terreiros, aprendo algum ponto novo e adoro ver o pessoal que vem visitar dançando na minha tenda (Entrevista realizada com o pai de santo João Batista).*

Nessa fala observei a descrição de boa parte das situações que se delineiam durante o evento da festa. Pai João Batista demonstra seu fascínio em realizar a festa, como forma de agradecimento pelas entidades, assim como também é uma maneira de estreitar os laços com os pais e mães de santo de outros terreiros. Isso se dá a partir do momento em que o convite é aceito e uma parte do tempo da festa é reservada para que a mãe de santo ou o pai de santo visitante recitem seus pontos cantados e seus filhos de santo possam dançar.

No período em que pai Joaquim permaneceu cantando os “pontos” para as entidades, ficando em torno de meia hora, ele prestou homenagem para linha de caboclos, Léguas, povo d’água e pretos velhos. É importante que os filhos de santo permaneçam na gira até o momento em que pai Joaquim finaliza os pontos cantados, de modo que encerrando sua primeira participação, estes podem se deslocar para a residência de pai João Baptista, para fazerem a refeição, descansarem e novamente retomarem a gira com os demais filhos de santo, quando forem novamente chamados pelo líder do terreiro.

Depois desse intervalo, pai Joaquim e seus filhos de santo retornam para o espaço de culto. Dessa vez, todos integram a roda de dança, incluindo pai Joaquim, tendo exatamente agora três terreiros realizando o ritual no espaço de culto. A performance possibilita àqueles que faz parte do terreiro, realizar um ato que visa desenvolver suas habilidades na dança, no canto e no toque dos instrumentos, cada um praticando aquilo que lhe é designado.

Conforme explica Schechner (2011), os performers em meio a uma dança de transe- e os espectadores também-, são como que modificados pela ação da performance que realizam. A ação presente no ato performático, pontua o autor, estabelece um ponto de contato com uma variedade de alternativas, onde o performer pode exercer sua potencialidade por completo.

Conforme aponta Schechner (2011), a rotina comum da vida cotidiana possui uma predestinação, em que as circunstâncias da vida estão ligadas a um destino onde as pessoas devem ser designadas a cumpri-lo. No entanto, a “consciência performática” (SCHECHNER, 2011, p.215), possibilita o homem quebrar esse espectro da rotina, pois a modalidade de vida ligada à ação performática, abre um mundo de possibilidades de experiência potencial atrelada ao desenvolvimento criativo.

Já na “festa de santo” na tenda visitada, a dança atraía não só aqueles que permaneciam na “gira”, como também os visitantes, que observavam e alguns inclusive improvisavam passos de dança. Conseguia perceber como a energia contagiante dos filhos de santo na “gira” emanava para os espectadores. A performance ritual da “gira”, no contexto da festividade à São Sebastião, demonstra o contato dos participantes com uma experiência ritual onde podem expressar seus sentimentos e unirem-se pelo mesmo propósito de saudar as entidades umbandistas.

Sendo assim, a capacidade que aqueles filhos de santo possuem de anular qualquer interferência externa em seus rituais é algo demasiado notório. A alegria contagiante de seus passos, o ensurdecido toque dos tambores e os gritos e palmas àqueles “pontos cantados” geram um mundo novo ao povo de santo, pois as entregas que dão àquela festividade os fazem anularem suas vidas corriqueiras e aproveitarem o máximo que a festa tem a oferecer. Em uma conversa informal com a filha de santo Ana Beatriz Viana, ela me explicava sobre o sentido do ponto cantado e da dança na festa de São Sebastião. Segundo ela, esses dois elementos utilizados são formas de oração dirigidas às entidades, e no caso da festa específica, homenageia-se principalmente o “santo” cultuado naquela noite por meio das danças.

Em meio à execução da dança naquele espaço da tenda, com os filhos de santo girando e se movimentando cada vez mais, percebi um filho de santo reclamando de algo, retirando-se da gira e sentando em uma cadeira, próximo ao altar. Ele havia pisado em uma bagana de cigarro, jogada propositalmente no meio do espaço onde a gira se realizava. Aquilo era um indício de desagrado por parte de quem jogou não aceitar ou não respeitar a presença de outros filhos de santo no interior do espaço de culto da tenda. A bagana de cigarro e o cuspe eram dois elementos que decifravam situações que geravam conflito no momento em que a festa estava acontecendo.

Após o fato, conversando com o “contra chefe” do Cantinho de Luz, Antônio Pereira da Silva Filho, sobre o ocorrido, ele me explicou que a bagana de cigarro e o cuspe são situações embaraçosas, pois demonstram que alguém quer prejudicar os rituais, os momentos de dança na ocasião da festa. Quando alguém joga a bagana de cigarro no chão, sua intenção é que outra pessoa pise e se queime. Com isso, a pessoa que sofreu a lesão não conseguirá se manter na “gira” e de alguma forma desconcentrará os demais participantes, já que a saída repentina de alguém acarreta na desconcentração da “corrente” mediúnica. Sem conseguir se manter na “gira”, o filho de santo com o pé queimado se sente mal e constrangido com o ocorrido, e muitas vezes fica sem saber quem jogou a bagana, tendo em vista que são muitas

as pessoas que estão no ritual e no entorno fumando.

Em se tratando de conflitos como esse, presentes em um terreiro umbandista, a autora Yvonne Maggie (1977) em sua pesquisa num terreiro umbandista, na cidade do Rio de Janeiro, constatou que um “drama” foi gerado entre os religiosos, desde a abertura até o fechamento do espaço de culto. A autora trata do termo simbólico “demanda” para explicar a relação de perigo entre terreiros vizinhos e filhos de santo que mudam de um terreiro e passam a integrar um novo. A análise recai sobre a geração dos conflitos, desestabilizando a relação entre a mãe de santo e os filhos de santo, onde a mãe de santo considerada “louca” foi expulsa do terreiro, sendo extirpado todo o “mal” do espaço de culto.

No caso das visitas aos terreiros, como na festa de São Sebastião, na Tenda São João Batista, o “mal” estava entre os filhos de santo da “gira”, pois havia uma disputa para saber quem mais dançava. Não se sabia quem jogava a bagana de cigarro e quem cuspiam, já que eram muitos que estavam na “gira”. No entanto, a intenção era a mesma: desestabilizar o filho de santo que pisasse no cuspe ou no cigarro, fazendo-o sair do ritual.

Assim, o que seria uma performance de união coletiva, com todos os filhos de santo homenageando as entidades e unidos na mesma “corrente espiritual”, gera um rompimento brusco, pois o ato de jogar o cigarro no chão, ou o cuspe espalhado no chão, acarretam em prejuízo para o desenvolvimento espiritual dos demais filhos de santo, já que esses pequenos imprevistos desconcentram e prejudicam a “corrente espiritual”. Quando os filhos de santo se reúnem para celebrar em uma data especial, como na festa de São Sebastião, é de interesse comum que os rituais sigam da maneira planejada, sem qualquer tipo de interferência negativa. Isso se explica também o fato de sempre ter seguranças contratados, justamente para que pessoas alcoolizadas não estraguem o curso natural dos rituais da noite. Além disso, existem ocorrências de pequenos imprevistos entre os filhos de santo dos terreiros, às vezes por desavenças e antipatias, alguns acabam estragando o decurso do ritual, usando de artifícios para prejudicar o colega ao lado.

Da mesma maneira que o cigarro jogado no chão causa esses constrangimentos à performance ritual, também aqueles que cospem no chão, o fazem propositalmente, na mesma intenção de atrapalhar a execução da “gira”.

Em um dado momento em que o ritual se delineava no terreiro, e muitos visitantes circundavam as laterais do terreiro para prestigiar os cânticos e danças, um filho de santo do Cantinho de Luz reclamou de uma bagana de cigarro, o qual foi pisado por ele, sentindo um incômodo e saindo em seguida da “gira”, sentando em uma cadeira e sendo auxiliado pelas pessoas próximas. Logo depois de descansado um período de tempo, o filho de santo retorna à

gira, ainda com o pé machucado, caminhando lento. Ninguém descobriu quem foi o responsável pelo ocorrido, mas as atividades rituais não foram interrompidas.

E uma cena também me chamou atenção naquela festa na Tenda de São Sebastião, na qual duas pessoas alcoolizadas adentraram o terreiro e estavam gritando e passando próximo da “gira” empurrando os filhos de santo. Esse fato foi explicado por pai Joaquim, o qual me disse que a influência do álcool causa a proximidade de “espíritos obsessores” que desejam prejudicar os rituais e usam dessas pessoas vulneráveis ao álcool para acarretar uma série de desavenças no cenário ritual. Essas duas pessoas depois de causarem algazarra, foram expulsas por pai João Batista, o qual mandou um segurança levá-los para fora do terreiro.

Com essa experiência da “festa de santo” na Tenda Umbandista de São João Batista observei que existe uma relação de aliança entre terreiros da cidade de Altos, estando presente o Cantinho de Luz e São Silvestre. Os filhos de santo dos três terreiros, incluindo o de São João Batista, reproduzem o sentimento comum de devoção às entidades espirituais, destacando o santo homenageado da noite, São Sebastião, para que todos os participantes e envolvidos na festa agradeçam pelos pedidos concedidos, dancem para as entidades e cantem com fervor. Além dessa parceria, também inevitavelmente os conflitos fizeram parte daquela festa, onde pessoas tanto da religião umbandista, como fora dela, causaram constrangimentos, realizando pequenos atos que fogem às normas de bom convívio no terreiro: primeiro, jogar bagana de cigarro próximo à “gira” tem como objetivo real causar um acidente em algum filho de santo, tendo em vista que todos aqueles que participam da “gira” dançam descalços; no outro caso, o cuspe no chão causa aversão também, já que esses filhos de santo dançam descalços. Entendi que apesar dessas fatalidades, o predomínio é um clima amistoso, de cumplicidade e interação entre os terreiros, sendo esse o principal motivo da realização de uma “festa de santo”, é proporcionar aos filhos de santo devotos um dia especial, com comidas, bebidas, convidados novos, um dia de saudação às entidades espirituais.

#### **4.3 Festa de Mãe Oxum das Cachoeiras, na Tenda Umbandista de São José, em Pau D’arco do Piauí**

Para realizar uma festa em homenagem a um orixá ou linha de entidades, é a melhor maneira que o povo de santo de um terreiro encontra para agradecer pelas graças alcançadas, tanto as concedidas pelos filhos de santo, como as dos clientes e do próprio pai ou mãe de santo. A festa em si reluz uma ocasião especial, onde os mesmos elementos simbólicos que acompanham o povo de santo em suas atividades rituais corriqueiras costumam ser utilizados

novamente, como a dança, os cânticos, a roupa de santo, só que dessa vez com um toque especial. Quem encabeça os preparativos da festa é o líder religioso do terreiro, o qual se embasa em uma data específica, condizente com o dia do ano que celebra uma linha de entidades específica.

Dessa forma, é comum que nessas datas anuais, o pai ou mãe de santo do terreiro que realiza a festa estender o convite para outros terreiros umbandistas, sendo uma ocasião importante para manter contato com outros espaços de culto, criando um vínculo entre esses líderes religiosos. Em meio aos rituais, é parte do evento dar um tempo para que cada terreiro apresente seus pontos cantados, colocando os filhos de santo para dançarem juntos na mesma roda da gira.

Sendo assim, o Cantinho de Luz ao longo do tempo em que estive próximo, interagindo com os filhos de santo, buscando aprofundar na relação que estabeleciam com os demais terreiros umbandistas, notei o tanto de prestígio que pai Joaquim e seus filhos de santo possuem, já que sempre são convidados a participar das festas em outros espaços de culto.

Exemplo disso aconteceu na festa de Oxum, na Tenda de São José representando um momento de reunião e compartilhamento dos princípios religiosos que instauram um tempo especial para aclamação das entidades espirituais.

E a festa realizada homenageou Oxum, a orixá regente do pai de santo do terreiro, Seu José dos Santos Amorim, ex-filho de santo, do Cantinho de Luz. O convite foi feito por ele a Pai Joaquim para inauguração de seu terreiro, onde por consideração ao seu antigo pai de santo essa foi uma forma de agradecimento e reconhecimento de seu valor. Quando um terreiro é inaugurado, como me falava o “contra chefe” Antônio Pereira da Silva Filho, é sempre comum que o líder religioso realize uma festa de abertura, sendo homenageado o “guia regente da crôa” do pai ou mãe de santo. Como me explicou o pai de santo Seu José dos Santos Amorim, Oxum é sua orixá regente, sua “guia espiritual”, e que a inauguração do terreiro passaria por uma “festa de santo” em homenagem a essa divindade.

E no decorrer do percurso que seguiu do bairro Bacurizeiro, no município de Altos até o povoado na cidade de Pau D’arco, chegamos a uma estrada de terra, avistei de longe um conglomerado de pessoas e o som dos tambores rufava de longe, e as luzes de velas que clareavam a tenda visitada naquela noite do mês de setembro do ano de 2018. Era a Tenda de São José, liderada pelo pai de santo Seu José dos Santos Amorim, como é conhecido entre os populares, e é sobre essa experiência no terreiro visitado que descrevo abaixo o que presenciei nesse contato, a partir da inauguração de seu espaço de culto, com a “festa de santo” para Oxum. Nesse dia contavam dez filhos de santo do Cantinho de Luz que se dividiram em dois carros para deslocamento até a Tenda de São José.

Assim, chegando ao espaço ritual em que a festa já se delineava com os filhos de santo da casa, os membros do Cantinho de Luz se dispuseram a recitar uma oração especial, premeditada pelo pai de santo Joaquim, para introduzi-los no terreiro visitado. Logo após, como hábito de um terreiro convidado para uma festa, formou-se uma fila de homens e outra, de mulheres, ambos os filhos de santo. Com isso, seguiram em direção ao espaço de culto, cumprimentando tanto os filhos de santo que se encontravam na “gira”, como ao pai de santo do terreiro, seu José dos Santos Amorim. Percebi próximo à entrada, os resquícios de uma chama de fogueira que haviam acendido para dar melhor sonoridade aos tambores do terreiro. Eram três os tambores que davam o ritmo naquela noite aos “pontos cantados”.

Para as primeiras impressões daquele terreiro, recém-inaugurado, fizeram-me observar toda a composição do cenário de seu espaço carregado de significado simbólico. Um terreiro simples, de estrutura rústica, composto de colunas de madeira e teto de palha, trazia a atmosfera dos recantos tradicionais dos terreiros antigos, como ainda eram realizados os rituais em meio às matas, resgatando as forças da natureza, próximo aos animais e às plantas. Apenas no interior do terreiro havia a iluminação com as velas, sendo que ao seu redor a escuridão tomava de conta de todo o espaço. Seu terreiro possui uma estrutura ampla e contém um altar com as esculturas que representam suas entidades e orixás.

Nesse altar, estão divididas em três mesas as esculturas para as linhas de entidades espirituais: a primeira mesa contém imagens de pretos velhos e povo d’água; a segunda, com as entidades da família de Léguas, caboclos e erês; e por fim, as esculturas das Pombas giras e Exus. Do lado direito do terreiro havia uma cobertura de plástico, na cor preta; já no canto esquerdo, este era aberto, justamente para dar acesso a um pequeno barraco onde as comidas de santo eram servidas para as pessoas presentes.

E Seu José dos Santos Amorim, pai de santo da Tenda Umbandista de São José, falou-me sobre a estrutura de seu terreiro e o seu desejo de permanecer com o que os terreiros umbandistas guarda em sua essência: o chão de terra bruto. Em uma conversa informal, em uma ocasião posterior àquela festa, o pai de santo me explicou que por mais sofisticação que alguns terreiros queiram adotar nos dias de hoje, sendo construídos na zona urbana e se adequando a objetos e modelos envolvendo tecnologia e sofisticação, ele preferiu optar por construir o seu espaço de culto em meio à natureza, nas matas, para atrair melhor a energia dos orixás e entidades, com materiais rústicos e simples, extraídos também dessa natureza que ele tanto contempla. Além disso, o chão de terra é melhor para se absorver as energias espirituais das entidades, por isso seu terreiro possui tal estrutura, de significado simbólico e religioso para seu povo de santo.



Esse espaço ritual, onde o pai de santo descreve sua familiaridade com a tradição dos terreiros, exemplifica a consumação da fé nas entidades espirituais, a partir do conjunto de elementos simbólicos que são do seu agrado. O chão de terra, a palha e a madeira na estrutura, o ambiente natural das árvores e da mata ao redor, a luz das velas que ilumina o ambiente, tudo isso converge para a proximidade dos espíritos ancestrais que foi louvado durante a festa no terreiro. Entendendo que através da fala do pai de santo e de sua receptividade e atenção aos terreiros que visitam seu espaço de culto, a estrutura física e simbólica revela sua força espiritual.

Já na entrada do pai de santo Joaquim, juntamente com seus filhos de santo, os microfones são entregues para que ele siga com a entonação dos pontos cantados. Seus filhos de santo já se dirigem à gira, contendo os filhos de santo da tenda visitada, fazendo com que a roda tome maior amplitude naquele grande espaço do terreiro. A felicidade do pai de santo seu José dos Santos Amorim era grande, já que aquela festa era a inauguração de seu terreiro, celebrando com seus filhos de santo e com os terreiros convidados o seu espaço de culto umbandista.

Em seu espaço ritual, pai de santo Seu José dos Santos Amorim congrega o uso dos elementos performáticos canto e dança para dar consistência à festa para aquela que é a orixá de sua crôa: Mãe Oxum das Cachoeiras. Segundo me falou o pai de santo essa orixá

*Ela vem de três formas. Vem como orixá, Mãe Oxum das Cachoeiras. Ela também vem como a sereia Iara, na linha de povo d'água, e ela é a rainha das águas. Como também ela pode vir na forma de santa, a Nossa Senhora Aparecida. Elas me ajudam e me acompanham desde meu começo na umbanda e hoje estão aqui abençoando meu terreiro (Entrevista realizada com pai de santo José dos Santos Amorim).*

Naquele primeiro momento de observação da “gira” no espaço ritual, a presença dos filhos de santo demonstrava certa discrição. Os passos que conduziam a “gira” eram comedidos, a maioria ainda se movimentava com certa delicadeza, contida em movimentos vagarosos. No entanto, com a entrada dos filhos de santo do Cantinho de Luz, o aumento da roda e o contágio dos tambores que aumentava o ritmo com a entonação dos pontos cantados por pai Joaquim, o cenário recebeu uma nova energia, em que os passos de dança surgiram com mais empolgação e rapidez. Vi as filhas de santo da Tenda de São José vestidas com suas longas saias vislumbrar uma dança envolvente, em que suas saias reluziam movimentos rápidos e de uma beleza inigualável. Como o espaço do terreiro é grande, uma única roda se formava incluso os filhos de santo de ambos os terreiros. Ao redor do espaço, encontravam-se

seus parentes e alguns visitantes que prestigiavam a cena ritual, a convite do pai de santo, para se unirem na roda de dança.

Enfim, a dança que se delineia na Tenda de São José é uma dança cantada, pois é imprescindível que os “pontos cantados” sejam cantados também pelos filhos de santo na “gira”, integrando-os em uma experiência que envolve o ritmo dos tambores e triângulos para alcançar a expressão corporal na dança, assim como revelarem seus “dotes” na hora de cantarem para suas entidades. Aquilo me chamou atenção, pois continha um significado não só de obrigação no ritual, mas envolvia a atmosfera de coletividade criada no instante da participação daquele povo de santo. Ao mesmo tempo em que o filho de santo dança, ele também canta o ponto que aprendeu no seu terreiro, e caso não saiba de um “ponto” específico, fica reproduzindo algumas palavras como se soubesse daquele cântico. O que importa para eles é mostrarem conforto e pertencimento no ato que realiza mostrar que domina a atividade ritual e que se dedicam à honra da festa, em nome das entidades espirituais cultuadas. Para essa homenagem dos filhos de santo se efetivar, usa de um instrumento simbólico importante para a execução do ato ritual: o tambor.

Como elemento imprescindível para a festa de Oxum, os tambores se encontram do lado esquerdo da “tenda”. São três tambores dispostos em um suporte de madeira, em que os homens responsáveis por darem ritmo a esses instrumentos ficam do lado um do outro. Como a noite é longa, e os “tambozeiros” não revezam com outros, sendo os mesmos em toda a ocasião da festa, para que se sentissem na mesma sintonia, sem perder a empolgação são colocadas estrategicamente próximas deles, garrafas de bebida alcoólica, que os manterão “acesos” durante toda a noite, como falam os filhos de santo. A performance dos “tambozeiros” é algo que chama atenção de todos os presentes, tendo em vista que esses homens não apenas tocam seu instrumento, dando ritmo à festa, mas suas energias também são emanadas por meio de suas vozes, que acompanham cantando os “pontos”, ao mesmo tempo que operam com gritos que incendeiam a “gira” de animação.

Nesse pressuposto, observando a execução do toque desses instrumentos, percebia que em um determinado momento um “tambozeiro” interrompia o toque para limpar o suor que descia de sua frente, ou para tomar um gole de bebida. Mesmo que este se ausentasse por instantes do toque, os outros dois incidiam com a mesma força o uso dos tambores que dava sonoridade aos rituais. Eles costumavam fazer pequenas pausas como essa, mas nunca se ausentavam de perto dos tambores, que só paravam de tocar os três, quando havia troca de pais de santo para entoarem os pontos, o que relativamente se dava em um intervalo de tempo muito curto.

Além desse instrumento musical que protagoniza o ritmo da festa de Oxum, estavam presentes também o chocalho e o triângulo que davam ambos maiores sonoridade ao trabalho realizado por esses homens do terreiro. Esses outros dois instrumentos musicais servem para acompanhar o ritmo que é incidido pelos tambores, servindo como complemento na sonoridade emanada por esses instrumentos musicais. Assim como os filhos de santo que realizam ao mesmo tempo suas danças e entoam os “pontos cantados”, os “tambozeiros” não só tocam o instrumento, mas detêm na ponta da língua os cânticos que permeiam a noite de festa ritual. Muitas vezes eles também emitiam sons e gritos para darem uma empolgação a mais na execução dos rituais. É o conjunto desses sons, tanto da voz que canta, quanto do instrumento que é tocado, quanto desses gritos emanados, que a dança na gira vai seguindo seu ritmo, do mais lento e espontâneo ao mais intenso e frenético rodar.

Como o ritmo influencia na roda de dança, os filhos de santo compreendem que seus passos na coreografia circular da “gira” dependem da integração entre o ritmo dos tambores, acrescentado do modo como o ponto cantado é entoado pelo pai de santo. Àqueles filhos de santo que são “cambones”, a função se divide entre a responsabilidade de cuidar dos filhos de santo médiuns e dançar na roda. Já os filhos de santo médiuns, detêm uma expressão corporal que se divide entre uma dança consciente, quando estão em plena convicção de seus passos e gestos na gira; e o momento em que cedem seus corpos para as entidades “baiarem” no ritual, já não estando mais conscientes do que realizam.

Em um momento desses, em que a música tomava forma no terreiro, com o uso dos tambores e a voz ressoante do pai de santo entonando os cânticos, e os filhos de santo dançavam efusivamente na roda da “gira”, a filha de santo Ana Beatriz Viana, do Cantinho de Luz, foi a primeira a manifestar uma entidade em sua “crôa”. Nesse caso, a entidade era Jacira, sua guia espiritual da linha de caboclos. Assim que incorporou, o “contra chefe” Antônio Pereira da Silva Filho se deslocou para pegá-la da gira e retornar para aonde estava, próximo do pai de santo. Enquanto entoava o “ponto” para a cabocla Jacira, a dança que a entidade realizava condizia com seu perfil mítico. Batia no peito com força, entoava um grito de guerra e rodava sobre o próprio eixo do corpo. Depois de realizada sua dança e do término do ponto cantado em sua homenagem, a entidade é “suspendida” do corpo da filha de santo, a qual retoma seu posto na roda da “gira”.

Na festa ritual a Oxum, a “gira” se delineia com momentos como esse, onde o filho de santo tem a oportunidade de ouvir o “ponto cantado” de seu “guia espiritual” e incorporá-lo. Sendo assim, o cântico e a dança, envolvidos no contexto da festa, como uma performance ritualizada, são acionados para transmissão do contato espiritual do filho de santo com sua

entidade “guia”. O som da música e o movimento inicial da dança na roda da “gira” proporcionam a comunicação com as entidades espirituais, tornando o filho de santo cada vez mais apto a vivenciar essa realidade religiosa em sua vida.

Esse encontro entre os terreiros, onde a Tenda de São José convidou o terreiro Cantinho de Luz, gera uma aliança entre esses espaços de culto. Essa aliança se dá devido ao ex-filho de santo do Cantinho de Luz, Seu José dos Santos Amorim, ser hoje o pai de santo da Tenda São José, e como manteve sempre contato e proximidade com os eventos realizados em seu antigo espaço de culto, não poderia ser indiferente ao povo de santo que um dia fez parte. Seu convite era a maneira de agradecer e de manter as relações que foram construídas ao longo dos anos de sua permanência no Cantinho de Luz. Hoje, sendo líder religioso, tendo seus próprios filhos de santo e seu espaço de culto, recebe os convidados para a festa de inauguração do seu terreiro. Existe aí uma rede de expansão nos contatos estabelecidos. Notei que o pai de santo Seu José dos Santos Amorim mantinha contato frequente com os filhos de santo do Cantinho de Luz, e isso ocasionava a manutenção do relacionamento que já vinha desde o início da formação do terreiro de pai Joaquim.

No entanto, sempre que o Cantinho de Luz se desloca para as visitas a esses espaços de culto que realizam festas para as entidades, a aliança firmada de parceria e companheirismo na realização dos rituais, muitas vezes gera conflitos, ocasionando em desagrado por algum acontecimento específico que acomete o delineamento do ritual. A exemplo da Festa de Oxum, com todas as saudações realizadas, pontos cantados em homenagem a todas as linhas de entidades e a comida de santo servida, uma situação ocorrida durante a realização do ritual feita por pai Joaquim e seus filhos de santo gerou uma desordem no cenário ritual da festa. Um filho de santo da Tenda de São José incorporou um “espírito obsessivo” no momento em que pai Joaquim entoava os “pontos cantados”.

No momento em que a “gira” tomava maior impulso, quando os tambores eram tocados com toda força e as vozes uníssonas entoavam os cânticos para a família de Légua, eis que um filho de santo começa a sentir um mal estar, perdendo o equilíbrio de seu corpo no momento em que participava da “gira”. Diante desse mal estar, uma filha de santo do seu terreiro estava atrás e percebeu de imediato que o filho de santo estava cambaleante. A filha de santo passou a estender os braços ao redor do filho de santo, no entanto ele veio ao chão, caindo desmaiado. Foi nesse momento que pai Joaquim entregou o microfone para seu “contra chefe”, o qual continuou com os cânticos, ao mesmo tempo em que a “gira” seguia normalmente. Pai Joaquim se desloca até o filho de santo, explicando-me que ele veio ao chão por influência de um “espírito obsessivo” que desceu em sua “crôa”.

Com o filho de santo caído no chão, se contorcendo, a “gira” ficou visivelmente desfocada, perdendo seu movimento circular natural, o qual ficou disperso exatamente onde o filho de santo estava caído, necessitando que os filhos de santo desviassem para manter a roda em movimento. Conversando com o filho de santo Moacir Odásio Carvalho, ele me explicou que essas atitudes que acontecem resultam da falta de orações, de oferendas para as entidades, assim como falta de preparo do filho de santo médium, quando se depara com as energias negativas que pairam ao redor da “gira”, sendo que, quando um filho de santo é pego por um “espírito obsessor” no meio da “gira” é resultado da falta de concentração na “corrente espiritual” que está sendo desenvolvida naquele momento. Com esse caso do filho de santo se contorcendo no chão, isso gera um conflito grave para o desenvolvimento espiritual dos filhos de santo que circulam na gira, já que quando um “espírito obsessor” incorpora em algum filho de santo, diretamente todos os participantes da “gira” ficam afetados negativamente.

Alguns filhos de santo se aproximaram para levantá-lo do chão, até que pai Joaquim colocou a “crôa” do filho de santo com a sua “crôa”, sendo essa técnica utilizada para suspender um “espírito obsessores”. A técnica consiste em aproximar a frente do filho de santo com a frente do pai de santo, estendendo os braços ao máximo no sentido horizontal. Alguns filhos de santo ficam por trás do sujeito acometido pelo “espírito obsessor”, de modo que com o impacto da suspensão do espírito, caso este venha a cair, os filhos de santo o seguram. Então, quando pai Joaquim foi socorrê-lo, logo pediu que os filhos de santo Elismar Bezerra da Cruz e Jorge Alves do Nascimento se aproximassem para ajudá-lo a “suspender”.

Com a prática de “ligamento de crôa” realizada pelo pai de santo, percebi que todo o terreiro estava preocupado com o estado que o filho de santo se encontrava. Depois do trabalho realizado pelo pai de santo, o filho de santo retoma sua posição na gira, sentindo uma tontura, o qual apoiava as mãos sob o rosto, sendo observado por duas filhas de santo do seu terreiro.

No momento em que pai Joaquim retorna para continuar a sequência dos “pontos cantados”, percebi algo estranho acontecer novamente na “gira”. Era o mesmo filho de santo que havia passado pelo processo de “suspensão” do “espírito obsessor”. Ele girava muito rápido e, como perdia o controle, esbarrava nas filhas de santo que dançava próximo dele. Foi então que a filha de santo tenta segurá-lo, mas o “espírito obsessor” já estava mais forte e mais uma vez derruba o filho de santo no chão, causando desconcentração mais uma vez dos filhos de santo no ritual. Mesmo com a “gira” seguindo com os filhos de santo rodando ao redor da “guma”, todos observavam a cena que se desenrolava do lado direito do terreiro: um filho de santo da casa incorporado com um “espírito obsessor”, sem ter controle sobre o que

acontecia. Mais uma vez pai Joaquim se habilita a ir ajudar o filho de santo, agora contando com o apoio do pai de santo Seu José dos Santos Amorim. Os dois entoaram uma oração e fizeram um “benzimento” no filho de santo, ao mesmo tempo em que dois outros filhos do Cantinho de Luz seguravam o rapaz que estava incorporado com o obsessor.

E conversando com o “contra chefe” do Cantinho de Luz, Antônio Pereira da Silva Filho, o mesmo me explicava sobre a influência desses espíritos malfazejos durante a realização de uma festa no terreiro. O “contra chefe” me explicou da seguinte forma:

*Isso ai acontece por que o terreiro ainda não foi batizado. Isso não é pra acontecer, até por que gera desgosto pra gente que vem de longe prestigiar a festa. Olha só, o filho de santo que deixa se influenciar por um espírito desse fica nesse estado ai, perde força e prejudica a corrente na gira. Traz também fama ruim pro terreiro, por que mostra desorganização e falta de compromisso do filho de santo com os rituais no terreiro. Esses espíritos querem pegar são os mais fracos mesmo, por que eles podem fazer um estrago maior, causando o que você tá vendo ai, só coisa ruim pro terreiro (Entrevista realizada com o contra chefe Antônio Pereira da Silva Filho).*

Para os motivos que o “contra chefe” do Cantinho de Luz me explicava sobre a influência dos “espíritos obsessores” na “festa de santo” condizem com a forma como eles se apresentam, incorporados nos filhos de santo, causando conflitos, destruindo o clima agradável da festa, destoando o foco dos participantes no ritual em si, para voltarem seus olhares para o episódio que aconteceu com o filho de santo que girava caído no chão. Durante a realização da “gira” na festa de Oxum, é importante que todos os filhos de santo localizados no ritual estejam concentrados mental e corporalmente na homenagem que é presidida pelos “pontos cantados”, devem por obrigação estarem concentrados nos ritmos dos instrumentos musicais. No entanto, com o filho de santo caído no chão, percebi muitos filhos de santo observando o que acontecia mais uma vez com ele.

Quando um “espírito obsessor” desce na “crôa” de um filho de santo, além de demonstrar que a sintonia entre os filhos de santo na “corrente” da “gira” não estava harmônica, gera um desregramento na execução do ritual, afastando os espíritos bons e aproximando os ruins na “corrente da gira”. Quando algum filho de santo se deixa guiar por outros pensamentos, contrários aos exigidos durante as práticas rituais, é possível que as forças energéticas dos “espíritos obsessores” causem conflito nos rituais. Esses espíritos são maliciosos, segundo o “contra chefe” Antônio Pereira da Silva. Os “obsessores” estão sempre circundando a “gira”, observando os mais desatentos, prestes a “incorporar” e causar algum desconforto no meio da realização do rito.

Apesar de esses casos acontecerem em meio a essas celebrações, os filhos de santo

guiados pelas entidades e pelos líderes religiosos conseguem contornar as adversidades, instaurando um clima de parceria e comprometimento. Esses encontros revelam a vontade e o desejo de estar junto, vivenciarem o que de melhor a Umbanda pode oferecer aos seus filhos de fé: o amor, companheirismo, proteção espiritual, e desenvolvimento mediúnico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se fundamentou na representação da dança no contexto da Umbanda, na cidade de Altos, estado do Piauí. No bairro Bacurizeiro, onde se situa o Centro Espírita Umbandista Cantinho de Luz, os filhos de santo de várias comunidades da cidade e do interior se deslocam com frequência para realizar aquilo que, segundo eles, “causa alegria”, que é dançar para o santo (as entidades espirituais).

E pensando na religião umbandista e em suas práticas de culto religioso, a representação simbólica da dança acontece devido ao seu valor e tradição, como um instrumento que capacita o desenvolvimento espiritual do filho de santo, aproximando-o de suas entidades espirituais e congregando com seu grupo a fé e celebração em comunhão coletiva.

Sendo assim, a dança ritual, no contexto celebratório no Centro Espírita Umbandista Cantinho de Luz, foi revestida de saudação às entidades espirituais que regem o terreiro, em especial foi dado ênfase nessa pesquisa aos caboclos indígenas. Esses são espíritos de indígenas que viveram no Brasil e hoje “descem” ao terreiro para apresentar por meio de sua gestualidade ancestral aquilo que lhe é designado: curar a todos aqueles que os prestigiou durante a dança do ritual de gira.

Essa dança situada no terreiro vem alicerçada de outros instrumentos simultâneos, sendo o canto, compostos pelos pontos cantados; a música, com a sonoridade dos tambores, chocalhos e triângulos; e, não menos importante, e estando presente em toda a composição ritual, a fala, enquanto meio de comunicação que serve como alerta para as instruções que devem ser seguidas durante o ato performático da dança. Pensar a dança no contexto celebratório do ritual enquanto uma *performance* é ressaltar a dinâmica de instrumentos simbólicos colocados em ação, a fim de gerar um rito comunicativo, por meio de gestos e sons que produzem sentido para o grupo. Compreendo com isso, que a performance da “gira” é o ritual de integração entre filhos de santo que comungam da mesma fé, invocando as entidades espirituais para protegerem aquele momento ritual. Nessa interatividade, entendi que a “gira”, o movimento circular dos corpos dos filhos de santo dançantes é que estimulam a “incorporação” dos guias espirituais. Esses movimentos giratórios, o cantarolar dos cânticos e os gestos de bater palmas e assobiar geram o contato espiritual com a divindade, proporcionando assim a “incorporação”.

Por isso, ressalto a valorização que não só os filhos de santo dão à dança ritual, mas aos visitantes que com frequência aparecem para prestigiar o terreiro, buscando interagir com



as entidades espirituais. Os espíritos dos guias espirituais, desde os pretos velhos, caboclos, erês, povo d'água, pombas giras e exus vêm ao terreiro por meio do processo de “incorporação”, em que “incorporam” em seus “cavalos”, perfazendo sua trajetória mitológica, trazendo junto dessa aparição sagrada, uma carga de bons fluidos para o terreiro, conselho para seus filhos de fé, passes de cura e outros tratamentos espirituais.

Os “pontos” voltados para essas entidades traduzem sua influência no terreiro, seja com os cânticos para caboclos que relatam características como as matas, o verde da floresta e as águas límpidas de cachoeiras e o som dos pássaros. Esses “pontos” homenageiam Cabocla Jacira, Caboclo Tapindaré, Cabocla Índia e Caboclo Roxo. Além deles, os cânticos para Pretos velhos Vó Candinha, Vô Joaquim de Aruanda, Dona Redonda; os “pontos” que invocam os espíritos das águas, como a bela Sereia Iara e Mãe D'água, invocando por meio dos versos as águas do mar e dos rios para abençoar os filhos de santo; os “pontos” para os Léguas, principalmente seu Manoel Légua e Teresa Légua, cantando versos que remetem às bebidas, à farra, diversão e muita alegria, características típicas dessa linha de entidades. Além deles, os Exus e Pomba giras com os famosos “deboches”, “pontos cantados” que narram os feitos desses espíritos, mostrando de um lado uma senhora distintos ou uma mulher desinibida, astuciosa, encantadora e que quebra os paradigmas sociais, do outro um senhor destemido e corajoso pronto para lutar por aqueles que recorrem a ele. Os principais “pontos cantados” são aqueles que reverenciam as “linhas de entidades espirituais”, cultivando o sentimento de integração com o intuito de tornar a “gira” um coral e um grupo que dança para suas divindades.

Em seus rituais, o Cantinho de Luz tem a influência desses espíritos, considerados divinizados pelo povo de santo, sendo homenageados com festas rituais que acontece em datas específicas do calendário anual dos terreiros. As visitas a outros espaços de culto umbandista propiciaram celebrar as boas aventuras dessas entidades com os demais irmãos de fé, ocasionando um espaço de sociabilidade e de convivência harmônica, onde se concentram mais uma vez para dançarem na gira, agora composta simultaneamente de filhos de santo de diversos terreiros da cidade de Altos.

Sendo assim, há uma troca simbólica entre humanos e entidades umbandistas, e a dança se concentra como um elemento de contato entre o plano terreno e o plano astral superior desses espíritos, onde as palmas, o gingado na cintura, a batida forte dos pés no chão evocam a entrega do corpo na crença espiritual, pois a dança se faz em nome de uma cura transcendental. Como a festa ritual faz parte do calendário de atividades rituais do terreiro, sendo um acontecimento extraordinário, a dança recebe uma nova roupagem, pois, com maior

frequência, os visitantes podem se unir ao espaço da roda sagrada e festejarem na composição circular da “gira”.

Assim como, os efeitos positivos que acompanham os tratamentos espirituais dos filhos de santo são parte das *performances* de cura realizadas no Cantinho de Luz, a dança, o passe de cura, os objetos materiais simbólicos- incenso banha de ervas, vela, faixa-, todos têm sua contribuição na infinita e incessante busca pelo desenvolvimento da espiritualidade dos filhos de santo.

Então, concluo que a simbologia da dança ritual dos filhos de santo possibilita a aproximação com aquilo que o povo de santo define como sagrado, que são suas entidades espirituais. É dançando que o sujeito religioso encarna sua representação no seio de culto umbandista, festejando e saudando seus ancestrais, que são os pretos velhos, caboclos, povo d’água, erês, pombas giras e exus. A dança é sagrada e é um instrumento de contato com o mundo divino das entidades espirituais. É na dança que o corpo do filho de santo assume a experiência religiosa. O corpo assimila os estímulos sensoriais apresentados durante a realização do ritual, pois sendo um corpo dançante, ao mesmo tempo em que canta e assume outras representações corporais pela “incorporação” de suas entidades espirituais. Por isso, entendo a “incorporação” como o ápice da expressão da performance, quando a própria entidade realiza os passos de dança. Aquele momento é a forma do filho de santo mostrar domínio sobre a “incorporação”, deixando seu “guia” realizar a dança, a cura em seu corpo e na esfera do ambiente ritual, para em seguida ser ajudado na “suspensão” do espírito, seja no ritual dos sábados ou nos momentos de “festa de santo” em outros terreiros.

Sobre essas experiências inter-terreiros, compreendo a importância na manutenção do contato entre esses espaços de culto, mostrando o vínculo criado entre os líderes religiosos, não só como uma maneira de apresentarem suas danças uns para os outros e compartilhar seus cânticos, mas para manterem a integração entre esses terreiros que tanto sofrem com a intolerância religiosa. Sendo assim, mostrando a união, mesmo que por vezes encontrem conflitos, são ocasiões especiais para mostrarem que possuem seus princípios e valores religiosos.

Por fim, os desafios no campo de pesquisa me proporcionaram estabelecer contato com filhos de santo de várias localidades da cidade de Altos, assim como visitar outros terreiros, ver outras formas de cultuar as entidades. No início, quando ainda estava nas primeiras visitas ao terreiro, sentia dificuldade em estabelecer diálogo com os filhos de santo, não sabia exatamente como abordá-los, e alguns foram indiferentes comigo. Mas, com o tempo, percebi que a partir de uma amizade construída poderia facilitar meu contato, foi então

que tudo foi se desenvolvendo.

Em alguns momentos me via aflito diante da quantidade de estímulos que esses espaços de culto expressam, pensando não dar conta de registrar tudo. No entanto, alguns filhos de santo me convidavam para dançar na “gira”, sentir a experiência no meu corpo, cantar juntamente com eles. Com isso, passei a me aproximar, escutá-los durante a “gira”, interagir com as entidades espirituais. Nessas vezes em que era convidado a dançar na “gira”, pedi permissão a pai Joaquim para quando a entidade “incorporasse” em algum filho de santo, eu pudesse conversar com ela.

Conversei, abracei, beijei, pedi a bênção de muitos desses “guias espirituais”. Conversar com esses espíritos, “incorporados” nos filhos de santo, foi uma experiência fantástica, cada um se dirigia a mim de um modo diferente: pretos velhos muito carinhosos e sempre me chamavam de “meu filho”; os Léguas sempre sorridentes e muito falantes; o Povo D’água numa calma e tranquilidade, sempre me transparecendo suavidade em suas falas; os caboclos sempre rígidos, falando pouco, mas sempre solícitos em me ajudar; e por fim, a experiência que gostaria de destacar, a qual me chamou muita atenção em todas as vezes que mantive contato com esses espíritos: as Pomba giras.

Essas entidades femininas são irreverentes e destemidas, me encantava a forma como dançavam nos rituais e como se portavam diante do espaço do terreiro. Todas elas sempre conversavam comigo falando de amor, de independência financeira e emocional, que ajudavam suas filhas de santo no Cantinho de Luz a serem mulheres mais corajosas e lutarem pela sua vida. Com isso, pretendo desenvolver pesquisas futuras sobre a influência das Pomba giras na vida de mulheres, filhas de santo dos terreiros. Além disso, me encantei por todas as vezes que estive no Cantinho de Luz, na Tenda São Silvestre, na Tenda São João Batista, na Tenda São José e em tantas outras, quando as “bichas” se apresentavam nas “giras”. Através dessa influência dos gays e travestis nos terreiros, pretendo desenvolver uma pesquisa sobre como elas se apresentam nesses espaços de culto, se deslocando de uma sociedade machista, homofóbica e transfóbica para um espaço de acolhimento, onde elas se tornam “deuses”, melhor dizendo, divindades umbandistas.

Considero a pesquisa sobre performance ritual muito ampla, me ajudando a pensar em outros aspectos que podem ser desenvolvidos no futuro, como a dança ritual das Pomba giras e como essa experiência da “incorporação” das filhas de santo alteram a forma como elas se veem frente a sociedade misógina em que vivem, buscando autonomia, independência e coragem, a partir da influência desses espíritos. Sobre isso, cheguei a desenvolver o artigo “Acende teu fogo, mulher de poder”: Pomba gira e a construção da feminilidade no corpo

médium”, o qual apresentei no V Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades, na cidade de Salvador, Bahia. Por meio desses estudos iniciais, pretendo seguir adiante com a pesquisa, focada na relação performance e sexualidade nos terreiros umbandistas.

## REFERÊNCIAS

BARBARA, Rosamaria. **A dança das Aiabás: dança, corpo e cotidiano das mulheres de candomblé.** Tese de doutorado em Sociologia. São Paulo: USP, 2002.

BARBOSA, Marielle Kerllemann; BAIRRÃO, José Francisco Miguel. **Análise do movimento em rituais umbandistas.** Psicologia: Teoria e Pesquisa. 2008, vol.24, n.2, pp.225-233. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722008000200013> Acesso em: 25 de julho de 2017.

BARROS, Mariana Leal de; BAIRRÃO, José Francisco Miguel Henriques. Performances de gênero na umbanda: a pomba-gira como interpretação afro-brasileira de “mulher”? **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n.62, p.126-145, dez.2015.

BIRMAN, Patrícia. **O que é Umbanda?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

\_\_\_\_\_. Patrícia. **Relações de gênero, possessão e sexualidade.** Rio de Janeiro: Revista PHYSIS. Volume 1. N.02, 1991.

BOYER, Veronique. **O Pajé e o caboclo: de homem a entidade.** Mana 5(1): 29-56, 1999.

BRITO, Lucas Gonçalves. **“O Véu do Congá de pai Joaquim”:** cosmovisão, ritual e experiência: Ou sobre três aspectos do conhecimento umbandista. Mestrado em Antropologia Social. UFG. Goiânia, 2016.

CARNEIRO, João Luiz. **Religiões afro-brasileiras: uma construção teológica.** Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

CONCONE, Maria Helena Villas Boas. Caboclos e pretos-velhos da umbanda. In: PRANDI, R. (org.). **Encantaria brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados.** Rio de Janeiro: Pallas, 2011, p. 281-303.

\_\_\_\_\_. O ator e seu personagem. **Revista Nures:** São Paulo, n.4, 2006.

\_\_\_\_\_. **Umbanda, uma religião brasileira.** São Paulo: CER-USP/Edusp, 1987.

CSORDAS, Thomas J. **Corpo, significado, cura.** Tradução de José Secundino da Fonseca e Ethon Secundino da Fonseca. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

DA MATTA, Roberto. **A Casa e a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil.** 5.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1979.

\_\_\_\_\_. Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro.** Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DIAS, Gustavo Ávila. **Sufrimento, loucura e umbanda**: uma análise antropológica sobre experiência e cura na Tenda Espiritual Cosme e Damião. Dissertação de mestrado em Antropologia. UFS, Sergipe, 2013.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. **A dança**. In: Ritual e performance. CAVALCANTI, Maria Laura (org.). 1.ed. Rio de Janeiro: Editora 7 letras, 2014 (Coleção Sociologia e Antropologia).

FAVRET-SAADA, Jeanne. **Ser afetado**. Tradução de Paula Siqueira. In: Cadernos de Campo. São Paulo (USP): n.13, 2005, p.155-161. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/viewFile/50263/54376> Acesso em: 15 de agosto de 2017.

FERRETTI, Mundicarmo. Terra de Caboclo. Maranhão: Plano Editorial, 1994. IN: GARAUDY, Roger. **Dançar a vida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 1989.

GLOWCZEWSKI, Barbara. **Devires Totêmicos**: Cosmopolítica do Sonho. São Paulo: Edições, 2015.

GOLDMAN, Márcio. **A construção ritual da pessoa**: a possessão no candomblé. *Religião e Sociedade*, 12(1), 1985, pp.22-54.

GRAHAM, Laura R. **Performance de Sonhos**: Discursos de imortalidade xavante. 1.ed. São Paulo, EDUSP, 2018.

LABAN, Rudolf. **Domínio do Movimento**. São Paulo: Summus, 1978.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e modernidade**. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

LEWIS, Ioan M. **Êxtase religioso**: um estudo antropológico da possessão por espírito e do xamanismo. São Paulo: Perspectiva, 1971.

LIGIÉRO, Zeca. **Corpo a corpo**: estudo das performances afro-brasileiras. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

LIGIÉRO, Zeca; DANDARA. **Umbanda**: paz, liberdade e cura. Rio de Janeiro: Record, 1998.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. V.17, N.49, São Paulo, junho de 2002.

\_\_\_\_\_. José Guilherme Cantor. **Doença mental e Cura na Umbanda**. Núcleo de Antropologia Urbana da USP. n.p, n.d. Disponível em: <http://www.n-a-u.org/magnanidoencaecuranaumbanda.html> Acesso em: 18 de fevereiro de 2018.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Os Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MALUF, Sônia Weider. **Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas**: abordagens antropológicas. Rev. Esboços. Dossiê Corpo e História, v.9, n.9, 87-101, 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/563> Acesso em: 08 de junho de 2017.

MAUSS, Marcel. **A oração**. In: KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. RBSE 8(24): 774-788: 2001. Disponível em: <https://tendimag.files.wordpress.com/2016/08/marcel-mauss-a-orac3a7c3a3o-1909> Acesso em: 09 de junho de 2018.

\_\_\_\_\_. Marcel. **Esboço de uma Teoria Geral da Magia, As Técnicas Corporais**. In: Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosacnaify, 2003.

ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro**. Petrópolis: Editora Vozes Ltda., 1978.

PAGLIUSO, Ligia & BAIRRÃO, José Francisco Miguel Henriques. **Luz no caminho**: Corpo, gesto e ato na umbanda. Afro-Ásia, 42, p. 195-225, 2010.

PRANDI, Reginaldo. **Modernidade com feitiçaria**: Candomblé e Umbanda no Brasil do século XX. Tempo Social; Rev.Sociol. USP, S. Paulo, 2(1): 49-74, 1.sem. 1990.

\_\_\_\_\_. Reginaldo. **Pomba gira e as faces inconfessas do Brasil**. In: Herdeiras do Axé. São Paulo: Hucitec, 1996.

RABELO, Miriam. “**Religião e Cura**: Algumas reflexões sobre a experiência religiosa das classes populares urbanas”. Cadernos de Saúde Pública, vol. 9, n. 3, 1993, p. 316-325.

RIBEIRO, Maria do Amparo Lopes. “**OH QUE CAMINHO TÃO LONGE, QUASE QUE EU NÃO VINHA!**”: análise do trinômio doença-religiosidade-saúde na Umbanda de Teresina-PI, no trabalho de cura com caboclos, 2014. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - UFPI. Teresina, 2014.

SCHECHNER, Richard. O que é Performance? In: O Percevejo. **Revista de Teatro, Crítica e Estética**. Rio de Janeiro: UNIRIO, ano 11, n° 12, 2003, p.25-50.

\_\_\_\_\_. Richard. **Performance e Antropologia em Richard Schechner**. LIGIÉRO, Zeca (org.). Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

\_\_\_\_\_. Richard. **Pontos de contato entre o pensamento antropológico e teatral**. Cadernos de campo, São Paulo, n. 20, p.213-236, 2011.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Arte religiosa afro-brasileira**: as múltiplas estéticas da devoção brasileira. Debates do Ner, Porto Alegre, n. 13, p. 97-113. 2008

\_\_\_\_\_. Vagner Gonçalves da. **Candomblé e Umbanda**: caminhos da devoção brasileira. São Paulo: Selo Negro, 2005.

\_\_\_\_\_. Vagner Gonçalves da. Exu do Brasil: Tropos de uma identidade afro-brasileira nos trópicos. **Revista de Antropologia**. São Paulo, USP, 2012 v.55 n°2.

TRINDADE, Liana S. **Exu**: símbolo e função. São Paulo, 1979. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

TURNER, Victor W. **Do ritual ao teatro**: a seriedade humana de brincar. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

\_\_\_\_\_. Victor W. **Floresta de Símbolos**: aspectos do ritual Ndembu. Niterói: EdUFF, 2005.

\_\_\_\_\_. Victor W. **O processo ritual**: estrutura e anti-estrutura. Petrópolis: Vozes, 1974.

VELHO, Yvonne M. A. **Guerra de orixá**: um estudo de ritual e conflito. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

ZENICOLA, Denise Mancebo. **Performance e ritual**: a dança das Aiabás no Xirê. 1.ed. Rio de Janeiro: Mauad X: 2014.